



LUCIANE CARMEM FIGUEREDO PETTERS

**TRAJETÓRIAS E EXPECTATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS:**  
**Um estudo sobre os processos identitários dos jovens do curso de Pedagogia**  
**na relação educação, trabalho e ações coletivas.**

ITAJAÍ  
2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVALI**  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ**  
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura - ProPPEC  
Curso de Pós - Graduação *Stricto Sensu*  
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação – PMAE

LUCIANE CARMEM FIGUEREDO PETTERS

**TRAJETÓRIAS E EXPECTATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS: Um estudo sobre os processos identitários dos jovens do curso de Pedagogia na relação educação, trabalho e ações coletivas.**

Dissertação apresentada ao colegiado do PMAE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação – área de concentração: **Educação** – (Eixo Temático de Pesquisa – Educação e Trabalho. Linha de Pesquisa - Processos Identitários e Formação Profissional)

**Orientador:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Tânia Regina Raitz

ITAJAÍ (SC)

2009



**UNIVALI**  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ**  
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura - ProPPEC  
Curso de Pós - Graduação *Stricto Sensu*  
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação – PMAE

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

LUCIANE CARMEM FIGUEREDO PETTERS

**TRAJETÓRIAS E EXPECTATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS: Um estudo sobre os processos identitários dos jovens do curso de Pedagogia na relação educação, trabalho e ações coletivas.**

Dissertação apresentada ao colegiado do PMAE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação – área de concentração: **Educação** – (Eixo Temático de Pesquisa – Educação e Trabalho. Linha de Pesquisa - Processos Identitários e Formação Profissional)

**Orientador:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tânia Regina Raitz

Membros da Comissão:

Orientador

\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Tânia Regina Raitz

Membro Externo:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer

*Com muito carinho, dedico este trabalho, ao meu querido e saudoso pai João Figueredo. Sua memória perpetuará por todo tempo que eu viver e hei de ser fiel aos seus ensinamentos.*

***Meu respeito, admiração e agradecimento,***

*À Deus, que se fez presente em todos os momentos firmes ou trêmulos. Sua presença é luz e vida.*

*A minha querida mãe, muito obrigada pela compreensão e pelo seu amor incondicional.*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Raitz, pela orientação segura, pela disposição em auxiliar sempre, persistência em ensinar, pelo incondicional apoio nas horas difíceis, pela amizade sincera, carinho, paciência e respeito. Pela demonstração ao meu tempo interior durante a elaboração deste estudo, pela contribuição frente as nossas necessidades, pela confiança depositada, pela força indispensável e fraternal que me fez prosseguir na vida acadêmica, pelos momentos de aprendizado e de agradável convivência acadêmica que compartilhamos nestes anos, pelo desprendimento imprescindível à realização desse trabalho. Aprendi a nutrir respeito pelo seu exemplo de ação, dedicação, reflexão, entusiasmo, amizade, dignidade e sabedoria. Desejo que seja recompensada e reconhecida por todos esses seus méritos. Deus olhará por ti.*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisabeth Caldeira Villela, por estar ao meu lado sempre pronta a fazer com que as dificuldades se esvaíssem com atitudes e constantes palavras de incentivo, pelo seu apoio e seu acolhimento indispensável, pela sua alegria contagiante, amizade e confiança, pelas contribuições na qualificação do projeto de pesquisa que foram fundamentais para realização deste trabalho. Muito obrigada por tudo, você é maravilhosa e única.*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria da Silva Ferreira, pela compreensão, amizade e valiosas contribuições e apontamentos competentes trazidos no exame de Qualificação, importantes para finalização deste estudo.*

*Ao Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer, pela leitura cuidadosa e respeitosa ao meu trabalho, parecer competente com idéias brilhantes e presteza nas considerações. Foram contribuições valiosíssimas na qualificação do projeto de pesquisa e abriu novos caminhos para dar sentido e coerência entre a teoria defendida e a prática experienciada neste trabalho. Suas contribuições foram fundamentais para a realização deste estudo.*

*Aos jovens que dividiram comigo suas experiências de vida, verdadeiros autores do processo aqui exposto, sem ação, entusiasmo e dedicação essas linhas jamais poderiam ter sido escritas. Heróis anônimos que, com todas as incríveis dificuldades atuais, continuam sua luta diária por um Brasil melhor. Agradeço por me aceitarem e confiarem suas experiências.*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Maria Schilindwein, pela acolhida ao ingresso no mestrado como aluna especial e integrante do grupo de pesquisa Formação Docente, pela amizade, gentileza e carinho que sempre me dispensou.*

*Aos meus mestres que caminharam comigo e me ensinaram o segredo da caminhada.*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Solange Puntel Mostafa pelos ensinamentos que contribuíram para o meu crescimento pessoal, pela amizade e companheirismo.*

*Aos amigos Roberto João Duarte e Eliane Day, amigos de caminhada e de vida, presente em todos os momentos necessários. Obrigada por vocês existirem em minha vida, pela compreensão, contribuição, partilha e amizade indispensáveis nessa minha trajetória existencial.*

*À Rosane Bonessi, minha inseparável, confidente, estimada e preciosa amiga de caminhada de mestrado e de vida, por confiar e acreditar em mim, pelo apoio, prontidão e incentivo, por me dar força e auxílio para suportar as dificuldades e por dividir comigo os momentos de alegria.*

*À Daniela Krüger Stamm, amiga querida, por dividir e compartilhar amizade sincera, pelo apoio, preocupações e carinho.*

*Aos meus colegas do mestrado, Cadu, Rodrigo Gilson, e Maristela que passaram pela minha vida, levando um pouco de mim e deixando um pouco de si mesmos.*

*Aos queridos amigos do Grupo de Pesquisa Educação e Trabalho, pelo companheirismo, amizade, aceitação, partilha de reflexões e trocas de idéias.  
As funcionárias da Universidade, Mariana, Núbia e Luiza que se tornaram amigas e companheiras sempre prestativas.*

*Cleverson meu filho, por aceitar os momentos de minha ausência e de meu silêncio. Que esses momentos te sejam retribuídos naturalmente pela vida em forma de cultura e sabedoria.*

*À Tayana e Emilly, por quem sigo esperando...*

*Ao meu irmão Mario Antônio, parte integrante de minha vida, um companheiro que se faz presente em todas as horas.*

*À Azenir, que compartilhou meus ideais, incentivando-me. Obrigada.*

*À Universidade do Vale do Itajaí, por intermédio da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Valéria da Silva Ferreira, coordenadora do curso de Mestrado Acadêmico em Educação, pela autorização e licença concedida para realização deste estudo com jovens universitários do curso de Pedagogia.*

*Eu tenho uma espécie de dever, de dever de sonhar, de sonhar sempre, pois sendo mais do que um espectador de mim mesmo, Eu tenho que ter o melhor espetáculo que posso. E assim me construo a ouro e sedas, em salas supostas, invento palco, cenário para viver o meu sonho entre luzes brandas e músicas invisíveis. (Fernando Pessoa)*

## RESUMO

Este estudo se propõe a analisar os processos identitários de jovens universitários (as) do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Itajaí, Campus I, Itajaí/SC, através de suas trajetórias profissionais, pesquisa realizada no ano de 2007 e 2008. São jovens estudantes que trabalham e freqüentam a Universidade no período noturno. Nesta perspectiva, pretendeu-se refletir e analisar as relações que os jovens estabelecem com a família, o sentido do trabalho e da educação, a experiência de trabalho e desemprego, seus projetos e sonhos, bem como os processos de construção de suas identidades individuais e ações coletivas nos grupos que pertencem. A pesquisa teve como preocupação a abordagem que considera as distintas maneiras que os jovens se relacionam com a educação e o trabalho na atual sociedade, numa nova ética do trabalho que pressupõe intensas transformações na pós-modernidade, em tempos de incertezas. A metodologia selecionada para desenvolver este estudo é de natureza quantitativa e qualitativa, através da utilização de questionário semi-estruturado, diário de campo e entrevistas individuais abertas e semi-estruturadas com o uso de gravador. Num primeiro momento foram pesquisados quarenta e cinco (45) jovens e, num segundo momento, oito (8) jovens fizeram parte da investigação. Autores como Melucci, Bauman, Pais, Dubar, Dubet foram contribuições importantes sobre o quadro teórico na análise dos processos identitários. A análise também se pautou em autores que discutem as juventudes e as relações que estabelecem com o trabalho e educação como Sposito, Frigotto, Branco, Arendt, Bendassolli, Abramo, Albornoz, e outros. Os resultados da pesquisa trazem um diagnóstico da realidade juvenil universitária, uma condição juvenil contemporânea em que reflete uma ação de adaptação em sua maioria, mas que simultaneamente traça um perfil de construção de identidades múltiplas, coletivas em alguns processos, mas com rasgos e fragmentos de incompletude. Estes apontamentos denotam que as relações que estabelecem entre as experiências de trabalho formal, de estudo e ação coletiva em grupos não se integram em sua totalidade com os modos de vida e as práticas cotidianas da grande parte dos jovens sujeitos desta pesquisa. Sugere-se uma invisibilidade juvenil que se reflete de forma impactante na construção das identidades desses jovens. Esse aspecto denota um rasgo, uma fragmentação aparente nas construções identitárias, tanto individual, profissional e coletiva, neste sentido, é necessário dar visibilidade no agir coletivo dos jovens a partir da diversidade, principal característica da juventude. Portanto, faz-se necessário que os gestores das políticas públicas coloquem em prática os programas na região e Brasil, que possam possibilitar a juventude de nosso país alcançar vãos mais altos e concretos em seus sonhos e projetos e que consigam satisfazer suas expectativas e superar os dilemas na relação educação e trabalho.

**Palavras-chave:** Jovens universitários, trabalho e educação, identidades, curso de pedagogia.

## ABSTRACT

This study intends to analyze the identity processes of young university students (both men and women) who belong to the Pedagogy Course at Universidade do Vale do Itajaí, Campus I, Itajaí/SC, throughout its professional paths, research put into practice in the years 2007 and 2008. These ones are young students who have jobs and go to the University in the evening period. In this perspective, it is meant to ponder and analyze the connections that the juveniles establish with the family, the meanings of work and education, the experience of having a job and being unemployed, their projects and dreams, besides the construction processes of their individual identities and pertaining to group actions, among the party they belong to as well. The research kept as its concern the approach that considers the different ways the juveniles connect with education and work in the current society, through a new work ethics which implies intense transformations in post-modernity, during uncertainty times. The selected methodology in order to develop this study consists of quantitative and qualitative essence, through the use of semi-structured questionnaire, field diary and open individual interviews, semi-structured with the employment of a recorder. At first, forty-five (45) juveniles have been surveyed and, at a second stage, eight (08) of them have been part of this investigation. Some authors, such as Melucci, Baunam, Pais, Dubar and Dubet have been considered to be important contributions about the theoretical panorama during the analysis of the identity processes. This examination has also been guided by authors who discuss about youthfulness and the resemblance that they establish with work and education, for example, Sposito, Frigotto, Branco, Arendt, Bendassolli, Abramo, Albornoz, among others. The research deliberations present one diagnosis related to the university juvenile reality, a contemporary juvenile condition in which reflects an adaptation action in most of it, but simultaneously draws a multiple identities construction profile, belonging to groups in some of the processes, but displaying faults and fragments of incompleteness. Such entries point out the fact that the relations which are established among the formal work experiences, the study ones and the group action do not entirely integrate with the ways of life and the quotidian habits of the majority part of the young people used for this survey. A juvenile invisibility which diverts in a striking manner towards the construction of these young people's identities is suggested. This aspect indicates a failure, an apparent fragmentation in the identity building, considering individual, professional and the group as well, therein, showing visibility in the group behavior is meant to be necessary, considering diversity for starters, the main characteristic of youth. Hence, it follows that it is essential that the managers of the public politics actualize such programs in the region and in Brasil, and that these might allow the young people from our country to reach higher and more concrete mountains, concerning their dreams and projects, and that they are able to fulfill their expectations and overcome the dilemmas in the work-education analogy.

**Key-words:** Young university students, work and education, identities, pedagogy course.

## LISTA DE TABELAS

Gráfico 1 - Idade dos Jovens Formandos.....	112
Tabela 1 - Estado Civil das Jovens Formandas .....	113
Tabela 2 - Situação de Moradia das jovens universitárias .....	114
Tabela 3 – Trabalhando Atualmente .....	114
Tabela 4 - Situação de Trabalho dos jovens.....	115
Tabela 5 - Ocupação exercida no Mercado de Trabalho.....	116
Tabela 6 – Está trabalhando na área?.....	116
Tabela 7 – Tempo de Trabalho .....	117
Tabela 8 – Conquista do Primeiro Emprego .....	118
Tabela 9 – Renda Pessoal.....	118
Tabela 10 – Contribuição na Renda Familiar .....	119
Tabela 11 – Dependência Econômica Familiar .....	119
Tabela 12 – Contribuição na Renda Familiar .....	119
Tabela 13 – Dificuldades para Encontrar Emprego .....	121
Tabela 14 – Principais Dificuldades para Encontrar Emprego .....	121
Tabela 15 – Dificuldades para Ingressar no Mercado de Trabalho .....	122
Tabela 16 - Projetos e Sonhos em relação à sua Vida Educacional e Profissional .....	123
Tabela 17 – Perspectivas com o Futuro .....	124
Tabela 18 – Política Municipal de Emprego.....	125
Tabela 19 – Contribuição do Curso de Pedagogia para a Qualificação Profissional – 1º motivo .....	126
Tabela 20 – Contribuição do Curso de Pedagogia para a Qualificação Profissional – 2º motivo .....	126
Quadro 1 - Perfil dos oito jovens estudantes universitários .....	146

## SUMÁRIO

RESUMO .....	ix
ABSTRACT: .....	x
INTRODUÇÃO.....	1
OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	4
JUSTIFICATIVA .....	5
CAPITULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	6
1.1 Movimentos identitários em tempos de incertezas.....	6
1.2 Identidades profissionais, trabalho e educação: processos de socialização contemporânea marcados pela incerteza. ....	15
1.2.1 Descentralidade dos espaços de socialização na contemporaneidade. ....	15
1.3 Jovens construindo identidades num campo minado e repleto de desafios na contemporaneidade.....	36
1.4 Revisão de Literatura.....	47
1.4.1 Estudantes Universitários .....	47
1.4.2 Jovens, Mundo do Trabalho e Educação .....	59
CAPITULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO.....	75
2.1 OS DESAFIOS UNIVERSITÁRIOS NO SÉCULO XXI E DA UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – CURSO DE PEDAGOGIA .....	75
2.1.1 Universidade como espaço de Desenvolvimento Social para a Construção de Redes Solidárias. ....	75
2.1.2 A Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI e o Curso de Pedagogia.....	91
2.1.3 O Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Itajaí: .....	95
CAPÍTULO III - METODOLOGIA .....	100
3.1 Os Métodos da Pesquisa: Apontamentos sobre os caminhos percorridos.....	100
3.2 Sujeitos participantes da Pesquisa .....	102
3.3 Tratamento e análise dos dados de pesquisa .....	106
3.3 Resultados esperados da Pesquisa .....	108
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS .....	109
4.1 A Coleta de Dados do Presente Estudo .....	109
4.2 Resultados dos dados quantitativos .....	110
4.3 O perfil dos jovens pesquisados .....	111

4.4 Jovens, Educação e Trabalho.....	114
4.5 Resultados da pesquisa qualitativa .....	126
CAPÍTULO V – PESQUISA QUALITATIVA: ENTREVISTAS COM JOVENS .....	139
5. PROCESSOS IDENTITÁRIOS DOS JOVENS EM AÇÕES COLETIVAS.....	139
5.1 Juventudes, Trabalho e Educação e ações coletivas.....	144
5.2 Perfil dos Jovens Entrevistados .....	146
5.3 Juventude, Família, Trabalho e Educação: Múltiplos relatos nos espaços sociais.....	150
5. 4 Bombeira Voluntária e Guarda-Vidas Voluntário: Ações que Demonstram o Cuidado com a Vida .....	176
5.5 Ações Coletivas: Jovens em Grupos Religiosos, Comunitários e em Escola Aberta .....	185
5.6 Sociabilidade, Sonhos e Projetos dos jovens.....	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	197
REFERÊNCIAS .....	204
ANEXOS .....	211
ANEXO 1 - AUTORIZAÇÃO .....	212
ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	213
ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO .....	214
ANEXO 4 – ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL .....	227

## INTRODUÇÃO

O tema deste estudo foi escolhido pelas seguintes razões: minha grande afinidade e interesse em compreender a juventude, essa etapa da vida que se destaca pelos sentimentos que desencadeia, pela ousadia de enfrentamento em prol da realização de suas vontades, pelas contestações para com as repressões sociais e, pelo desejo de mudança, pela luta em favor da liberdade e da autonomia pessoal, enfim, etapa pela qual nós adultos e os mais idosos de hoje já vivenciaram e que dificilmente se cansam de recordar suas memórias juvenis. Toda memória significativa sugere-se ser eterna e, por isso, a juventude parece permanecer em todo aquele que já foi jovem.

Outra razão se deve pela curiosidade em entender o processo de inserção ocupacional do jovem no mercado de trabalho, oportunizado, em muitas vezes, (e estima-se que deve ser) pela educação formal que recebe desde os primeiros anos de suas vidas. Em recente projeto de pesquisa desenvolvido por esta pesquisadora, intitulado **“Juventude, Trabalho e Educação: um estudo com jovens do ensino médio noturno”**<sup>1</sup> realizado em uma comunidade escolar litorânea do Estado de Santa Catarina, trouxe muitos resultados relacionados à vida pessoal, escolar e profissional desses jovens. Portanto, para esses jovens pesquisados, quando questionados sobre o que consideram mais importante na vida, responderam que a família aparece como questão de fundamental importância em suas vidas. O trabalho, no entanto, assume caráter de prioridade, de extrema relevância, se posicionando como uma vantagem em suas vidas, e a falta dele representa uma angústia, frustração e o não trabalho se constituem em um dos maiores problemas enfrentados por esses jovens estudantes do Ensino Médio noturno. Nesse sentido, muitos são os questionamentos, muitas também são as expectativas em relação ao entendimento do processo vivenciado pelos jovens universitários em relação as suas satisfações, realizações pessoais e profissionais.

De acordo com o levantamento da literatura, a análise realizada por Carrano (2000), aponta em sua conclusão a relevância de estudos que investigam o jovem na sua condição universitária com mais complexidade trazendo como um dos exemplos, estudos que investigam o aluno jovem relacionado à condição de trabalhador. Corrochano e Nakano (2000) também apontam considerações no levantamento bibliográfico realizado acerca da

---

<sup>1</sup> “Juventude, Trabalho e Educação: um estudo com jovens do Ensino Médio noturno” foi um projeto de pesquisa desenvolvido com o apoio da Universidade do Vale do Itajaí no ano de 2006, sob a orientação da Professora do Mestrado Acadêmico em Educação, Dra. Tânia Regina Raitz e com significativas contribuições da bolsista acadêmica do curso de Pedagogia, Rosemeri Teresinha Censi Martins.

temática “Jovens, Mundo do Trabalho e Educação” e inferem sobre o pequeno número de pesquisas que investigam o tema jovem aliado às questões de gênero e etnia, bem como a ausência de pesquisas que investigam o desemprego do jovem e os que trabalham no setor informal do mercado de trabalho, isto é, como pensam, vivem, agem e sentem os jovens desempregados e que realizam trabalho informal, situação crítica e que atinge principalmente jovens com idade inferior a 24 anos. Outro apontamento feito por Carrochano e Nakano (2000) foi considerarem que há um pequeno número de trabalhos que analisam o jovem a partir de suas orientações práticas e não somente a partir de suas opiniões.

A hipótese que norteia este estudo passa pelo fato de que a educação superior é tida como uma das mais importantes contribuições na vida do jovem para sua inserção ocupacional no mercado de trabalho, o qual se caracteriza na atualidade como um contexto social marcado por um alto índice de desemprego juvenil e precarização do trabalho. Estes fatores são apontados pelas pesquisas atuais desenvolvidas a partir do “Projeto Juventude<sup>2</sup>”, desenvolvido em âmbito nacional e que traz resultados alarmantes sobre o alto índice de desemprego, trabalho precário e insatisfação juvenil. Esse estudo abarca a maior pesquisa quantitativa realizada no Brasil sobre o tema juventude com a intenção de anunciar aos órgãos governamentais as demandas da juventude nacional no campo do trabalho, da educação, saúde, cultura, lazer, esportes, vida artística, sexualidade, direitos, participação, segurança e outras, para promover mudanças, avanços e aperfeiçoamento das políticas públicas destinadas ao segmento jovem da sociedade.

Nesse sentido, com intenção também de contribuir em promover transformações, ampliar a produção do conhecimento e debate acerca da temática juventude, educação e trabalho, este estudo se inicia com a suposição de que o universo a ser pesquisado é composto por jovens universitários que já estão inseridos no mercado ocupacional formal no mercado de trabalho compatível com o curso universitário que freqüentam. Para tanto, o problema deste estudo busca resposta para a seguinte questão: Como os jovens universitários (as) do curso de Pedagogia da UNIVALI, constroem suas identidades individuais, profissionais e coletivas nas relações que estabelecem com a educação, o trabalho e ações coletivas?

Para tanto, traça-se o objetivo geral desse estudo: Analisar os processos identitários dos jovens universitários (as), do curso de Pedagogia da UNIVALI, nas relações que estabelecem com a educação, trabalho e ações coletivas. Portanto, este projeto visa descobrir novos conceitos, novas relações e novas formas de entendimento da realidade vivida e em

---

<sup>2</sup> O Projeto Juventude foi realizado por uma equipe de pesquisadores brasileiros reconhecidos.

vivência pelos jovens pesquisados. Tal como Freitas (2006, p.13) afirma, “Tempos difíceis nos convidam a caminhar pelo deserto. Essa caminhada exigirá de cada um, um pouco a Proust, sair em busca do tempo perdido”. Acredita-se que ao iniciar esse estudo que se traduz num objetivo de vida, registro o meu respeito e admiração a todos os jovens e as jovens e em especial as jovens mulheres que fizeram parte desta pesquisa, que por motivos diversos tiveram seu tempo de juventude profanado, que não viveram sua juventude na sua plenitude, ultrapassando o tempo de ser jovem. Outros quatro objetivos denominados de específicos foram elaborados para dar suporte ao objetivo principal, bem como para nortear este estudo que se propõe a investigar o jovem universitário (a) como um sujeito histórico e social, um sujeito que produz e é produzido através das relações que estabelece com o mundo em que está inserido em busca de suas realizações pessoais e sociais.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

1. Discutir e entender o que é ser jovem nos tempos atuais, deste modo retratar a realidade dos jovens estudantes universitários (as) do curso de Pedagogia da Univali no processo de construção de suas identidades individuais, profissionais e coletivas.
2. Identificar os sentidos que os jovens atribuem ao trabalho e a educação, as experiências com o trabalho formal, informal e o desemprego, seus projetos e sonhos.
3. Reconhecer as contribuições do ensino superior para a formação profissional e as expectativas e necessidades que vêm de encontro às demandas profissionais dos jovens universitários (as), do curso de Pedagogia.
4. Analisar as práticas coletivas que os jovens desenvolvem nos grupos em que estão inseridos na comunidade e as influências destas na construção dos seus processos identitários.

## JUSTIFICATIVA

A juventude e as relações que estabelece com o trabalho e a educação têm se tornado nos últimos anos, um dos principais temas que tem atraído à atenção dos pesquisadores que objetivam não apenas compreender essas relações do jovem com o mundo do trabalho e com a educação, mas também propor alternativas que ofereçam reais possibilidades para a minimização dos graves problemas que os jovens enfrentam para inserção, permanência e valorização no trabalho, de reconhecimento como sujeito que estuda e trabalha e compreensão por parte das instituições educacionais da necessidade de aprendizagens relevantes para o seu crescimento pessoal e profissional.

No Brasil, segundo dados publicados pelo DIEESE<sup>3</sup> referente ao ano de 2004, tendo como fonte o IBGE, apenas (33%) dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos de idade freqüentam o Ensino Superior, inclusos nessa percentagem os jovens que freqüentam cursos de mestrado e doutorado. Ainda segundo dados do DIEESE publicados no Anuário dos Trabalhadores, a percentagem total de estudantes que freqüentam Instituições de Educação Superior Pública no Brasil, somam um total de (32,3%), contra (67,7%) de jovens que freqüentam Instituições de Ensino Superior Privadas.

Estes dados demonstram que o acesso ao curso superior é privilégio para apenas alguns, pois conforme dados publicados pelo INEP/MEC de janeiro de 2004 a maioria dos jovens brasileiros são pobres, precisam trabalhar para contribuir com o sustento da família, suprir suas necessidades básicas e tentar alcançar suas expectativas em relação ao acesso, permanência e conclusão do ensino superior.

Nesta perspectiva, com base nas leituras de vários autores e dos resultados de algumas pesquisas, que tornam relevantes todos os estudos que visem contribuir para trazer um diagnóstico sobre os problemas vivenciados por esta camada jovem da sociedade na intenção de apontar algumas alternativas de apoio às políticas públicas para a juventude. Diante desses dados é possível inferir sobre a importância do trabalho, da educação e das ações coletivas na vida dos jovens, os quais justificam este projeto como de extrema relevância social, científica e atual.

---

<sup>3</sup> DIEESE. Anuário dos Trabalhadores: 2006. 7ª. ed. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. São Paulo, 2005.

## CAPITULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Movimentos identitários em tempos de incertezas

A metamorfose é a resposta a um mundo que nos solicita a multiplicação das faces, das linguagens e das relações. Resposta calorosa, nunca livre de temores e nunca avara de amor. Sem compaixão por si e pelo outro, sem esperança e humildade, não é possível mudar a forma. Só a máscara pode ser mudada quando se insiste, ‘até quando?’, no jogo vazio da representação de si. (MELUCCI, 2004, p.69)

Tive muitas resistências para iniciar esse texto que discute a identidade. Um dos motivos talvez seja em função do próprio termo identidade que, antes de tudo, provoca e convoca ao principal questionamento: “Quem sou eu?” Esse questionamento conduz a pensar e buscar uma definição que, aos olhos do senso comum, pode significar algo simplificado, de fácil resposta, algo já construído, pronto, fixo, uma individualização<sup>4</sup>, isto é, uma identidade pode apenas representar um número ou um nome de pessoa, o país de origem, etc.

Segundo Bauman (2005), essa visão de identidade fixa, sem vínculo, limitada, seria inflexível, isto é, sem chances e sem possibilidades de se posicionar com lealdade diante da vida. Certamente, a condição da identidade como inflexibilidade pode ser a forma correta vista por muitos na atual sociedade, esta que Bauman (2005, p.60) declara como sociedade líquida ou nas próprias palavras desse autor “mundo moderno líquido” em que é mais conveniente ter atitudes coerentes, seguir regras estabelecidas, fazer delas uma conduta de vida e assim, manter fidelidade à “continuidade, em vez de flutuar nas ondas das oportunidades mutáveis e de curta duração”. Silva (2000, p.74) também contribui ao comentar que “Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e auto-suficiente”.

Outro autor importante que se tem como referência na abordagem sobre o conceito de

---

<sup>4</sup> Segundo Elias (1994) o processo de individualização pode ser concebido como um processo de civilização e que se processa numa fase de conflitos do indivíduo diante de regras sociais impostas que se instalam no interior deste, causa uma repressão, originando angústias, perturbações, isto que o autor conceitua como “privatização” do indivíduo perante outro indivíduo. É um processo que se conduz numa forma de se relacionar de maneira alienada a outro ser humano, este então é totalmente afastado dele, causa um vácuo, algo sem sentido, ou nas próprias palavras do autor: “[...] que desperta no indivíduo a sensação de ser, ‘internamente’, uma coisa totalmente separada de existir sem relação com as outras pessoas, relacionando-se apenas ‘retrospectivamente’ com os que estão ‘fora dele’” (ELIAS, 1994, p. 103). Para Pais (2007) a individualização deve ser entendida na modernidade como possível geradora de uma “falsa consciência de libertação”. (PAIS, 2007, p. 23).

identidade é Melucci (2004). Segundo ele, o sujeito não pode mais ser pensado como portador de um “núcleo essencial”, possuidor de um centro individual único, por isso, a atenção deve ser voltada para o modo, para os processos de construção da identidade. Isto é, como o sujeito processa essa construção através do ir-se construindo e reconstruindo sua identidade, um processo que se caracteriza pela negociação<sup>5</sup>, mobilidade, não pela inércia, mas sim, pela capacidade, possibilidades e seus limites através da reconstrução da essência, que implica numa responsabilidade<sup>6</sup> e que Melucci (2004, p. 66-77) conceitua como “[...] a capacidade de responder. [...] de responder por e de responder a, de reconhecer aquilo que somos e situar-nos nas relações”.

No entanto, observa-se que a idéia de identidade, como algo construído e inflexível, pode parecer agradável e ser aceita como a mais correta por alguns, tal e qual argumenta Bauman (2005, p.60) “os meios de comunicação de massa, os doutos especialistas em problemas humanos – por se opor à atitude correta, prudente e promissora diante da vida”. Esse é um exemplo que o próprio autor chama de “privação social, estigma do fracasso na vida, derrota, desvalorização, inferioridade social”.

Mas, aos olhos da ciência e, principalmente, aos olhos de quem é desafiado a buscar respostas ou alternativas, é chegada uma hora em que se faz necessário prestar contas e encontrar a verdade com o próprio “eu”, ou melhor, se encontrar com o “eu” da identidade, este que, muitas vezes, é camuflado pelo simples fato de assim melhor ser aceito por razões e argumentos descritos acima. Pais (2007, p. 24-25) considera como uma forma de “[...] reflexividade impositiva [...] uma vez que se vive num tempo de [...] modernidade reflexiva. [...] A nossa sociedade, mais do que uma sociedade de “risco”<sup>7</sup> – é uma sociedade dilemática”. É uma sociedade em que os sujeitos são movidos pela incerteza, pelo futuro irreconhecível, pela insegurança e pelo descontrole das ameaças institucionais. Esse autor, resgatando Giddens, afirma: “E é por isso que boa parte da sociologia de Giddens é – usando uma metáfora da tauromaquia – uma “pega-caras”<sup>8</sup> ao risco por entre os cornos da

---

<sup>5</sup> Melucci (2004) se refere à negociação como um processo contínuo entre as “partes do eu”, os tempos desse eu com o conjunto de elementos que mantém relações. Dessa forma, a negociação é sempre uma ação de construção da identidade porque o sujeito atribui sentido ao que faz.

<sup>6</sup> A responsabilidade, segundo o autor, implica no comprometimento do sujeito não só pelas suas intenções, mas também com as ações produzidas por ele e que resultam em vínculos relacionais, isto é, essas relações constituem o sujeito que as determina conforme seu desejo.

<sup>7</sup> Conforme Pais (2007), viver em risco significa viver calculando as possibilidades de ação.

<sup>8</sup> Pais explica que a “pega de caras” seria uma “performance tauromaquia”, termo típico da língua portuguesa, “em que forcados (homens que pegam o touro), posicionados em fila, incitam o touro, tentando imobilizá-lo logo que este investe para os chifrar. O forcado da dianteira tenta encaixar a barriga no focinho do touro, segurando-se pelos cornos, enquanto os companheiros o ajudam no desafio de o imobilizarem” (PAIS, 2007, p. 43).

“colonização do futuro” e da “segurança ontológica” (PAIS, 2007, p. 24-25).

Essa analogia nos remete ao conceito de identidade que, para defini-la, é preciso ver e rever os vínculos construídos, as experiências vividas e, em vivências, despojar-se do modelo construído e estabelecer sintonia com questões que levam diretamente a fazer conexões com relações construídas com outras pessoas, aceitando os desafios no momento do acerto de contas. Como bem ressalta Bauman (2005, p. 75), ao se referir às ambivalências existentes em relação aos vínculos humanos repletos de imprevisibilidades, diz que estas geram ansiedades em relação a uma possível vitória ou derrota,

Portanto, há uma busca fanática e furiosa por soluções de segunda classe, meias soluções, soluções temporárias, paliativos, placebos. Servirá qualquer coisa que possa afastar as dúvidas corrosivas e as questões irrespondíveis, postergar o momento de ajustes de contas e da verdade – e assim permitir que permaneçamos em movimento ainda que nosso destino esteja, é mínimo o que se pode dizer, envolto em neblina.

O que se quer aqui dizer é que, para definir ou tentar entender o “Eu”, é preciso se reportar ao “outro”, se remeter ao “outro”, mas nunca numa atitude de pertencimento<sup>9</sup>, esta que induz pensar naquele que “eu devo ser” e não no que se “é”, pois apesar de ser um exercício do sujeito atrelado aos laços ou vínculos que estabelece com os “outros”, certamente depende mais do “eu”, é esse que escolhe, que limita e que decide. Nesse aspecto é importante abrir um espaço para pensar sobre as escolhas. Segundo Pais (2007) as escolhas, a que se é conduzido a fazer, certamente são favoráveis à afirmação do eu. Mas até que ponto essas escolhas livram os sujeitos dos “constrangimentos sociais” em que vivem, por mais que aqueles sejam alienados destes? Esse autor insere o termo “identidades reflexivas” para explicar que se refere a um problema de escolha, isto é, que além de ter opções, o sujeito tem que escolher, conforme o “dilema da gravata”, explicitado posteriormente neste texto.

Um aspecto importante no que diz respeito à tentativa de definição do “eu” seria compreender o que Bauman (2005, p.25) salienta “[...] só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo; só se você tem uma escolha, e só se o que você escolhe depende de você; ou seja, só se você tem de fazer alguma coisa para que a escolha seja “real” e se sustente”. Dessa forma, Melucci (2004, p. 43) lembra que a ação dotada de sentido é a habilidade que o sujeito tem para transformar-se, o ato de se desvincular do estabelecido através das forças da natureza, por sua própria escolha, pelas necessidades que o sujeito tem que remetem a uma sensação de falta. Essas necessidades e faltas, que são e

---

<sup>9</sup> Bauman (2005) explica que a identidade nasceu a partir do conflito de pertencimento.

precisam ser elaboradas culturalmente, determinam uma responsabilidade “da qual não podemos fugir: responder conscientemente à falta que nos constitui, ou seja, decidir quem somos”.

Nesse sentido, pode-se dizer que os argumentos de Bauman convergem aos de Melucci, pois os autores sugerem que, ao se fazer escolhas provocadas pela necessidade, pela falta, é que se dá a ânsia de descobrir-se, como uma transposição à sua identidade estabelecida, um encontro do “eu” com o outro, uma transposição entre o que se “deve ser” e o que realmente se “é”. No entanto, conforme Bauman (2005), esse anseio pela descoberta do “eu” provém da vontade de segurança, esta que promove sentimentos ambíguos: por um lado gera expectativas positivas produtoras de energias e, por outro lado, gera ansiedades pela forma de instabilidade e inconstância do ser e estar no mundo.

A idéia de descoberta da identidade pela falta e pela necessidade leva a uma atitude de investigação de si, como salienta Melucci (2004, p. 44), “a experiência da falta leva-nos, portanto, inevitavelmente a questionamentos sobre nós mesmos”, através dos laços construídos na vida, para então, basear-se nas relações sociais construídas para fazer exatamente o que Pais (2007), no texto sobre o pensamento de Augè, argumenta: “Somos sempre um outro de alguém, o outro de um outro” (AUGÉ, 1994, apud PAIS, 2007, p. 42). E essa é a tarefa mais difícil, segundo Pais (2007), que utiliza a expressão “os dilemas da vida” como maneira de explicar os momentos em que se faz necessária a tomada de decisões. Dessa forma, o autor retoma Giddens para justificar que este fala de uma “política de vida” que, pela sua existência, conduz à uma “política de decisões de vida”, que interfere no eu, na identidade (GIDDENS, 1995 apud PAIS, 2007).

Todavia, entende-se que a política da vida se constitui nas muitas possibilidades de escolha que o sujeito faz, isto é, os investimentos que aplica em si para promover e manter seu engajamento com objetivo de dar sentido à sua identidade pessoal. Um exemplo bem comum exposto por Pais são os investimentos do sujeito na sua imagem corporal. Muitos desses investimentos são realizados com intenção de emancipação, o que pode ocasionar a construção de uma falsa consciência de emancipação. Segundo esse autor, o “eu” se desenvolve mediante a expectativa do outro e somente se esse “eu” não persistir em se diferenciar do outro, isto é, se corresponder às expectativas alheias, conseguirá reflexivamente encontrar o “eu” da sua identidade. O que o autor quer dizer não é que a descoberta da identidade se dê pela ausência de diferença, muito pelo contrário, é preciso considerar que a diferença entre o eu e o outro ocorre nessa busca pela identidade.

Assim, identidade e diferença se relacionam por interdependência, como explica Silva

(2000, p.75), “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”. Isso significa que a diferença é essencial para um sujeito se diferir do outro, encontrar-se com o seu eu, pois, mesmo que possua traços, marcas, semelhanças e representações do outro no “eu”, forma um “eu múltiplo”, expressão utilizada por Melucci (2004). Esse “eu” resulta num particular, se difere, afirma sua individualidade porque não é o outro, contudo “também é certo que continuamos a ser semelhantes no modo como nos pretendemos distinguir” (PAIS, 2007, p. 29).

Para Melucci (2004), a fala e o agir são determinantes da identidade, porque promovem essa diferença entre o eu e o outro, o reconhecimento singular, mas que, ao mesmo tempo, é condição aceita pelo grupo social ao qual pertence o sujeito, e que o situa nas relações sociais. Silva (2000) comunga com Melucci (2004), no que se refere à identidade e diferença que resultam da ação da criação lingüística<sup>10</sup>, que se define como característica partilhada entre identidade e diferença, que, por sua vez, devem se produzir de modo ativo e que, portanto, são produzidas pelos sujeitos em meio às suas relações culturais e sociais.

Dizer que são o resultado de atos de criação *lingüística* significa dizer que não são ‘elementos’ da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas (SILVA, 2000, p. 76).

Nesse sentido, entende-se a importância dos atos de fala na construção da identidade do sujeito, pois é por meio desses que ele pode compreender a vida através de conexões que estabelece com outros sujeitos, numa rede que se relaciona e que possibilita a construção e reconstrução identitária relacionada com os acontecimentos e fatos ao longo de sua história, da história da cultura, do tempo e do espaço. Como afirma Bendassolli (2007, p.227), “a identidade é como uma narrativa” produzida durante a vida do sujeito, de modo que a linguagem fornecida por meio dessa narrativa possibilita e habilita esse sujeito dar sentido à sua vida de maneira organizada no espaço e tempo<sup>11</sup> de sua existência”. Somers e Gibson também contribuem para essa reflexão quando dizem “As narrativas nos ajudam a construir nossas identidades na medida em que nos oferecem vocabulários e roteiros de descrição de si mesmo, os quais possuem, ao mesmo tempo, uma dimensão pessoal, social e histórica” (SOMERS E GIBSON, 1994 apud BENDASSOLLI, 2007, p. 228).

Seria, então, através das narrativas, da percepção e descrição de si mesmo como

<sup>10</sup> Segundo Silva (2000), os atos de criação lingüística são os atos de linguagem, estes que, além de caracterizar identidade e diferença, também as nomeiam.

<sup>11</sup> Segundo Melucci (2004), o tempo adquire sentido pela capacidade que o sujeito tem de produzir e de repartir com o outro, o que requer uma permanência na mutação.

pertencente a um todo, ao seu grupo, comunidade, uma ação que gera um sentimento de partilha, solidariedade que o sujeito constrói sua identidade. Bendassolli (2007, p. 229), referindo-se às concepções de Somers e Gibson, comenta que esses autores definem em quatro as dimensões das narrativas identitárias: narrativa ontológica, úteis para auxiliar o sujeito a saber quem é, o porquê e como das coisas que faz, aspectos que permitem o desenvolvimento e sustentação de sua identidade. A segunda é a narrativa pública, esta que, ultrapassando a barreira da individualidade, relaciona-se com formações culturais e com instituições, de modo a permitir que o sujeito recorra em casos em que se sinta impedido de agir de forma legítima em favor de suas crenças e posicionamentos, “fazendo-as ganhar sentido dentro de uma determinada rede intersubjetiva e institucional. Incluem estereótipos culturais, explicações midiáticas, narrativas de igrejas, partidos, famílias, governos e nações”. As narrativas conceituais se constituem em desafios e se referem às explicações e conceitos desenvolvidos pelos cientistas sociais sobre os fenômenos cotidianos, no sentido de:

[...] oferecer um vocabulário que possamos utilizar para reconstruir e categorizar, ao longo do tempo e do espaço, as narrativas ontológicas e os relacionamentos dos atores sociais, as narrativas públicas e culturais que informam suas vidas e a intersecção crucial entre essas narrativas com outras forças relevantes. (SOMERS e GIBSON, 1994 apud BENDASSOLLI, 2007, p. idem).

A quarta e última narrativa é denominada como metanarrativas, esta que objetiva integrar as narrativas conceituais e sujeitos ou “atores sociais” na amplidão histórica e se caracterizam pela formação esquemática de grande porte de conceitos abstratos. O autor exemplifica as metanarrativas através de termos, estes que os cientistas sociais utilizam para informar sobre elas. São eles: Globalização, Progresso, Marxismo, Modernidade e Pós-modernidade, Sociedade pós-industrial, Iluminismo, etc. (SOMERS e GIBSON, 1994 apud BENDASSOLLI, 2007).

Conclui-se, na explicação sobre as metanarrativas, segundo Bendassolli (2007), que estas deveriam sempre adequar-se às narrativas conceituais, para legitimar, através dessa junção, o esquema de conceitos, o que está sendo uma tarefa árdua para os cientistas sociais, pois não conseguem mais promover esses encaixes e junções, harmonizar. A partir dessa contribuição de Bendassolli, entende-se que, por questões de enfraquecimento nas formas em que o sujeito ou o “ator social” desenvolve suas narrativas, os processos de construção identitária, enfrentam sérios bloqueios, e porque não dizer interrupções, quando não encontram referências, não se engajam e não encontram meios para se ancorar nessa nova ética da sociedade vigente marcada pela desigualdade e exclusão social.

Portanto, percebe-se que é por meio da fala que o sujeito pode situar-se no seu mundo e interferir sobre ele, o que leva à sua inserção no processo de construção e reconstrução identitária, tal como alertam Brockmeier & Harré (1997, APUD, LOPES, 2003, P 254) “[...] as narrativas operam, então, como mediadoras entre nossas realidades individuais e a realidade cultural e social mais ampla na qual estamos inseridos, sendo, portanto, por meio dessa forma discursiva que ‘nos construímos como parte do mundo no qual vivemos’”. Por sua vez, nas discussões sobre identidade e diferença, e, portanto, nos atos de linguagem e nas narrativas, Melucci (2004) considera que os aspectos individuais e relacionais não se separam, muito pelo contrário, o individual permite o resgate das vivências com os outros e a possibilidade de resolução dos problemas, significando o amadurecimento do sujeito, a autonomia, que se dá através de um processo de aprendizagem identitário, resultando na identidade adulta que gera uma capacidade de elaboração de novas identidades, de “eus” múltiplos que se conectam entre presente e passado.

Certamente que Melucci se posiciona frente à construção de várias identidades durante a vida do sujeito, pois no mundo atual em que este se vê obrigado a elaborar, remodelar as suas identidades, não é possível determinar-se portador de apenas uma única identidade durante a vida, ou por muito tempo na vida, isto seria arriscado. Dessa maneira, Bauman (2005, p. 96) argumenta que, “As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter”. É justamente nesse sentido que Melucci (2004) fala do sistema atual complexo, reportando-se às relações de interdependência no sistema planetário, de conexões variadas e velozes e que, portanto, aborda que a escolha é algo presente na vida dos sujeitos, isto é, vive-se escolhendo, vive-se agindo de modos diferenciados e variados de acordo com os ambientes nos quais se atua, se vive e convive. Todavia, não “se é apenas um”, mas “se é muitos”, ou melhor, “se é muitos de muitos” em muitos espaços organizados no contexto planetário em que vivemos marcado pela imprevisibilidade.

Para esse autor a única certeza que se tem é a incerteza das escolhas. Nesse momento, em que há um espaço reservado à autonomia do ser, um momento de se ir em busca de outros modos de vida, de novos caminhos, de mudanças ocasionadas pela insatisfação, pela limitação do agir, ser e estar neste mundo. Compreende-se que esse é um processo de enfrentamento de riscos, de ousadia misturada à ânsia pela autonomia nas escolhas que se faz. Nesse ponto, o sujeito se coloca entre vontade e decisão de mudança e o medo e incerteza dos acertos ou fracassos que poderão surgir, entre perdas e ganhos. Como alerta Melucci (2004, p. 63), “Esse jogo tão arriscado e tão aberto não tem garantias de sucesso – pode ter êxito ou pode falhar – e expõe-nos permanentemente à ameaça de nos perdermos”.

Observa-se também, a partir das contribuições de Melucci, que o processo identitário de aprendizagem não se esgota, não finda, pois ao viver consigo e com os outros, o sujeito social e histórico constrói e (re) constrói suas identidades a partir de um processo de aprendizagem identitária oportunizada pelas experiências vividas e em vivências. Nesse sentido seria uma capacidade designada ao sujeito racional, este tem liberdade para fazer escolhas, para arriscar-se no enfrentamento num campo de batalha que exige aceitamento e consenso entre as partes, entre “o ser” e o “dever ser”, entre a busca, a intervenção, a reestruturação, a negociação. Uma ação reflexiva que, em outras palavras, sugere Melucci (2004, p. 70) “[...] um olhar sobre nós mesmos, conscientes de que existimos como entidades psicofísicas individuais e responsáveis por nossas escolhas”. Ao mesmo tempo, nossa identidade deve se constituir no presente, no sentido de poder enfrentar as transformações e cruzar as metamorfoses que configuram o curso da vida. Assim, oportunizar abrir e fechar nossos canais de comunicação com o exterior, “para manter vivas as nossas relações, sem que sejamos sufocados pelo excesso de mensagens”.

Pais (2007) ilustra bem essa máxima quando expõe o “dilema da Gravata”<sup>12</sup> como exemplo sobre a correspondência do eu às expectativas alheias e para ilustrar o que denomina de reflexividade. Nesse dilema que foi considerado por Pais como sendo banal porque se tratava apenas de decidir sobre levar ou não gravatas, ele teria que optar quantas e quais a serem usadas, ou não, em uma mesa redonda, a qual iria participar em Braga/Portugal.

O dilema se iniciou já em Lisboa, local onde reside. Assim, viveu um dilema cotidiano, o qual resultou na escolha de levar duas gravatas, a de bolinhas azuis e a outra de riscas, o que causou admiração, questionamento e espanto em sua companheira, por perceber a insistência de Pais, desprovida de justificativa, pois sempre usava as mesmas gravatas. A reação de sua companheira, explicita Pais, é uma ação reflexiva, pois “Como perceberão, o problema das *identidades reflexivas* não é somente o de ter opções, mas, sobretudo, o de ter de optar (SWEETMAN, 2003 apud PAIS, 2007, p. 26). Ademais, questiona o autor: “Que razões ou motivos fundamentaram a minha opção? Quando me olho no espelho sem gravata, ou com gravata às bolinhas ou às riscas, qual a imagem que reflete o espelho em que me miro? A construção de uma identidade individual ou social?” (PAIS, 2007, p. idem).

O dilema referente ao uso se deu a partir dos comentários feitos por um amigo sobre a não obrigatoriedade do uso da gravata no evento, mas que, por motivos de cerimonial e lembranças de outros eventos, dos quais Pais já havia participado, recordou-se que todos os

---

<sup>12</sup> Sobre o aprofundamento do “Dilema da Gravata”, ver Pais (2007) no texto “Cotidiano e Reflexividade”, referenciado na bibliografia deste trabalho.

homens usavam gravatas, portanto a escolha se deu em favor do consenso entre o “eu” e o “outro”. Decidiu usar gravata e optou pela gravata mais usada e comum, das duas que teria à disposição. Dessa forma, percebeu que essa escolha receberia aprovação dos outros palestrantes, entrando em consenso com o grupo social, favorecendo o processo intersubjetivo das relações sociais. Percebe-se, nesse dilema vivido por Pais, que a escolha e o uso da gravata deram-se por sua escolha, mas uma escolha partilhada com o seu “eu” e com o “outro”.

Essa metáfora sintetiza, conforme Bauman (2005), que a veracidade de qualquer resposta que seja dada à pergunta “quem sou eu?”, essência da identidade, não concebe que essa resposta não esteja relacionada diretamente aos vínculos constituídos entre o “eu” e o “outro” e nem mesmo na concepção de se apegar a esses vínculos como relações legítimas, dignas de crédito e estáveis no tempo. Por essa razão, Melucci (2004, p. 43) alerta: “[...] nessa socialização está imbuída a idéia de que todas as nossas necessidades, mesmo as individuais, são políticas, ou seja, são dirigidas à polis, e seu reconhecimento é condição para a participação na vida civil”. Outro autor que contribui para essa discussão relativa ao sentido da identidade e que, de certa forma, acrescenta aos argumentos até aqui discutidos, inclusive sobre o dilema da gravata, é Pollak (1992). Conforme o autor:

[...] a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, é para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 5).

Eis o movimento contínuo, ininterrupto e inconcluso existente na busca do “eu” da identidade do sujeito, um movimento que o leva a empenhar-se criticamente nessa batalha porque propõe um estranhamento do sujeito com ele mesmo, um distanciamento de si diante da constatação dos modos de ser no mundo, modos esses que não são isolados, mas “recheados” de laços sociais e pluralidade. Observa-se que esses movimentos também não são solitários, individualizados, porque remetem a um exercício de escuta e toda escuta sempre é uma escuta do outro, ou melhor, escuta de si e do outro e que, por esse motivo, é uma escuta partilhada que convoca a memória que, segundo Pollak (1992, p. 5), “é um elemento constituinte do sentimento de identidade”.

Para tanto, de acordo com Bauman (2005), a revelação da identidade só é possibilitada através da invenção e da descoberta. Não de uma descoberta qualquer, como alertou, acima, Silva (2000), mas pela descoberta que é provocada por um objetivo a ser construído e que

parte da estaca zero, ou por alternativa que leva à luta que se tornará real e até precária, mesmo que para isso seja necessário impedir a revelação dessa descoberta, o que resulta em identidades sufocadas, mas conscientes. Nesse sentido e após essa discussão, tentar-se-á discutir os processos identitários juvenis, um campo minado, repleto de desafios na contemporaneidade.

## **1.2 Identidades profissionais, trabalho e educação: processos de socialização contemporânea marcados pela incerteza**

### **1.2.1 Descentralidade dos espaços de socialização na contemporaneidade**

Inicia-se este texto na intenção de contribuir com a discussão sobre a construção das identidades profissionais, partindo das contribuições de vários teóricos que discutem a construção dos processos de identificação do sujeito social. As primeiras considerações são de Claude Dubar (2005), especialmente, da obra intitulada “A socialização: construção das identidades sociais e profissionais”, que se constitui numa referência importante para o estudo das identidades profissionais. O autor apresenta a epistemologia social da construção identitária em várias esferas das experiências da vida do sujeito, mas não numa perspectiva de processos que se constroem independentes entre si, mas sim como formas que se atravessam de modo interdependente. Apesar de apresentarem suas particularidades, diferenças, são relações que se realizam porque se conectam, é um processo que se constrói somente pela socialização dos sujeitos durante toda a trajetória de sua existência.

Assim, antes mesmo de tentar abordar sobre a construção das identidades profissionais e as implicações que decorrem destas na vida dos sujeitos, pensa-se que é necessário abordar, sob a ótica desse autor, alguns conceitos que se fazem presentes e que se caracterizam como eixos que sustentam e são responsáveis pela construção da idéia social em toda a sua concepção sobre identidade: socialização e ator social.

Conforme Dubar (2005), o processo de socialização pode se definir no que se refere à compreensão, como a “construção de um mundo vivido”, um processo que se realiza durante toda trajetória de vida dos sujeitos, e por isso, o acompanha até o final de sua existência porque se caracteriza pela dinamicidade, é infundável, implica uma (des) construção e reconstrução permanente das experiências contínuas que ocorrem nas trajetórias existenciais.

Pode-se dizer que essa idéia de processo sempre em construção é partilhada por todos os autores estudados até aqui, outros que serão incluídos ou retomados, claro que, cada qual com suas implicações, suas diferenças-semelhanças, mas que comungam com o conceito mais amplo de identidade que se pôde abstrair até então. Isto significa uma edificação permanente mediada pelas relações sociais envoltas em uma rede de significações, de conflitos, de desafios, de movimentos, de jogo, de dilemas, de negociações, de reconhecimentos, de negação pela recusa ao não reconhecimento ou ao reconhecimento injusto, as representações de si para si e para o outro, transações que são partilhadas, em vivências a serem vividas, construídas, reconstruídas através das narrativas identitárias e reunidas num dado tempo e espaço, inseridas dentro de um grande processo que não se esgota porque sempre se renova e que poderia ser conceituado como um processo de socialização da identidade.

Para este autor, a identidade profissional se destaca das outras dimensões identitárias, com importância particular na socialização dos atores, se comparada às outras esferas da experiência humana, aspecto que será discutido posteriormente. Porém, antes é necessário ter noção do que a expressão "ator social" representa através da ótica de Dubar. Para ele, a retomada ao emprego de ator social, utilizado em substituição a sujeito, é concebido pela nova sociologia como uma recusa referente ao emprego deste como objeto das pesquisas empíricas. Isto quer dizer que, quando o termo sujeito é utilizado de modo a reduzir os atores sociais em apenas sujeitos, meramente como pessoas que são focos de investigações e que aparecem rotulados e definidos de maneira permanente, fixa, principalmente pela categorização de classes sociais: socioeconômica, socioprofissional, sociocultural. Como se os sujeitos fossem concebidos como recortes de classes e a partir desses assim seriam identificados em todas as esferas da vida social.

Portanto, o autor compreende o ator social não como pessoas que são condicionadas a determinada classe social e que, por isso, são assim percebidas em todos os espaços sociais em que atuam, mas como pessoas que, de algum modo, são capazes de se autodefinirem por si e pelos outros através do entendimento de sua situação de vida, de suas vivências, sempre associadas ao contexto e tempo de suas ações e que se expressam por meio de seus posicionamentos, interesses e valores. Enfim, negociações que se constituem durante a história de cada um, pelas lembranças que cada um carrega em sua bagagem. Esses são os pressupostos que definem a identidade de um ator social. Todavia, é pelos argumentos que os atores sociais percebem o modo pelo qual eles realizam essas autodefinições, isto é, cada um se define a seu modo, mas não de maneira singular e sim de modo articulado, a partir de diversas e variadas experiências em várias dimensões da sociedade, experiências essas que se

caracterizam como heterogêneas, diversificadas, variadas.

Conforme Dubar (2005), ao se conceber uma pessoa como ator social, é fundamental considerar a existência de dois eixos que se caracterizam pela alternância de articulações: o eixo “sincrônico” que sugere e contempla a ação definida dentro de um contexto dado e situação definida dentro de um espaço culturalmente representado; e o eixo “diacrônico” que se compõe pela subjetividade presente no percurso histórico do ator, bem como, pela ação pessoal interpretativa da história construída socialmente.

No entanto, esses eixos apresentam uma dualidade nas suas articulações porque apontam à existência de problemas nas identificações: por um viés representam as interpretações dos outros para si e por outro viés, o empenho de si, de suas identificações para ser reconhecido pelos outros. Uma concepção nominativa de ator que se representa através da ação estruturada e da formação histórica. Por isso, todas as identidades são, em suas diversas esferas, pautadas no contexto histórico e social, o chão e o berço de ação dos atores sociais e, portanto, pode-se dizer que todas são construções sociais (DUBAR, 2005).

O autor, até aqui considerado, também argumenta em sua obra, a existência de uma dualidade presente na divisão interna da identidade e, ao mesmo tempo, questiona e salienta a possibilidade de discutir essa divisão através da abordagem sociológica,

Decerto não se ficarmos limitados a uma abordagem fenomenológica da relação interindividual Eu - Outro ou a uma abordagem psicanalítica redutora que considera o Ego elemento de um sistema fechado em relação dinâmica, mas ‘interna’ com o Id e com o Superego, jogando para o ‘entorno’ o conjunto das instituições e das relações sociais. Com certeza sim se restituirmos essa relação identidade para si/identidade para o outro ao interior do processo comum que a torna possível e que constitui o processo de socialização (DUBAR, 2005, p. 135-136).

Com relação a essa divisão dual na identidade interna do ator social, existe também um problema identitário: a identidade para si e para outro que, apesar de não poderem ser dissociadas uma da outra porque “a identidade para si é correlata ao Outro e a seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do Outro” (DUBAR, 2005, p. 135), pode ser negada ou provocar incertezas. Este autor, ao citar Laing, refere-se ao problema que existe nessa relação dual marcada pela relação indissociável identitária, quando aborda que a experiência que o outro vive não é possível ser vivida exatamente da mesma maneira pelo eu, pois só a partir dos atos de falas, do estabelecimento de comunicação entre interlocutores é que o ator social pode saber qual a identificação que lhe é atribuída pelo outro. No entanto, nessa dualidade também existe a possibilidade de o sujeito rejeitar a identificação atribuída pelo outro, identificando-se de maneira diferenciada, um problema que pode existir nas

categorias, isto é, nas designações oficiais de Estado, denominações étnicas, regionais, profissionais. Isso pode ocorrer em algumas esferas das dimensões identitárias, implicando uma falta de reconhecimento gerada pela indecisão. Nesta passagem, Dubar acrescenta ao explicar essa problemática,

Ora, todas as nossas comunicações com os outros são marcadas pela incerteza: posso tentar me colocar no lugar dos outros, tentar adivinhar o que pensam de mim, até mesmo imaginar o que eles acham que penso deles, etc. Não posso estar na pele deles. Eu nunca posso ter certeza que minha identidade para mim mesmo coincide com minha identidade para o Outro. A identidade nunca é dada, ela é sempre construída e deverá ser (re) construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura (DUBAR, 2005, p. idem).

Finalmente, nesta parte do estudo, chega-se ao embasamento teórico que discute a construção das identidades profissionais dos jovens, fator muito importante para o entendimento dos vieses que interferem, ou não, contribuem, ou não, para a construção das identificações dos jovens. Sabe-se que nunca como hoje os jovens são desafiados e se desafiam na busca da inserção e permanência profissional no mercado de trabalho. Não que estes se desafiem apenas por essa busca, mas principalmente, para a conquista de reconhecimento e valorização social de suas escolhas profissionais. Um percurso, nesse momento da vida, que se caracteriza pela construção da identidade profissional. Portanto, a construção da identidade profissional se tornou, nos dias de hoje, uma questão primordial na vida dos jovens, pois é na juventude que essa construção se inicia.

O que se faz na vida, ou quem se é, são perguntas inquietantes, por vezes apertam o sujeito contra as paredes, as paredes internas, onde as grandes guerras são travadas em busca de respostas nem sempre satisfatórias, pois as respostas a esses questionamentos já não são suficientes, é preciso fazer mais, ter mais e ser mais. Não basta, aos sujeitos, completarem o Ensino Superior, é preciso seguir em frente, preparar-se cada vez mais, para não ser superado.

Segundo Sposito (2005), nos últimos 30 anos ocorreram profundas mudanças nos cenários da educação e do trabalho, principalmente o trabalho assalariado, campo de atuação das sociedades capitalistas. Ao mesmo tempo, uma maior complexidade se configura na entrada dos jovens no mundo adulto. “Assim, o modo como os jovens vivem essa etapa da vida também se altera, uma vez que a escolaridade já não se afigura mais como elemento garantidor da entrada no mundo do trabalho” (SPOSITO, 2005, p.90). Isto se reflete num drama, se forem considerados os resultados das pesquisas recentes e analisadas por pesquisadores e instituições que investigam as juventudes e as relações que estabelecem com a educação e o trabalho.

Pais (2005), Spósito (2005), Guimarães (2005), Branco (2005), Raitz (2003), Frigotto (2004), Pochmann (2001, 2004), Carrano (2003, 2005) Dayrell (em prelo, 1999), OIT (2001), Flores (2001), Chaves Junior (2001), e tantos outros, todos comungam com a idéia da necessidade de tratar a diversidade nas relações entre juventudes, educação e trabalho, ao afirmarem suas preocupações diante da demanda da população juvenil ante o trabalho, educação e renda. Para eles, isso se constitui um problema crônico que atinge os jovens na construção de suas identidades: a forte pressão dos jovens na procura por trabalho valorizado.

As culturas juvenis, na condição pós-moderna, se caracterizam pela perda da centralidade dos processos identitários, que se justificam pela principal característica: fragmentação e complexidade das realidades sociais do trabalho e da educação. No entanto, há que se considerar o que Pais (2005) vem comentando sobre o trabalho juvenil. Para ele, muitos jovens se vêem numa condição de desespero pelas atuais perspectivas precárias de trabalho, na atual sociedade.

As condições atuais exercem influências na construção das identidades juvenis e, de certa forma, explicam por que os autores, que discutem identidade, se referem à multiplicidade e complexidade de faces das construções identitárias do sujeito, um sujeito que, diante dessas transformações sociais contemporâneas, se caracteriza como plural e assim se constrói, porque não é mais concebido como o centro das atenções, das realizações e dos acontecimentos. Essa concepção identitária do sujeito se coloca como o oposto da abordagem filosófica Marxista, pois, uma vez que o sujeito não é o centro, conseqüentemente o trabalho também deixa de ser.

A importância da abordagem de Marx sobre o trabalho tem sua relevância comprovada e ainda exerce influência no pensamento ocidental. É considerada até os dias atuais pelos não críticos pós-modernistas, devido a sua contribuição na concepção do sujeito no trabalho, pois sujeito e trabalho são fontes de realização, de sentido de existência humana, ou melhor, sujeito e trabalho significavam a mesma coisa. O sujeito era concebido como o próprio trabalho, seria então, o trabalho que tornaria o sujeito àquilo que ele é .

Na modernidade, conforme Sacristan (2003), o trabalho significava fonte de realização pessoal, o meio pelo qual os sujeitos conquistavam sua independência. Essas conquistas eram possibilitadas através da educação, pela escolarização. O trabalho, então, se ligou à educação numa relação de interdependência, “Se não tem trabalho nem educação, a tal cidadania é pura embromação” (LARA<sup>13</sup>, 2003). Porém, essa relação entre educação e trabalho nem sempre foi

---

<sup>13</sup> Lara (2003) escreve esta frase no verso da página de dedicatória do seu livro intitulado: “Trabalho, educação e cidadania”.

assim considerada.

Em revisita à alguns teóricos, em busca de descobertas das origens e concepções ocidentais históricas sobre o trabalho, como Albornoz (1994), Pais (2005), Lara (2003), Raitz (2003), Sacristan (2003), Bendassolli (2007), observa-se que muitos são os significados atribuídos ao trabalho, ao longo da história da civilização ocidental.

Assim, trabalho pode lembrar dor, tortura, cansaço, se concebido com emoção. Para além da dor, também pode ser considerado como resultado cultural da produção humana, por meio da transformação da matéria, com o objetivo de sobrevivência. Não apenas na língua portuguesa o trabalho tem várias significações, mas em todas as línguas ocidentais suas significações variam de acordo com o sentido a ele atribuído. O trabalho, em grego, pode designar fabricação, esforço, fadiga ou pena, pelo cansaço. O latim o concebe, ou como obra, ou como ação de labor. Para os franceses, o trabalho resulta na palavra tarefa, do mesmo modo que para os italianos e espanhóis. Em inglês e em alemão, o sentido e significado do trabalho são duplos e se diferenciam: labour (inglês) e arbeit (alemão) significam fadiga, cansaço, e work (inglês) e werk (alemão) significam a realização (criação) da obra. E, finalmente, em português, trabalho e labor podem ter a mesma significação, mas com sentidos diferentes: de um lado, pode significar a criação de uma obra, o reconhecimento do criador desta para além da existência e, por outro lado, pode representar rotina de esforços que se repetem, bem como, privação de liberdade, renda ou até como algo necessário e, ao mesmo tempo, um incômodo, uma perturbação.

Existem ainda outras significações mais particulares como: empenho na produção de obras de arte ou de objetos úteis; discursos; discussões e dissertações; tarefas de escola; prestação de serviços burocráticos; processo desencadeado pelo nascimento do sujeito, ou seja, o trabalho de parto. As preocupações, os aborrecimentos também são designados como trabalho, mas referem-se mais ao labor, porque neste estão contidos. (ALBORNOZ, 1994).

Na Wikipédia, uma biblioteca virtual de livre acesso, a palavra trabalho vem associada à física, portanto, representada pela medida e transferência de energia através de uma força numa trajetória ou percurso de deslocamento. Quanto à origem etimológica da palavra trabalho, em português, vem do latim, tripalium. Para Pais (2005), tri-palium se caracterizava por ser um instrumento que servia para tortura dos réus, composto por três paus<sup>14</sup> cruzados com pontas de ferro. A Bíblia também aborda o trabalho com sentido de castigo e de tortura, ligados à maldição: “Quando Adão contraria a vontade de Deus, é-lhe dada possibilidade de

---

<sup>14</sup> O termo paus vem também do latim palu. (PAIS, 2005).

‘purificação’ através do ‘sacrifício laboral’ (PAIS, 2005, p. 20). Ainda segundo esse autor, nos dias de hoje, mesmo que o trabalho ainda tenha sentido de dor e sofrimento, os jovens atribuem-no ao sentido de realização pessoal e aproveitamento, desfrute do que esse possa resultar.

Em termos ideais, muitos jovens não quererão perder a vida tentando ganhá-la. Rejeitam a instrumentalidade do trabalho e valorizam as satisfações intrínsecas que dele possam retirar. A tal ponto que o trabalho já invade a esfera dos lazeres, sendo vivido como uma aventura, assim acontecendo nos simuladores de vôos<sup>15</sup> das companhias aéreas virtuais. Será que a ética tradicional de trabalho que o vê como obrigação puritana poderá, no futuro, dar lugar a uma nova ética que o tome como aventura? (PAIS, 2005, p. idem).

No entanto, no Brasil, as pesquisas têm revelado que os jovens atribuem diversos sentidos à palavra trabalho, mas o sentido de necessidade, sentido esse instrumental, vem aparecendo como o principal. Esse sentido de necessidade, antes de tudo, se refere à necessidade de trabalho para sobrevivência, seja essa uma sobrevivência individual ou da família, como contribuição no orçamento familiar.

A pesquisa que Raitz (2003) desenvolveu com jovens egressos dos cursos profissionalizantes na ilha de Santa Catarina, vem ao encontro dessa discussão sobre os sentidos do trabalho para os jovens, proporcionando encontros encadeados, atravessados de sentidos, isto é, os sentidos atribuídos pelos jovens ao trabalho apresentam-se diversificados, são sentidos que se posicionam em ordens variadas, mas sempre em redes que se conectam numa total interdependência: observa-se que não há um único e principal significado, mesmo que alguns se posicionem na dianteira. Há, sim, vários significados e esses criam significações relevantes para o entendimento dos sentidos. Variam e se desordenam numa ordenação porque variados são os contextos, tempos, sentidos.

Como se pôde entender, Pais (2005) traz, no contexto de sua pesquisa com jovens portugueses, que o sentido do trabalho para esses jovens se dá, principalmente pela realização pessoal, juntamente com os desfrutes que o trabalho proporciona. Já, Raitz (2003), em sua pesquisa com jovens na Ilha de Santa Catarina, observa que o trabalho, antes de qualquer coisa, significa meio para a sobrevivência, mas está relacionado a outros sentidos associados aos prazeres que a vida pode oferecer, numa fruição que se utiliza da música, dos afetos, sensibilidades, do aprendizado, etc. São sentidos que se encadeiam e se diversificam como afirma essa autora:

---

<sup>15</sup> A aventura de trabalho nos simuladores virtuais descrita por Pais (2005), foi realizada por seu filho em Nova York.

Os significados produzidos pelos jovens em relação ao trabalho e seus projetos nem sempre se situaram em limites de fácil compreensão [...]. Considerar o modo como os jovens dão significado ao que dizem e ao que fazem cruza-se aos contextos de produção dessas intenções e de seus comportamentos (RAITZ, 2003, p. 224).

Dessa forma, percebe-se a importância de mais integração entre os debates sobre os contextos das juventudes em todos os focos de investigação, de modo a proporcionar diálogos sobre as diversidades juvenis, tal como os sentidos expressos por essas culturas jovens que se ligam em total interdependência. Não se pode mais pensar discutir juventudes de modo isolado, apenas publicado e expresso em poucos minutos. É preciso conversar mais, aproveitar o espaço global inerente nessa sociedade, conectando-se às redes de informação, de diálogos, a fim de integrar idéias, somar atitudes, unir-se em movimentos, ou perceber as redes conflituosas, como expressa Melucci (1997, 2004), para, além de propor alternativas, propor desafios.

Atualmente, a juventude é muito discutida no meio acadêmico e isso tem contribuição relevante, mas percebe-se que os problemas estão se tornando mais graves: “[...] convicções são prisões” (NIETZCHE, prelo). É preciso ultrapassar essas cercas de isolamento e encontrar as passagens, o caminho, pois, como afirma Pochmann (2004, p. 240) ao finalizar seu texto intitulado “Juventude em busca de novos caminhos no Brasil”, na pesquisa sobre a realidade dos jovens na educação e trabalho, “Enfim, há necessidade inegável de o país trilhar um novo caminho para a juventude. Então, mãos à obra”. E, se perguntarem onde está esse caminho, talvez seja necessário responder exatamente o que Nietzsche (em prelo) propõe: “Não pergunte, segue-o”.

De volta à viagem no tempo, à procura dos sentidos do trabalho, percebe-se que, na perspectiva histórica, este se configurou através de sentidos diversos, valores culturais e importância subjetiva. Mais especificamente, pode-se considerar três distintos momentos decisivos que contribuíram para a elaboração do sentido que o trabalho tem na atualidade.

O primeiro momento se caracteriza pela antiguidade, Idade Média até o Renascimento. Nesses períodos, a contribuição do trabalho na subjetividade do sujeito não era concebida como importante, isto é, o trabalho não possuía sentido e valor destacado como status único. Era sempre posto de lado, em comparação aos valores sociais mais considerados (BENDASSOLLI, 2007). Para os gregos, o cultivo da razão se constituía no valor central. Em contrapartida, os povos medievais se preocupavam com a alma e com a busca pela salvação, enquanto que os renascentistas viviam ocupados com a vida artística construída pela estética.

O segundo momento é caracterizado pela sociedade industrial, na qual o sentido do

trabalho se constituiu a partir de cinco dimensões decisivas para demonstrar os sentidos e valores na política, na cultura e na vida social da sociedade industrial. Foram eles: trabalho com sentido exclusivo de fonte econômica, como princípio moral (objeto modelador do caráter), como forma investida em ideologias para controle e domínio dos sujeitos trabalhadores entre os atravessamentos dos dogmas religiosos e o assistencialismo paternalista industrial, bem como uma ação, pela qual a subjetividade é construída e o sujeito encontra a sua essência real. A quinta e última dimensão é caracterizada pela existência do contrato social<sup>16</sup>, que objetivou a organização dos papéis sociais dos sujeitos e as relações de solidariedade e cooperação entre os membros da sociedade, características que significam o trabalho como dominante, pela influência da teoria marxista que define a identidade dos sujeitos.

O terceiro momento entra em vigência desde, aproximadamente, a metade do século anterior a este e de novas e sucessivas transformações que se iniciam. O trabalho adquire novo significado, passando a ser marcado por paradoxos: a debilidade do trabalho na perda central de seu sentido e valor, através da crítica sobre as cinco dimensões da sociedade industrial e a perplexidade gerada em função dessas críticas em função de o trabalho ainda ser considerado um meio de obtenção de renda e organização social.

Com o enfraquecimento dessa posição central do trabalho, e com a crítica pós-moderna à própria noção de identidade – da qual a crítica heideggeriana de Vattimo ao conceito de ‘ser’<sup>17</sup> é apenas um exemplo – o sentido do trabalho na definição da identidade se enfraquece ao mesmo tempo. O paradoxo que temos diante de nós é então o seguinte: como viver com a insegurança no campo do trabalho e com sua conseqüente incapacidade de nos oferecer um porto seguro na definição de nossas identidades? (BENDASSOLLI, 2007, p. 24).

<sup>16</sup> De acordo a enciclopédia livre Wikipédia online, Contrato Social se define por regras de cunho político durante um período governamental, construídas pelos membros de uma sociedade, para serem respeitadas e cumpridas por todos os sujeitos, presentes na sociedade capitalista (Kaptu é o significado mais primitivo da palavra capital, é um termo que vem do proto-indu-europeu e significa ‘cabeça’ de gado, considerada como medida de riqueza nos tempos antigos. No entanto, os primeiros homens a utilizar o termo Kapitalist foram Marx e Engels no Manifesto Comunista 1848, com sentido de se referirem “a forma de produção baseada em capital”. Já, o primeiro uso da palavra capitalismo foi introduzido por Thackeray, um novelista inglês que em 1858 a utilizou para significar ‘posse de grandes quantidades de capital e não como um sistema de produção’ é um termo que passou a ser utilizado principalmente, após a revolução industrial, que promoveu grandes mudanças através de grande avanço tecnológico. Transformações incidiram, sobretudo nos meios de produção do setor econômico e no modo de organização social (Fonte: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)).

<sup>17</sup> Heidegger, filósofo alemão (1889 – 1976), representante da filosofia existencial, teve como preocupação o problema do sentido do ser e exemplifica essa questão através do ser humano para demonstrar que essa é sua preocupação e explica que “O homem está especialmente mediado por seu passado: o ser do homem é um ‘ser que caminha para a morte’ e sua relação com o mundo concretiza-se a partir dos conceitos de preocupação, angústia, conhecimento e complexo de culpa. O homem deve tentar ‘saltar’, fugindo de sua condição cotidiana para atingir seu verdadeiro ‘eu’” (Fonte: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)).

A perplexidade se expressa mais exatamente pela perda de sentido e desvalorização do trabalho, causando decepção nos sujeitos da sociedade contemporânea, pois o trabalho já não atende aos anseios dos sujeitos, que dele esperam muito mais do aquilo que tem significado atualmente. Isso em função do modo como foi institucionalizado através do emprego, e também pelas indagações que emergiram dessa situação, sobre os significados dos termos ser, sujeito e identidade (BENDASSOLLI, 2007). Aqui poderia caracterizar a identidade na pós-modernidade tal como Zygmunt Baumann<sup>18</sup> afirma,

[...] modo reduzido de relacionar-se, ‘menos importuno’, se ajusta a todo resto – ao líquido mundo moderno das identidades fluidas<sup>19</sup>, o mundo em que o aspecto mais importante é acabar depressa, seguir em frente e começar de novo, o mundo das mercadorias gerando e alardeando sempre novos desejos tentadores a fim sufocar e esquecer os desejos de outrora (BAUMANN, 2005, p. 76).

Bendassolli (2007) explica que essas visões fragmentadas, descentralizadas do trabalho consideram o sujeito como “morto”. Ele morre através de uma “desmontagem”, tanto subjetiva quanto objetiva (essa desmontagem significa a perda de centralidade no sujeito, tanto naquilo que ele é ou estima ser, quanto no produto que resulta do seu trabalho, um tipo de não existência do sujeito) que ocorreu no século XX, mais exatamente a partir dos anos 1950:

Sem ‘sujeito’, a identidade torna-se plural: não existe apenas uma única identidade, soldada a um sujeito dominante, mas várias e, no limite nenhuma. A crença de que a época das certezas chegou ao fim com a transição para a pós-modernidade refere-se, pois, a uma constatação filosófica: a crença no enfraquecimento da metafísica do sujeito (BENDASSOLLI, 2007, p. 226).

Portanto, a construção da identidade do sujeito pelo trabalho, na atualidade, não está mais vinculada a uma única e fixa identidade, não é mais um ponto estável de referência, perde o sentido verdadeiro de estabilidade e, portanto, não há um conceito definido para identidade profissional: há várias, múltiplas identidades profissionais. Os sujeitos passam pelo trabalho, perambulam pelos contratos temporários e, mesmo com uma qualificação educacional elevada, vivem à deriva, com as preocupações decorrentes da incerteza da

<sup>18</sup> Zygmunt Baumann nasceu em 1935, sociólogo polonês, mora na Inglaterra e se tornou conhecido por ser um dos mais importantes introdutores do termo pós-modernidade, referindo-se a este como uma modernidade tardia, modernidade líquida.

<sup>19</sup> Baumann (2005) se refere às identidades fluidas como formas identitárias pouco duráveis, que não mantêm a forma por muito tempo, portanto ele afirma que “num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca. Não se deve esperar que as estruturas, quando (se) disponíveis, durem muito tempo. Não serão capazes de agüentar [...] Autoridades hoje respeitadas amanhã serão ridicularizadas, ignoradas ou desprezadas [...] (BAUMANN, 2005, p. 57-58).

conquista e permanência em postos instáveis de trabalho. A noção de incerteza é a base da identidade profissional: se são muitos agora, e não se sabe até quando, faz-se variadas coisas e não se faz nada, em muitos espaços distribuídos num tempo presente.

Pais (2005. p.11), ao se referir a condição particular dos jovens contemporâneos, alerta que estes vivem “[...] um tempo de instabilidade e de incertezas, de tensão entre o presente e o futuro, de laços persistentes de dependência e de anseios insistentes de independência”. E, do ponto de vista ideológico da sociedade ocidental, em meio às incertezas atuais e em meio aos ranços ideológicos passados que insistem em perdurar, surge a tal crise de identidade (que será destacada adiante neste texto).

Assim, não existe centralidade do sujeito no trabalho, ao mesmo tempo em que o trabalho se representa ainda como sentido de sujeito portador de dignidade (quem não trabalha é uma pessoa considerada inútil à sociedade, sem trabalho não há motivo que justifique sua existência), sentido de existência (a existência do sujeito perde o sentido sem trabalho). O que se quer dizer aqui é que, em meio a essas transformações atuais, o trabalho é importante na vida dos sujeitos, mas também, em muitos casos, é passageiro, não é mais garantia, não é mais estável. Nesse sentido, ainda há preconceitos estereotipados em relação à conquista e permanência dos sujeitos no trabalho. Essa visão preconceituosa atinge diretamente e especialmente os jovens que estão à mercê das regras do sistema capitalista, detentoras do poder e à deriva dos ranços passados. Tal como afirma Pais (2005, p. 27), “Em sociedades de forte reprodução social, as heranças culturais marcam os destinos possíveis de um modo rígido [...] um amarramento ao destino”. Isso revela perplexidade e fragilidade na condição juvenil.

Só para se ter uma idéia da perplexidade e fragilidade da condição juvenil na contemporaneidade, basta refletir sobre as análises presentes nos apontamentos referentes aos dados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira” e outras que contextualizam as reais condições educativas e de trabalho dos jovens brasileiros. Segundo Sposito (2005), no ano de 2001, o país contava com 34 milhões de jovens<sup>20</sup>, desses, aproximadamente 60% estavam fora da escola, considerando, a partir da década de 90, que o sistema educacional público sofreu um incremento em termos de reestruturação e de financiamento, simultaneamente ao

---

<sup>20</sup> A Pesquisa “Perfil da juventude brasileira” se organizou em torno do recorte referente à faixa etária juvenil, considerando, portanto, como jovens, os sujeitos com idades entre 15 e 24 anos. No entanto, Sposito (2005) comenta sobre os impactos que as transformações ocorridas nos últimos 50 anos do século XX promoveram em torno das considerações sobre as idades que configuram essa etapa da vida sofreram uma desinstitucionalização da condição juvenil, provocada pelo modo como as relações entre idades e experiências vêm acontecendo, caracterizando-se numa desregulação e descronologização do jovem em sua condição.

enfrentamento de uma crise econômica vivida, o que resultou no aumento das desigualdades sociais, no desaceleramento do crescimento e aumento do desemprego.

No campo educacional, esse panorama social refletiu numa oferta do ensino público como a única opção de educação para os jovens, mas que se caracterizou pela falta de qualidade, pelas precárias condições materiais e humanas para atuação no funcionamento das instituições escolares. A reflexão de Campos é importante para o entendimento desse panorama (1999, Apud, SPOSITO, 2005, p. 97) “No entanto, verificou-se que, em uma década, os recursos para a educação diminuíram, em vez de se observar um incremento que, ao menos, acompanhasse o ritmo crescente das matrículas, fragilizando a hipótese adotada pelo governo nesse período”.

Ainda conforme Sposito (2005), há de se considerar que a escola e a família sempre se caracterizaram como importantes instituições para a manutenção das relações dos sujeitos. Apesar de as relações sociais juvenis se caracterizarem na diversidade, as instituições sempre atuaram como espaços de formação dominantes, no sentido de garantia de reprodução social e cultural dos grupos e das classes. Mas, com a ampliação, abertura, intensificação dos projetos escolares e reestruturação escolar, a escola passou a ser o local privilegiado de interações sociais dos sujeitos jovens com seus pares, um espaço acessível para contemplação de experiências juvenis e também como um meio para suas inserções no mercado de trabalho. É nesse sentido que Sposito fala das alterações nos modos em que se situa a condição juvenil, pois, segundo ela, a escola é ainda uma instituição social que, apesar das deficiências que engloba a precariedade dos recursos materiais, se apresenta como um espaço que contribui na construção das identidades sociais e profissionais juvenis.

Certamente que há de se entender que essas deficiências do campo escolar causam confusões nas construções identitárias sociais juvenis. Ora, se houve transformações tão impactantes na esfera do trabalho como se mencionou mais acima neste texto, as mesmas foram sentidas também no campo da educação e da família, principalmente nas últimas três décadas, que abrangem o século XX e início do XXI.

Portanto, em meio a todas essas transformações ocorridas no cenário social, o papel da escola e da família se transformou, pois já não é possível que essas instituições cumpram suas funções, nem garantam mais o monopólio da hegemonia na transmissão da cultura e reprodução social. Esta seria então a desinstitucionalização, uma condição inerente à juventude atual, que se configura numa etapa distinta de vivência e experiência, portanto, que se difere das experiências das juventudes de gerações anteriores, mas que não os livra dos novos processos de dominação atuais (ABAD, 2003, apud SPOSITO, 2005). Nesse sentido,

Dubet esclarece,

A dominação se manifesta, assim, não cessando de afirmar que ‘os indivíduos são livres e mestres de seus interesses [...] a dominação impõe aos atores as categorias de suas experiências, categorias que lhes interdita de se construir como sujeitos relativamente mestres deles mesmos [...] O dominado é convidado a ser o mestre de sua identidade e de sua experiência social ao mesmo tempo que é posto em situação de não poder realizar esse projeto (DUBET, 2002 apud SPOSITO, 2005, p. 95).

Todavia, ainda conforme Spósito (2005, p.91), desponta nos últimos três anos uma outra nova condição juvenil presente nas análises contemporâneas, em função de formas dominantes que condicionam e se fazem características na juventude dos dias atuais “quer por sua adesão a valores tradicionalistas, quer por imersão no individualismo contemporâneo que pouco espaço daria para novas formas coletivas, associativas ou solidárias de ser estar no mundo”. No entanto, Sposito comenta que dessa nova condição social juvenil manifestam-se pontos positivos pela: proximidade aos desejos, experiências vivenciadas e liberdade. Mas acredita-se que essas “[...] sensações são, pela própria natureza, tão frágeis e efêmeras, tão voláteis quanto as situações que as desencadearam. A estratégia *carpe diem* é uma reação a um mundo esvaziado de valores que finge ser duradouro”. (BAUMANN, 2005, p. 59).

Os comentários de Sposito são provocantes, pois transitam em torno de uma concepção de juventude, que leva em consideração a expressão da diversidade em seus modos e formas de vida e de homogeneidade, pela conquista de mais autonomia (viver suas experiências de modo mais autêntico, mais cientes de suas realidades e do mundo em que estão inseridos) em todas as dimensões, eles, simultaneamente, também são governados, controlados e limitados nas suas formas de ações. Nesse sentido, por mais autonomia que sejam delegadas aos jovens e por eles conquistadas, não possuem condições próprias para intervirem como atores de seus próprios direitos e deveres. Não é por acaso que Sposito intitula parte de seu texto: “compreender a condição juvenil no Brasil: um desafio” (SPOSITO, 2005, p. 89). Nesse atual cenário, as identidades vão se tecendo em contextos perturbadores e inquietantes, em que os jovens suspeitam ser peças de jogo nas mãos de inimigos não declarados. A propósito, é interessante esta passagem de Carrano (2003, p.124) quando diz,

O processo de identificação ocorre num mundo de complexidade de possibilidades e de escolhas que se efetivam como adesão ou combate aos constrangimentos a que os sujeitos estão submetidos. O ‘eu’ é relacional e móvel, se redefinindo continuamente como resposta a uma dinâmica social que exige uma multiplicidade de linguagens e relações para a produção das identidades.

Por todos os motivos até o momento discutidos neste texto, é que se torna inviável tentar compreender a condição juvenil contemporânea, sem levar em consideração o espaço escolar (educação) e o trabalho. Como pondera Sposito em outro estudo intitulado “Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas”, “[...] foi possível verificar que, no Brasil, a condição juvenil não pode ser despreendida apenas da realidade escolar, ou seja, da situação dos jovens como estudantes -, mas deve ser compreendida também a partir do mundo do trabalho” (SPOSITO, 2003, p. 23). O trabalho e a educação hoje são considerados como questões-chave na vida dos sujeitos. Por mais que anunciem a morte do trabalho, ele existirá sempre, mesmo que proposto por alternativas diversificadas ou líquidas e mostrado nas diversas identidades profissionais. O emprego, esse bem mais desejado, está com os dias contados, assim é considerado por muitos teóricos da atualidade.

Por ter se tornado um bem raro, o **emprego** condiciona a construção das identidades sociais; por passar por mudanças impressionantes, o trabalho obriga à transformações identitárias delicadas; por acompanhar cada vez mais todas as modificações do trabalho e do emprego, a **formação** intervém nas dinâmicas identitárias por muito além do período escolar (DUBAR, 2005, p. XXVI). (grifos do autor).

Talvez isso se deva ao vínculo profundo que Dubar (2005) pontua entre emprego e formação na construção da identidade profissional, por se caracterizar, segundo esse autor, numa das mais importantes dimensões identitárias na vida dos atores sociais, na atualidade, e explica por quê:

Se defendi a tese da centralidade do **trabalho** na vida pessoal e do lugar eminente das identificações profissionais na vida social, é porque o contexto econômico e social de ‘crise’ me parecia suficientemente embasado por todos os tipos de pesquisa para defender essa posição. A privação de trabalho é um sofrimento íntimo, um golpe na auto-estima tanto quanto uma perda de relação com os outros: uma ferida identitária geradora de desorganização social. (DUBAR, 2005, p. XXII).

Segundo o autor, todas as formas identitárias, especialmente a profissional entendida no processo de socialização, sempre se realizam a partir das relações sociais estabelecidas com os atores, através de suas trajetórias subjetivas. Entende-se que Dubar menciona a impossibilidade de os sujeitos construírem identidades pessoais e especialmente profissionais num nível restrito de singularidade, isto é, uma identidade única, pois todas as formas identitárias são desenvolvidas nos meios sociais de convívio com outros, nos espaços e tempos, que significam, ou não, mas que deixam as marcas, vestígios da experiência vivida, da partilha pela linguagem. Desse modo, é correto pensar, quando Arendt se refere ao sentido da experiência humana,

E tudo o que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido. Haverá talvez verdades que ficam além da linguagem e que podem ser de grande relevância para o homem no singular, isto é, para o homem que, seja o que for, não é um ser político. Mas os homens no plural, isto é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmo. (ARENDETT, 2007, p. 12).

Hoje se fala muito em identidades em crise, ou crise de identidades e, em especial, os comentários são dirigidos aos jovens. Essa questão sempre deixa uma incerteza, porque, muitas vezes, não é explicada. As incompreensões existentes em relação ao termo crise de identidades “englobam: dificuldades de inserção profissional dos jovens, aumento das exclusões sociais, desconforto diante das transformações, confusão das categorias que servem para se definir e definir os outros [...]” (DUBAR, 2005, p. XXV).

Poderia se adicionar, aqui, aos comentários de Dubar, a questão da insatisfação profissional vivenciada por muitos sujeitos e, em particular, pelos jovens. Muitos deles, após completarem a formação em nível de Ensino Superior, percebem que os conhecimentos adquiridos já não são suficientes para sua atuação e realização profissional ou que, em muitas ocasiões, são supérfluos, no sentido de não poderem ser adaptados ou não servirem de suporte nos contextos reais de atuação profissional. Todos esses problemas contribuem para a crise da identidade profissional.

No entanto, também é preciso considerar os apontamentos feitos por Sposito (2005) em relação aos jovens com mais escolaridade. Segundo a autora, esses jovens, por já terem percorrido um trajeto mais extenso nos sistemas de ensino, possuem melhores referências em relação aos aprendizados que constroem, sobre os limites e benefícios dos ensinamentos escolares, não se restringindo apenas à avaliação dos conteúdos ensinados, indo além. Geralmente os jovens que se apresentam mais satisfeitos com o ensino que recebem são os que freqüentam a educação superior, talvez porque esses “[...] jovens conhecem suas dificuldades, uma vez que, apesar de uma elevação do grau de escolaridade, essas habilidades não estão asseguradas. Ou talvez porque [...] consideram que aprender ou não ainda constitui, principalmente, um problema de natureza pessoal [...]” (SPOSITO, 2005, p. 116). Essa discussão, conforme a autora, pode ser configurada por uma ambigüidade que está na “valorização do estudo como uma promessa futura e uma possível falta de sentido que encontram no presente” (SPOSITO, 2005, p. 124).

Já não se sabe o que esperar do futuro e o passado agora se torna inconveniente para resgatar, pois o tempo atual é de incertezas. Há uma falta de referência, de ancoragem e isso gera crise, que, por vezes, é difícil resolver, forçando a uma regressão, ou a uma volta. Em

analogia, poderia se inserir aqui um trecho da metáfora<sup>21</sup> que Pais (2005) utiliza para comparar as transições dos jovens, nas últimas décadas, com viagens de automóvel e alguns tipos de crises de identidade,

[...] hoje em dia não mais as decisões do condutor são garantias de uma condução com destino certo ou rotas pré-determinadas. E isto porque o terreno onde as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica. No labirinto da vida, como num labirinto rodoviário, surgem frequentemente sentidos obrigatórios e proibidos, alterações de trânsito, caminhos que parecem terem sido já cruzados, várias vezes passados: é essa retomada de caminhos que provoca uma sensação de perdição, de confusão. A retomada é um voltar a tomar caminhos que se abandonaram [...]. A retomada de caminhos outrora tomados é própria de estruturas labirínticas. (PAIS, 2005, p. 13).

Pais (2005, p. 20) pergunta “por que hoje se fala tanto em crise?”. Segundo esse autor, *Krísis*, em grego, quer dizer decisão que deriva de cisão, essa emerge sempre ligada a desordem, confusão, situação instável. Um momento de incerteza, que suplica pela certeza e que identifica a crise no momento atual, marca a sociedade. Do mesmo modo que a crise atinge o sistema econômico nas variações e oscilações do mercado, atinge modos de produção, com aumento significativo do tempo de rotação em função do consumo desenfreado num tempo reduzido desse consumo, próprios da sociedade capitalista (PAIS, 2005).

Os jovens são atingidos nas suas construções identitárias, influenciados por essa demanda capitalista emergente caracterizada pela sociedade de consumo. Nesse sentido, a vontade de ter tudo o que é e será produzido no mundo globalizado, se transforma em necessidade, num fanatismo que move, desloca os sujeitos, especialmente os jovens em busca desses supérfluos, mas que, na verdade, preenchem um vazio, uma lacuna existente, causa uma confusão, provocada pela crise, uma crise de identidade que se revela nas indecisões constantes e que se apresenta nos olhares desafiantes, desafiados. Na realidade, é uma forma de pressão que a sociedade exerce no silêncio, compreendida como um anúncio da falta de melhores perspectivas, de oportunidades. Esses desafios provêm e relacionam-se, principalmente, com a escolha e formação da identidade profissional, uma construção identitária muito importante que se define no campo educacional e profissional.

Porém, o que os atores têm de mais valioso em suas vidas são as suas identidades e

---

<sup>21</sup> Pais (2005) explica que é preferível utilizar uma metáfora para caracterizar uma condição social em vez de se apegar a teorias que, por vezes, se caracterizam em modelos sofisticados, artificiais e abstratos e que exigem uma “regidificação (modelização)” da situação real. As metáforas, tal como os movimentos dos iões, facilitam o transcurso pelas idéias que representam a realidade das condições de vida. “Dos modelos ficamos frequentemente prisioneiros, uma vez que nos obrigam a pôr entre parênteses, porções significativas da realidade, isolando uns aspectos, enfatizando ou negligenciando outros” (PAIS, 2005, p.58).

uma vez perdida, esses se alienam, sofrem, se angustiam e perdem o sentido de vida, isto é, morrem. “[...] a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no nascimento: ela é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida. A identidade é produto das sucessivas socializações” (DUBAR, 2005, p. XXV).

Nos territórios escolar e profissional, o trabalho, o emprego e a formação são esferas consideradas legítimas e pertinentes para a construção de categorias sociais, porque são responsáveis pelo modo como os atores se identificam e são identificados socialmente. No entanto, somente no final da década de 60, início da década de 70 é que esses vínculos entre emprego e formação foram reconhecidos e legitimados, começando com um movimento de impulso das políticas de gestão do emprego na década de 80, englobando a geração anterior. Assim, o termo formação passou, cada vez mais, à posição valorizada, ocupando os cenários de destaque no campo do trabalho em relação à inserção, permanência, percursos e saídas do emprego (DUBAR, 2005).

Não se pode conceber que as formações identitárias sociais se restrinjam somente aos níveis da formação e do emprego, até porque a primeira identidade se constrói na experiência da relação que a criança mantém com a mãe ou tutora. A identidade social será construída a partir das interferências das instituições familiares e outras instituições existentes no meio social desta criança, principalmente a escola, lugar que proporciona a esta, viver experiências com os atores que a compõe. Essa informação se torna relevante para se perceber que é somente quando o ator, já não mais criança e também não adulto, mas numa condição social juvenil, que acontece o seu ingresso no mercado de trabalho, deixa a instituição escolar e torna-se apto para exercer uma função como atuante importante nesse mercado.

É nesse momento que a identidade autônoma do ator se constrói, um momento especial, porque se constitui como um dos mais importantes no processo de construção da identidade social, de modo que as escolhas realizadas pelo ator ou impostas a ele conferem-lhe a posição de seu status social futuro (DUBAR, 2005). Essa talvez seja uma das condições ideais para a juventude no campo da educação e do trabalho: primeiro estudar, concluir todos os níveis formais de ensino e depois ter assegurado de forma reconhecida e valorizada seu ingresso no mercado de trabalho formal. “[...] hoje em dia, é na confrontação com o mercado de trabalho, que certamente, se situa a implicação identitária mais importante dos indivíduos da geração da crise” (DUBAR, 2005, p. 148).

Da confrontação surgem resultados que possibilitam ao ator ser identificado pelas suas competências demonstradas, pelo seu status elaborado, define sua possível carreira profissional, colocam em evidência seus projetos e suas aspirações e possibilitam também a

construção de um projeto particular, um momento que se define pela incerteza, pelo tempo na condição juvenil, tendo, os jovens, diplomas ou não, sejam estudantes ou não. Esse momento também se caracteriza como particular, dadas às condições históricas e sociais em que os jovens vivem suas experiências de construção identitárias, marcadas pela acentuação do desemprego, inovação tecnológica, transformações organizacionais nas empresas e nos órgãos públicos, exigentes pela formação contínua e permanente, o que promove, segundo o autor, o alargamento e retardamento da saída da escola e, conseqüentemente, o ingresso no mercado de trabalho, a conquista e instabilidade do emprego.

Aqui, acrescentaria algumas idéias de Pais (2005), quando diz que muitos são os motivos que provocam o prolongamento da condição juvenil nos dias de hoje e, entre eles, um dos mais importantes se refere ao retardamento dos percursos escolares devido a um atraso na inserção no mercado de trabalho. Também, a dificuldade de aquisição da casa própria e maior liberalização das relações sexuais, são fatores que interferem nesse retardamento de condição juvenil contemporânea. “Nos mapas de orientação que os jovens carregam nos bolsos do pensamento temos os caminhos previstos: ‘acabas o ensino secundário, vais pra faculdade ou com o canudo arranjas um emprego e podes casar” (PAIS, 2005, p.67).

É nesse sentido que, ainda segundo esse autor, o dia-a-dia dos jovens é caracterizado e circula em função de dois tempos, que assim se dividem: os tempos monocromáticos referentes aos compromissos assumidos e, em função das instituições como a escola, a profissão e a família, carregam os horários a serem cumpridos; e os tempos policromáticos destinados às experiências vivenciadas, os sentimentos, o convívio. Esses se caracterizam pelos tempos das “[...] voltas que a vida dá, as voltas e mais voltas que o próprio fado da vida permite” (PAIS, 2005, p. 59).

Assim, percebe-se que os tempos juvenis se alternam. É também nesse sentido que se pode muito bem relacionar essa multiplicidade de experiências com o processo de negociação abordado por Melucci (2004). Segundo ele, é por meio dessa negociação contínua do eu que se define a identidade, em diferentes e variados tempos desse eu, em locais também diversos por entre as relações sociais dos sujeitos.

No entanto, em muitas ocasiões, as expectativas depositadas pelos jovens em relação às suas conquistas educacionais e profissionais nem sempre se realizam com sucesso e acabam por frustrá-los, seja em relação às decepções com os ensinamentos escolares que não atingem essas expectativas, ou em relação à posição que pretendem exercer em função desses ensinamentos. Assim, muitos desses jovens acabam atuando profissionalmente em áreas que diferem de suas formações educacionais.

Certamente que não se pode generalizar essas situações, mesmo porque há jovens que logram relevante sucesso em suas carreiras profissionais por aí. Existem casos em que a satisfação profissional se conecta com a formação educacional recebida, mas também não são muitos. Tal como Pais (2005) argumenta, em sua enciclopédia de sociologia, não se pode se agarrar em profecias instaladas nos imaginários, pois elas podem se cumprir por si mesmas, e menciona algumas muito usadas: “falta formação profissional aos jovens!” ou “a escola não prepara adequadamente os jovens para o mercado de trabalho!” (PAIS, 2005, p. 45).

Para esse autor, essa seria uma idéia que imperaria e faria acreditar que os problemas da formação profissional só poderiam ser resolvidos com o ingresso dos jovens no mercado, seria uma profecia e poderia carregar consigo mais profecias “[...] formando-se o tal círculo a que Merton se referia: círculo de profecias encadeadas. À luz desta profecia criam-se enormes obscuridades” (PAIS, idem). Quando se afirma que falta formação profissional aos jovens, ao mesmo tempo, se instala outra profecia: a escola não prepara adequadamente esses jovens. No entanto, isso também não quer dizer que as profecias não se legitimam, pelo contrário, elas se realizam e se cumprem e por isso são perigosas. A saída, segundo o autor, estaria pautada nesta passagem,

Merton mostra-nos que o *teorema*<sup>22</sup> de Thomas Love Peacock permite também quebrar o círculo das profecias que se cumprem por si mesmas. Pondo em dúvida o pressuposto originário que identifica como real uma situação. Através de uma nova definição que contradiga a profecia anunciada. [...] não será que as dificuldades de inserção profissional por parte de alguns jovens traduzem menos uma suposta inadequação da escola ao mercado de trabalho do que um campo privilegiado onde se exerce a seleção social? (PAIS, 2005, p. 45-46).

Não se quer aqui colocar “panos quentes” na educação. Como é sabido, os índices de matrícula nos diversos níveis de ensino sofreram um incremento, conforme já citado, mas existe plena consciência no que diz respeito à qualidade de ensino, que ainda deixa muito a desejar. Outro aspecto a ser considerado, é que a educação se tornou um produto consumível,

A educação do consumidor não é uma ação solitária ou uma realização definitiva. Começa cedo, mas dura o resto da vida. O desenvolvimento das habilidades do consumidor talvez seja o único exemplo bem-sucedido da tal ‘educação continuada’ que teóricos da educação e aqueles que a utilizam na prática defendem atualmente. As instituições responsáveis pela ‘educação vitalícia do consumidor’ são incontáveis e ubíquas [...] (BAUMANN, 2005, p. 72).

Nesta reflexão, o que se quer ponderar é que obstáculos e problemas existem, são

---

<sup>22</sup> As reflexões de Pais sobre as profecias foram influenciadas pelo Teorema de Thomas Love Peacock e expressa a seguinte proposta: “se os indivíduos definem as situações como reais, elas são reais em suas consequências”. (PAIS, 2005, p. 45).

muitos, mas as soluções também, nem sempre estão à vista. Nesse sentido, não é possível desacreditar da educação, pois os jovens, principalmente e especialmente os universitários, mesmos cientes das dificuldades de formação profissional sólida e garantida, bem como dos entraves para a conquista de um trabalho reconhecido, ainda crêem e depositam suas esperanças na educação, utilizam-na como a principal estratégia para conseguir sua inserção no mercado de trabalho, para construção de sua identidade profissional e social.

Aos jovens é inculcada a representação do sistema de ensino como garantia da igualdade de oportunidades. Mas o jogo pode ser viciado, porque os capitais culturais herdados pelos jovens são distintos, fazendo com que uma igualdade de oportunidades nem sempre corresponda a uma igualdade de resultados (PAIS, 2005, p. 27-28).

É preciso sim, resolver os problemas profundamente, mas não a partir das profecias instaladas, como as mencionadas acima, de recursos paliativos que não resolvem os graves problemas como desemprego, da desesperança que vem proveniente da última profecia que está sendo atualmente divulgada: quanto mais qualificação, menos chances de inserção! (esta já se cumpriu, é real? Se for, é necessário quebrá-la!), das expectativas falhas. Portanto, através de soluções reais, que se poderia discorrer aqui, mas prefere-se apontar apenas um lado da ponta do iceberg: o reconhecimento profissional dos docentes, sua identidade profissional, estes que, antes mesmos de serem reconhecidos, necessitam reconhecer a si mesmos como profissionais antes de tudo, para atuarem com competência no que fazem.

Nesse aspecto, resgata-se uma fala de Melucci (2004, p. 67) já referenciada no corpo teórico deste trabalho: “[...] trata-se de responder por e de responder a, de reconhecer aquilo que somos e situar-nos nas relações”. Como bem diz Baumann (2005, p. 59) “A estratégia certa para lidar com um jogador<sup>23</sup> tão evasivo e não confiável é derrotá-lo no seu próprio jogo”. Mas, se alguém quiser olhar a profecia atual que circula por aí e que vive cutucando todo mundo, por outro ângulo, talvez seja relevante destacar as considerações de Beluzzo,

Não adianta ter gente mais ‘empregável’ se a economia não cria novos empregos. Ao contrário do que pretendem os mandamentos e as lengalengas do pensamento único, a maioria (jovens) não é pobre porque não tem boa educação, *mas, na realidade, não consegue boa educação porque é pobre*<sup>24</sup> (BELUZZO, 2002, apud POCHMANN, 2004, p.192).

<sup>23</sup> Baumann, em analogia, menciona que o jogador é a força da sociedade atual, esta por ser “não localizável” na sua atitude “evasiva”, sua “versatilidade”, “volatilidade” e na “imprevisibilidade” de movimentos, desorientam os sujeitos, exercendo seu poder sobre esses, como um ágil ilusionista que foge das “gaiolas” fortes com capacidade desafiante das expectativas e promessas não cumpridas que são expressas objetivamente, ou através de insinuações inventadas. (BAUMANN, 2005, p. 58-59).

<sup>24</sup> Os destaques em itálico na citação de Beluzzo são de Pochmann (2004).

Para milhões de jovens espalhados por essa imensa nação, o trabalho e a educação são condições inerentes à vida deles. Eles necessitam sobreviver, a situação se agrava quando se constata os dados sobre desemprego, subemprego situados na esfera da informalidade a que são submetidos tantos jovens. Só para se ter noção, segundo Branco (2005), 88 milhões de jovens estão desempregados no mundo. Isso representa 47% de jovens desempregados em todo o mundo. Portanto, são jovens que aceitam trabalhar e, por vezes, desistem da escola ou comprometem seu processo de formação educacional, deixando para trás projetos de vida, são os sonhos dissipados, cortados pela raiz e, quando não, trocados pelo prato de comida, mas também como uma forma de se posicionar com dignidade na sociedade, dignos de respeito.

No entanto, a juventude é uma das únicas culturas que se expressa pela resistência nos enfrentamentos de situações conflituosas. Assim, os jovens vão em busca de seus objetivos e constroem suas identidades profissionais no enfrentamento da batalha, na luta que se trava no cotidiano de cada um, de cada eu múltiplo. A saída da escola e o ingresso no mercado de trabalho podem constituir-se num momento de muita importância para a construção dessas identidades, pois é um momento de escolhas. Tanto é que Dubar (2005) se refere, com muita preocupação, sobre os resultados que se originam desse confronto que revela a “identidade profissional para si”, e, mesmo que reconhecida pelo outro, esse que emprega, pode não ser considerada a definitiva porque são marcadas pela incerteza.

É do resultado dessa primeira confrontação que dependerão as modalidades de construção de uma **identidade ‘profissional’ básica** que constitua não somente uma identidade no **trabalho**, mas também e, sobretudo uma projeção de si no futuro, a antecipação de uma trajetória de **emprego** e a elaboração de uma lógica de aprendizagem, ou melhor, de **formação** (DUBAR, 2005, p. 149). (Grifos do autor).

Todavia, ainda, para que os sujeitos possam construir suas identidades profissionais e sociais, necessitam ter experiências nas relações e atividades de trabalho, realizar intervenções nas representações coletivas (DUBAR, 2005). Dessa forma, o espaço do trabalho caracterizado por divergentes experiências, passa a ser considerado um lugar privilegiado para a realização de seus anseios de reconhecimento profissional, portanto social, e dessa forma, [...] a noção de ‘ator de si’ remete, não a um simples papel passageiro em um cenário provisório, mas a um investimento essencial em relações duradouras que colocam em questão o reconhecimento recíproco dos parceiros” (SAINSAULIEU, 1985 apud DUBAR, 2005, p. 151).

Nesse sentido, o resultado de confronto-enfrentamento, a que Dubar e Sainsaulieu se referem, resulta num engajamento, ou não, da identidade do sujeito no trabalho, constituindo-

se numa “transação de poder”, analisadas pelas empresas e consideradas como indicadores das três dimensões constituintes da identidade no trabalho. “O campo de investimento”, que identifica os tipos de investimentos para o acesso ao trabalho: pelo poder, por meio das transações e promoções, pelo modelo de acesso ao poder sem trabalho, através do afastamento, pelo não-acesso ao trabalho por meio da dimensão fusional. “As normas” se referem ao comportamento e variam segundo as classificações de: individualidade pelo afastamento, do acordo comum (unanimismo), solidariedade e rivalidade democrática pelas negociações, do separatismo e pela integração ou submissão. “Os valores” resultantes do trabalho são considerados como: o financeiro, o estatuto, a criatividade, valores que o precedem (SAINSAULIEU, 1985 apud DUBAR, 2005).

Para finalizar, Baumann (2005, p. 55) alerta que “A tarefa de um construtor de identidade é, como diria Lévi-Strauss, a de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisas com o material que se tem à mão [...]”. Nesse sentido, e após essa reflexão, discutir-se-á os processos identitários juvenis com objetivo de aprofundar o estudo sobre a construção das identidades juvenis, um campo minado e repleto de desafios na contemporaneidade.

### **1.3 Jovens construindo identidades num campo minado e repleto de desafios na contemporaneidade**

Exatamente agora todo mundo quer conversar sobre ‘identidade’ [...] a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando algo entendido como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. (MERCER, 1990, APUD, LOPES, 2003, p.15).

As mudanças que ocorrem nos territórios sociais, culturais, econômicos, políticos e informacionais no mundo globalizado se caracterizam pela imprevisibilidade, provisoriedade, impermanência, fluxo contínuo de informações que se transformam e se reformulam em velocidade incalculável. Estas transformações são responsáveis pelo surgimento de novos modos de viver, novos costumes e motivos que levam tantos interessados a discutir o assunto identidade, hoje. O jovem, inserido nesse contexto, apresenta-se como um sujeito com características identitárias fluídas, cambiantes (RAITZ, 2003, p. 39). Nos escritos de Melucci (1997, p. 6-9), percebe-se a relevância que este autor atribui à “categoria tempo” quando trata do assunto juventude, principalmente porque se apresenta “como uma dimensão significativa e contraditória da identidade desses sujeitos”. Portanto, para o autor, compreender como o

tempo está organizado em nossa cultura passa a se constituir um aspecto favorável para o desenvolvimento das investigações.

Assim, para discutir a construção das identidades juvenis, essa dimensão também assume caráter de extrema importância, pois os significados produzidos pelas experiências desses atores, colocam-se atualmente invadidas por transformações sociais e repletas de conflitos, tal qual sugere esse autor quando afirma que, “A juventude que se situa, biológica e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa um ator crucial, interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um de seus dilemas conflituais básicos” (MELUCCI, 1997, p. 7). Este tempo que se manifesta nesta sociedade complexa e, portanto, constituída pelos sistemas de informação em redes de alta densidade, contempla por um lado a autonomia da ação dos sujeitos, mas por outro, controla e regula sistemicamente a produção dos significados da sua ação, isto é, ao mesmo tempo em que é exigido do sujeito mais autonomia de ação e criação que pode ser conquistada através da aprendizagem para saber resolver problemas, a produção dos sentidos e significados dessa ação é auto-regulada e controlada (MELUCCI, 1997).

O autor entende que esse tempo é o tempo das experiências vividas, um tempo de socialização, mas que se configura num processo árduo porque requer do sujeito uma atualização e capacitação constantes, tanto em recursos cognitivos, quanto em cultura e bens materiais. Nesse sentido, esclarece que,

A tarefa não é somente da ordem da dominação da natureza e da transformação de matéria prima em mercadoria, mas sim do desenvolvimento da capacidade reflexiva do eu de produzir informação, comunicação, sociabilidade, com um aumento progressivo na intervenção do sistema na sua própria ação e na maneira de percebê-la e representá-la. Podemos mesmo falar de produção da reprodução (MELUCCI, 1997, p. 5).

É também nesse tempo de incertezas que os processos identitários, que experimentam os jovens, colocam em jogo essas relações do presente que se relaciona com um futuro imediato porque o futuro é hoje e hoje já não há mais tempo a perder. Mas, mesmo assim, os jovens mantêm suas esperanças em relação a um futuro próximo. Esse processo em vivência pelos jovens se desencadeia num tempo preenchido com grandes ansiedades, expectativas, angústias, alegrias, em busca de realizações de projetos de vida. Para Melucci (1997) esses são os tempos interiores e exteriores, marcados pela descontinuidade e multiplicidade nas experiências produzidas pelos sujeitos e que conduz à construção de diversas histórias, ou nenhuma, porque não são marcadas por um tempo final.

Portanto, esses sujeitos inserem-se num movimento que é contínuo, ininterrupto e inconcluso existente na construção em busca do seu “eu” da identidade, num tempo que se

dilui. Este movimento o leva a empenhar-se criticamente num campo de batalha porque desafios e conflitos se situam neste tempo, um tempo presente que contempla desafios como nunca vistos antes, o que pode provocar rompimentos na construção identitária, ou como argumenta Domingues (2006, p76) nesta passagem:

Pero, a la vez – también como nunca antes – como resultado de la globalización económica y cultural y de la expansión de las comunicaciones y sus nuevas formas como Internet, es posible establecer vínculos globales que dan lugar a representaciones simbólicas transnacionales, que contribuyen a conformar una identidad juvenil con muchos rasgos compartidos.

Villela e Silva (2007), em seu artigo intitulado “Dimensões temporais: incidência na saúde e no trabalho dos profissionais”, vêm alertar, tal como Melucci, para a importância do debate em torno da temática “tempo”. As autoras consideram que essa é a categoria chave para a compreensão do processo de construção do conhecimento, bem como é fator que permite o entendimento dos processos da história humana. Nessa perspectiva, para comentar sobre o processo de socialização do sujeito, as autoras empregam a expressão de tempo como “atemporal”, no sentido de que este significa uma forma de adaptação e regulação social, que se caracterizam pela existência de multiplicidade, relatividade e subjetividade nas experiências vividas pelos sujeitos, estes que partilham suas experiências vividas com seus pares e nos modos de ser, significando suas diversas identidades.

Melucci (1997, p. 9) explica que a juventude é um tempo que inicia quando “a adolescência, na qual a infância é deixada para trás e os primeiros passos são dados em direção à fase adulta”, justifica a importância atribuída ao tempo nesta idade da vida. Os jovens são os sujeitos que exercem o papel de ator principal aos olhos da sociedade, são os que mais se destacam, porque são os que mais expõem suas formas de manifestações e que assim se representam com o objetivo de chamar atenção da sociedade em que estão inseridos, tanto a nível global como local. Seus dilemas e conflitos que os fazem geralmente partilhar e compartilhar com outros jovens suas necessidades que se caracterizam em parte por terem traços homogêneos, mas que nas suas especificidades se diferenciam também, porque diferentes são seus interesses e demandas, isto é, os problemas são comuns a nível coletivo, mas diferentes a todos porque aspectos contraditórios se constituem como marca presente nesse processo de mudança social e cultural e principalmente da cultura juvenil.

No entanto, observa-se crescente acentuação da presença de aspectos heterogêneos como elementos constituintes das identidades das juventudes, se forem consideradas questões como acesso aos meios de informação como internet, renda, trabalho e acesso à educação,

entre outros, que delimitam os horizontes juvenis e simultaneamente a construção de identidades. Percebe-se que um jovem dificilmente está sozinho e quando está, pode representar uma atitude de conformismo. A ação coletiva juvenil representa o processo em que os jovens constroem sua identidade coletiva, pois é nesse processo de vivência com o outro par, que permite a construção, (des) construção e reconstrução de si, sempre relacionado aos outros e a sua cultura. Os sujeitos vão tomando suas identificações para si e para os outros, dos traços que o constituem para ir tomando seu lugar no mundo, muito mais para ir se colocando para o mundo, para si e para os outros. No entanto, não se pode considerar que essa construção identitária juvenil ocorra somente através da partilha com outras identidades desse segmento social, pois todas as relações que o sujeito estabelece, contribuem para o jovem significar suas identidades.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida por Raitz (2003) também é referência importante neste estudo porque sua análise se constituiu da investigação da rede de significados dos processos identitários dos jovens egressos da educação profissional da CUT e do SENAI sobre os processos de construção de identidades individuais e coletivas desses jovens, bem como as relações que estes estabelecem com a família, o lugar e o sentido do trabalho, as experiências com o desemprego, os sonhos, a escola e as interfaces com a Educação Profissional. Assim, esta autora, refletindo sobre o pensamento de Melucci, vem contribuir com discussão realizada mais acima sobre a construção identitária do jovem através das relações com seus grupos e outros sujeitos ao considerar que,

As identidades seriam processos relacionais que se formam nas interações sociais, cujos limites de adscrição são estabelecidos com os outros e não apenas através de uma definição grupal compartilhada, pois seus espaços de reconhecimento são múltiplos, neste sentido, há uma diversificação na experiência da juventude (RAITZ, 2003, p. 39).

Dessa forma, o modo como o jovem vai atribuindo significado ao mundo através das relações que constrói com seus pares, vai construindo sua identidade, vai significando sua existência, sua identidade social. Sugere-se que essa construção vai se processando num curso indeterminado no qual vai adicionando uma “bagagem”, pouco a pouco, seja por meio de experiências positivas, ou negativas, mas que na sua totalidade, isto é, na junção delas, origina uma rede que produz significados. Para Melucci (2004) esse processo, que implica sempre em uma continuidade, poderia ser concebido como *identização* e não como identidade. Lopez (2003, p. 251) contribui para complementar essa discussão quando expõe acerca das diversas faces de nossas identidades:

É nesse processo que os fragmentos de diversas faces de nossas identidades vão tomando forma... [...] Reforço, portanto, a compreensão da natureza multifacetada das identidades, pois... [...] também é caracterizada por traços de sua identidade de raça, gênero, religião, sexualidade, idade, classe social, etc. São as diferentes faces do mesmo sujeito em constante processo de transformação.

Observa-se que os jovens se deparam, na maioria das vezes, com a afirmação/negação de suas identidades. Na busca fanática pelo reconhecimento, pela identificação de si, o jovem busca a diferença, a singularidade do seu “eu” não mais como sujeito, que é condicionado ao outro, mas que se constitui num “eu” diferente a partir do outro, um “eu” jovem inédito, porque possui capacidade de auto-criação e recriação, que insiste e persiste em ser aceito, mas que por vezes acaba por não ser reconhecido por muitos segmentos sociais de idades mais avançadas. O jovem então é inserido e insere-se numa batalha identitária, pois nessa etapa em que não é reconhecido, parece que já não reconhece e não necessita de aceitação do “outro” adulto, porque este já não partilha dos mesmos ideais, concepções e intenções juvenis. Dessa forma, pode-se dizer que “A maneira pela qual os conflitos se expressam não é, de qualquer forma, a da ação ‘efetiva’. Desafios manifestam-se através de uma reversão de códigos culturais, tendo então basicamente um ‘caráter formal’” (MELUCCI, 1997, p. 6).

De acordo com Foracchi<sup>25</sup> (1965, APUD, AUGUSTO<sup>26</sup>, 2007), o oposto, o contrário são elementos presentes na discussão em torno das relações entre gerações e se refere especialmente a das estabelecidas entre jovens e adultos, que se constituem como mecanismos contínuos, significando um processo doloroso, árduo, de difícil reversão, mas com possibilidades de transformação. A autora justifica comentando sobre essas diferentes experiências que se opõem entre o adulto e o jovem:

Assim, o primeiro (adulto) é aquele (a) que sabe o que deve ser feito e como deve sê-lo, enquanto o segundo (jovem) aparece como aquele (a) que desconhece os percursos da vida e necessita de orientação. Desse modo, o adulto pode impor e o jovem deve se submeter. Quando comparadas as duas posições, a condição de superioridade do primeiro fica inequívoca (FORACCHI, 1965, APUD, AUGUSTO, 2007, p. 21).

<sup>25</sup> O estudo de Foracchi (1965) se constitui até os dias de hoje numa obra que representa relevante contribuição para o estudo da juventude. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida sobre o papel dos estudantes (como categoria social) na transformação brasileira.

<sup>26</sup> Augusto (2007, p. 11-12), em seu artigo intitulado “Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude”, apresenta as principais considerações desenvolvidas nos estudos de Foracchi (1965) e comenta que esse artigo é dedicado, em homenagem póstuma, à Marialice, bem como se constitui numa retomada da reflexão realizada sobre o tema e a reapropriação “de uma “herança preciosa pelo atual Departamento de Sociologia ( da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP), ao qual pertenceria, não fosse sua morte prematura.

Esse conflito identitário provoca problemas nas relações sociais entre o mundo jovem e o mundo adulto, ocasionando aquilo que se poderia chamar de solapamento de relações sociais, especialmente porque o jovem se lança nessa busca desenfreada por autonomia<sup>27</sup>, de liberdade e liberação, maneira que utilizam para reforçar seus pontos de vista e suas afirmações identitárias. Eles experimentam um processo de transformação e criação contínua, ininterrupta, através de mais e mais ideais que se constroem frequentemente através das contribuições significativas de signos culturais presentes, a exemplo, a música, o ídolo, mas que geralmente se caracterizam como movimentos de contestação contra o poder dominante, e que não deixa também de ser um modo de representar o poder que existe na identidade coletiva da juventude. É nesse sentido que Elias se refere aos problemas existentes entre a vida juvenil e o trabalho adulto, quando afirma que,

Entre a vida nas reservas juvenis e no campo bastante restrito do trabalho adulto, raramente existe uma verdadeira continuidade. Muitas vezes, a transição entre os dois é uma ruptura brusca. Não raro se oferece ao jovem o mais amplo horizonte possível de conhecimentos e desejos, uma visão abrangente da vida durante o seu crescimento; ele vive numa espécie de ilha afortunada de juventude e sonhos que marca um curioso contraste com a vida que o espera como adulto (ELIAS, 1994, p. 33).

Dessa maneira, empenhando-se cada vez mais na luta contra as regras e aprisionamentos sociais previamente construídos e elaborados a partir de visões que racionalizam as pontualidades juvenis e que criam barreiras que implicam no reconhecimento do jovem como um sujeito incompleto, alguém que “vai ser”, o jovem se vê, portanto, alguém que é forte porque tem energia para lutar e persistir na luta, fraco porque não é reconhecido pelas suas necessidades e capacidades. O jovem é alegre e tem esperança porque acredita em seus ideais voltados para a justiça social. Possui sonhos, contempla e acredita na vida, mas tem medo porque é indeciso e preocupado em relação ao seu futuro. Tem motivação, mas nem sempre encontra opção. Não é novidade para ninguém que a sociedade tem dificultado muito a vida dos jovens, o que acaba por dificultar muito a construção de suas identidades.

Ao perceber que não é considerado como sujeito que possui sua marca pessoal, provido de identidade e caracterizado por seus traços homogêneos e heterogêneos, expressa resistência a toda e qualquer imposição externa. Os traços homogêneos dizem respeito à

---

<sup>27</sup> Pimenta (2007), ao comentar os estudos desenvolvidos por Ramos (2002), argumenta que esta desenvolve o conceito de autonomia juvenil pela capacidade de julgamento que o jovem tem sobre si mesmo, bem como, a capacidade de reorganizar seus métodos de acordo com os seus objetivos, numa atitude reflexiva, indicando que tem domínio de poder sobre si.

identificação do jovem com sua cultura, seus grupos, formando uma cultura comum, jovem. Sua coletividade identitária expressada nos gostos pela música, pela maneira de vestir e falar, pelos locais de encontro, etc.

Como pondera Melucci (1997, p.9): “Estilos de roupas, gêneros musicais, participação em grupos, funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para outros”. É também através destas manifestações culturais que o jovem constrói e reconstrói sua identidade coletiva, e que quase sempre causa sentimentos que se opõem como admiração e rejeição. Os traços heterogêneos consistem no reconhecimento, na aceitação do grupo com a diferença do “eu” e deste com o grupo, resultando num consenso partilhado, uma heterogeneidade singular onde possui e exhibe sua identificação através da criação de espaços próprios de atuação, manifestando as identidades coletivas e simultaneamente afirmando a identidade individual.

No entanto, quando o jovem vê sua identidade ameaçada por grupos que rejeitam e lutam contra o atrevimento que desperta, normalmente rompe definitivamente com os aspectos estabelecidos em nome dos ideais em que acredita em nome da sua identidade, revolta-se contra normas de controle impostas a posicionamentos morais forçados pelo outro, estas que se instalam com intuito de vigiar, negar e ignorar esse sujeito social, o que configura na forma de reforçar valores e de se construir e manter relações de identidade e oposição. Diante dessa situação de oposição pautada em concepções enraizadas e naturalizadas em nossa sociedade<sup>28</sup>, o jovem então, posiciona-se contra esse modelo cristalizado que implica a falta de reconhecimento de si pelo outro, adulto, e passa a ser visto como um problema social e a juventude como uma cultura rebelde sempre relacionada a todos os tipos de comportamentos revoltantes, réu eternamente condenado nos cenários sociais (ABRAMO, 1997).

No entanto, é preciso considerar que não podemos generalizar esses comportamentos, até mesmo porque o adulto, que se faz na figura do pai, mãe e outros familiares constituem hábitos de convivência que têm uma importância muito significativa na constituição da identidade do jovem porque as experiências com os familiares formam,

[...] a principal característica dessa dimensão das relações entre pais e filhos que é a convivência, os momentos de agregação dos diferentes participantes em que o grupo se afirma como unidade, e a presença ao ‘nós’ é validada entre os próprios membros. [...] esse aspecto é muito importante para a constituição da identidade autônoma do

---

<sup>28</sup> Segundo Melucci (1997) pode-se conceituar sociedade não como um campo constituído pelo domínio e que exerce poder através de regras culturais que servem para determinar a vida dos sujeitos, mas como um campo repleto de conflitos que se significam pela oposição existente entre as culturas.

indivíduo jovem, uma vez que é no decorrer da convivência que as transformações das regras são negociadas, o que permite aos jovens, tanto quanto aos pais, acomodar as mudanças inerentes ao amadurecimento e às necessidades de adaptação do grupo familiar (RAMOS, 2002, APUD, PIMENTA, 2007, p. 400).

Esses comentários se justificam porque estão nas análises de várias pesquisas que foram desenvolvidas especialmente nesta década. Essas pesquisas, inclusive a realizada (por nós) na Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, mostram que, apesar de a família não constituir mais centralidade como núcleo de socialização, esta foi apontada como o fator de maior importância na vida dos jovens, porque representa um eixo de referência, a base em que os jovens encontram apoio para a resolução e negociação dos conflitos. (PETTERS, 2007).<sup>29</sup>

O jovem continua, como nunca, assumindo papel de protagonista, ocupando os cenários da mídia, principalmente. Aparece, num primeiro momento, como modelo cobiçado e porque não dizer invejado (quem não gostaria de ser jovem e retirar da face e do corpo as marcas produzidas pelo tempo?) pela sua juvenilidade, cujas características se definem como um sujeito com disposição, força, ímpeto, coragem, vigor, “cheio de vida”, etc. Tal como o trecho da música que diz: “sete vidas tenho para viver, sete chances tenho para vencer...”. Num segundo momento, como uma geração pautada pela violência de suas expressões, no envolvimento com questões ilícitas (quando se fala em droga, o jovem sempre surge como o grande vilão, como se adultos não as utilizassem também!) e é apontado como o causador da desordem social, em especial, quando se trata de jovens pertencentes às camadas mais populares.

É nesse sentido que a construção da identidade juvenil se torna dilemática (MELUCCI, 2004), causando danos à sua identificação. Não podemos negar que os jovens brasileiros têm sido atingidos, de forma direta, pelo uso de drogas lícitas e ilícitas, causa maior das ocorrências de morte. Isto se deve também à ausência de uma política pública que se comprometa verdadeiramente com esse segmento da sociedade. Segundo resultados do Projeto Juventude, já especificado no início deste trabalho, referente ao uso e consumo de drogas pelos jovens, publicados no livro “Retratos da juventude brasileira”, (ABRAMO, BRANCO, Orgs.) no ano de 2005, no capítulo intitulado “jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem”, comenta-se que, no Brasil, o álcool ingerido por jovens não dependentes é o motivo principal das mortes, doenças e problemas relacionados às

---

<sup>29</sup> O projeto intitulado “Juventude, Trabalho e Educação: um estudo com jovens do Ensino Médio noturno no município de Penha/SC, foi desenvolvido no Mestrado em Educação com apoio da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, através do Programa Integrado de Pós-Graduação e Graduação – PIPG – sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Tânia Regina Raitz e com a colaboração da bolsista e acadêmica do curso de Pedagogia Rosemeri Terezinha Censi Martins.

deficiências físicas e que os adultos fumantes de hoje foram os jovens fumantes de ontem.

Dados da UNICEF divulgam que este país detém um dos maiores índices de assassinatos de jovens de baixa renda, com aproximadamente 20 anos, se relacionado à quantidade de habitantes. Esses dados, muitas vezes, são utilizados para o sensacionalismo midiático, como forma de atração do público. Assim, Marlatt (2005, p. 324) enfatiza que “é fácil presumir que essa criminalidade relaciona-se com a carência de oportunidades de integração socioeconômica e político-cultural para a juventude”. Convém ressaltar um outro trecho importante da fala dessa autora, quando se refere às grandes ansiedades, esperanças, expectativas depositadas na juventude fora de um contexto atual: “Muitas vezes os pesquisadores e as lideranças investem na juventude expectativas de mudanças extraídas de outros contextos, que não condizem com a trajetória histórico –cultural do país nem com os incentivos e condições abertos à sua participação” (MARLATT, 2005, p.idem).

Mas, na realidade, os sujeitos identificados como jovens são as principais vítimas, que por viverem situações de conflitos, são reconhecidos apenas pela negatividade, de modo a terem suas imagens projetadas sob a marca do preconceito e da discriminação. As visões estereotipadas do senso comum e do poder público dificultam a construção da identidade juvenil, desestimulam a multiplicidade de expressões e, por conseguinte, de suas identidades. É nesse aspecto que Abramo (1997) aborda que a juventude, que aparece como um problema social, uma fase difícil, perturbadora e turbulenta da vida, em função dos sentimentos que desencadeia: transgressão, rebeldia necessita, portanto, do amparo dos adultos. Aqui, acrescentar-se-ia que o jovem necessita, antes de tudo, ser ouvido, ser consultado acerca de suas principais preocupações, necessidades e demandas, para que possa assumir seu papel como protagonista na construção e reconstrução de suas identidades, exercendo a capacidade e potencial que possui na transformação dos cenários e na criação do inédito.

Mas, tal como Dayrel e Gomes abordam em seu texto “A juventude no Brasil”<sup>30</sup>, que aqui neste país, o jovem nunca é levado a sério, é encarado como um sujeito que passa por uma fase de transitoriedade, esta que se manifesta por uma negatividade. Scheinvar e Carrano (2005) também comentam sobre esse dilema juvenil. Segundo esses autores, são concepções instaladas dentro de modelos institucionalizados e universais que não abrem espaços para novas práticas, para oportunidades e possibilidades:

---

<sup>30</sup> Este texto está publicado na home page da Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Educação, núcleo Observatório da Juventude. O texto de autoria de Dayrel e Gomes não traz referência quanto ao ano de publicação e não contém números de páginas.

Con este movimiento, cuando la expresión juvenil no corresponde a los modelos hegemónicos, cuando extrapola los límites dominantes producidos y considerados popularmente como los correctos, expresiones como “insurgencia”, “transgresión”, “falta de límites”, “perversión” ocupan los discursos y las miradas hacia los jóvenes. Es obvio que el énfasis de tales situaciones se da en relación con la población que tiene menos recursos materiales para vivir (o intentar hacerlo) en las condiciones declaradas como “adecuadas”, “saludables”, “correctas”, “regulares” o “normales”. (SCHEINVAR; CARRANO, 2005, p. 8)

Nesse aspecto a barreira se amplia para o jovem porque este não encontra espaços para suas falas e ações, como também não recebe amparo que necessita para orientar-se, o que o leva, muitas vezes, a lançar mão de comportamentos e artifícios sociais arriscados e perigosos para se fazer notar, para pedir que os escute porque tem muito a dizer, a revelar, a contribuir e a questionar. Mas, sabe-se que esses posicionamentos juvenis arriscados, perigosos e incompreendidos podem levar à conseqüências extremas de vida e morte na tentativa de afirmar-se como um sujeito que possui identidade, que “é” um ser que tem escolhas e que reclama as faltas que sente. Conforme Melucci ( 2004, p. 63) “Esse jogo tão arriscado e tão aberto não tem garantias de sucesso – pode ter êxito ou pode falhar – e expõe-nos permanentemente à ameaça de nos perdermos”.

Dessa forma, a insistência de reconhecimento de suas identidades pode levar o jovem a se impor desafios extremos e contínuos e que, algumas vezes por motivo de rendição, de não resistência aos desafios, estes se transformam em barreiras, por vezes intransponíveis, e ameaças já comentadas neste texto. São desafios juvenis que não se esgotam, não se realizam por não conseguirem êxito durante esta etapa da vida e invadem o mundo adulto. Esse processo é que dificulta e limita a construção de identidades porque impede que o jovem se posicione no seu meio como alguém que seja quem quer realmente ser. Todavia, La Mendola (2005), em seu artigo intitulado “O sentido do risco” comenta que a concepção que se tem sobre a sociedade atual é que esta é marcada pelo risco representado pela negatividade. Nesse sentido, este autor adverte que essa não seria a melhor forma de a sociedade ser conceituada, pois é necessário que se pense que o risco, o perigo são próprios da condição do sujeito individual e social e presentes entre as ações dos sujeitos que têm como objetivo atingir metas internas ou externas.

É interessante observar, portanto, como os *mass media* apresentam comportamentos “perigosos” praticados pelos jovens, assumindo o papel de intérpretes do alarme da opinião pública e tornando-se os construtores dessa ansiedade coletiva. Descobre-se, assim, que alguns comportamentos são considerados paradigmáticos para a população juvenil, a ponto de transformar os protagonistas desses atos em jovens, mesmo quando não o são. [...] Trata-se, em realidade, de encontrar uma forma de legitimar a importância do arriscar-se, sabendo, contudo, que essa disposição, bem

como o resultado dos comportamentos, em termos de sucesso ou fracasso, depende igualmente das “redes de proteção” que se estendem sob quem aceita o risco. Podemos também acrescentar que a presença de tais redes é particularmente importante nas fases da vida nas quais se forma a identidade (LA MENDOLA, 2005, p. 61).

Segundo Raitz (2003), a identidade juvenil individual ou coletiva se caracteriza por ser um processo não determinado pela idade biológica, mas por um processo de contínua transformação e que não se encerra pelas experiências, pelo contrário, vai além dessas. Seria, então, construída, segundo Melluci (2004), a partir do modo como o sujeito se posiciona no mundo e pela capacidade de interferência deste sobre seu “eu” para (re) significar-se a partir das relações e das negociações que estabelece com o sistema em que está inserido. Portanto, esse processo de reestruturação do eu ocasiona a permanência e o “eu múltiplo” que varia no tempo e que se transforma, pela rapidez das mudanças, promovendo uma espécie de bloqueio nas continuidades identitárias, principalmente pelo paradoxo existente em relação à incerteza da escolha identitária.

Nesse sentido, o não reconhecimento do jovem, pelo adulto, gera turbulências, provoca atritos identitários que impossibilitam o jovem de construir suas (re) significações sobre os seus “eus”, seu estar no mundo, com o mundo. Modos de repressão juvenil que geralmente podem também ser caracterizados historicamente, culturalmente, principalmente nas revisitas aos movimentos sociais do século XX. As turbulências e até ousa-se dizer que essas “tormentosas” relações que se estabelecem entre juventude e mundo adulto, hoje têm como principal característica a repressão silenciosa que aparece na falta de credibilidade, oportunidades de inserção social e ocultação das identidades dos jovens. Estes, que inseridos num contexto social globalizado e regido pela política neoliberal, a qual se destaca pela manipulação de consciências, são atingidos por todas as formas de punições e repressões identitárias. Marllat (2005, p. 335), ao citar Baño, comenta que essa é a “síndrome do apoliticismo de massas contemporâneo que emerge com o neoliberalismo [...]”. Nesta passagem da autora fica mais claro essa compreensão:

As atitudes apolíticas atuais se nucleiam em uma ‘síndrome do homem massa’, o qual, segundo Baño, ostenta ‘uma pretensão contraditória de individualidade sem referente social e uma identificação com os demais sem diferenciação crítica’. Por exemplo: o homem-massa pensa que ‘é como todo mundo’, mas também ‘não quer saber dos demais, pois acha que ‘só depende de si mesmo’. Sua expressão típica é: ‘Não quero saber de política, pois quando não trabalho, não como’. (BAÑO, 1997, APUD MARLLAT, 2005, p. 335).

Mesmo que essas ações sejam geradas nos atos de exclusão e marginalização dos

sujeitos, misturados às exigências de imposição, silêncio, na omissão, negação e ocultação das identidades juvenis, considera-se que há um empenho crescente de esforços empreendidos por vários segmentos sociais atuais que buscam, sem cansaço, melhores posicionamentos sociais para a juventude no mundo atual, para que possam empenhar-se na criação e recriação dos seus processos de identização.

## 1.4 Revisão de Literatura

### 1.4.1 Estudantes Universitários

No Brasil, os estudos que investigam a juventude relacionada à educação superior trazem como sujeitos de pesquisa os jovens universitários, abrangem os anos entre 1980 a 1998 e concentram-se no Estado do Conhecimento<sup>31</sup> intitulado “Juventude e Escolarização”, no item específico denominado estudantes universitários. Essa produção discente da pós-graduação reúne 54 estudos distribuídos entre 14 teses e 40 dissertações, as quais foram analisadas por Carrano (2000)<sup>32</sup> e vêm apontar os interesses e avanços das pesquisas e as lacunas deixadas pelos pesquisadores que concentraram suas pesquisas nessa temática.

A partir da constatação da grande heterogeneidade de objetivos lançados nessa produção, também apresentam heterogeneidade nas problemáticas. Carrano (2000) divide todos os 54 estudos em três subtemas. O primeiro deles é intitulado “o efeito da expansão” que privilegia o estudo das opiniões, interesses e experiências dos estudantes universitários, bem como integra estudos sobre os alunos estudantes e trabalhadores que frequentam o ensino fundamental e médio contando com 24 trabalhos realizados e analisados nesse período. **A problemática 1**, que norteia esse subtema, investiga **o aluno trabalhador e o ensino noturno** na tentativa de compreender os efeitos das desigualdades educacionais na sociedade brasileira. Uma discussão mais aprofundada sobre essa questão será apresentada posteriormente neste trabalho que trará como referência uma análise contida no texto “Jovens, mundo do trabalho e escola”, outro item de análises e reflexões realizadas no Estado do

---

<sup>31</sup> O Estado do Conhecimento “Juventude e Escolarização”, coordenado por Marília Pontes Spósito (2000) reúne as considerações sobre o conhecimento realizado na área da juventude brasileira.

<sup>32</sup> Carrano (2000) realizou a revisão bibliográfica na temática “Estudantes Universitários”, inserida no Estado do conhecimento coordenado por Marília Pontes Spósito. Portanto, todas as dissertações e teses referenciadas nesta parte do trabalho estão contempladas no item “Estudantes Universitários” analisado por Carrano. Este autor é Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Conhecimento por Corrochano e Nakano<sup>33</sup>.

No entanto, antes de dar prosseguimento à análise, torna-se relevante mencionar uma observação feita por Fávero (1996 apud CARRANO 2000), a respeito das críticas que a pesquisa educacional brasileira tem recebido pela escassez de persistência, de orientadores e de programas em certos campos de pesquisa e conhecimento. Em retorno ao debate acerca da problemática 1, Carrano (2000) analisa esse bloco de estudos diferenciando-os pela problemática que abordam. Assim, seis trabalhos realizados trazem como problema de pesquisa, questões sobre a vivência de estudantes no ensino noturno<sup>34</sup>, seguindo-se de mais três trabalhos que abordam a problemática do trabalhador-estudante<sup>35</sup>. A maioria dos estudos que compõem este bloco realizou-se em instituições educacionais particulares devido à expansão de ofertas de cursos noturnos na década de 70.

Para tanto, convém comentar sobre os problemas investigados nesses trabalhos, os quais se diferenciam apenas pelas preocupações nos seus objetivos. O trabalho de Carvalho (1987), verifica a estrutura de funcionamento de ensino em uma instituição no Rio de Janeiro. Já, a tese de Abramowicz, (1990) também realizada numa instituição particular no Rio de Janeiro, objetiva saber como é percebido o processo de avaliação da aprendizagem pelos trabalhadores/estudantes, que ocupam lugar como categoria central na investigação, o que denota uma preocupação da categoria trabalho para além do aluno/estudante.

Paiva (1994) busca investigar as representações sociais dos alunos e professores no ensino noturno da Fundação de Ensino Superior de São João Del Rei. A condição, como alunas-trabalhadoras do Curso de Pedagogia da UEMG, foi a preocupação da investigação de Ribeiro (1997). Uma observação importante a respeito desse estudo, e apontada por Carrano, (2000) refere-se a este como o único existente na base de dados que investiga o jovem universitário, relacionado diretamente às relações de gênero, que investiga a presença da mulher trabalhadora no ensino superior.

Furlani (1997), por sua vez, entrevistou alunos de três universidades santistas, na perspectiva de conhecer o aluno como sujeito, proporcionando uma abertura para as dimensões da difícil vida dos sujeitos, o que nomeou de “recuperação das diversas tramas que compõem suas vivências”. Em sua tese, objetiva conhecer os alunos do ensino superior noturno, as características desses e o sentido que eles atribuem ao itinerário escolar,

---

<sup>33</sup> Corrochano e Nakano (2000) realizaram a revisão bibliográfica na temática “Jovens, Mundo do Trabalho e Escola”, incluída no Estado do conhecimento “Juventude e Escolarização”, coordenado por Marília Pontes Spósito. Corrochano e Nakano, até o momento da revisão bibliográfica, eram alunas do Doutorado da USP.

<sup>34</sup> Furlani (1997), Carvalho (1987), Abramowicz (1990), Ribeiro (1997), Cardoso (1994) e Paiva (1994).

<sup>35</sup> Villanova (1995), Tapia (1993) e Alves (1984).

universitário e profissional depois do curso.

Tapia (1993) e Villanova (1995) objetivam investigar a (des)conexão entre trabalho e educação. O primeiro pesquisador busca questionar as inadequações da atividade educativa na Faculdade de Enfermagem da PUCCAMP, e vem denunciar os mecanismos pedagógicos e institucionais que proporcionam a “divisão social do trabalho na sociedade capitalista”. O segundo pesquisador analisa as questões relacionadas com o ciclo de vida dos estudantes, a partir de elementos que busca no ambiente de trabalho desses jovens estudantes, os estágios realizados por esses universitários na Administração Pública Estadual do Rio Grande do Sul.

O objetivo principal é entender o processo de socialização dos 18 jovens estagiários, na faixa etária entre 19 e 30 anos, no mundo do trabalho e que não foi centrada numa faixa etária juvenil definida, mas adotada a partir dos sujeitos que a pesquisadora encontrou nas instituições em que realizou a pesquisa.

A hipótese que norteia a investigação de Villanova (1995) é que as vagas oferecidas pelos órgãos governamentais aos estudantes de ensino médio e ensino superior, representam uma maneira de “inserir” os jovens no mercado, portanto, não se constituem como um meio de “preparação” para o mundo do trabalho. Nesse sentido, foi através das representações exteriorizadas pelos estagiários, na condição de trabalhadores, que essa pesquisadora se preocupou em revelar os sinais da ideologia dominante, inerente à lógica da racionalidade instrumental e estratégica.

Nesse sentido, a pesquisa demonstra uma preocupação central com a presença da ideologia da racionalidade instrumental do trabalho sobre os jovens, que direciona para a construção do consentimento, como exigência para a idade adulta existente e sustentado no tipo de remuneração, ou seja, a bolsa-auxílio, mecanismo que, segundo a autora, consiste em denominação sutil, caracterizando o estágio como uma forma de repressão e de demanda dócil, saudável e qualificada. Portanto, é nesse processo de investigação que Villanova escreve a construção das identidades, através da entrada do jovem no mundo adulto, mediada pelo exercício profissional.

A investigação de Alves (1984) aborda as características que diferenciam os estudantes dos cursos diurnos e noturnos do ciclo básico da PUC-SP. Esse estudo foca o aspecto econômico e a origem social como determinantes das condições objetivas antes e durante o curso. Portanto, o período do curso escolhido seria determinado por aspectos que antecedem a entrada na universidade. A abordagem metodológica qualitativa é privilegiada nas pesquisas de Carvalho (1987), Paiva (1994), Villanova (1995) e Ribeiro (1997). As pesquisas de Alves (1984), Abramowicz (1990), Tapia (1993), Cardoso (1994) e Furlani

(1997) utilizam abordagem metodológica quantitativa nos seus estudos. No entanto, o referencial teórico, que embasa sete dos nove trabalhos, concentra-se na sociologia. Diferentemente de Cardoso(1994), que desenvolve seu estudo no campo político e Abramowicz (1990), que se orienta no campo da psicologia.

As conclusões presentes nesses estudos, que abordam a problemática dos estudantes do ensino noturno, apontam as dificuldades que os jovens enfrentam para conciliar estudo e trabalho. Grande número de instituições particulares de ensino superior promoveu a possibilidade de acesso das classes populares, nesse nível educacional, permitindo o afastamento desses alunos de atividades profissionais como a exercida pelos seus pais e, portanto, pouco qualificadas, proporcionando uma redefinição na construção da identidade desses estudantes. No entanto, a expansão do ensino superior noturno particular se deu através de uma pré-seleção econômica com alunos de maior poder aquisitivo e matriculados em cursos públicos. Os cursos particulares não conseguiram atender as características legais, bem como as expectativas e necessidades dos alunos que frequentam o turno noturno. Nesse sentido, os estudos realizados por esse conjunto de pesquisadores apontam também, como características da educação superior noturna privada, a fragmentação, a desqualificação e o aligeiramento existentes nessas instituições, que, apesar de possibilitarem a conciliação do tempo para quem trabalha e estuda, deixam de promover a relação teórica entre ensino e trabalho.

A **problemática 2**, analisada por Carrano (2000), aborda como temática principal o **ingresso no ensino superior** e compõe um conjunto de quatro estudos que concentram suas problemáticas na seletividade de ingresso de estudantes no ensino superior e questionam se os concursos vestibulares seriam uma das formas mais significativas de elitização do acesso ao sistema universitário. Para tanto, o estudo de Claro (1983) analisa os fatores internos e externos responsáveis pela seletividade no ingresso no sistema universitário em geral, considerando a permanência neste nível de ensino sem experiência empírica, o que tornou o objeto difuso. Moraes (1998) lança sua hipótese afirmando que o acesso ao ensino superior se dá em função da influência da situação de classe das pessoas e/ou grupos. Através dos dados socioculturais dos inscritos no vestibular da UFPB, no ano de 1981, essa pesquisadora verificou a persistência da seletividade no acesso ao ensino superior. Apesar da expansão e modificação do perfil social do aluno, a seletividade existe pela desigualdade do nível econômico dos vestibulandos. Portanto, a problematização do estudo se dá em função do fenômeno da democratização do ensino superior, suas limitações e diferenças entre expandir e democratizar, e identifica mecanismos de discriminação social existentes nos cursos e carreiras.

O perfil dos candidatos matriculados nos vestibulares da Unesp em 1983, é motivo de preocupação na dissertação de Santos (1996). Sua análise principal decorre da elitização da universidade pública brasileira através dos vestibulares, de modo que investiga os dados do perfil sócio-econômico dos vestibulandos da Unesp, do campus de Marília e Araçatuba. Como resultado, o estudo mostra que a escassez de alunos das classes populares no ensino superior público não se deve apenas ao concurso vestibular, desmistificando que somente jovens de classes mais privilegiadas é que têm acesso aos cursos dessas instituições de ensino.

Moreira (1997) examina a difícil conciliação entre objetivos de qualidade, valorização e democratização no acesso ao ensino superior brasileiro. Para tanto, investigou concursos vestibulares da UFBA de 1990 a 1993. Essa pesquisadora apontou a relação entre exigência de aptidão, limite de vagas e avaliação de conteúdos do currículo do ensino médio, que são conflitos que emergem no vestibular. O número limitado de vagas nas instituições públicas é relacionado às questões de valorização de disciplina e ao controle da oferta de profissionais no mercado. Portanto, a necessidade de relacionar democratização e qualidade, em meio a anseios populares por vagas, as provas de vestibular passaram a avaliar as aptidões dos alunos de acordo com os cursos que iriam freqüentar na educação superior. Como resultados, os estudos desses pesquisadores consideram:

- a elitização assimétrica para ingresso nas instituições públicas de ensino superior;
- mudança na composição social em algumas universidades e cursos com a presença de alunos de classes inferiores;
- relação entre número de vagas para instituições públicas e valorização de algumas carreiras e controle de profissionais no mercado;
- contradição existente entre expansão e qualidade da formação;
- a qualidade dos que ingressam nos cursos menos prestigiados pelo mercado são expressos pelas licenciaturas.

Portanto, segundo Carrano (2000), são perceptíveis, nesses estudos, que os concursos vestibulares não são os únicos “filtros” que compõem a seletividade nesse processo de acesso ao ensino superior, mas que essa seletividade é resultante de muitas variáveis.

A evasão, no ensino superior, constitui a **problemática 3** desta revisão elaborada por Carrano (2000) e concentra estudos que analisam as variáveis que promovem a evasão escolar relacionados aos realizados com aspectos sócio-econômicos dos estudantes que necessitam trabalhar e estudar, especialmente em se tratando das universidades particulares, que se apresentam inadequadas em relação à organização dos cursos e estrutura institucional.

Nessa perspectiva, o estudo de Martins (1984), pesquisa as variáveis relativas à evasão

escolar na UFSCar: aspectos sociais, preparação dos candidatos ao vestibular para escolha profissional e o trabalho desenvolvido pela UFSCar. Sugere como proposta, medidas com intenção de neutralizar essas variáveis e minimizar os efeitos do fenômeno. Para tanto, utiliza questionários para investigar os seguintes fatores pessoais: nível sócio-econômico, interferência da família, dificuldades financeiras, expectativas de status de carreira e mercado de trabalho e informações facilitadoras da escolha profissional e o trabalho da instituição. Como resultados, Martins apresenta que a causa da evasão escolar dos alunos não se deve em função do fator sócio-econômico, mas por desencanto dos estudantes com o curso escolhido, por estes não receberem orientação vocacional no Ensino Médio e também pela não identificação desses jovens com a universidade.

A pesquisa de Maia (1984) investiga a evasão dos alunos dos cursos de graduação da UFPb durante os anos de 1975 e 1980. Para tanto, o critério adotado para a realização da pesquisa se baseou no regimento geral dessa instituição, que considera evadido todo estudante que, durante seis meses consecutivos, não efetua sua matrícula. Os resultados apontam que a evasão escolar se deve à falta de motivação, a problemas de ordem pessoal e também por motivo de casamento, além de constatar a inadequação nos documentos de matrícula, o que leva à dificuldade no acompanhamento dos alunos nos cursos desta universidade.

Armbust (1995) realiza seu estudo com os estudantes de enfermagem da PUCCAMP nos anos de 1990 e 1991, por meio do acompanhamento de suas trajetórias escolares e busca investigar fatores extra e intra-institucionais que determinam evasão nessa instituição. Aponta a presença de aspectos internos que poderiam ser resolvidos para diminuir o índice de evasão, uma vez que esta se dá em função do aumento das mensalidades e outros aspectos relativos ao curso e organização do mesmo. Todos esses motivos causam a desmotivação. Sugere-se que o não reconhecimento da identidade profissional do enfermeiro é também uma das causas da evasão.

O curso de Física da USP é investigado por Fusinato (1996) em 1991 e busca as razões da evasão dos estudantes desse curso nos três primeiros semestres letivos. Portanto, a preocupação central do estudo em questão é perceber as inadequações do processo ensino-aprendizagem das disciplinas que, no curso básico, são responsáveis por reprovações. Os resultados do estudo apontam para a existência de vários motivos que ocasionam a evasão, no aspecto pessoal e institucional. Todavia, faz uma observação quanto à relação existente entre evasão e dificuldades de aprendizagem nas disciplinas, as quais apresentam índice importante de reprovação, chegando quase a 70 % de alunos reprovados motivados pela ineficiente formação destes no ensino básico.

O estudo-analítico de Gomes (1998) sobre a evasão escolar no ensino superior se propõe investigar os cursos de licenciatura e realiza uma análise, relacionando os dados estatísticos sobre a evasão na educação superior do Brasil, com os dados da UNESP e a Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente. Kira (1998), que realiza sua investigação no Curso de Pedagogia da UEM (Universidade Estadual de Maringá) entre os anos de 1992 a 1996, procura identificar as causas da evasão por meio de entrevistas com oito ex-alunas do curso. Como conclusão, aponta que, dentre os vários motivos que provocam a evasão, está o próprio curso e a docência que deixa de atingir as expectativas dos estudantes, em função da necessidade de dedicação ao trabalho.

Trajetórias de estudantes universitários compõem a **problemática 4** dos estudos que desenvolveram pesquisas nessa perspectiva, compondo o conjunto de três estudos analisados por Carrano (2000). A primeira análise é a pesquisa de Santos (1997), que se propõe a investigar a vida acadêmica de dez alunos de diferentes cursos da UFPA, acompanhando desde o ingresso desses pelo vestibular, permanência e término do curso. Argumenta que as situações de ingresso no curso superior e as situações cotidianas em sala de aula são fatores que promovem oportunidades, mas que também são excludentes. A autora nomeia essas situações de “rituais acadêmicos”, pelo aparecimento de focos de resistências que compõem as metamorfoses relatadas pelos estudantes, resultando em “ecos estudantis” em forma de memorial acadêmico oralizado.

Portes (1993) e Viana (1998) inovam na construção de seu objeto de pesquisa investigando a trajetória do estudante de classe popular de maneira inovadora, através da problemática sobre as estratégias utilizadas por esses jovens estudantes para a prolongação dos estudos, portanto, elegem a pesquisa sobre trajetória escolar, que seria uma sugestão para novos estudos sobre jovens universitários. Portes (1993) adota como aporte metodológico as pesquisas qualitativa (entrevistas e análise dos históricos escolares) e quantitativa (dados sobre o ingresso e evasão no ensino superior).

A análise se fundamenta na trajetória escolar e se apóia em Bordieu. Esse estudo apresenta como resultado de pesquisa a irregularidade nas trajetórias escolares, divididas em duas etapas pelo pesquisador: a formação do pré-escolar até o ensino médio e o ensino universitário dos sujeitos pesquisados. Estas são caracterizadas, na primeira etapa, pelo bom desempenho do aluno e pelo término desse nível escolar na idade considerada normal. Na segunda etapa já aparecem os problemas, caracterizados pelo trabalho necessário e pela péssima qualidade da formação no ensino anterior.

Portanto, a irregularidade na trajetória dos jovens pesquisados foi ocasionada,

principalmente, pelos seguintes motivos: rotatividade institucional, trabalho e dificuldade de transposição do vestibular. As estratégias que os jovens universitários utilizaram para dar prosseguimento aos seus estudos foram apontadas pela adaptação destes às normas e exigências institucionais, à aquisição de bolsas de estudos e descontos nas mensalidades (instituições particulares), à conquista da independência financeira através do trabalho e à migração de jovens do interior para a capital.

Viana (1998) realiza um estudo de caso com seis universitários das classes populares e, utilizando entrevistas semi-estruturadas, busca a recuperação das trajetórias escolares desses jovens. Utiliza também, os questionários elaborados pelas comissões de vestibulares e trata da longevidade escolar, reunindo as dimensões extra-institucionais. Esse autor faz apontamentos sobre as interfaces entre as dimensões familiares, as da universidade e as da categoria, que nomeia como filho-aluno e a escola.

Conforme Carrano (2000), que realiza toda a análise sobre esses estudos até aqui apresentados, o trabalho de Viana (1998) se destaca de todos os outros por evidenciar o movimento de recuperação das configurações familiares dos jovens estudantes universitários. Estas são assim representadas pelos significados da escola e acesso à universidade para os pais e alunos, condutas dos alunos-filhos em relação ao tempo, percursos escolares, mobilização escolar e a influência de grupos externos na família como possibilidade para dar continuidade à escolarização. Os resultados revelam a heterogeneidade existente nas trajetórias escolares de sucesso e marca a entrada na universidade de forma processual, de acordo com o avanço escolar, considerando os objetivos provenientes da classe social dos pesquisados. As possibilidades de sucesso e exclusão desses jovens aparecem em diferentes momentos da pesquisa. Dessa forma, este estudo sinaliza e abre caminhos para outros estudos, com base na recuperação dos fragmentos das relações entre nível de ensino no Brasil, no sentido de investigar os trajetos dos jovens acidentados, dos jovens que não conseguiram espaço de inserção social educacional e daqueles que conseguiram, mas que trazem o peso e a marca das barreiras materiais e sociais enfrentadas.

As **opiniões, interesses e experiências** de jovens estudantes universitários compõem o segundo subtema da análise de Carrano (2000), que abrange um total de 22 estudos, os quais se propõem a ouvir ou dar voz aos alunos em busca da avaliação institucional universitária. Carrano salienta que muitas pesquisas baseiam-se apenas em opiniões dos sujeitos de pesquisa e deixam de apresentar variáveis importantes que possam vir a confirmar ou contestar as representações desses sujeitos. Há predomínio dessas pesquisas sobre opiniões nos anos de 1985 a 1989 e a partir deste período, os objetos de pesquisa se direcionam mais

em investigar os sentidos que os jovens atribuem ao cotidiano educacional.

Dez estudos pesquisam as opiniões de alunos sobre os cursos de graduação, compondo a **problemática 1** desse subtema. Matos (1986) pesquisou a percepção dos alunos egressos do curso de Educação Física da UFRJ, no sentido de investigar a validade e a contribuição das disciplinas nas dimensões técnica, humana e contextual no processo educativo, considerando também aspectos gerais da estrutura de formação pedagógica. O trabalho de Magalhães (1991) objetiva investigar as opiniões sobre a formação profissional do enfermeiro no ensino superior. Silva (1987) também pesquisou as representações sobre o ensino e a prática profissional do enfermeiro no curso superior.

Segundo Carrano (2000), a tese de Stöbaus (1989) destaca-se nesse conjunto de trabalhos por apresentar como referência para estudos, a carreira na medicina. O autor da tese aplica 584 questionários e realiza seis entrevistas com estudantes, médicos em instituições de Porto Alegre e faz críticas denunciando as injustiças sociais praticadas nas sociedades em desenvolvimento, com base em um inventário sobre as determinações existentes na educação médica. Para tanto, analisa os dados com afinco e de forma minuciosa, característica que Carrano (2000) atribui como um mérito, em vista de muitos trabalhos apresentarem apenas a tabulação e descrição dos dados. Stöbaus (1989) salienta, como resultado de pesquisa, a existência de consciência nos estudantes sobre a melhoria da percepção, conforme o transcorrer das experiências.

Os estudos de Joyce Silva (1989) e Sônia Silva (1989) investigam o Ciclo Básico, a partir de sua implantação pela Reforma Universitária em 1968. O trabalho de Joyce centra-se na análise da instituição de ensino UNICAMP e verifica que esta não atingiu os objetivos de formação humanística, pois os jovens sujeitos de pesquisa revelam a fragmentação do conhecimento e reivindicam por uma formação cultural nessa instituição. O nível de desempenho em leitura crítica dos alunos da UFES, no primeiro semestre de 1981, é objetivo elaborado por Meireles (1982) em seu estudo. Os demais trabalhos reunidos nesta problemática analisam as avaliações e expectativas dos estudantes sobre os cursos no ensino superior com intenção de contribuir para a reestruturação das estruturas curriculares.

Os interesses, expectativas e vivências de estudantes universitários constituem a **problemática 2** dos trabalhos que se inscrevem no segundo subtema desta revisão da literatura realizada por Carrano (2000). Estudos estes que investigam aspectos pertencentes às vivências dos estudantes relacionadas com o ambiente de ensino, com a docência e a prática da Educação Física no ensino superior. A abordagem metodológica, eleita na maioria dessas pesquisas, é de natureza quantitativa e o instrumento eleito para coleta de dados é o

questionário estruturado. Dias (1996) utiliza a metodologia qualitativa e fundamenta-se teoricamente no imaginário social. Thums (1990) realizou sua pesquisa numa Faculdade particular de Porto Alegre e Godoy (1990) fez um estudo comparativo com universitários em busca da preferência desses, em relação ao ambiente de ensino, em cursos de Administração, Engenharia e Pedagogia em universidades públicas e privadas de São Paulo.

Carrano (2000) salienta que, no aspecto geral, os estudos apresentam problemas vagos e imprecisos, ocasionados pelos recortes de pesquisa estabelecidos, resultando em conclusões sem clareza suficiente sobre o cotidiano dos estudantes no ensino superior. Outros sete trabalhos inseridos na problemática 2, que investigam os valores dos jovens universitários, também se caracterizam por estudos que apresentam seus problemas de pesquisa de forma imprecisa. Barros Júnior (1996) escolhe como objetivo de pesquisa, investigar a interação simbólica no cotidiano do curso de Comunicação Social da UFMT e a influência do curso sobre os alunos. Fundamenta-se na Sociologia do Cotidiano de Michel Maffesoli.

Weber (1991) se propôs conhecer a relação entre valores manifestados por alunos e professores. O autor deixa, como sugestão, uma educação baseada em valores. Carvalho (1996) utiliza o conceito de “cultura primeira” de Georges Snyders para realizar sua pesquisa com alunas do magistério, para investigar sobre os valores, os conhecimentos, atitudes e habilidades escolares, como também, as relações humanas e formação profissional. Por outro lado, Favaretto (1997) pesquisa as experiências religiosas mais relevantes e o significado de Deus na vida dos jovens estudantes. E o sentido atribuído à universidade, para os estudantes de fonoaudiologia da PUC-SP, é a análise de Guianfaldoni (1997), em seu estudo. Vidal (1996) investiga o que desvela o discurso dos alunos formandos em Pedagogia da UNICAMP no ano de 1984.

Dentre os trabalhos pertencentes a essa problemática, a tese de Raica (1993) se destaca por investigar não somente questões relacionadas com a carreira universitária dos alunos, mas também por pesquisar os interesses e expectativas dos jovens estudantes. Portanto, Raica coloca o jovem em posição central e propõe, como problema de pesquisa, investigar os sonhos de vida dos jovens universitários com idades entre 18 a 21 anos. A metodologia utilizada nesse estudo, fundamenta-se na fenomenologia. Desse modo, contribui para a compreensão do jovem, aborda as influências sofridas pela educação e a atuação destes na sociedade. Como resultados, a autora conclui que os sonhos das jovens mulheres estão relacionados à sua vida pessoal, como o desejo pelo casamento, pela maternidade, conclusão dos estudos e por um país melhor. Os jovens homens sonham com a realização profissional, em constituir uma família, estabilização econômica e desejos de um país melhor.

Zuin (1986) investiga a prática da disciplina de Educação Física com o objetivo de caracterizar essa prática dos alunos e com a preocupação em apresentar os recursos materiais e humanos disponíveis na Universidade Federal de São Carlos. Calleja (1989) identifica as afetividades dispostas nos estudantes em relação à Educação Física nos cursos de licenciatura da USP. Apresenta sua tese em favor dessa disciplina no ensino superior. Os estudos de Zuin e Calleja não abordaram a juventude como uma categoria analítica de pesquisa.

O terceiro e último subtema eleito por Carrano (2000) refere-se à **escolha profissional do estudante universitário**, formando um conjunto de oito estudos, sendo que a maioria foi realizada em universidades federais. Os trabalhos realizados na década de 80 se caracterizam pela abordagem metodológica quantitativa, enquanto que os realizados na década de 90 basearam-se em métodos qualitativos de pesquisa. A pesquisa de Barbante (1980) preocupa-se com os interesses dos jovens no seu desenvolvimento vocacional e ressalta que muitos jovens vivenciam momentos de angústias e de indecisões durante o processo de escolha de profissão, e, por isso, a orientação vocacional assume papel de extrema relevância nesse momento, prestando auxílio ao jovem na escolha de sua profissão.

Oliveira (1984) tem como preocupação central, as dúvidas dos jovens referentes à vocação no momento de escolha da profissão. Esse estudo, com caráter estatístico, foi realizado com alunos da UFScar, objetivando a construção de uma escala de auto-estima. Uma variável importante, apontada pela pesquisadora, é o desenvolvimento do “conceito de si”, essencial para a vida do jovem. Os sujeitos de pesquisa foram selecionados e divididos em dois grupos para realização da pesquisa estatística, testando com precisão os instrumentos de pesquisa através de testes de correlação. Como sugestão, essa pesquisadora oferece propostas que venham ao encontro do jovem para ajudando-os a solucionar os problemas de escolha profissional, para que superem suas angústias e incertezas durante o curso superior.

Rodrigues (1984) se propõe a investigar a satisfação dos jovens com o curso escolhido e a relação com o rendimento escolar. Utiliza também a estatística para pesquisar 126 estudantes de vários cursos da UFF e aborda, como conclusão, que a satisfação dos jovens estudantes não está relacionada com o rendimento escolar. Wharftig (1985), em sua tese, tem como objetivo identificar as necessidades educacionais e vocacionais mais frequentes indicadas por jovens calouros, através de uma amostra aleatória de 382 jovens com idades entre 17 e 21 anos que estudam nas áreas tecnológica, biológica e humanística da UFPR. Esse pesquisador trata o estudante como adolescente e desenvolve uma parte teórica sobre as características da adolescência fundamentada, principalmente, na psicologia.

A tese de Bruns (1992) pesquisa o significado, ao mesmo tempo em que tenta

compreender as escolhas profissionais dos jovens estudantes e de ex-alunos do curso de Pedagogia da USP de Ribeirão Preto, no período entre 1980 a 1989. Conforme os resultados da pesquisa, os jovens não vivem em busca do novo e nem em funções de seus sonhos e desejos. Eles vivem de acordo com as situações que se apresentam no cotidiano. Eles expressam que não se sentem preparados para enfrentar a competição no mercado de trabalho, devido à inadequação da proposta do curso que frequentam em relação ao preparo profissional, pois o curso se embasa em teorias e idealização, o que leva esses jovens a buscar, fora da instituição, outras fontes de conhecimento. Oliveira (1997) preocupa-se com as dúvidas em relação à vocação no momento da escolha da profissão, por isso procura compreender as implicações dos fenômenos pessoais e sociais para a escolha profissional dos jovens do curso de Odontologia. A história pessoal dos jovens foi utilizada para compreender essas implicações e abriu espaço para os processos de relacionamentos pessoais e sociais dos jovens condicionantes, para a preferência por esse curso.

As considerações finais de Carrano (2000), com relação à reflexão e análise que realizou sobre “**Jovens Universitários**” pertencente ao Estado do Conhecimento “Juventude e Escolarização”, são as seguintes:

- os estudos da Pós-Graduação em Educação não contemplam uma área analítica, que foque o jovem universitário, em razão da dispersão do tema, em relação ao objeto de investigação, aos orientadores e programas de estudo;
- poucos estudos elegem variáveis em relação à condição juvenil no âmbito do ensino superior, “[...] para além das mediações puramente institucionais”. “[...] encontram-se dispersos ao longo do período analisado e também não estão, tampouco, concentrados em programas e núcleos de investigação”. (CARRANO, 2000, p. 209);
- raros estudos investigam a condição universitária com mais complexidade, a exemplo de alguns trabalhos que relacionam o aluno na condição de trabalhador e os que recuperam a trajetória dos jovens pertencentes à classe popular, relacionando com aspectos de investigação sobre o ambiente familiar, com as redes de relações e outros;
- a evidência da hipertrofia da perspectiva institucional nos estudos, a partir do maior enfoque no jovem, como sujeito marcado por uma identidade estudantil, matriculado na instituição de ensino, portanto, menor consideração do jovem como um sujeito cultural da vida universitária.

Entende-se que se faz necessário, aqui, neste trabalho, também comentar sobre outro item do Estado do Conhecimento “Juventude e Escolarização” que apresenta uma análise elaborada por Corrochano & Nakano (2000)<sup>36</sup> sobre os estudos que se desenvolveram em torno da temática principal **“Jovens, Mundo do Trabalho e Educação”**, considerada essencial para a compreensão do objeto de estudo deste projeto de dissertação.

#### 1.4.2 Jovens, Mundo do Trabalho e Educação

Jovens, Mundo do Trabalho e Educação compõe a síntese de um item do trabalho que contempla a revisão bibliográfica elaborada por Corrochano e Nakano (2000), que abrange um total de sete teses e setenta e três dissertações concluídas no período entre 1980 e 1998. Todos esses trabalhos foram organizados e selecionados a partir de critérios de subdivisão de temas: os subtemas e as problemáticas trazem o que se observará mais adiante neste texto e emergem da área temática revisada “Juventude e Escolarização” e da ramificação desta: “Jovens, Mundo do Trabalho e Escola”. Embora divididos em subtemas, todas as teses e dissertações comungam com a problemática que investiga as relações que o jovem, que frequenta o Ensino Fundamental e Médio, tem com o mundo do trabalho.

De acordo com Corrochano e Nakano, as pesquisas sobre o jovem, no âmbito da produção discente, ainda são poucas, mas apresentam-se em crescimento quantitativo e qualitativo, especialmente na década de 90, onde mais de 50% dos trabalhos se concentram em uma das áreas de Pesquisa de Pós-Graduação mais importante e mais sólida no Brasil: Educação e Trabalho. E a exemplo cita-se o GT Trabalho e Educação da ANPED, constituído nos anos 80. Embora constituído e intensificado no Brasil nos anos 80, os estudos sobre as relações entre trabalho e educação promoveram debates somente na Constituição de 88, assim como as discussões sobre a promulgação da nova LDB 9394/96, em vista à superação da pouca amplitude nas relações entre trabalho e educação, que originaram a idéia de educação politécnica e do trabalho como princípio educativo<sup>37</sup> e conseqüentemente, segundo Ferretti (1994), Frigotto (1995), (apud SPOSITO, 2000), a incorporação das novas tecnologias (proporcionou amplitude do tema pelo fato de exigir debates entre escola e mundo do

---

<sup>36</sup> Corrochano e Nakano (2000) realizaram a revisão bibliográfica na temática “Jovens, Mundo do Trabalho e Escola”, incluída no Estado do conhecimento “Juventude e Escolarização”, coordenado por Marília Pontes Spósito. Corrochano e Nakano, até o momento da revisão bibliográfica, eram alunas do Doutorado da USP.

<sup>37</sup> Autores que se dedicam a este tema: Franco, 1989; Kuenzer, Saviani; Machado; Arroyo, 1990.

trabalho) e das novas competências que teriam que ser enfrentadas e adaptadas pelo trabalhador nessa nova realidade.

Vale ressaltar que, segundo Kuenzer (apud SPOSITO, 2000), esse campo de pesquisa, que trata da relação de trabalho e educação, ressurgiu no Brasil no final dos anos 60, nos debates entre políticos, intelectuais, dirigentes e trabalhadores, pelo fato da pressão popular reivindicada por maior participação política e econômica, como também, ganha mais espaço com a LDB 5692/71, que instituiu a profissionalização obrigatória no Ensino Médio, porém torna-se alvo de críticas da Teoria do Capital Humano<sup>38</sup>. Em se tratando das pesquisas que buscam averiguar a relação trabalho, educação e jovens, observa-se predominantemente a escola como lugar privilegiado das investigações, concentrando um percentual de 71,3 % de estudos, sendo que 45,7% no ensino de nível médio. Se adicionar a escola com o trabalho, ou o bairro, obtém-se um percentual de 80% dos estudos. **O resultado** desses percentuais dá-se em virtude das mudanças observadas na Educação<sup>39</sup>, assim como o predomínio dos alunos de 2º grau (hoje Ensino Médio), matriculados nos cursos noturnos, pelo fato de trabalharem e estudarem, conforme Franco (1984, apud SPOSITO, 2000).

As pesquisas que partem, ou utilizam somente o lugar do trabalho para suas investigações, somam apenas uma escassa percentagem de 2,5 %, ou dois estudos; as pesquisas que investigam o trabalho juvenil no campo são raras e dadas como quase ausentes como também no setor terciário, no mercado de trabalho informal, mesmo sendo estes, de acordo com a análise feita por Arias (1998) dos dados da PNAD/1995, espaços que detém um número elevado de jovens trabalhadores. Cabe enfatizar que não se fez presente nenhuma produção discente que investigasse o desemprego juvenil, embora Pochmann (apud SPOSITO, 2000) apresente dados que comprovam que o desemprego juvenil atingiu um percentual que varia de 4% a 8%, na década de 80, e de, aproximadamente, 14% na década de 90. Os estudos realizados, nessa área temática, generalizam a função do trabalhador, de maneira a pensar a escola como um lugar freqüentado apenas por operários e considera a experiência produtiva na vida dos alunos, mas que deixa de investigar e analisar os fatores que formam o mundo do trabalho juvenil no Brasil.

Em face de todo esse processo, de acordo com Mafra (apud SPOSITO, 2000), as pesquisas na área Trabalho e Educação, em relação ao jovem do Ensino Médio, baseiam-se na análise e reflexão sobre esses alunos, não somente no âmbito escolar, mas vão além,

---

<sup>38</sup> Frigotto, 1984; Kuenzer: 1988; Franco: 1990.

<sup>39</sup> Franco, 1984; Kuenzer, 1986; Mafra, 1992; apontam a predominância de famílias de baixa renda no 2º grau (Ensino Médio) nos anos 80.

percorrendo a dimensão do trabalho a partir do universo da escola, proporcionando um novo olhar para o estudante trabalhador da escola pública, mais especificamente, a escola noturna. Por último, cabe aqui registrar o fato de que esses estudos concentram uma importante parte nas Universidades: PUC/SP, Universidade Federal da Bahia e na UFRGS, assim como predomina a orientação destes pelos mesmos professores de cada uma dessas Universidades.

As pesquisas que trazem, como primeiro subtema, os cursos noturnos, concentram o maior número de pesquisas, atingindo um percentual de 50% de toda produção discente na área temática “Jovens, Trabalho e Escola” entre 1980 e 1998, tomando por base, como sujeito de pesquisa, o aluno do Ensino Fundamental (40%) e tendo como objetivo, suprir as necessidades de escolaridade dos que trabalham e freqüentam a escola regular ou supletiva no nível fundamental ou médio. Este subtema abre-se para três problemáticas que tratam das representações/experiências vividas e sentidas em meio à escola, ao trabalho e na relação entre esses, pelos jovens que trabalham e freqüentam o curso noturno; da adequação ou inadequação do ensino que a escola noturna tem para com os interesses, necessidades, particularidades de cada jovem; e a problemática que traz à tona os problemas ocasionados pelo fracasso escolar em face da evasão e repetência, que vêm demonstrando maiores índices nos cursos noturnos, como veremos mais detalhadamente a seguir.

A problemática dos estudos sobre “Jovens trabalhadores do curso noturno: significados, representações e experiências sobre a escola e o trabalho”, concentra um total de 17 estudos, sendo que o 1º conjunto é formado por sete trabalhos que consideram como opressoras e dominadoras, as representações e experiências vividas e sentidas pelos alunos, estes que se demonstram alienados, explorados, iludidos, apesar de não compreenderem essa situação, pois tomam a escola como um meio de ascensão social, porém demonstram-se críticos e desencantados para com a escola, mas incapazes de transformar esta, que utiliza o saber como um instrumento de poder para transmitir conhecimentos.

Em meio a esse conjunto de pesquisas, destaca-se a de Carvalho (1981), por ser a primeira a percorrer esse caminho<sup>40</sup>, servindo de referência para outros pesquisadores<sup>41</sup>. Carvalho, em sua pesquisa, vem exemplificar exatamente essa situação de dominação, opressão e alienação vivida pelo jovem trabalhador-estudante, esse que informa, avalia a

---

<sup>40</sup> Carvalho (1981) pesquisou um grupo de estudantes de 5ª a 8ª Série do Ensino Fundamental de Ribeirão Preto/SP.

<sup>41</sup> Cordeiro (1985) pesquisou alunos entre 18 e 23 anos, pobres e nordestinos do curso profissional de administração e Eletro-técnica do nível médio; Guimarães (1990) pesquisou o aluno trabalhador de infância encurtada, da 5ª a 8ª série; Galindo (1996) pesquisou estudantes-trabalhadores pobres e únicos provedores de sustento da família, da 8ª série; Escarião (1996) pesquisou sobre estudantes-trabalhadoras da Paraíba; Baverman (1981 1977).

adequação/inadequação da escola, do trabalho e da relação entre eles, como também se auto-avaliam quando afirmam se responsabilizar pelo seu fracasso escolar. Esses jovens afirmam a função disciplinadora da escola e consideram que o trabalho lhes proporciona o consumo de mercadorias, porém tem função menos disciplinadora que a escola, e de oportunizar melhores condições na sociedade<sup>42</sup>. Quanto à questão das representações, esses estudantes-trabalhadores afirmam positivamente que a escola é um espaço que oportuniza amizade e convivência e, apesar da ilusão que eles têm a respeito da escola, onde acreditam que estudar é um investimento para o futuro, observam claramente o currículo artificial da escola, assim como são plenamente conscientes do sistema capitalista e conseqüentemente da ideologia embutida no mercado de trabalho.

Outro fator importante na pesquisa de Carvalho (1981) é o problema da aprendizagem escolar que aparece como fator preocupante, uma vez que apresenta um baixo nível de aproveitamento dos alunos, que, de acordo com os professores, deve-se à exaustão do aluno-trabalhador, evidenciando assim como um alerta para a necessidade de reflexão e análise sobre e entorno desse problema, como também da reconceituação do termo trabalho.

Há apenas duas dissertações que se diferenciam do estudo de Carvalho, pelo fato da especificidade dos sujeitos pesquisados: a primeira pesquisa alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental na faixa etária entre 11 e 55 anos, investigados por Oliveira (1991). Esta alerta que a escola noturna considera como seus alunos a categoria adulta, ignorando a presença de jovens adolescentes. Alerta também para o fato de que esses estudantes têm como objetivo principal freqüentar a escola somente para se alfabetizarem, visando oportunidade de trabalho formal e conseguir cidadania. A segunda dissertação é a de Tahim (1982). Ela estuda mulheres com idades que variam de 17 a 25 anos, alunas do ensino fundamental e médio para adultos, e lança seu olhar para o problema do desemprego que atinge mais da metade dessas mulheres. Para tanto, constata que a permanência dessas jovens mulheres na escola é fator que contribui para a diminuição do problema do desemprego, bem como, representa a possibilidade de ascensão educacional ocasionando a obtenção de status social e realização pessoal. Tahim afirma que as mulheres pesquisadas reivindicam um currículo que tenha como base a profissionalização.

Fica explícito que as pesquisas são fundamentadas no referencial teórico marxista<sup>43</sup> e, de modo geral, estudam as categorias jovens, partindo de sua estrutura de classe apontando

---

<sup>42</sup> Todos os pesquisadores contemplados na nota 6 concordam com a pesquisa de Carvalho (1981), reforçando sua tese, especialmente a questão de que a escola proporciona melhores posições na sociedade, apesar de alguns estudos apresentarem vestígios de contradição.

<sup>43</sup> Althusser (1983); Baudelot e Establet (1976, 1979); Snyders (1974); Thompson (1979, 1981); Giroux (1987).

seguidamente para o predomínio da ideologia dominante capitalista/estruturalista. Porém, é observado nas pesquisas, segundo Carrochano e Nakano (2000), que os dados que aparecem nos trabalhos, poderiam, embora haja algumas sugestões como a de Kosik (1976), serem analisados de forma mais complexa para um melhor entendimento dos processos sociais evidenciados. Outra observação que pode ser feita em relação às pesquisas, é que estas se apresentam em pequeno número no que se refere à investigação do sujeito de pesquisa em relação à dinâmica de suas formas de socialização, subjetividade, práticas, orientações e valores. Algumas dessas pesquisas não declaram ao menos a idade dos sujeitos, sexo, etnia, tomando como base a classe social trabalhadora a que pertencem, de modo genérico e abstrato.

Outro conjunto de pesquisa pertencente a esse subtema, não só confirma as relações de dominação existentes, como também destaca em seus estudos, a capacidade autônoma dos estudantes de se inserirem na vida e de construírem suas próprias identidades. O estudo de Machado (1991)<sup>44</sup> aponta que as carências da escola são observadas pelos estudantes-trabalhadores, apesar de esses valorizarem a escola como lugar de segmento dos estudos, lugar mais flexível que o trabalho, como também de vivência grupal e a possibilidade de manutenção, aprimoramento, e obtenção de melhores cargos no que diz respeito ao trabalho. Neves (1992)<sup>45</sup>, pesquisou os processos de subjetivação conformistas e existentes no campo social, deduzindo através de seu estudo com estes jovens, que a escola é lugar que oportuniza a busca de cidadania, de direitos, de uma qualidade de vida melhor e que caminha junto com o trabalho. Na mesma perspectiva de Neves, Alvarim<sup>46</sup> concluiu em sua pesquisa a necessidade dos estudos para os jovens, em função da esperança em uma vida melhor, diferindo apenas nas considerações sobre o trabalho, em que os estudantes vêem a escola como lugar menos sufocante que o trabalho.

Oliveira (1994)<sup>47</sup>, pesquisou jovens pertencentes a diferentes grupos sociais e com diferentes interesses e visões em relação aos estudos e trabalho: as empregadas domésticas, que atribuem ao estudo a possibilidade de melhor qualificação, oportunidade e colocação no mercado de trabalho, além das vantagens descritas na pesquisa de Machado (1991). O grupo de trabalhadores mais valorizados que as empregadas vêem a conclusão do Ensino Médio como importante passo para a socialização, participação em concursos e continuação dos

---

<sup>44</sup> Machado pesquisou estudantes-trabalhadores de 13 a 22 anos de 8ª série do Ensino Fundamental de São Paulo.

<sup>45</sup> Neves (1992) pesquisou estudantes-trabalhadores de escola supletiva no Rio de Janeiro.

<sup>46</sup> Alvarim realizou sua pesquisa em uma escola supletiva do Rio de Janeiro.

<sup>47</sup> Oliveira (1994) estudou jovens de 21 a 27 anos, do Ensino Médio de Belo Horizonte com trajetórias escolares interrompidas.

estudos. Dayrell (1989) estudou as atribuições dos jovens ao seu processo de formação, apontando que para estes, apesar de o trabalho ser educativo, ele dá sentido para a volta à escola, esta se define como lugar de busca de dignidade, direitos, relacionamentos. As pesquisas, até aqui analisadas, percorreram as representações, significações, identidades dos jovens sobre o trabalho e a escola, revelando no seu interior a posição de capacidade de inconformismo diante da situação dominante da estrutura da escola, (diferindo, portanto do primeiro conjunto de investigações analisadas) proveniente do sistema capitalista, porém, comunga na questão de não estabelecer relações entre curso noturno, aluno trabalhador e mundo do trabalho.

As pesquisas de Freitas (1995)<sup>48</sup> e Marques (1995)<sup>49</sup>, compõem mais um conjunto de estudos que se destacam dos demais, pelo fato de investigarem os jovens na condição de categorias sociais, fazendo referência teórica a autores nacionais e percorrendo a literatura em função do tema, mas é significativa a contribuição dada por todo o conjunto de pesquisas. Freitas se dispõe a analisar dois grupos de jovens, assim divididos, levando em conta a diferença entre classes sociais. O primeiro grupo traz como marca de sua identidade a experiência no mundo do trabalho. Consideram a escola como um ideal conquistado e a conquistar para poderem incluir-se na sociedade e no mundo. O segundo grupo diferencia-se do primeiro, por serem dependentes financeiros da família. Esses jovens consideram a escola como um espaço de conflitos, ultrapassada, com conhecimentos quase que insignificantes; vêem o trabalho como algo incapaz de construir identidade. Marques (defensora da única tese de doutorado deste conjunto de pesquisas) investiga as relações que os jovens mantêm com a escola, trabalho, família, cultura, lazer, assim como suas expectativas, aspirações, construção de identidades, em torno dessas questões. A pesquisadora acaba por concluir que, para os jovens, o trabalho proporciona, principalmente, a conquista de sua autonomia, do respeito do adulto, de relacionamentos, da aquisição de conhecimentos, cultura, porém, consideram que o trabalho não fundamenta sua experiência, apesar de ser meio de sobrevivência. Ainda, para esses jovens, a escola torna-se referência principal das investigações pelo fato de buscarem nesta sua profissionalização e por ser um espaço de relações sociais significativas.

A temática que toma como foco de pesquisa o Trabalho e sua intervenção na Educação é o quarto subtema desta área que abrange um total de nove dissertações e uma tese que debatem os significados e valores atribuídos pelos jovens a essa interação. Essas pesquisas

---

<sup>48</sup> O 1º grupo analisado por Freitas, era composto por jovens de idades entre 23 e 25 anos, negros, mulatos, brancos e a maioria migrante. Já, o 2º grupo é de adolescentes e jovens de idade entre 17 a 23 anos, brancos e morando com a família.

<sup>49</sup> Marques pesquisa jovens de 14 a 24 anos de 5ª a 8ª Série de Salvador/BA.

buscam estabelecer uma relação entre a abordagem da psicologia, quando investiga a categoria jovem e a base marxista nas questões do mundo do trabalho, assim como se percebe a influência da Sociologia da Educação. Percebe-se que essas pesquisas preocupam-se, no seu interior, com os mecanismos internos da escola e com o desempenho escolar dos jovens alunos com as outras instituições. Em decorrência das mudanças no mundo do trabalho e as mudanças no interior da escola, os debates sobre a LDB 9394/96 abrem essas problemáticas que se inserem em muitas das pesquisas deste subtema nos anos 90, em virtude de esclarecer se essas transformações são provocadoras, pelas alterações no campo político-econômico e educacional. Os estudos de Castro e Neves<sup>50</sup> destacam que as representações apontadas pelos alunos são relacionadas às suas situações econômicas, culturais e políticas, sem levar em conta as contribuições da psicologia clássica, no que se refere ao papel da personalidade na questão das representações. Apontam ainda, que esses estudantes são trabalhadores rotineiros e que seus trabalhos oportunizam autonomia e opressão. A escola tem a função de oportunizar melhor condição social.

Rodrigues (1987) estuda os jovens evadidos e os significados atribuídos por eles à escola e ao trabalho. Verifica que a causa de evasão dá-se em função de a escola não considerar, na maioria das vezes, a condição de trabalhador (o trabalho impõe limites, mas a escola dificulta mais) do seu aluno, desconhecendo que o trabalho é fator fundamental para que seus alunos não se evadam. Utiliza a abordagem teórica de Foucault para tratar da compreensão e das dificuldades do sistema escolar. As representações do trabalho, currículo e construção do conhecimento são problemas que aparecem na pesquisa de Barreto (1993)<sup>51</sup>. Este sugere que as escolas necessitam reorganizar seus currículos, incorporando questões referentes ao trabalho no Ensino Fundamental, pois o trabalho é considerado fator fundamental para esses jovens. Ressalta também a importância de as escolas considerarem seus alunos não somente pertencentes à categoria de trabalhadores, mas também como categoria jovem, esta que deve ser levada em conta também na organização curricular. Almeida (1993)<sup>52</sup> se propõe a pesquisar sobre as diferenças de concepções, significados que os jovens têm quanto a escola representar meio de ascensão social. Constata que os jovens se ocupam de atividades pouco valorizadas e não possuem expectativas definidas em relação à escola, apesar de acreditarem nessa como possibilidade de ascensão social. Em relação ao

---

<sup>50</sup> Castro e Neves investigam estudantes-trabalhadores da escola pública de Ensino Médio através de estudo de caso e análise de redações.

<sup>51</sup> Barreto investiga alunos de 5ª a 8ª série com idades de 12 a 18 anos, no período diurno.

<sup>52</sup> Almeida reflete sobre alunos do Ensino Médio.

trabalho, constata que, para os estudantes, este dificulta a mobilidade social. Feldman (1995)<sup>53</sup> reflete sobre as representações que o trabalho e escola têm para os jovens, considerando o ensino escolar precário e o trabalho uma repetição de tarefas, rotina. No entanto, escola e trabalho são espaços de inserção social.

Dorigon (1997) lança-se a investigar também as mudanças na escola e no mundo do trabalho. Além de investigar as representações dos alunos, pesquisa a prática docente, afirmando que é necessário um ensino voltado para as demandas do mercado de trabalho, uma vez que os interesses dos alunos se refletem na aprendizagem voltada para a conquista de melhor condição de trabalho. Valorizam a escola, sentem-se responsáveis por seus fracassos escolares. Coelho (1992), Silva (1995) e Urt (1992) se preocupam em pesquisar o aluno jovem e apontam a existência da relação entre significados, representações, mundo do trabalho, para com sua condição sócio-econômico-cultural e seu momento de vida presente. O bairro, lugar pouco utilizado pelos pesquisadores, é ponto de partida da investigação de Coelho (1992). Este evidencia a construção de identidades desses jovens a partir das categorias: sexo, etnia, mercado de trabalho e nível escolar. Detecta que a ação de socialização nesta escola é prejudicada devido ao excesso de normas e regras. Urt (1992)<sup>54</sup> denomina, como sujeitos de sua pesquisa, jovens trabalhadores, estudantes, não estudantes, excluídos do trabalho e da escola. Ele procura expor, em sua pesquisa, as diferenças de gênero, idade, escolaridade, tipo de escola e inserção no mercado de trabalho, como também, pesquisa sobre temas como afetividade, sexualidade, sociabilidade, lazer, religião, política, projetos. Enfim, ela extrapola o universo escolar e do trabalho.

O significado do trabalho, dentro da perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento humano, é analisado por Urt, que destaca a precariedade do trabalho realizado pelos jovens, apesar das mudanças ocorrentes no mercado de trabalho nesse período. Aponta que questões relacionadas à sexualidade, amizade, afetos, política e espiritualidade, retratam opiniões comuns entre os jovens, mas as representações atribuídas a questões escolares e do trabalho, apresentam divergências: os jovens que estudam e trabalham; os excluídos têm o trabalho como necessidade e dever, já, para os outros, o trabalho tem valor instrumental; a escola e o trabalho são considerados como meio de relações sociais, porém, não são vistas como sinônimo de transformação futura, como meio para conquista de melhor condição de vida, mas sim, como desencanto, um tipo de desesperança. Silva (1995) é a última pesquisa analisada deste subtema e traz como investigação as redações que trazem concepções de

---

<sup>53</sup> Feldmann (1995) entrevistou 11 alunos da 3ª série do Ensino Médio de diferentes períodos e sexo.

<sup>54</sup> Urt (1992), pesquisa 80 jovens entre 13 e 18 anos no Mato Grosso do Sul.

trabalho para os jovens de classes sociais diferentes com idades entre 13 e 17 anos, cursando a 8ª série. Relata que para os estudantes trabalhadores, o trabalho é sinônimo de luta, de sobrevivência, sofrimento, prazer pessoal. Já para os que não trabalham, o trabalho é considerado como condição de conquista da profissão e como prazer.

O mundo do trabalho e os jovens, o quinto subtema, e último desta área temática, é composto por 9 pesquisas que colocam em questão a temática “O Mundo do Trabalho”, utilizando o campo do trabalho como foco das investigações, diferenciando-se, em parte, das demais pesquisas, por investigar as zonas rural e litorânea, o trabalho na construção civil. Outra parte investiga as mudanças no mundo do trabalho e sua relação com os jovens na década de 90. As mudanças no mundo do trabalho e os jovens<sup>55</sup> captam a atenção de Kappel (1992), que procura evidenciar que essas mudanças alteram a maneira como se realizam as pesquisas. Procura investigar o trabalho familiar, sob o ponto de vista das funções exercidas pelos membros da família e as percepções dos jovens e das crianças sobre o trabalho. Esse autor chama atenção para a necessidade de as pesquisas investigarem jovens e crianças no sentido de compreenderem suas realidades, como também, reformular o conceito de trabalho, por este ser evidenciado no mercado informal, no narcotráfico e no trabalho doméstico. Ulup (1994), partindo de sua temática sobre a qualificação profissional, analisou teoricamente a relação entre educação e trabalho, apresentando, por meio de uma experiência<sup>56</sup>, os significados desses jovens sobre a escola e trabalho, que revelam, de modo positivo, que esse programa desenvolve uma educação voltada para aprender a aprender, ensinar e analisar a realidade vivida.

O desemprego juvenil é analisado por Silva (1998), que se destaca por tratar desta temática tão pouco investigada. Parte da fábrica, como lugar de investigação, para refletir sobre as falas dos jovens recém formados no ensino superior<sup>57</sup>. Em sua conclusão, Silva destaca que a formação desses jovens está ligada diretamente aos interesses da empresa, esta que direciona o processo educativo, atendendo aos objetivos profissionais dos jovens, como também de suas famílias. Porém, Nakano e Carrochano (2000, p. 80) propõem uma reflexão a respeito desta afirmativa de Silva: “[...] esta nova formação está mais relacionada com a lucratividade futura por parte da empresa do que com a formação do trabalhador voltada para

---

<sup>55</sup> As pesquisas deste grupo utilizam abordagens de autores da Sociologia do Trabalho e do Trabalho e Educação.

<sup>56</sup> Ulup coletou dados de apenas 60 adolescentes e jovens do curso politécnico profissionalizante, do PAQP (projeto de aceleração de escolaridade para qualificação), programa este que inclui jovens pobres do Rio de Janeiro.

<sup>57</sup> A pesquisa de Silva é a única que investiga a situação de recém formados do ensino superior, assim como os tutores, gerência de recursos humanos em um programa de integração de Trainee de uma empresa.

a politécnia”. Cabe ressaltar que o marxismo de Gramsci revela-se como base das pesquisas, as que analisam a relação entre trabalho e educação e utilizam-se, para suas reflexões, os estudos de Salm (1980); Frigotto (1984); e Saviani (1989). As pesquisas que discutem reflexões acerca das mudanças no mundo do trabalho, utilizam as abordagens de Harvey (1994); Ianni, (1994) entre outros. Já as que analisam as mudanças no mundo do trabalho relacionando com a educação, buscam em Ferretti (1994), Frigotto (1989, 1991) suas referências teóricas. Por outro lado, os estudos que se ocupam em descrever o universo juvenil, trazem para contribuir com suas análises a teoria de Zaluar (1994), Sarti (1994), Madeira (1986) e Sposito (1994).

Também é relevante destacar que todas as pesquisas deste conjunto são qualitativas, excetuando-se as de Kappel (1992) e a de Ulup (1994), como também possuem como característica predominante a zona urbana, excluindo-se as pesquisas de Monteiro (1987) e Gerken (1991). Observa-se que, na década de 90, o mundo do trabalho é foco central nas pesquisas, porém a escola ainda continua sendo referência de espaço, ótica dessas pesquisas, que devido a esse fator esses estudos omitem a abordagem do trabalho como elemento educativo, principalmente nas questões que se referem às formas de gestão, organização do processo do trabalho e a utilização das tecnologias. Os estudos omitem também características e dados sobre os espaços de ocupação desses jovens trabalhadores, bem como não contemplam pontos que tratam dos jovens em relação ao mercado de trabalho.

As considerações finais de Nakano e Corrochano sobre as pesquisas analisadas, de um modo geral, possuem algumas características semelhantes (apesar de se diferenciarem no que se refere à qualidade) que já foram comentadas no corpo deste trabalho, mas que cabem ser ressaltadas novamente. São elas:

- a tomada da instituição escolar como espaço de partida para investigar as relações entre trabalho e educação;
- a constatação de descompasso e inadequação do ensino da escola fundamental, média e profissional, no que se refere ao trabalho, escolha e qualificação profissional, aspirações profissionais e ensino ofertado e a chamada de atenção para a necessidade de um ensino de qualidade;
- precariedade de estudos que investiguem o mundo do trabalho no seu próprio espaço, bem como o lugar que estes sujeitos ocupam nesse espaço;
- escola como local que proporciona o desenvolvimento de relações afetivas, de amizade, de socialização, de construção de identidade;

- conclusões repetitivas a respeito da precariedade do ensino oferecido aos jovens trabalhadores;
- pesquisas que trazem, como foco de investigação, a qualidade da educação ofertada aos estudantes/trabalhadores, a partir da democratização escolar instituída pela lei 5692/71;
- pesquisas ancoradas no referencial marxista que trazem as relações de dominação do trabalho e também nos modelos para serem seguidos por estudantes/trabalhadores, em defesa do trabalho como princípio educativo e da educação politécnica;
- crítica à lei 5692/71, nas pesquisas dos anos 80, que delega à escola, família e comunidade a responsabilidade da orientação profissional, utilização de abordagem teórica psicológica não clássica para análise.
- não concretização das propostas que indicam alternativas para superação de problemas escolares, por evidenciarem apenas a intenção do pesquisador, omitindo as abordagens teóricas que tratam do trabalho de conhecimento;
- pesquisas de caráter propositivo que caracterizam a escola, ênfase na produção e reprodução, transformação e conservação, resistência e inculcação ideológica;
- pesquisas que persistem na reiteração da inadequação da escola para os jovens trabalhadores, proporcionando um esgotamento desse tipo de estudo.

As autoras elegem algumas inflexões, a partir dos anos 90, em relação à produção bibliográfica das investigações:

- produção dos anos 90 busca ampliar o entendimento do estudante/trabalhador valorizando a categoria jovem e, por conseqüência, a utilização de abordagens da sociologia da educação que tratam da questão juvenil;
- temas e problemáticas relacionadas aos cursos técnicos por estarem ameaçados pela nova LDB de 96;
- o surgimento de novos temas relacionados aos impactos das mudanças tecnológicas sobre a questão da identidade do jovem e o sentido do trabalho;
- privilegiamento do setor urbano para realização das pesquisas, em detrimento do setor rural.
- poucas pesquisas que investigam o mercado de trabalho, ausência de pesquisas que investigam o desemprego do jovem (nada se sabe sobre como pensam, vivem, agem e sentem os jovens desempregados) e o trabalho informal, apesar do elevado

índice<sup>58</sup> desse tipo de ocorrência entre os jovens com menos de 24 anos;

- pequeno número de estudos que analisem o jovem, não somente a partir de suas opiniões, mas, sobretudo, sobre suas orientações e práticas;
- inexistência de estudos que investigam o sistema S-Senai e a formação dos jovens para o trabalho;
- pequeno número de pesquisa que investigam o tema jovem, aliado às questões de gênero e etnia.

As autoras também pontuam por tópicos, os limites dos caminhos trilhados pelos pesquisadores:

- predomínio de pesquisas qualitativas: estudo de caso e estudo exploratório. Utilização de dados quantitativos para análise de questionários e entrevistas;
- a modalidade de pesquisa etnográfica não aparece, apesar da explicitação dos pesquisadores pela opção dessa modalidade de pesquisa;
- estudantes/trabalhadores tomados como informantes para as pesquisas;
- escola como espaço de relações afetivas – afirmação dos jovens;
- limitação de estratégias metodológicas;
- pesquisas de caráter quantitativo sobre as condições dos jovens na sociedade brasileira, evidenciando a possibilidade de pesquisas qualitativas, que reitere os resultados das pesquisas anteriores.

Nakano e Carrochano (2000) salientam as lacunas e as novas possibilidades na escolha de temas e objetos de estudo para futuras pesquisas:

- definição do sujeito de pesquisa, evitando o não aprisionamento a questões institucionais;
- estudos que tratam da juventude como categoria social, relacionando com questões do trabalho: posição destes no trabalho, posição frente às novas tecnologias, experiências e ações juvenis em virtude do desemprego e do trabalho informal;
- diálogo teórico mais direto com a Sociologia do Trabalho e a Economia, para a investigação da juventude como categoria social.

A seguir, apresenta-se um levantamento de pesquisas que foram realizadas no período de 2001 até 2006, com ênfase em estudos que abordam Jovens, Trabalho e Educação. A dissertação intitulada “Relação educação, trabalho, formação humana com egressos de cursos

---

<sup>58</sup> As estatísticas de 1980 declaram que 1,2 milhões de desempregados no Brasil (68,7% de jovens), e em 1989 havia 1,9 milhões de trabalhadores, sendo 1,1 milhões de jovens desempregados.

profissionalizantes na Ilha Grande dos Marinheiros”, de Olga Vieira, defendida em setembro de 2001 na UFRGS, analisa a relação trabalho e educação como formação humana e as transformações da sua vida após o ingresso em cursos profissionalizantes. Argumenta que a raiz da exclusão, cidadania, escola, trabalho e formação do estudante/trabalhador, estariam pautadas entre sobreviver ou estudar, isto é, trabalhar para sobreviver ou estudar. A autora utilizou como suporte teórico os seguintes autores: Paulo Freire, Miguel Arroyo, Teilhard de Chardin, Leonardo Bolf, Gaudêncio Frogotto, Henry Lefebvre e Georges Balandier.

A tese de doutorado de Dirce Maria Falconi Garcia, defendida no ano de 2002, na Universidade Estadual de Campinas, traz como tema: “Juventude em Tempos de Incertezas: Enfrentando Desafios na Educação e no Trabalho”. A autora pesquisou jovens trabalhadores e estudantes de camadas populares que freqüentam o Ensino Médio no período noturno. Para tanto, utilizou a metodologia qualitativa de pesquisa para atender o objetivo central do trabalho, que foi compreender e analisar as representações que os alunos do curso médio noturno possuem sobre a escola, o trabalho e suas trajetórias. Estas que são decorrentes dos condicionantes sociais referentes a sua origem social, condições de classe e vivências no mundo do trabalho e na escola, em função das relações interdependentes que esses fatores mantêm entre si no espaço social e no campo escolar. Portanto, procurar apreender, de forma relacional, os aspectos preponderantes das práticas e representações dos jovens, quanto à educação escolar e o trabalho, nessa fase de transição para a vida adulta, na atualidade.

Como resultado de pesquisa, a autora apontou a complexidade da realidade desses jovens pesquisados, marcada pela expressiva heterogeneidade nas trajetórias escolares e no mundo do trabalho, bem como, nos projetos futuros, nas representações da educação, sentidos do trabalho, práticas de sociabilidade, a despeito das origens sociais semelhantes. Toda essa complexidade é proveniente da combinação de fatores sociais e individuais: familiares, intra-escolares, do trabalho e da conjuntura social geral. Dessa forma, a análise da autora constatou a imprevisibilidade do mercado de trabalho e condições do ensino público nos projetos dos jovens pesquisados.

Juventude e Democracia: diálogos sobre a participação no trabalho, na educação e na cultura é tema resultante de um trabalho de pesquisa apresentado na Anped Sul, no ano de 2006, sob a coordenação de Nilton Bueno Fischer, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse trabalho aborda alguns dados obtidos pela pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas”, desenvolvida nos anos de 2004 e 2005, em parceria com uma rede de instituições, em sete regiões metropolitanas (Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo) e no Distrito Federal.

Essa pesquisa apresenta resultados extremamente importantes na relação Jovens, educação e trabalho, que comungam com a pesquisa Nacional elaborada pelo Instituto Cidadania, que culminou com a obra “Retratos da Juventude Brasileira”.

Jovens, trabalho e educação: rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina é tema da tese de doutorado defendida, no ano de 2003, por Tânia Regina Raitz, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Essa pesquisa teve como objetivo a análise da rede de significados dos processos identitários de jovens egressos da educação profissional da CUT e do SENAI, bem como a análise das relações entre o jovem e a família, o lugar e o sentido do trabalho, a experiência do jovem com o desemprego, os projetos e sonhos, a escola e as interfaces com a Educação profissional, os processos de construção de identidades individuais e coletivas nos lugares em que se encontram esses jovens. Os sujeitos de pesquisa são integrantes de grupos musicais religiosos, grupos de esportes, participantes em ações voluntárias e uma experiência de auto-gestão na microrregião de Florianópolis. A autora utiliza a metodologia quantitativa e qualitativa como abordagens e seleciona 60 jovens para a primeira etapa da pesquisa. Já, para a segunda etapa, 8 jovens fazem parte da amostra que permitiu a elaboração da análise. Muitos autores foram utilizados para dar sustentação teórica à pesquisa, entre eles, os mais importantes: Alberto Melucci, Spósito, Pais, Elias, Morin, Arendt, Sawaia e Dubet. Os resultados apontam para a existência de uma heterogeneidade complexa na vida dos jovens em suas relações com a família, a escola, formação, nos grupos e ações sociais: lugares de construção identitária em meio às mudanças na sociedade vigente. Comungando com os resultados expostos, essa pesquisa também traz como proposta, a relevância de pensar políticas públicas para juventude nos cursos de Educação Profissional por meio de instituições como SENAI e CUT, de modo a considerar os jovens como sujeitos de direitos, como protagonistas responsáveis e autores de ações em benefício de si mesmo.

A dissertação de Miriam de Souza Leão Albuquerque, da Universidade Estadual de Campinas, traz como tema “A Inserção do Jovem no Mercado Formal de Trabalho”. Defendida no ano de 2003, esse estudo teve como objetivo buscar compreender e analisar as contribuições recebidas pelo jovem de 16 a 18 anos em relação a sua inserção no mercado de trabalho formal, mais especificamente, o jovem proveniente de famílias com baixa renda familiar e que são beneficiados pelo Programa de Educação para e pelo trabalho do COMEC (Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas). A base teórica do estudo busca fazer interlocuções através de análises desenvolvidas por autores como Castel e Antunes, que analisam as questões que permeiam as mudanças ocorridas no mundo do trabalho e as

consequências para a inserção do jovem no mercado de trabalho. As concepções sobre juventude são fundamentadas nas abordagens de Bordieu (1993) e Machado Pais (1996). Para tanto, a autora aborda juventude como uma categoria sociológica que se constrói ao longo do processo histórico e cultural. Para entender a compreensão que os jovens têm sobre a família, a pesquisadora apoiou-se teoricamente em Engels (1976), Bilac (1978), Goldano (1994) e Sarti (1996).

O tema da dissertação de mestrado elaborado pela autora Priscila Matias da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, no ano de 2003, "O desemprego de jovens: um estudo sobre a dinâmica do mercado de trabalho juvenil brasileiro", buscou analisar a estrutura de desemprego dos jovens no Brasil e procurou identificar os motivos de a taxa de desemprego dos jovens ser muito superior à dos adultos. A autora faz menção à relevância do tema por este ser pouco considerado, na literatura sobre o mercado de trabalho brasileiro. Para análise, em um primeiro momento, a autora se baseou em dois dados estatísticos determinantes, que foram decompostos: duração média e taxa de entrada de desemprego de jovens, adultos e idosos. Fazendo uso destes, identificou, que apesar de a duração do desemprego não se diferenciar entre jovens, adultos e idosos, a taxa de entrada de desemprego dos jovens supera a dos adultos e idosos, o que demonstra que a taxa de desemprego entre sujeitos jovens que já trabalharam é maior, atingindo 80% desses. Também utilizou o cálculo como método para identificar o desemprego de jovens e adultos das matrizes de transição entre os estados do mercado de trabalho. Portanto, para avaliação do desemprego dos jovens em âmbito nacional, a autora desse estudo recalculou as taxas de desemprego de jovens, adultos e idosos através da substituição das matrizes dos estados e probabilidades de transição de outra categoria. Enfim, a autora concluiu que a dificuldade de emprego dos jovens, o alto índice de desemprego é causado pela dificuldade de ingresso no mercado de trabalho, da conquista do primeiro emprego.

A tese de Doutorado de Janes Teresinha Fraga Siqueira, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2004, intitulada "A luta do jovem trabalhador e estudantes nas escolas estaduais de Porto Alegre /RS - Um estudo de caso", questiona as condições escolares e do trabalho do jovem que frequenta o ensino fundamental e médio, busca propor alternativas para a melhoria na situação do jovem trabalhador e estudante, investigar não só as condições de trabalho e de estudo dos jovens, mas também sentimentos dados às mães e professores desses jovens e os sentimentos dados por eles ao trabalho e ao estudo. Esses jovens trabalham pelas necessidades, ficam cansados por trabalhar, atrapalhando os estudos e os estudos atrapalham o trabalho, permanecendo pouco tempo na

escola.. O sentido do trabalho elaborado pelos jovens adquiriu uma visão positiva, pois se constitui como meio de adquirir bens pessoais e materiais, relacionamentos e diversão. O sentido dado ao estudo é o de ter uma possibilidade a mais para vencer na vida (ter uma profissão), sempre visando amigos, festas e relacionamentos, o estudo ainda é menos sério do que o trabalho. Essa tese tem como proposta a elaboração de um projeto pedagógico que favoreça o jovem trabalhador.

## CAPITULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO

### 2.1 Os desafios universitários no século XXI e da Universidade do Vale do Itajaí – Curso de Pedagogia

#### 2.1.1 Universidade como espaço de Desenvolvimento Social para a Construção de Redes Solidárias

Zabalza (2004) em sua obra “O ensino universitário” parte do princípio de que falar sobre o tema universidade parece, à princípio, ser uma tarefa nada fácil e até, de impossível realização. No entanto, seus escritos trazem um panorama sobre a universidade e o trabalho que nela se realiza, um trabalho que, segundo esse autor, se caracteriza por ser formativo<sup>59</sup>, portanto, a universidade é considerada uma instituição que favorece atitudes formativas e, somente através do debate, da análise, da discussão sobre a realidade da universidade, é que se pode contribuir com o trabalho que nela se realiza.

Assim, se acredita que atualmente a falta de tempo é um dos grandes problemas, entraves, existentes nos meios acadêmicos mundiais que, muitas vezes, (e na maioria deles) impede esse debate sobre o cotidiano universitário e social, importante para a melhoria do ensino e do aprendizado. É no cotidiano das relações nesses espaços formativos que se ampliam as possibilidades de investigação sobre as necessidades a serem atendidas ou não, sobre as viabilidades de implementação de mudanças. É o chão que propõe a tomada de atitudes, que expõe as satisfações e insatisfações, através dos múltiplos discursos pronunciados, não para atitudes de manipulação, dominação e alienação, e sim, para atitudes de responsabilidade, de comprometimento com os que ali circulam, trabalham, aprendem e que, de uma maneira geral, buscam qualidade de vida em todas as esferas da vida.

Leonardo Boff (2004), em seu livro “Saber cuidar”, comenta da responsabilidade que se deve ter diante do outro, pois é na dialogação com esse que o eu se constitui. Porém o outro

---

<sup>59</sup> Conforme Zabalza (2004), ao se conceber a importância da formação numa visão global, é necessário que essa seja relacionada e vinculada à idéia de “crescimento e aperfeiçoamento” do ser humano, significando com isso, “crescer como pessoas”, um aperfeiçoamento de si. Ainda segundo Zabalza, essa idéia de aperfeiçoamento de si é concebida por muitos como o processo de educação, mas este se refere mais ao processo de desenvolvimento pessoal e de habilidades. A formação também é voltada à aquisição de habilidades, mas de habilidades específicas, com direcionamento e vinculação ao mercado de trabalho.

não existe como uma coisa indefinida porque possui uma fisionomia, um olhar, que impede a indiferença. O outro tem um rosto, um olhar, e por isso obriga o eu a tomar uma atitude porque o outro fala, provoca, e-voca e con-voca, lança uma pro-posta que demanda uma res-posta, essa dá origem à res-pon-sabilidade. Eis aí o nascimento da ética.

Por mais indesejável e manipuladora que possa ser uma instituição, o compromisso perante o outro não pode ser violado, isso é uma questão de princípio, de valores, de essência, de cuidado e respeito que se deve ter consigo e com o outro. Supera a razão e a vontade própria, deve estar à mostra, tal como um display, mas, principalmente, deve estar enraizada, intrínseca em todos que ali freqüentam. Como falar em qualidade de ensino e de aprendizado sem esse pressuposto, sem uma constante problematização? Portanto, se for qualidade que se busca, é preciso investir nela, persegui-la, percorrer, aperfeiçoar, dialogar, mas principalmente, escutar. Neste aspecto, Zabalza afirma,

[...] gostaria de destacar a importância que tem, na minha visão de universidade, o tema *qualidade*. Apesar das múltiplas críticas que foram feitas aos enfoques modernos sobre a qualidade, à sua pertinência e aos interesses de outrem que, segundo alguns, se encerram em suas proposições, estou convencido de que esta é a grande responsabilidade de nossos tempos e que devemos aceitá-la como um desafio que as universidades deveriam enfrentar, queiram ou não, na próxima década (ZABALZA, 2004, p. idem).

Nessa perspectiva, para dar sustentação à discussão que ora se apresenta, parte-se da hipótese, formulada no início desse trabalho, de que o Ensino Superior é tido como uma das mais importantes contribuições na vida do jovem para sua inserção ocupacional no mercado de trabalho. Após a discussão realizada até aqui, que contextualiza as construções identitárias dos sujeitos em várias dimensões de atuação social, especialmente os sujeitos jovens, é inegável desconsiderar as transformações que vêm ocorrendo na sociedade, que apontam uma exigência de mudanças nos cenários da educação em todos os níveis, mas, principalmente, no ensino superior.

Vive-se hoje na sociedade do conhecimento e da informação, portanto, é mister que se torne uma sociedade que entenda que todas as facilidades tecnológicas disponíveis podem contribuir com o desenvolvimento das capacidades humanas principalmente através da comunicação, uma vez que capacidade de expressão para elaboração e (re) elaboração de conceitos possibilitam melhores experiências de aprendizagem cada vez mais complexas e, ao mesmo tempo, cooperativas. São meios disponíveis que devem favorecer a abertura de novas idéias e que essas se direcionem para aguçar a sensibilidade diante da realidade social, isto é, que despertem os sujeitos para que, utilizando a cooperação, formem redes solidárias, que

possam ser solidificadas por meio de projetos de pesquisa, de ensino e de aprendizagem.

Para tanto, as evoluções realizadas no conhecimento científico, principalmente a partir da contextualização teórica, na prática, experimentadas nos cursos de nível superior, promoveram um considerável “incremento” na formação dos sujeitos e, aqui, se tratando dos sujeitos que freqüentam os últimos dois períodos do curso de pedagogia, portanto, dos jovens profissionais docentes (muitos exercem a docência mesmo antes de iniciarem ou quando iniciam esse curso universitário) e dos futuros professores. No entanto, dessa grande evolução no conhecimento científico, proporcionada pela junção entre teoria e prática, inserida na sociedade capitalista, em que a educação é consumida em etapas fragmentadas e limitadas pelos modelos curriculares de disciplinas que não se conectam, é que surge um grande problema: a disjunção, uma espécie de (des) encaixe que ocorre entre o aporte teórico e a contextualização desse aporte no chão da realidade.

Essa afirmação será embasada mais adiante, após apontamentos que contextualizam a situação deste nível de ensino no Brasil. Assim, é conhecido que o problema da educação em se tratando de Brasil não é emergente. Como se sabe, o problema vem da “base”, mas o tempo não perdoa, não retrocede, por isso, é necessário seguir do ponto presente. É também sabido que esse argumento não dispensa os níveis básicos de educação de serem reformulados em suas propostas curriculares, principalmente para a geração que aí desponta. Mas, quando se trata de Ensino Superior, há uma emergência de mais reflexões que possam contribuir com a minimização dos problemas que existem, começando pela formação do professor, visando à quebra do paradigma instrucional, com a mudança de postura de professor e aluno em relação ao conhecimento, com mais expansão e financiamento de pesquisas, etc. Nesse sentido, o conhecimento não mais poderá ser visto como algo pronto, inquestionável, e sim, como promotor de diálogos entre povos e culturas, pois,

Além da tarefa de preparar numerosos jovens para a pesquisa ou para empregos qualificados, a universidade deve continuar a ser fonte capaz de matar a sede de saber dos que, cada vez em maior número, encontram na sua própria curiosidade de espírito o meio de dar sentido à vida. A cultura, tal como entendemos, inclui todos os domínios do espírito e da imaginação, das ciências mais exatas à poesia (DELORS, 2000, p.144).

É a sede de saber que impulsiona os sujeitos a procurar novos desafios, e também a buscar alternativas para a solução de impasses atuais como melhor qualificação para inserção no mercado de trabalho, tendo em vista acompanhar as demandas sociais vigentes. Segundo Clavero, em seu artigo “Educación superior: tendencias y desafios”, neste milênio, a

habilidade humana tecnológica será o determinante e definirá as ocupações, posições dos sujeitos nas esferas sociais e, para tanto, esses serão avaliados pela sua capacidade mental, tanto para gerar conhecimentos, como saber utilizá-los. Ainda, segundo esse autor, as preocupações existentes nos países do primeiro mundo rumam em direção aos sistemas educativos, no sentido de acreditar que o homem se coloca como maior capital pela sua capacidade de transformação. Assim, Clavero afirma que,

Una nueva vision de la educación superior constituye quizás el mas importante medio con que cuenta un país para promover su desarrollo y fortalecer su identidad nacional y autodeterminación, lo que se fundamenta en la contribución que esta puede hacer a la modernidad, plasmada en un proyecto de sociedad comprometido con el desarrollo humano sustentable (CLAVERO, 2005, p. 7).

Nos países em desenvolvimento da América Latina, especialmente o Brasil, desde a década de 50, vêm ocorrendo importantes transformações no ensino superior, essas que o autor nomeia como tendências atuais de educação superior, entre elas o crescimento quantitativo desse setor educacional, a diversidade de instituições, a participação expansiva do setor privado, o desenvolvimento da internacionalização, a relação de trocas entre os governos e o empenho de algumas universidades para a transformação. As tendências internacionais no final dos anos 80 e década de 90 do século passado, são marcadas, de certo modo, por algumas contradições e por simultaneidade nos processos de desenvolvimento da educação superior o que demanda ações rápidas e adequadas. Assim, essas tendências se caracterizaram pela democratização, mundialização, regionalização, fragmentação e polarização. (CLAVERO, 2005).

A UNESCO, no “Documento de política para el cambio y el desarrollo en la educación superior: Resumen ejecutivo”, do Centro Regional para a Educación Superior na América Latina e Caribe (CRESALC), em suas análises difundidas a partir do ano de 1995, define que as tendências da evolução da educação superior em escala mundial em relação ao crescimento quantitativo, são proporcionadas pelo crescimento da quantidade e diversidade dos estudantes, o aumento do número de docentes e pela criação de múltiplas instituições de ensino superior.

Nas últimas décadas, a democratização e as transformações no mercado de trabalho são responsáveis pelo crescimento do grupo estudantil acadêmico, pois, por mais que os empregos tradicionais ainda tenham importância e os ofícios tenham sofrido algumas transformações, os cargos e postos disponíveis são colocados à disposição dos que possuem maior titulação acadêmica. O fato é que, mesmo com todas essas transformações, elas

caminham a lento passo ou são tomadas atitudes de emergência que surgem com inovações e aligeiramentos curriculares, uma espécie de maquiagem que reveste os terrenos do currículo a fim de eliminar problemas de evasão, repetência, aprendizado, mas que, na verdade, apenas ampliam as lacunas existentes, porque não elevam o nível da qualidade educacional.

E, por isso, amplia-se cada vez mais a distância entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos, em relação às condições da Educação Superior e à pesquisa. Só para se ter uma noção, o número de alunos matriculados nos países desenvolvidos cresceu nas décadas de 70 a 90 passando de 27% para 40%, enquanto que nos países em desenvolvimento o crescimento passou de 10% para 14% e a matrícula na educação superior nos países desenvolvidos é de 37%, contra 8% nos países em desenvolvimento (CLAVERO, 2005).

Enfim, observa-se que há muito a fazer na Educação Superior e a democratização desse nível de ensino está em processo. É necessário expandir-se com mais velocidade e objetividade para que mais pessoas tenham acesso, não fiquem à margem do desenvolvimento necessário, e acompanhem o desenvolvimento econômico da sociedade em que estão inseridos e se inserem, pois, de nada adianta um país desenvolver-se, crescer economicamente se não proporciona simultaneamente o desenvolvimento humano social, tal como explica Marcuzzo,

El desafío de la Universidad es por tanto, situar-se en el contexto de la comunidad en la que esta insertada, colaborando con la creación de un pensamiento capaz de ayudar en la construcción de una sociedad más justa. Eso exige una revisión del comportamiento de la unidad universitaria, reforzando más que nunca su compromiso social (MARCUIZZO, 1996 APUD, CLAVERO, 2005, p. 12).

Clavero (2005) comenta que J. Attali, ao ser entrevistado, disse que é mais que evidente que a Educação Superior necessita formar tanto “produtores como cidadãos. Y que todo diplomado que egresa de una universidad há de haber aprendido em ella por lo menos cuatro cosas: a ser um cidadão, a comunicar, a crear, a criticar” (CLAVERO, 2005, p. 12). É nesse sentido que Clavero (2005) diz que o problema existente na educação geral, ou humanista, no enfrentamento de uma educação especializada, que implica numa aprendizagem, não se pode pautar somente nos conhecimentos existentes nas literaturas da área em foco, mas demanda que esses conhecimentos se centrem nas habilidades intelectuais e valores universais. Portanto, entende-se que o conhecimento não pode mais ser recortado, fragmentado. Deve ultrapassar àqueles proporcionados na academia e juntar-se aos que decorrem da vida cotidiana, para produzir um novo conhecimento, pois como afirma Leite (2000),

Entendemos o conhecimento como o resultado de uma rede de relações sociais, culturais, físicas, simbólicas; onde diferentes influências e fatores constituem os objetos de conhecimento e os sujeitos cognoscentes. Assim, o homem é criador e criatura da sociedade; produto de suas próprias produções e de suas instituições. E o conhecimento acontece em uma rede, com muitos fios e diferentes tramas (LEITE, 2000, p.1).

Ainda segundo Leite (2000), essa junção entre conhecimento literário e experiências cotidianas comuns, do senso comum, proporciona observar a diferença que existe entre conhecimento e informação, não que se deva pensar que existe entre eles uma dicotomia, pois os dois são interdependentes, mas que se heteroginizam pelas relações que estabelecem com a sociedade.

Dessa forma, entende-se que o conhecimento vai além do simples ato de conhecer e passa a estabelecer completa simetria, sintonia com toda a sociedade, caminha junto, no mesmo sentido e direção porque não se aliena da história e nem da sociedade, torna-se um só, e resulta na produção de um novo conhecimento. Dessa maneira, adquire sentido de vida e assim, cabe ressaltar na tentativa de explicar a necessidade de expansão, ampliação da pesquisa acadêmica, essa pode ser um dos elos indispensáveis à aquisição de mais conhecimento.

Outro aspecto a ponderar, são os estágios, práticas acadêmicas realizadas pelos sujeitos estudantes, principalmente nos últimos períodos dos cursos acadêmicos no país. Esses servem para possibilitar o entrelaçamento entre literatura e prática dessa literatura e senso comum, porque, mais do que conhecer e saber empregar o que foi aprendido (saber fazer), deve-se possibilitar ao sujeito aprender a ser, a viver e a conviver.

Talvez fosse prudente aqui colocar o verbo aprender no gerúndio: aprendendo a fazer, aprendendo conviver, aprendendo a ser um ser que é mais, que faz a diferença e que leva à ação do ir aprendendo a viver com os outros. Nesse sentido, aprendendo a conhecer é aprender a compreender o processo das experiências vividas e, em vivências, expandir os saberes já elaborados, “... estabelecer pontes – entre os diferentes saberes e entre estes saberes e seus significados para a nossa vida cotidiana; entre estes saberes e significados e nossas capacidades interiores” (NICOLESCU, 2000). Isso significa que aprendendo a fazer é ir descobrindo-se através de suas habilidades e potencialidades. É tornar-se criativo e “aberto” à transformação, criação e renovação, a viver em conjunto, é, fundamentalmente, respeitar a si mesmo e ao outro, é aprender a conhecer a si próprio.

Esse poderia ser mais um papel, uma missão da universidade: ensinar que sempre se está em processo de aprendizagem e de ensino como idéia de processo de construção de

conhecimento, que não se esgota, pois o aprender e o ensinar são contínuos, incessantes: a cada aprendizado um ensinamento e a cada ensinamento um novo aprendizado, portanto, são modalidades que não cabem dentro de um pacote pronto, embrulhado com um laço de fita a ser ofertado, mas um campo de possibilidades de crescimento pessoal e institucional. Esses são os “aprenderes” contidos no Relatório Delors na edição de 2000, elaborado pela Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI da UNESCO, centra como eixo norteador dos processos de ensino e aprendizagem esses quatro pilares apresentados e que têm servido como orientação nos processos curriculares, porque podem contribuir para o aprofundamento das reflexões educacionais em todos os níveis.

De volta à discussão sobre os estágios e práticas que se fazem obrigatórias para a conclusão dos cursos superiores no Brasil e, aqui se tratando do curso de Pedagogia, sabe-se que esse momento provoca tensões porque se revela como problemático. Percebe-se que essa prática de caráter formativo tem sido um desafio constante para os educadores e alunos. Não somente se constitui como um desafio, mas, muitas vezes, como um problema de difícil solução, porque ainda não (em várias situações ou casos) se baseia na construção de um espírito investigatório fundamentado na parceria, na reflexão, essa que possibilita e promove, se utilizado o diálogo, para a extração de novos conhecimentos, de novas posturas, novos indicadores e em novas possibilidades de educação e trabalho. Acredita-se que esses pressupostos alicerçam-se em bases metodológicas e epistemológicas centrais na educação formativa e no trabalho decorrente dessa, porque valorizam a prática como um meio para a interação e transformação social. Essa idéia remete a uma universidade envolvida nos processos formativos educacionais com o envolvimento de todos os sujeitos comprometidos com a ética educacional e profissional, o que implica em uma responsabilidade social.

Entende-se que não há teoria revolucionária que dê conta de todos os problemas da educação e suas limitações, principalmente aqui no Brasil, dentro de um contexto marcado pela política neoliberal, principalmente desde os anos 90, porque essa política se organiza numa perspectiva de controle embasada em reformas contidas e estabelecidas na lei que, ora centralizam, ora descentralizam, o papel e a responsabilidade do Estado nos compromissos com a educação. Esses olhares se voltam apenas para a avaliação e para o currículo dos sistemas de ensino que objetivam o repasse das responsabilidades administrativas, pedagógicas e financeiras para o setor privado ou para os estados da federação ou municípios, a saber, o Projeto das Organizações Sociais e a Proposta de Autonomia Universitária, um descaso com a Educação Superior no Brasil.

Conforme Gimenez (2005), a educação do trabalhador brasileiro, em todos os níveis

de ensino, está estampada na LDB 9394/96 e é por aí que se percebe o nível de “fragmentação, aligeiramento, mercantilização e manipulação, elevados a patamares que beiram o insuportável” (GIMENEZ, 2005, p. 243). Essa autora faz uma análise sobre os desafios atuais que os sujeitos enfrentam na educação e no trabalho, portanto, comenta e critica a reforma universitária na gestão do governo atual, esse que solidifica a destruição da instituição pública de ensino superior,

[...] entregando ‘de bandeja’ o ensino superior ao setor privado e ao mercado, para o quê conta com o apoio explícito da União Nacional dos Estudantes (UNE), importante instrumento histórico na luta em defesa da universidade pública. Ator importante nesse cenário, o ensino a distância, menina dos olhos de grandes empresas americanas e européias, com as quais o governo brasileiro vem firmando parcerias para a aquisição de pacotes didáticos, revertendo em lucros fabulosos para essas empresas e suas congêneres nacionais, que comandam esse promissor segmento de mercado no Brasil, pois que, para alguma coisa, a educação a distância haveria de servir [...] (GIMENEZ, 2005, p. 244-245).

Para Gimenez (2005, p. 246), esse e muitos outros problemas, como o caráter de precarização do emprego e trabalho docente que se efetiva por ser mal remunerado e pelo caráter de provisoriedade, na “corda bamba da precariedade”, do contrato provisório, eternamente submetido à perspectiva de continuidade “num tempo sem medidas, uma eterna construção do vir-a-ser”, é que conduz o professor a ser um “sujeito de passagem”, a andar por aí sem um porto seguro, vigilante eterno de sua qualificação. Portanto, a autora comenta que a educação brasileira na contemporaneidade, em todos os níveis educacionais, é afetada e ancora-se em três pilares, os quais anunciam a tragédia educacional atual: projeto de mercantilização e privatização ilimitada da educação em todos os níveis; projeto de negação do conhecimento, a partir da fragmentação, minimização e aligeiramento dos conteúdos disciplinares e dos próprios cursos; projeto de afinamento ímpar das estratégias de envolvimento manipulatório das consciências: o fortalecimento do caráter ideológico da educação (aceitação passiva por parte dos trabalhadores de uma (des)ordem social bárbara). A forma para garantir o papel outorgado à educação no Brasil é expressa e articulada por esses pilares (GIMENEZ, 2005).

Nesse sentido, a educação, como produto da mercantilização, passa a sofrer grandes transformações em função das profundas adaptações. Assim, transfere o sentido de emancipação, um bem sem possibilidades de ser medido para um objeto empacotado e embalado para consumo, um produto pronto. É nesse sentido que Gimenez traça um paralelo da atual situação educacional: a caracterização da sociedade, como sendo a do conhecimento e a redução e minimização do conhecimento. Para explicar esse paralelo, Gimenez comenta

sobre a crítica elaborada por Newton Duarte sobre a Pedagogia do “aprender a aprender”. Comenta que esse autor se refere a essa, como uma forma de negação do conhecimento em função dos papéis designados ao professor e ao aluno. Ao professor cabe a tarefa de negar ou omitir os conhecimentos produzidos historicamente, delegando este a negação de responsabilidade em conhecer (e aprender). Ao aluno cabe desenvolver as competências para aprender, reduzindo a didática a um processo de facilitação, de desresponsabilização por parte de quem ensina e, conseqüentemente, a crítica de quem aprende (GIMENEZ, 2005).

Fala-se muito, atualmente, da necessidade urgente de uma educação com qualidade, que os fracassos educacionais devem-se ao problema da má formação e ao despreparo dos pedagogos, dos professores especialistas, da escola e instituições formadoras, que acabam sendo “crucificados”, em favor dessa razão, porém, não focam a atenção na responsabilidade de cada um que participa do processo educativo. Por isso, o problema da formação dos futuros docentes e docentes (mesmo com um grande contingente de pesquisas na área), ainda é uma incógnita, ou algo insatisfatório, revelado em muitas práticas pedagógicas. Leitão (2004), se indigna e se intriga afirmando que muitos sujeitos pensam e consideram que a melhor e mais útil formação só é possível de ser efetivada quando embasada em teorias muito reconhecidas e aceitas, bem como, em atuais conceitos, e que somente o acúmulo quantitativo dessas teorias disponíveis nas obras literárias é que possibilitarão aos sujeitos serem aptos para a ação.

È nessa idéia de conhecimento, proveniente somente de fora para dentro, que esta autora enfatiza como conhecimentos, que não se questionam sobre as redes de interação e integração constantes presentes na formação dos sujeitos, as que formam o ser e o fazer e garantem uma ação mais democrática, instigando e sensibilizando os professores a perceberem a necessidade de transformação, mudança. Leitão (2004, p. 87) acrescenta:

Ou seja, acredito que não é possível mudar sem a participação dos sujeitos – professores e alunos – que fazem a educação acontecer, sem nos interrogarmos profundamente sobre as formas pelas quais aprendemos e sem novas ressignificações de cada sujeito a partir do que é vivido e elaborado coletivamente.

Ainda que se considerem todas as dificuldades existentes na comunidade escolar e principalmente, destacando as barreiras enfrentadas pelos professores, tanto os que estão em processo de formação como os já titulados pelas universidades, seja de ordem econômica, social, política, tecnológica, é fundamental mudar o foco do olhar e voltar-se para a compreensão da prática educativa dos sujeitos envolvidos no processo, isto é, compreender

como e o quê constituem essa ação, como e quais as relações dos sujeitos envolvidos, quais significados e sentidos produzem, para a criatividade, produção e reprodução. Tudo isso levará ao descobrimento do agir no processo pedagógico, este que muitas vezes nos surpreende pela grande riqueza de criação que possui.

Assim, entendendo a ação pedagógica partindo desse princípio, considera-se muito importante a contribuição dos alunos futuros (ou já professores em exercício) professores nas propostas de políticas de formação para que possam abordar sobre as questões que mais os “perturbam”, revelar os seus saberes, seus anseios, discorrer sobre o que fazem e como pensam sobre sua práxis. Essa posição não significa a omissão da teoria nos processos de formação, pelo contrário, a prática pode ser enriquecida, como a teoria e metodologia podem servir de orientação para atitudes e posturas pedagógicas, mas a prática também produz teoria, sua própria teoria. Utilizar a teoria do outro, mas ter a sua própria teoria, construída, reconstruída e renovada através de mais experiência, de mais conhecimento, da união de opiniões, de saberes; como diz Nóvoa (APUD, LEITÃO, 2004, p. 91): “os professores se apropriem dos saberes de que são portadores e os trabalhem do ponto de vista teórico e conceptual”.

Pensar e agir coletivamente, buscando uma relação afetuosa, solidária, curiosa, pode fazer parte das propostas de formação dos pedagogos, favorecendo que a relação dos sujeitos se constitua no movimento dinâmico em torno de questões sobre o quê, por quê e como fazer, não em direção à certezas, mas à incertezas. Em tempos de incertezas há necessidade de transformações, de renovações que serão continuamente formadoras e renovadoras, provocando um formar contínuo, incessante. Uma alternativa que poderia ser adicionada às anteriores, seria que a formação acontecesse também no ambiente do trabalho, proporcionando a autoformação partilhada, promovendo a reflexão e o adentramento na ação educativa o desenvolvimento de diferentes linguagens expressivas, a instigação à atitudes críticas e criativas, interdisciplinares, a articulação prática/ teoria/ prática.

Tardif (2002) considera importante que a formação inicial e, conseqüentemente, a formação pessoal e profissional no decorrer da vida do professor deve elevá-lo ao status de sujeito do conhecimento. Destaca também, a importância na preparação do mesmo para a sua ação prática que deve sempre ser refletida. Dessa forma, se os atores e os demais sujeitos pertencentes à comunidade escolar, considerarem os professores como sujeitos do conhecimento, que se refere às competências, habilidades, saberes, ao saber-fazer do trabalho docente, o professor reflexivo deixa de ser apenas um profissional que aplica os conhecimentos fragmentados, produzidos em espaços fechados por pessoas distantes do

espaço onde a prática docente se realiza. Isso depõe o paradigma dicotômico entre teoria e prática, que ainda impera no meio educacional.

Enfatiza-se aqui, que outra alternativa eficaz para a formação, seria uma ação voltada à integração de todos, (acredita-se que a formação não se destina somente aos professores que estão aprendendo dentro das salas de aula, mas também àqueles que estão ocupando cargos na gestão, e em todos os setores educacionais), deveria envolver coletivamente TODOS os profissionais da educação de acordo com cada comunidade escolar, para acabar como o isolamento das instituições educacionais, especialmente as de Ensino Superior. Pois como afirma Arroyo (2002 p. 191): “As escolas continuam muito isoladas e seus mestres também. Isolados atrás das grades curriculares”.

Já é de conhecimento de muitos que a formação dos pedagogos é uma condição estratégica de atualização e promoção, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem e para o desenvolvimento da sociedade. Essa condição pode cumprir-se com rapidez por meio dos recursos tecnológicos avançados que subsidiam as metodologias voltadas para aprendizagens, habilidades e competências.

Outro meio de recurso para a formação continuada, como recurso para uma busca constante da atualização, é a biblioteca das instituições na tentativa de estabelecer todas as relações possíveis para o entendimento dos problemas. Porém, apesar da compreensão por parte da sociedade acadêmica sobre a importância que o papel da biblioteca exerce neste processo de formação, a realidade tem mostrado o contrário e as bibliotecas escolares brasileiras ainda são, muitas vezes, negligenciadas pela comunidade escolar. É difícil encontrar um professor e seus alunos pesquisando na biblioteca! Esse problema se deve pelos motivos que Gasque e Costa (2003, p. 76) afirmam:

[...] esse reconhecimento não se traduz, no Brasil, em uma política de implantação, desenvolvimento e avaliação de bibliotecas nas escolas públicas e privadas a partir de parâmetros delineados por profissionais da informação e educadores que definam o que seja uma biblioteca escolar e sua função no ambiente educativo. Por falta de tais parâmetros as bibliotecas têm sido, geralmente, negligenciadas. Mais que isso, quando existentes, parecem ser consideradas como apêndices do sistema educacional. Essa situação é, no mínimo, incoerente com as propostas de inovação da área educacional.

A formação de professores tem recebido, e está introduzindo há anos, temáticas de estudos e de atuação profissional. As questões epistemológicas relativas ao trabalho e formação docente, assim como os debates sobre a avaliação da aprendizagem e definições de objetivos e procedimentos didáticos, são assuntos pertinentes a serem discutidos nos programas de formação, porém não são os únicos. É muito importante que o professor seja

competente cientificamente, especialmente, no caso de poder ser selecionado para ingressar nos programas educacionais dos cursos universitários, mas é primordial que esse professor seja competente como docente, isto é, que tenha didática de ensino.

No entanto, é percebido que há um desencontro nessa questão entre o conhecimento dominado pelo professor e os procedimentos que utiliza para garantir a aprendizagem de seus alunos. Apresenta-se, então, um grande dilema que o futuro pedagogo leva para os cursos de formação, estes que, muitas vezes, apresentam e mantêm um discurso de racionalidade técnica e comum para todas as áreas do conhecimento, e provocam uma omissão de reflexão do professor sobre seu trabalho educativo, proporcionando que a formação desse professor se situe no seu fazer cotidiano como uma atuação a-crítica e a-histórica. Como afirma Duarte (APUD, BORBA; FERRI; HOSTIN, 2004, p. 102), “Cotidianidade alienada que se relacionará alienadamente com a reprodução da prática social”.

Um problema observado na prática pedagógica é o fato de que muitos professores acreditam que sua função limita-se apenas a ensinar. Aprender ou não é problema do aluno. Essa concepção docente enfatiza que o professor só se preocupa em passar seu conteúdo, sem levar em conta, a importância de adquirir conhecimentos novos, novos métodos de ensino, buscando outros caminhos, para relacioná-los a outros conhecimentos, de outras áreas disciplinares. Isso equivale a promover uma união, um “ligamento”, tal como os ingredientes que se misturam na massa de uma receita culinária para proporcionar um todo consistente, significativo, promovendo a inserção dos sujeitos no mundo, um mundo que continua, se transforma e se integra. Essa questão abordada é muito importante e poderia ser apresentada como proposta nos cursos de formação, para que não se tornem apenas mais um recurso destinado apenas à obtenção de certificado.

Desta forma, o lema “aprender a aprender” define-se como um processo que enfatiza a individualidade, porque se centra apenas na garantia do sujeito que aprende por si só, sem que haja cooperação, partilha, socialização dos conhecimentos produzidos historicamente.

Duarte (APUD, BORBA, FERRI e HOSTIN, 2004, p. 103), ressalta:

Não discordo da afirmação de que a educação escolar deva desenvolver no indivíduo a autonomia intelectual, a liberdade de pensamento e de expressão, a capacidade e a iniciativa de buscar por si mesmo novos conhecimentos. Mas o que eu estou procurando analisar aqui é outra coisa: trata-se do fato de que as pedagogias do “aprender a aprender” estabelecem uma hierarquia valorativa, na qual aprender sozinho situa-se em um nível mais elevado da aprendizagem resultante da transmissão de conhecimentos por alguém. Ao contrário desse princípio valorativo, entendo ser possível postular uma educação que fomente a autonomia intelectual e moral por meio da transmissão das formas mais elevadas e desenvolvidas do conhecimento socialmente existente.

Nesse sentido, os cursos de formação, certamente, necessitam abordar os fundamentos filosóficos, psicológicos, sociológicos da educação, porém seria de suma importância que essas abordagens se articulassem no campo da didática, do currículo, para que haja a vinculação entre o conhecimento científico e a prática pedagógica. É por essa razão que vem se enfatizando aqui, que os cursos de formação nas instituições de Ensino Superior deveriam ultrapassar o pragmatismo das pedagogias do “aprender a aprender” e se manifestar na pedagogia que valorize o conhecimento historicamente produzido. Essa abordagem proporciona a reflexão que alicerça a ação docente e ocasiona que o conhecimento não se revele como algo parcial, fragmentado, mas como conhecimento que “tendo sido produzidos por seres humanos concretos em momentos históricos específicos, alcançaram validade universal e dessa forma tornam-se mediadores indispensáveis na compreensão da realidade social e natural [...]” (DUARTE, APUD, BORBA, FERRI e HOSTIN, 2004, p. 106).

Diante dessa reflexão de Duarte percebe-se a grande importância da ação pedagógica contextualizada, inter-relacionada, com possibilidades de construção e reconstrução, sempre em busca de novas possibilidades de ensino, tratando de romper com práticas solitárias e individuais oriundas da nossa história e ainda tão impregnadas na atual sociedade vigente, em especial, na escola. A escola é o lugar para por em prática todos esses saberes “novos”, ressignificando os “velhos”. Não há saber ultrapassado, inútil, há o saber reconstruído, aperfeiçoado e este é que deve ser compartilhado e, desse modo, transportar-se para o campo interdisciplinar, vencendo a barreira disciplinar.

Nessa perspectiva, a opção pela negação histórica do conhecimento socialmente produzido preenche os sujeitos de (in) significações, uma vez que a história consiste em fazer sentido, ainda que com divergências de sentido a cada caso, mas imprescindível para a atribuição de significações. Neste aspecto, considera-se esta passagem expressiva de Gimenez (2005, p. 249), quando diz:

Quantos estudantes chegam ao fim do curso com a vazia sensação de não terem aprendido nada! Ou seja, nada que ultrapasse o nível dos receituários que se comprovam invariavelmente inaplicáveis na prática; nada que contribua para desvelar a realidade em suas múltiplas dimensões!

Mesmo diante desse quadro estonteante da educação na sociedade brasileira e sabendo que já não é mais possível vislumbrar qualquer horizonte sem capitalismo, “as críticas, no entanto, vêm sempre acompanhadas de uma idéia ou proposta de como melhorar, reiterando que o sentimento é de frustração, de decepção, mas não é de descrença no papel da educação

como possibilitadora de mudanças” (GIL, VIEIRA, STECANELA, FISCHER, SALVA, 2006, p.10). É nesse sentido que se enfatizaram os argumentos sobre a problemática da educação até aqui, pois se acredita que mesmo ciente das limitações que o regime capitalista impõe, é possível que este sofra transformações, principalmente no campo da ética e da cidadania. Se, dos sujeitos, são exigidas habilidades, as quais demandam esforços empreendidos, como no campo da comunicação (oral e escrita), nas disposições, estes devem servir para mudanças frente aos desafios múltiplos que se impõem, especialmente no campo das tecnologias, bem como de autodesenvolvimento, utilizando o aprendizado contínuo e incessante, da resolução de problemas, por meio da criatividade, da busca pela autonomia.

Uma alternativa que pode ser viável seria que esses sujeitos utilizem todas essas capacidades, habilidades, enfim, saberes, para promover transformações em benefício da melhoria de vida, formação e mais oportunidades de inserção social dos sujeitos, do ser humano, um ato que requer responsabilidade, enfrentamento, luta, ainda que se esteja iniciando. Como conta a lenda do beija-flor, que queria apagar o incêndio na floresta e, ao ser questionado por um amigo sobre o porquê de se deslocar de um canto a outro com gotas de água no bico uma vez que não poderia apagar o fogo, foi logo respondendo: estou fazendo a minha parte. Façamos a nossa dentro dos nossos limites e limitações! Isso não é utopia, isso pode virar realidade! Claro que não se pode fugir do sistema, mas é possível utilizá-lo para investir (ou ao menos tentar) na minimização dos problemas sociais.

Niskier (2006, p. 224) comenta que “mais do que nunca saber é poder, já afirmava Bacon há muitos séculos atrás”. Conforme esse autor, cada vez mais essa frase de Bacon se afirmará e se ampliará no século XXI, em vista de todas as transformações ocorridas após o fim da Segunda Guerra Mundial e que até hoje se caracterizam pelo acúmulo e acréscimo de conhecimentos produzidos pela humanidade numa quantidade inimaginável. “Não há, pois, como pretender que a inteligência humana absorva a incalculável massa desse saber em crescente processo de multiplicação” (NISKIER, 2006, p. 223). Esse autor se refere ao conhecimento, não como quantitativo, mas qualitativo, isto é, o conhecimento que os sujeitos adquirem e que são passíveis de serem utilizados e aplicados no cotidiano, para suprir necessidades. Um acúmulo de saberes que passa pelos níveis de qualidade, como um filtro que seleciona, conforme as necessidades e conveniências dos sujeitos, pois, caso contrário, esses conhecimentos seriam inúteis.

Ao comentar sobre o Ensino Superior brasileiro, Niskier (2006) traz vários apontamentos e observa-se sua postura defensiva em relação a esse ensino. Para tanto, o autor, primeiramente, adverte que por conta da prioridade que a educação, a ciência, a tecnologia e a

economia passam a ter na vida dos sujeitos atualmente, é necessário que o Ensino Superior tenha custos justos, isto é, que seja acessível em termos financeiros. O Ensino Superior privado sofreu expansão, teve novas oportunidades de ampliação e de qualidade a partir da Reforma Universitária de 1968. Tanto é que há, no mercado de trabalho, considerável atuação dos sujeitos egressos das universidades particulares. Claro que se consideram os apontamentos feitos por Gimenez, feitos anteriormente neste texto, o que também Niskier, de certa forma aborda, quando comenta que “A regulação e o controle sacrificam, por parte do poder público, a sua missão, o Estado tornou-se centralizador e patrimonialista, sem contar com os altos índices de corrupção” (NISKIER, 2006, p. 113).

No entanto, a mesma Lei, fundamentada no pluralismo político que garante o direito à escola privada, de livre iniciativa, exige, exageradamente, o credenciamento e recredenciamento dessas instituições de Ensino Superior particular. Portanto, há uma contradição evidente em que, por um lado, a Lei valoriza a livre-iniciativa e, por outro lado, a pesquisa é um dogma, o que impõe às universidades seguir e cumprir as exigências mediante um “modelo retrógrado e credencialista”. Se comparadas com as universidades norte-americanas modelares, que centram-se “na pluralidade institucional, sobretudo no que se refere à pesquisa, observa-se que essas não sofrem indução intervencionista” (NISKIER, 2006, p. idem). É nesse sentido que esse autor também comenta sobre o preconceito existente nas instituições particulares de Ensino Superior que buscam a livre-iniciativa e alerta que,

Devemos lutar para a construção da nova universidade, em meio a uma profunda crise. Ela deve ser politicamente aberta. A universidade é o *locus* ideal para trabalhar os saberes que levem ao desenvolvimento econômico e social. Vê-se que, nas últimas décadas, as universidades federais têm sido maltratadas. Deseja-se acabar com o isolamento das universidades oficiais. A pesquisa precisa ser voltada para o desenvolvimento científico, tecnológico e humanístico, para que sejam implantadas novas técnicas de gestão. [...] há um anteprojeto de lei, baseado na liberdade, propondo mudanças que o MEC considera essenciais para a nossa sociedade. Reconhecer a pluralidade democrática e defender os direitos dos excluídos, com o acesso a padrões mínimos de qualidade é outra prioridade. O MEC está certo de que cumprirá sua missão. (NISKIER, 2006, p. *ibidem*).

O Brasil conta com, aproximadamente, cinco milhões de estudantes nas instituições de Ensino Superior, o que leva a concluir que, em 2010, esse número se ampliará para sete milhões de jovens na faixa etária média entre 18 a 24 anos. Essa realidade coloca em jogo outra contradição: os mais necessitados frequentam as instituições privadas de Ensino Superior, enquanto os mais favorecidos financeiramente frequentam as públicas (NISKIER, 2006).

Tem-se conhecimento que há muitas tentativas e projetos que possuem finalidades de

romper com muitas barreiras, como a destacada acima. Alguns até mesmo propõem “emendas” para minimizar essa problemática realidade juvenil, mas, para os que precisam pagar mensalidades, a trajetória nesse processo, muitas vezes, não é nada animadora. Por vezes, em grande parte delas, leva muitos jovens a buscarem trabalho, esse bem raro e difícil de conseguir. Não raro, na busca desesperada e quase fanática, esses sujeitos lançam-se no mercado da informalidade, ou até, no submundo do trabalho e se dispõem, a qualquer tipo de fazer, se fazer, se ocupar, em troca de migalhas de reais, com o objetivo de custear total ou parcial a mensalidade da universidade. Sabe-se que essa é uma realidade para muitos que freqüentam a universidade e que leva à sérias conseqüências, como a questão do duvidoso aproveitamento da aprendizagem, gerando uma defasagem de conhecimentos importantes, o stress, a doença depressiva, entre outros.

Questões como essas poderiam resultar numa bela discussão se fosse problematizada algumas variáveis como: rendimento; qualidade de ensino das instituições particulares e públicas, etc., mas não vem ao caso neste momento. Para Niskier (2006), a reforma universitária em processo tem poucas chances de ser aprovada em função da concorrência que existe entre as instituições privadas, “é extremamente predatória”.

Para que haja harmonia entre os setores público e o privado é preciso cooperação, também para obter bons ganhos na inclusão social. Da forma que está sendo conduzida, a reforma não repensa a arquitetura do Ensino Superior, tratando-se apenas de uma recauchutagem do sistema de regulação do Ensino Superior. A reforma não explicita planos e metas nem explica de onde virão os recursos. Não podemos esquecer que o reitor é um gestor, logo não se propõe o salto para uma universidade de padrão internacional, mas um nivelamento que possa nos proporcionar o crescimento tecnológico e humano (NISKIER, 2006, p. 115).

As universidades americanas são consideradas as melhores do mundo. Para se ter uma idéia, entre as 20 melhores no mundo dezessete são americanas. A administração central se caracteriza como poderosa e empreendedora. Nesse sentido, Niskier comenta que essa poderia ser uma referência adequada para a realidade brasileira. Enquanto os EUA trazem de outros países professores e alunos, a Europa enfrenta um déficit de recursos, além da “burocracia estalinista”, o que ocasiona a perda, para os EUA, de quatrocentos cientistas europeus. Isso que as universidades européias, na sua grande maioria, são públicas, enquanto que as americanas são geralmente privadas.

Todas essas explicações (ainda mais o exemplo da China, que criou vinte universidades padronizadas internacionalmente) leva o autor a perguntar “E nós? O que temos feito? Como estamos buscando conhecimento? Falta um sistema de avaliação confiável e

abrangente para premiar o bom desempenho. Não existe órgão central de controle nas universidades americanas, não há MEC [...]” (NISKIER, 2006, p. 116).

Entende-se que essas questões têm sua relevância, claro, sem desconsiderar o contexto histórico-social e cultural de cada país, mas o Brasil tem o Ensino Superior mais caro do mundo. Gasta-se, com cada aluno do Ensino Superior, a quantia de onze mil reais por ano. Isto denota que é necessário redobrar as forças, dobrar as mangas, para fazer o que exatamente comenta Clavero, inserindo os conselhos dados por Díaz: “[...] antes de perguntarse que tipo de universidad se busca alcanzar, hay que decidir sobre la naturaleza de la sociedad que se pretende construir. La universidad debe enseñar a pensar, ejercitar el sentido común y dar rienda suelta a la imaginación creadora” (CLAVERO, 2005, p. 12). Por enquanto, dá-se uma pausa nesse assunto e, se você quer conhecer um pouco da UNIVALI, vem comigo!

### 2.1.2 A Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI e o Curso de Pedagogia

Contar a história da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI pode parecer uma tarefa fácil, porque está registrada em documentos da instituição, teses e dissertações e até mesmo na homepage da universidade, mas trata-se de algo um tanto complexo, pois está estampada em muitos documentos que estão dispostos no acervo histórico dessa instituição, nomeado de Centro de Memória e Documentação Histórica. O objetivo é resgatar dados significativos, isto é, que marcam o reconhecimento dessa instituição de Ensino Superior (entende-se que todos os documentos são importantes, mas foram selecionados apenas alguns para traçar a trajetória), referente à ampliação e expansão dessa universidade, para, em seguida, contextualizar, também historicamente, o curso de Pedagogia. Portanto, o Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Itajaí se constitui como o lugar onde decorre a ação desta pesquisa.

A Universidade do Vale do Itajaí, tal como um bom projeto, nasceu de um ideal, de uma boa idéia. Essa idéia foi oficialmente registrada somente em 22 de setembro de 1964, oficializada pela lei do município 599/64, após muita luta e mobilização da sociedade por meio de campanha acirrada na “Voz do estudante”, um espaço no programa existente, naquele período, na Rádio Difusora Itajaí, o qual divulgava os desejos da comunidade, que almejava a implantação do Ensino Superior na cidade de Itajaí. No entanto, anteriormente, no mesmo

mês e ano, em 16 de setembro, já se havia elaborado um documento oficial denominado Estatuto da Sociedade de Ensino Superior – SIES criado em 05/11/1962, a partir de transformações ocorridas no estatuto da “Sociedade Professor Flávio Ferrari” (SPFF). Essa Sociedade foi criada muitos anos antes, em 1950, com o objetivo de refinamento da cultura Itajaiense, utilizando a oferta de cursos livres que abrangiam desde os cursos técnicos de comércio, os de alfabetização, SENAC, se estendendo até os que serviam como preparatórios para as provas dos vestibulares. O “Estatuto da Sociedade de Ensino Superior” – SIES – dava suporte de regulamentação à instituição hoje denominada UNIVALI e, na época, denominada “Faculdades de Itajaí”, apenas como privada e era concebida como uma entidade que objetivava a difusão da instrução em nível superior atuante na Região do Vale do Itajaí e também no interior do Estado de Santa Catarina. Dava suporte também ao funcionamento das faculdades de Ciências Jurídicas e Sociais e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003).

Nesse sentido, muitas foram as dificuldades encontradas pelos sujeitos responsáveis pelo SIES, no sentido da autorização, para colocar em atividade as Faculdades de Direito e Filosofia, levando-os a deixar de lado a idéia de iniciativa privada para se unirem com o governo municipal, o que designou amparo através da Lei do município especificada no início desse texto. Para tanto, foi graças a essa parceria com a Prefeitura Municipal de Itajaí que foi possível a viabilização e implantação dessas faculdades, a partir de verbas que custearam o empreendimento, facilitaram o consentimento para o exercício dos cursos e promoveram o reconhecimento dessas Faculdades, que, por consistirem em uma escola pública, foi designada ao Conselho Estadual de Educação (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003).

Mas, a trajetória percorrida em prol do reconhecimento não parou nesse ponto e muitas outras batalhas se sucederam, pois, mesmo essas Faculdades sendo oficializadas através da Lei municipal 599/64, outras investidas foram necessárias para a instituição das Faculdades de “Filosofia, Ciências e Letras do Vale do Itajaí e também das Faculdades de Ciências Jurídicas e Sociais do Vale do Itajaí”. Foi somente quando da instituição do Decreto 48<sup>A</sup>, em 22/09/64, transformado em Lei do município nº 623/65, que essas Faculdades, compreendidas pela função técnica, foram desligadas da administração municipal e passaram a ser tutoriadas pela Autarquia Educacional e Cultural, a qual se responsabilizaria pelos recursos advindos do patrimônio próprio, da autonomia institucional e seriam administradas por departamentos técnico-administrativos de cada faculdade, a cargo dos membros da “Sociedade Itajaiense de Ensino Superior - SIES”. (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003). No entanto, conforme o documento,

Devido à insustentável situação criada em torno da figura jurídica (estabelecimento municipal – formalizado em autarquia – dirigido por uma sociedade civil de direito privado), de que deveria se revestir o novo empreendimento educacional, em 25/10/68, publicou-se a Lei municipal nº 892, criando a “Autarquia Municipal de Educação e Cultura da Cidade de Itajaí” – AMECCI – que fortalecia a presença do poder político municipal nas faculdades e desvinculava, totalmente, a SIES da direção técnico-administrativa das mesmas, uma vez que estas eram dirigidas pelos próprios professores, sem interferências externas (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003, p. 7).

O Parecer nº 72/65/CEE autorizou provisoriamente o exercício da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais e, logo em seguida, o Parecer nº 126/68/CEE/SC definiu a regulamentação para a atividade dessa faculdade. No mesmo ano foi autorizado o funcionamento da Faculdade de “Filosofia, Ciências e Letras do Vale do Itajaí, pelo Parecer nº. 98/68. Todavia, essa faculdade já estava em funcionamento desde junho do ano de 1965, o que permitiu o reconhecimento do diploma de 3.965 pessoas que concluíram os estudos em 1967, por meio do Parecer de 26 de maio de 1971, realizado em sessão plenária. Assim, com a Lei de nº 1047 de 11/11/70, outra transformação ocorreu e a AMECCI passou a ser a Fundação de Ensino do Pólo Geoeducacional do Vale do Itajaí – FEPEVI (a conhecida e tão festejada FEPEVI!).

O Decreto Presidencial nº 69. 799 de 15/12/71, com base no Parecer nº 801/71, ao Conselho Federal de Educação, o Decreto Presidencial nº 71.650, em 02/01/73, conforme o Parecer 1.265/72, acabou por reconhecer o curso de Direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Vale do Itajaí” e os cursos de Pedagogia, História, Geografia e Letras da Faculdade de “Filosofia, Ciências e Letras do Vale do Itajaí. O curso de Estudos Sociais foi reconhecido pelo Decreto nº 79.739 em 26/05/77. A Faculdade de Ciências Administrativas, Econômicas e Contábeis do Vale do Itajaí foi autorizada com o Decreto Presidencial nº 82.462, na data de 18/10/78 e, em 08/01/82, os cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas dessa faculdade foram reconhecidos pela Portaria Ministerial nº 23. A Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia do Vale do Itajaí foi criada em 1980 e seu reconhecimento foi alterado pela Portaria nº 484 em 19/11/1984 e, em 1986 com o Parecer nº 370/86, pelo Conselho Estadual de Educação, foi promovida a Unificação de todas as Faculdades, até então isoladas umas das outras, formando assim integração que levou à denominação de Faculdades Integradas do Litoral Catarinense – FILCAT. A Unificação das Faculdades “trouxe consigo o gérmen de um novo tempo e de uma nova mentalidade. Surgiram ali os primeiros passos em direção às metas comuns e partilhadas por muitos ” (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003, p. 7).

A Portaria Ministerial nº. 51/89, pelo Parecer nº 175/89/CFE, no dia 16 de fevereiro de

1989, reconhece a FILCAT como Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI e, em 19 de outubro do mesmo ano, pela Lei do município nº 2515, é que a FILCAT foi transformada em UNIVALI, que passou a ser formada pelo Conselho Universitário, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e Reitoria. Os órgãos que passaram a ser descentralizados da Reitoria foram a Pró-Reitoria administrativa, Pró-Reitoria Acadêmica responsáveis pelos cursos de Administração. A partir do momento em que as Faculdades Unificadas foram transformadas em Universidade, ocorreu uma expressiva expansão do campus universitário, dando origem a outros campi, em municípios vizinhos e circunvizinhos, como os Campi da UNIVALI de Balneário Camboriú, o de Tijucas, o de Biguaçu, o de São José, o de Balneário Piçarras, Penha, Ilhota, Bombinhas, Navegantes, São João Batista e Itapema. Portanto, adota em sua organização a estrutura multicampi em função dessa expansão e ampliação. Hoje, a Univali conta com os Campi nos municípios de Itajaí, Balneário Piçarras, Balneário de Camboriú, Tijucas, Biguaçu e São José.

No Campus I – Itajaí, outros cursos foram criados para suprir a demanda e desejos da comunidade. A saber, foram criados o Curso de Psicologia em 01/12/87, por meio do Parecer nº 439/87/CEE/SC e, pela Resolução nº 05/89/Cun, outros cursos foram criados e vinculados às respectivas áreas de Ensino e Faculdades: Ciências da Computação, Odontologia, Pedagogia, com habilitação nas série iniciais do Ensino Fundamental, Administração, já com habilitação, e Comércio Exterior e Fonoaudiologia (Resolução nº 08/90/Cun), Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (Resolução nº 11/90/CUn), Licenciatura em Ciências, com habilitação em Matemática e Biologia (resolução nº 06/90/CUn), Farmácia (Resolução nº 15/91/CUn), Oceanografia (Resolução nº 01/92/CUn), Fisioterapia (Resolução nº 002/CEPE/96), Ciência Política (Resolução nº 38/96/CUn), Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas (Resolução nº 003/97/CUn, Engenharia Civil (resolução nº 002/CUn/97), Ciências Biológicas, com ênfase em Biotecnologia (Resolução nº 036/CEPE/97, Ciências Sociais (Resolução nº 045/CEPE/97, Medicina (Resolução nº ))/CUn/98), Engenharia Ambiental (Resolução nº 005 – B/CEPE/98), Publicidade e Propaganda no Curso de Comunicação Social (Resolução D. nº 005 – A/CEPE/98).

A missão da UNIVALI se pauta na produção e socialização do conhecimento pelo ensino, da pesquisa e extensão com o estabelecimento de parcerias solidárias com a comunidade, buscando soluções coletivas para problemas locais e globais, visando a formação do cidadão crítico e ético. Nesse sentido, almeja ser reconhecida como Universidade de excelência na atividade de ensino, no desenvolvimento e divulgação da pesquisa e na gestão criativa e empreendedora de projetos sociais. Para tanto, a trajetória dessa universidade é

marcada pelo respeito aos valores como o pluralismo de idéias, responsabilidade e compromisso social com o desenvolvimento local, regional e global, bem como, com a produção e uso da tecnologia a serviço da humanização, da ética no relacionamento e na formação e profissionalização de vanguarda.

Os objetivos traçados dessa universidade consistem em: 1) desenvolver a cultura por meio da educação, para oportunizar a formação indispensável ao exercício da cidadania e proporcionar meios que favoreçam a continuação de estudos e o progresso pelo trabalho; 2) promover a cultura por meio do ensino nos diferentes níveis, a pesquisa e a extensão nas diversas áreas e modalidades do conhecimento humano; 3) formar cidadãos responsáveis que busquem soluções democráticas para os problemas econômicos e sociais; 4) qualificar recursos humanos nos diferentes campos do conhecimento; 5) integrar-se à vida regional, pela cultura por meio do ensino, pesquisa, extensão, prestando serviços à comunidade; 6) resgatar os elementos histórico-culturais, priorizando os da sua área de influência direta; 7) promover a preservação do meio ambiente, por meio de programas e convênios específicos (CATÁLOGO UNIVALI, 2004-2005, APUD, FREITAS, 2007). Portanto, o empenho e a luta realizada transformaram a UNIVALI na maior Universidade do Estado de Santa Catarina.

Finalmente, de acordo com o estatuto da UNIVALI, no Título III, que trata dos diversos Níveis e Modalidades de Ensino, da Pesquisa e da Extensão, a finalidade do Ensino Superior, segundo essa universidade, está pautada em:

[...] estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento, colaborando na sua formação contínua; desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive, a partir do conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os regionais e nacionais e incentivar o trabalho de pesquisa científica, visando o desenvolvimento da ciência, da tecnologia, da criação e da difusão da cultura (DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS UNIVALI. CURSO DE PEDAGOGIA, 2004, p. 24).

### 2.1.3 O Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Itajaí:

O curso de Pedagogia da Univali entrou em funcionamento no ano de 1965 e a aula inaugural foi no dia 28/05 do mesmo ano, mas, foi utilizando a convalidação das aulas, durante dois anos, que foi validado, em 1971, pelo parecer nº 102/71 do Conselho Estadual de Educação. Portanto, o parecer 98/68 do CEE concedeu a autorização para o funcionamento. Somente através do parecer 1.265/72 do CFE de 08/11/72 é que o curso de Pedagogia foi

reconhecido e aprovado. Em sua trajetória histórica, o curso de Pedagogia da UNIVALI foi ofertado em diversas habilitações como: Supervisão Escolar; Educação Pré-Escolar; Magistério das Matérias Pedagógicas; Administração Escolar; Orientação Educacional; Magistério das Séries Iniciais e Educação de Deficientes de Audiocomunicação (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003).

Hoje, o curso de Pedagogia é ofertado com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo maior de formar o pedagogo com a finalidade de que esse seja “capaz de integrar o conhecimento filosófico e técnico científico da área pedagógica, aos saberes e valores éticos, sociais e culturais historicamente contextualizados, intervindo nas mudanças do ensino e na sociedade” (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003, p. 3-4).

Nos documentos a que se tem acesso e as informações contidas sobre as atualizações do curso que datam até o ano de 2003, percebe-se que, desde o seu funcionamento, após ser reconhecido e autorizado, o curso de Pedagogia vem sofrendo muitas transformações, tanto por fatores legais quanto por questões sócio-político-pedagógicas. Essas últimas, levando em conta o processo de desenvolvimento do curso, bem como necessidades de adequação quanto à demanda da sociedade e no sentido de responder aos anseios dos acadêmicos, visando sempre à busca pela qualidade do ensino e aprendizagem. Também à qualidade no que se refere às habilitações em Educação Infantil e em Séries Iniciais, o que possibilitou, e se fez necessário, repensar uma nova forma de organização e estruturação do currículo, numa perspectiva globalizada, principalmente nos eixos metodológico e epistemológico:

[...] o fazer dos múltiplos sujeitos que constroem o curso associado às necessidades de atendimento a uma sociedade em acelerado ritmo de evolução, faz-se necessário o delineamento de uma nova matriz curricular para atender a formação de um perfil profissional diferenciado, ou seja, uma formação de docência específica em Educação Infantil e em outra em anos iniciais do Ensino Fundamental (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003, p.4).

Outro fator preponderante levado em conta e que se refere à reformulação das questões sócio-político-pedagógicas alude à preocupação sentida pelos professores de Pedagogia com o curso, por esse não receber o valor e reconhecimento merecido pela política educacional vigente no país e também os esforços empreendidos em favor de mais qualidade no processo de formação continuada.

Os fatores legais que promoveram essas transformações no curso de Pedagogia da UNIVALI, foram especificamente na reestruturação do curso e conseqüentemente influenciaram as mudanças na estrutura da matriz curricular e didático-pedagógica, que assim

se apresentam: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB Nº 9394/96); a criação dos cursos caracterizados como Emergencial em vários municípios, com base no artigo 87 § 4º da LDBEN/96 e regulamentados nas Resoluções 093/CONSEP/98 e 003/CONSEPE/99; a formação inicial de professores com nível superior para atuação desses no nível básico de ensino como quer a Proposta de Diretrizes do Mec em 2000 e o Referencial do MEC de 1999 para formação de professores; o Plano Nacional de Graduação de 1999; Plano Acadêmico Institucional de 1999; o Plano Nacional de Educação de 1999 e a Política Nacional de Avaliação do Ensino Superior (Exame Nacional de Curso) (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003).

Todas essas transformações ocorridas na legislação proporcionaram a construção de novos parâmetros, trazendo propostas para as Diretrizes Curriculares Nacionais que passaram a orientar a formação de profissionais em todos os campos, mas, principalmente, dos estudantes de pedagogia, para atuarem de acordo com a habilitação, que foram classificadas em níveis de ensino: na Educação Infantil, nas séries iniciais do Ensino Fundamental e disciplina pedagógica do nível médio (PROPOSTA DE DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO CURSO DE PEDAGOGIA/SESU/MEC, APUD, UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003). Assim, a partir da última LDB e as mudanças por essa Lei sugeridas, em 1988, o curso de Pedagogia da UNIVALI passou a ser oferecido com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Esses fatores acima expostos foram responsáveis pela análise e construção da nova proposta curricular do Curso de Pedagogia, dando sustentação para o desenvolvimento e processo desse curso, que habilita os docentes a atuarem como licenciados na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido,

Construir o novo é um grande desafio, pois existem mais coisas a se encontrar nos espaços de desenvolvimento curricular que pressupõem movimento, contradição e luta, nos quais se dá a produção, a reprodução e a apropriação de conhecimentos teóricos e práticos presentes em todas as áreas do conhecimento. O desafio está posto na capacidade que temos de mobilizar esforços para identificar esses espaços e processos e neles atuar com competência técnica, com inventividade, com ética decidindo principalmente, a favor de quem este desafio está sendo lançado (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003, p. 5).

Os Pedagogos egressos do Curso de Pedagogia encontram oportunidades de trabalho nas redes estadual e municipal de ensino e, predominantemente, atuam na região do Vale do Itajaí, no Estado de Santa Catarina. Em número bem mais reduzido são os requisitados para trabalharem em outros Estados da Federação Nacional, esses sempre se deslocam para suprirem faltas de profissionais licenciados em Pedagogia. Para atender o Estatuto do

Magistério Público Estadual e Municipal de Santa Catarina, os concursos para admissão de pedagogos são realizados de dois em dois anos, através desses são admitidos centenas de docentes imediatamente após a aprovação nesses concursos. Apesar disso, é muito elevado o índice de pedagogos que exercem trabalho nas escolas do Município e do Estado apenas contratados em caráter provisório (não se tem dados quantitativos que revelem o número de pedagogos que atuam no Município e Estado apenas contratados em caráter provisório).

Esse fato se deve à expressividade de expansão da rede pública de ensino, dos professores aposentados e também pela desistência de professores no exercício da docência que ocorre devido a uma diversidade de motivos. No ensino privado também se apresenta uma significativa expansão de oferta de trabalho para esses profissionais que já possuem o Ensino Superior em Pedagogia. No entanto, apesar de todos esses motivos apontados serem responsáveis pela oferta de trabalho, seja de caráter permanente ou temporário, há de se entender que a região do Vale do Itajaí, por se localizar em um espaço privilegiado litorâneo em desenvolvimento contínuo no setor turístico, educacional e cultural, possibilita essa expansão e ampliação de instituições educacionais e, conseqüentemente, a oferta de trabalho para esses profissionais, tanto no período escolar como no período de férias escolares. Como exemplo pode-se citar os hotéis e outras instituições que oferecem recreação, educação aos filhos dos hóspedes, clientes e funcionários (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003).

Nesse sentido, o objetivo que foi elaborado para direcionar e orientar o Curso de Pedagogia da UNIVALI se configura em:

Possibilitar uma formação profissional na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental voltada para o ensino e pesquisa, favorecendo a formação de sujeitos reflexivos, apropriados de conhecimento técnico-científico e filosófico que favoreça uma prática pedagógica transformadora, numa dimensão humana, incorporada a saberes e valores éticos, sociais e culturais, historicamente produzidos que sejam capazes de provocar mudanças no ensino e na sociedade (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003, p. 2).

Para tanto, a filosofia desse curso traduz a identidade do mesmo, essa que se revela em três parâmetros: dinâmica, processual e transformadora, porque se pauta na função de dar prioridade ao ensino, pesquisa e extensão, em decorrência das transformações nas sociedades mundiais, nacionais, regionais e locais. Fundamenta-se na ação pedagógica que visa à formação do profissional capaz de atuar em todos os setores educacionais que demandam o fazer pedagógico pautado na competência científica embasada nos valores éticos e políticos, uma educação direcionada à construção do princípio que aprender a aprender constitui-se na referência para o exercício da ação profissional.

Percebe-se que os apontamentos contidos nesses documentos citados no texto trazem uma idéia de que o curso de Pedagogia da UNIVALI, a partir de seu funcionamento, antes mesmo de ser autorizado e reconhecido por Lei, constitui-se, até o presente momento, num processo educativo que foi e está se construindo, reconstruindo e que se traduz numa trajetória histórica marcada pelas transformações sociais, sejam elas organizacional ou estrutural. Essa construção se processou e se processa pela união de esforços e de lutas por todos os envolvidos nesse proceder, sempre acompanhado pelas evoluções que se deram por meio do movimento da sociedade, em meio às dificuldades enfrentadas, essas que não serviram como impedimento para a continuidade e a desistência, mas sim, para o fortalecimento, consolidação e mais valorização do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale de Itajaí.

## CAPÍTULO III - METODOLOGIA

### 3.1 Os Métodos da Pesquisa: Apontamentos sobre os caminhos percorridos

Nesta parte da pesquisa, se apresenta a trajetória metodológica percorrida no trabalho de campo, os procedimentos utilizados até o presente momento e os sujeitos que participaram da investigação. Será exposto também o embasamento da análise, bem como os resultados dos dados analisados a partir do item “o que falam os jovens sujeitos da pesquisa”. Conforme Laville e Dione (1999), método deriva do grego “methodos” e se forma pela palavra “meta para” e por “hodos”, que significa caminhos, o que resultaria na tradução “caminho para” ou “prosseguimento” ou “pesquisa”. É partindo dessa idéia que se elabora o caminho, dá-se prosseguimento a esse estudo que objetivou adotar os procedimentos que irão orientar o processo, que auxiliarão a chegada de resultados confiáveis e que sejam reconhecidos e, principalmente, para que sejam produtores de conhecimentos e promotores de atitudes que façam a diferença na vida dos sujeitos de pesquisa.

Pesquisar significa construir um conhecimento novo, baseado em regras científicas que sigam os critérios estabelecidos, como alerta Goldenberg (2000, p. 106): “uma pesquisa necessita o cumprimento de três requisitos: existência de uma pergunta que se deve responder; elaboração de um conjunto de passos que permitam chegar à resposta; a indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida”. Enfim, pesquisar é,

[...] ao invés de procurar verdades absolutas, ir conectando-se com a dispersão dos acontecimentos em suas múltiplas direções, cartografando os movimentos que ali se afirmam; é abrir-se para o inusitado, desviar-se, surpreender e desconhecer; é positivar as múltiplas direções que os agenciamentos – conexões – podem imprimir aos corpos; é explorar devires que se insinuam. E isso por quê? Porque podemos questionar o modificar aqueles sistemas que tornam possíveis somente certas espécies de ação (ARAGAO, BARROS, OLIVEIRA, 2005, p. 25).

Portanto, esta pesquisa se valeu da metodologia quantitativa e também contou com o método qualitativo para trabalhar os dados que se coletou. No que diz respeito ao trabalho com método qualitativo e quantitativo para coleta e análise dos dados, entende-se que estes não são desconectados um do outro, pois como afirma Köche (1997, p. 29):

É preciso considerar que os conceitos de quantidade e qualidade não são totalmente dissociados, na medida em que de um lado a quantidade é uma interpretação, uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno manifesta, e de outro ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si.

Nessa perspectiva, acredita-se que a metodologia de pesquisa de um estudo pode ser definida pelo tipo de estudo e pelos objetivos traçados para coleta e análise dos dados. Assim, para conduzir este estudo, optou-se, como primeiro caminho, a pesquisa quantitativa e qualitativa através da aplicação de um questionário com questões fechadas para diagnosticar e quantificar o perfil dos sujeitos de pesquisa. As questões semi-estruturadas e abertas, contidas em questionário, foram elaboradas a partir dos objetivos propostos em relação ao objeto de estudo desta investigação, o estudo com o objetivo de aprofundar a análise, de modo a descrever os dados coletados, procurando significar a voz dos sujeitos por meio dos significados e percepções que eles têm sobre a sua vida educacional e profissional.

Pádua (2000, p. 70) afirma que “As perguntas abertas, por exigirem uma resposta pessoal, espontânea, do informante, trazem dados importantes para uma análise qualitativa, pois as alternativas de respostas não são todas previstas como no caso das perguntas fechadas”. Nesse sentido, segundo Bogdan & Biklen (1994), a pesquisa qualitativa tem por finalidade compreender os sujeitos, baseando-se nos significados que esses elaboram sobre as coisas e sobre a vida, isto é, nas percepções de como os sujeitos interpretam e estruturam seu mundo. Já Rauen (2006) expõe que o questionário ou entrevistas escritas definem-se como uma listagem de indagações escritas e se caracteriza pela sistematização das questões que se ordenam conforme critérios estabelecidos. A pesquisa quantitativa objetiva, antes de tudo, medir estatisticamente de forma comprovada, através de uma amostra representativa, as opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes dos sujeitos de pesquisa (FAZENDA, 1991).

Assim, num segundo momento da investigação se utilizou outro procedimento qualitativo de pesquisa, por meio de entrevistas individuais com alguns dos sujeitos de pesquisa referente às práticas coletivas na construção da identidade dos sujeitos de pesquisa.

Portanto, foi empreendido um esforço de aprofundamento de algumas questões através da contribuição de 8 (oito) jovens que se dispuseram por sua própria vontade a participar das entrevistas com objetivo de dar conta dos eixos norteadores que se analisou. Assim, os critérios delimitados para atingir os objetivos da investigação em termos de regularidade e homogeneidade em relação à participação dos jovens no estudo, se pautaram em questionar esses jovens sobre relação que estabelecem com a educação, o trabalho e suas ações coletivas que desenvolvem nos grupos.

Segundo Pádua (2000), na pesquisa de campo, a entrevista tem sido muito utilizada e, mesmo que seja considerada como uma técnica alternativa, é útil, quando se dispensa analisar documentos, ou melhor, dados que se apresentam registrados. E tem sido um dos procedimentos mais solicitados, que mais tem despertado o interesse dos pesquisadores em decorrência das vantagens que apresenta, em possibilitar que o pesquisador analise tanto quantitativamente quanto qualitativamente os dados obtidos, além de poder ser usada “em qualquer segmento da população (inclusive analfabetos), e se constitui como técnica muito eficiente para a obtenção de dados referentes ao comportamento humano” (PÁDUA, 2000, p. 66).

Desta forma, entende-se que a entrevista, se comparada aos instrumentos padronizados e fechados, permite expressar as percepções dos sujeitos de pesquisa mais amplamente, por intermédio de um plano parcialmente estruturado, assim, permite estudar as percepções subjetivas do sujeito em diversos grupos sociais. Portanto, a entrevista semi-estruturada foi eleita como procedimento de pesquisa para dar continuidade a este trabalho, pois ainda, conforme Pádua (2000), esta permite que o pesquisador organize, planeje as questões referentes ao assunto de pesquisa. Além do mais, o que se considera mais importante e, conforme essa autora, é que essa organização das questões possibilita que o sujeito entrevistado se expresse livremente sobre questões que emergem e que se desdobram do assunto principal. Nessa perspectiva, acredita-se que a entrevista individual semi-estruturada garantirá um espaço ampliado para os sujeitos de pesquisa, porque favorecerá os relatos orais destes.

### **3.2 Sujeitos participantes da Pesquisa**

Os sujeitos da pesquisa são jovens mulheres e jovens homens do Ensino Universitário da Universidade do Vale do Itajaí do curso de Pedagogia. Deu-se preferência aos jovens na faixa etária dos 19 até 29 anos, que estão em processo de conclusão do curso, que já são responsáveis por responder e assinar o termo de compromisso – consentimento livre e esclarecido. Nesse sentido, entende-se que apesar de muitos autores e organizações internacionais e nacionais compreenderem que a juventude abrange a faixa etária entre 15 e 24 anos, optou-se por ampliar a faixa etária juvenil em função das novas exigências educacionais, sociais, enfim, das formas de vida na sociedade contemporânea. Para embasar

esse argumento, buscam-se em Pochmann (2004) outros que justifiquem essa posição tomada. Segundo esse autor, a ampliação da faixa etária juvenil se constitui em desafios da transição etária em função do que já foi comentado acima e que se faz necessário reafirmar: a inflexibilidade de muitos ao delimitarem a faixa etária juvenil por razões sociais e históricas de reconhecimento da juventude como uma fase distinta das demais fases da vida. Desse modo, conforme Pochmann (2004), Melucci (1997), Pais (1993), Raitz (2003), Dayrell (1999, 2005), Sposito (1997), a faixa etária é concebida como um determinante que condiciona a juventude vinculada sempre a uma fase de transitoriedade, gerando uma incerteza, uma instabilidade no momento de transição da adolescência para a vida adulta. Nessa visão, “[...] este olhar sobre a juventude como sendo uma fase de transitoriedade, implica que o jovem sempre é um sujeito que vem a ser” (DAYRELL, APUD, RAITZ, 2003, p. 33). Nesse sentido, a juventude é condicionada,

[...] a situações biopsicológicas e socioculturais temporárias e provisórias de identificação com legitimação e apresentação próprias. [...] tal concepção revelaria tanto uma concepção etapista do ciclo de vida como um comportamento desviante do sujeito jovem na evolução da sociedade. O critério etário torna simplificado demais a identificação a condição juvenil, pois essa fase transitória está “identificada por uma determinação cultural no interior da sociedade para além dos limites fisiológicos” (POCHMANN, 2004, p. 220).

Nessa perspectiva, é preciso ressaltar que este estudo optou por delimitar a faixa etária dos jovens sujeitos de pesquisa, para poder se organizar, estruturar e também delimitar a quantidade dos sujeitos participantes, mas não que decorra de uma posição simplista, inflexível, pautados em enfoques biopsicológicos ou construídos socioculturalmente, esses que ainda persistem. Entende-se que a juventude é uma condição, uma cultura que se diferencia das outras pelo seu modo inédito e diferenciado de conceber a vida, diga-se mais apropriadamente, uma condição marcada pela sua própria originalidade e que a cada momento, em cada cultura e em cada tempo constrói e se re(constrói) através das histórias que produz. Portanto, ainda dando segmento à justificativa de Pochmann (2005) sobre o “alargamento” dessa condição nos tempos atuais, a partir do século XX a expectativa de vida dos brasileiros aumentou e continua aumentando consideravelmente, segundo a evolução da expectativa de vida ao nascer, publicada pelo IBGE no Anuário Estatístico do Brasil. Esse processo segue em direção ao exemplo dos países desenvolvidos. Ainda, para esse autor, num futuro breve ou nas próximas décadas, a média de vida no Brasil chegará aos 80 anos e em função disso, [...] já é considerável a quantidade de países que abandonaram o conceito de juventude circunscrito à faixa etária de 15 a 24 anos (BOURDER, 1995; PEDRAZZINI,

1994, APUD POCHMANN, 2004, p. 221). Pochmann salienta que a passagem da adolescência para a vida adulta concebida por um período de 9 anos, talvez seja insuficiente diante da complexidade do ciclo de vida atual. No entanto,

Não se trata, evidentemente, de uma mera ampliação da temporalidade que contabiliza a fase juvenil. Trata-se, fundamentalmente, do reconhecimento necessário de que a transição da adolescência para a vida adulta está muito mais complexa que no passado, estando a exigir uma agenda pública mais específica voltada para uma faixa etária maior (POCHMANN, 2004, p. 222).

Em síntese, se propõe que se pense no alargamento etário da juventude para a faixa de 16 a 34 anos e entre os fatores complexos que se aborda estão a condição juvenil no meio familiar como o desemprego recorrente, a estruturação familiar, com antecipação da condição materna ou paterna, seja individual ou com família construída. O prolongamento e fase de estudos que demandam, muitas vezes, dependência financeira familiar ou até mesmo emigração para locais distantes da família. Também a necessidade de morar com a família durante a fase de estudos ou pela própria independência financeira e familiar, já tendo a sua família construída, pela própria condição de possuir mais de 24 anos e não possuir trabalho ou não ter condições de manter-se independente através do trabalho que realiza.

Nesse sentido, a complexidade se agrava se for vinculada ao fato da faixa etária entre 15 e 24 anos já não ser suficiente, satisfatória ou para a passagem da fase de estudos para o mercado de trabalho. Ademais, se for considerar que essa formação recebida já não garante a condição econômica de independência e até mesmo pela complexidade existente no conflito familiar gerado, em função dessa necessidade de independência familiar e a impossibilidade dessa ocasionando a subordinação dos jovens com família própria constituída à casa dos pais (POCHMANN, 2004).

Muito se poderia argumentar aqui sobre essa questão de ampliação da faixa etária juvenil, mas acredita-se que os argumentos que foram descritos são suficientes para justificar a opção da delimitação dos jovens sujeitos dessa pesquisa, na faixa etária entre 19 e 29 anos. Portanto, também é conveniente informar que o Curso de Pedagogia da UNIVALI, no segundo semestre de 2007, contou com 379 sujeitos matriculados na sua totalidade, abrangendo todos os que freqüentam desde o 2º período até o 8º (último período do curso). O primeiro período do Curso de Pedagogia não está em atividade neste semestre, portanto não tem nenhum estudante matriculado. Os sujeitos dessa pesquisa, como já informado, são estudantes que freqüentam o curso de Pedagogia na Universidade do Vale do Itajaí – Campus I de diversos períodos do curso, isto é, matriculados em períodos diferentes e que são

considerados alunos oficiais. Nesse sentido, a escolha para a delimitação da amostra e da população, em termos mais representativos do projeto, partiu de critérios selecionados, que se traduz na delimitação da faixa etária dos sujeitos que possuem entre 19 e 29 anos pela necessidade de deixar de contar com os jovens alunos de algumas turmas do Curso de Pedagogia, por motivo de suas ausências nesta instituição.

Cabe ressaltar, que era intenção que todos os alunos das duas turmas do 8º período fossem sujeitos da pesquisa, mas nos dias de aplicação do questionário, apenas uma turma se encontrava na universidade em sala de aula. A outra turma no primeiro dia (27/09/07) estava participando de um evento e no outro dia (04/10/07) estava sem aula por motivo de preparação para prática de ensino. Essas foram informações obtidas a esse respeito com professores e com a funcionária da Secretaria do Curso de Pedagogia. . O questionário foi entregue à todos os sujeitos que aceitaram responder e que estavam presentes em salas de aula, nos dias 27 de setembro e 4 de outubro do presente ano. No momento da entrega do questionário não se aplicou o critério da faixa etária, isto é, todos os que estavam presentes receberam o questionário para não constranger aqueles com mais de 29 anos de idade, salvo aqueles que se recusaram a participar da pesquisa. E mesmo sem questionar sobre o porquê da recusa, alguns argumentaram que não responderiam pelo motivo de se sentirem cansados e sem disposição. Recusaram mesmo com a possibilidade aberta de levarem às suas casas e lá preencherem.

No entanto, após o recebimento desses questionários aceitos por livre vontade dos sujeitos, foi feita a seleção, aplicando-se o critério estabelecido e, daí sim, foram eliminados todos os questionários entregues aos sujeitos que possuíam idades superiores a 29 anos, mesmo aqueles que responderam às questões. Assim, em números exatos, foram entregues 65 questionários e eliminados 20 desses, restando 45 questionários considerados válidos para a pesquisa. Portanto, de 126 formandos do curso de Pedagogia, 45 desses são sujeitos de pesquisa e suas opiniões constarão na análise deste estudo. Entende-se que esse número poderia ser mais representativo, mais expressivo, mas observou-se que, apesar da gentileza e colaboração das professoras e da secretária da coordenação do curso em permitir a realização da pesquisa durante o período de aula, é muito difícil conseguir a participação desses sujeitos, por motivos diversos. E foi em função de todos esses problemas que ocorreram no decorrer da pesquisa que surgiu a idéia de realizar algumas entrevistas individuais como também acatar as sugestões da banca examinadora.

O tratamento dos dados da pesquisa estatística (produção de tabelas e gráficos) foi realizado através da ajuda de um estatístico com o programa Excel para compilação e

sistematização dos dados. A análise dos dados da pesquisa qualitativa será apresentada mais adiante a partir de contribuições importantes de autores que proporcionarão arranjos, pontes, apontarão e iluminarão caminhos, novas questões, enfim, ajudarão nas conexões e interlocuções na análise de conteúdo. Os estudos empreendidos sobre Identidades, Universidade, Trabalho, Juventude e Educação foram essenciais nas ênfases constitutivas, que rompem com uma visão linear, imobilista e determinista dos processos educacionais, porque trazem abordagens que potencializam esses processos, as várias juventudes, em vários espaços.

Conforme cronograma físico da pesquisa, este estudo pretende culminar na apresentação dos resultados através da elaboração de artigos e dissertação final e talvez numa proposta tão almejada (por nós) para a implementação de um Observatório da Juventude nesta instituição, onde se realiza esta pesquisa, com o objetivo maior de somar esforços para ampliar e estender, externar os debates sobre juventude, trabalho/ educação e universidade, bem como para contribuir com as demandas juvenis deste século.

### **3.3 Tratamento e análise dos dados de pesquisa**

Para a análise dos dados do material obtido através do questionário, a pesquisa se pautou nos fundamentos da Análise de Conteúdo. A análise de conteúdo é realizada através das informações, mensagens ou discursos produzidos pelos sujeitos. Já existe antes mesmo da “reflexão científica” e a preocupação está relacionada com a oficialização da epistemologia, teoria e operacionalização. Portanto, a definição das mensagens e sinais de Deus “marca a primeira tentativa de responder à questão ‘o que essa mensagem significa?’” (FRANCO, 2005, p. 7). Segundo essa autora, que exemplifica e descreve algumas experiências realizadas através da Análise de Conteúdo, isto é, tentativas feitas para entender a expressão verbal de enunciados e em meio a sucessos e alguns insucessos, até hoje a análise de conteúdo é motivo de muita polêmica. Ainda, segundo Franco (2005), essas polêmicas foram geradas em consequência das limitações existentes nas análises de, “[...] dados que existem sem qualquer participação ativa do investigador, como, por exemplo, jornais, livros, documentos oficiais e documentos pessoais. Dados esses que se colocam no tipo de análise documental” (FRANCO, 2005, p. 11).

No entanto, a utilização da Análise de Conteúdo vem crescendo consideravelmente

com o objetivo de “produzir inferências acerca dos dados verbais e/ou simbólicos, mas obtidos a partir de perguntas e observações de interesse de um determinado pesquisador” (idem). Portanto, a “mensagem” é concebida como o “ponto de partida da Análise de Conteúdo”. Seja “[...] verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (FRANCO, 2005, p. 13).

Portanto, ainda conforme essa autora, a Análise de Conteúdo se define por ser um procedimento de pesquisa que se insere num campo mais abrangente da teoria da comunicação e conta com características que se constituem e que definem. Resumindo-se, de acordo com o esquema que a autora traz, trata-se da produção de inferências. Essas inferências identificam, objetivam sistematicamente as características específicas da mensagem através de uma fonte, o emissor seguindo um processo de codificação, isto é, um questionamento sobre o porquê da mensagem, resultando numa outra mensagem, o que infere num processo de decodificação, esse que pergunta sobre qual efeito causará a mensagem, chegando-se finalmente ao receptor, ponto que questiona para quem se direciona a mensagem. Essas são as características definidoras da Análise de Conteúdo. Para se entender o conceito de inferência, seria conveniente observar como Franco exemplifica este,

[...] o analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios..., mas, os vestígios são as manifestações de estados, de dados e de fenômenos. Há mais alguma coisa a descobrir por e graças a eles... Tal como a etnografia necessita de etnologia, para interpretar suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (de maneira lógica) conhecimentos que extrapolem o conteúdo manifesto nas mensagens e que podem estar associados a outros elementos [...] (FRANCO, 2005, p. 25)

Nesse sentido, percebe-se que, para produzir essas inferências destacadas por Franco, na Análise de Conteúdo, é necessário relacionar, construir links, pontes entre os dados analisados e o referencial teórico, a fim de proporcionar coerência, consistência entre os resultados que vão se construindo e as argumentações embasadas do pesquisador. Como afirma Franco (2005, p. 27) “[...] a análise de conteúdo tem um significado bem explícito e pressupõe a comparação dos dados, obtidos mediante discursos e símbolos, com pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, de indivíduo e de sociedade”.

### 3.3 Resultados esperados da Pesquisa

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir com um diagnóstico da realidade deste segmento juvenil universitário, no sentido de promover reflexões e avanços na elaboração e implantação de políticas públicas no que diz respeito à qualidade do ensino universitário e as possibilidades de inserção destes (as) jovens no mercado de trabalho. Ademais, os resultados pretendem sensibilizar os gestores do poder público e privado das instituições de ensino superior, bem como outros segmentos da sociedade civil, no atendimento das várias demandas juvenis, principalmente, na dimensão educação-trabalho. Sabe-se que o estudo não trará soluções para resolver os problemas de falta de acesso à qualificação e inserção profissional no país e, principalmente, no Estado de Santa Catarina e na cidade de Itajaí/SC, pois se tem em vista que as desigualdades sociais sofridas pelo povo brasileiro, especialmente pelos jovens, não são problemas atuais, mas apresentam-se ao longo de toda a história. No entanto, este projeto emerge como uma alternativa para se pensar novas perspectivas e estratégias de crescimento, autonomia e cidadania dos jovens universitários.

Contribuir ainda com o curso de Pedagogia e de seu projeto político-pedagógico com sugestões que venham contemplar as necessidades e expectativas educacionais e profissionais, de seus acadêmicos, fortalecendo os vínculos educação e trabalho, no sentido de promover a ascensão social dos jovens. Acredita-se, ainda, que o Ensino Superior tem um papel fundamental na formação educacional e profissional do sujeito, deve estar comprometido com o acesso dos alunos ao trabalho valorizado, pois tal como afirma Zabalza (2004, p. 9): “[...] a universidade é considerada um espaço de tomada de decisões formativas”. Neste sentido, o autor complementa “Somente estudando, analisando e debatendo a realidade da universidade, estaremos em condições de ter idéias mais claras em relação ao modo como podemos melhorar a qualidade do trabalho universitário”(ZABALZA, 2004, p.8). Os resultados deste estudo serão posteriormente apresentados e divulgados em vários eventos científicos na área da educação, periódicos e outros meios de socialização, bem como apresentados e discutidos em Seminário específico no curso de Pedagogia para retorno dos resultados aos sujeitos de pesquisa.

## CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS

### 4.1 A Coleta de Dados do Presente Estudo

Participaram desta pesquisa em andamento 45 jovens universitários (as) do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Itajaí, na cidade de Itajaí em Santa Catarina, onde os dados foram coletados. O material utilizado, num primeiro momento, se constituiu num questionário com questões abertas e fechadas.

Segundo Pádua (2000, p.70), o questionário é um instrumento de coleta de dados que se caracteriza e se constrói a partir de perguntas fechadas, visando a quantificação dos resultados, mas sob nenhuma hipótese pode ser considerado rígido, inflexível a ponto de negar ao pesquisador a inclusão de perguntas abertas, pois essas “por exigirem uma resposta pessoal, espontânea, do informante, trazem dados importantes para uma análise qualitativa, pois as alternativas de respostas não são todas previstas, como no caso das perguntas fechadas”. Aplicado o questionário observou-se através das respostas obtidas, a necessidade de aprofundamento de algumas questões para dar mais qualidade à análise dos dados, no sentido de cumprir com todos os objetivos propostos nesse estudo e clarear aspectos relativos à construção identitária destes jovens na relação que estabelecem com a educação e o trabalho.

Dessa forma, o caminho metodológico eleito para aprofundamento das questões foi a entrevista individual com o critério de convidar os jovens do Curso de Pedagogia envolvidos diretamente em segmentos comunitários, portanto, que realizam trabalhos que definirão o número de jovens entrevistados que poderão ser expressivos na investigação. Portanto, tem-se como expectativa através do aprofundamento da análise, sanar dúvidas, preencher lacunas diante do silêncio que se observou em algumas respostas no questionário. Essa oportunidade de escutá-los novamente poderá reabrir estradas um tanto intransponíveis de início na perspectiva de contribuir para a expansão do debate em torno da elaboração de propostas que possam contribuir com as demandas juvenis. Este aspecto proporcionará um novo olhar e uma relação mais próxima da pesquisadora com os sujeitos de pesquisa, ampliando o foco nos arranjos, diálogos e pontes necessárias com os autores que discutem identidades - juventude-trabalho/educação superior.

Desse modo, as entrevistas foram previamente organizadas através de uma sistematização de questões<sup>60</sup> elaboradas previamente que serviram para orientação e organização dos questionamentos propostos para análise e objeto do estudo. Para tanto, as questões foram categorizadas através de temas pertinentes em função de responder aos objetivos da pesquisa. Esclarece-se que os entrevistados foram orientados para sentirem-se livres quanto às respostas que queriam expressar, isto é, todos os sujeitos participantes da pesquisa respondiam as questões orientadoras da entrevistas de acordo com suas vontades. As entrevistas ocorreram no período entre os dias 21/04/2008 a 04/06/ 2008, de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, esses que alegam ter uma vida repleta de compromissos formais e informais, salvo as exceções. Desse modo, foram selecionados os temas que continham questões respectivas a estes. São eles: 1) Identificação, 2) Família, 3) Trabalho, 4) Escola, 5) Sociabilidade, 6) Ação Coletiva, 7) Sonhos e Projetos. Assim, as análises que se apresentam são resultados dos questionamentos feitos aos jovens através desses temas.

#### **4.2 Resultados dos dados quantitativos**

Antes de expor os resultados propriamente ditos convém comentar sobre alguns dados publicados por pesquisas recentes e outras fontes que alertam a situação vivida pelos jovens no mundo e em especial, no Brasil. Dados recentes publicados pela OIT (Organização Internacional do Trabalho), apontam que no Brasil, 3,5 milhões de jovens, na faixa etária entre 16 e 24 anos, estão desempregados, dado esse que se revela em uma preocupação com os jovens, uma vez que esse contingente juvenil ocupa 45% da força de trabalho do país. Ainda de acordo com a OIT, cabe salientar que 93% das ocupações disponíveis para esses jovens encontram-se no mercado informal, baixa remuneração, quase nenhuma segurança e perspectivas de melhoria ocupacional, de crescimento. “Além do mais, o problema do emprego dos jovens reflete e perpetua déficits de trabalho decente nas famílias, comunidades e grupos”. (OIT, 2005, p.1).

Dessa forma, o trabalho e a educação e todas as questões que desses emergem, principalmente, o desemprego, o trabalho desqualificado, desregulamentado e desvalorizado, segundo Bendassolli (2007), são ocasionados pelo mundo globalizado, que apresenta uma

---

<sup>60</sup> As questões elaboradas que serviram como orientação para a realização das entrevistas, se encontram nos anexos desse estudo.

crise econômica, que afeta diretamente a camada jovem da sociedade, o que impõe desafios para a educação e a formação profissional na construção da cidadania do jovem em direção à construção de um mundo melhor, mais justo e solidário.

No entanto, se considera que o ideal seria que os jovens pudessem desfrutar de uma formação educacional sólida para posteriormente, na idade adulta, ingressar no mercado de trabalho. Porém, os jovens das camadas populares precisam trabalhar em consequência de uma política sócio-econômica liberal que não permite que a maioria desses jovens tenha o privilégio de concluir pelo menos o ensino médio sem necessidade de trabalho. Os que freqüentam o Ensino Superior são privilegiados diante desses dados alarmantes. A qualificação e formação de qualidade são requisitos básicos para ingresso no mercado de trabalho, causando um desconforto, um choque ao jovem, para conciliar a profissionalização e a formação sólida, resultando no problema da desqualificação profissional deste jovem “despreparado”. Castro (2001, p. 84), ressalta que:

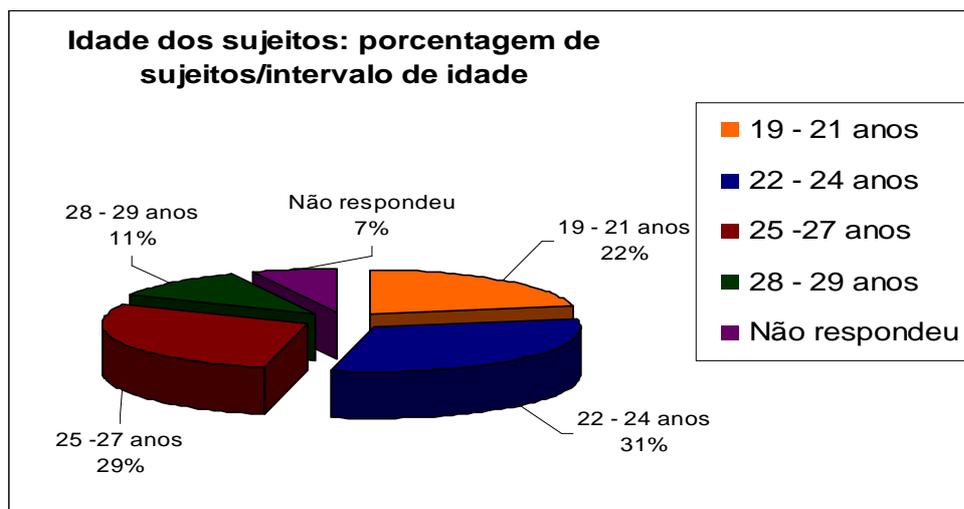
[...] trabalho e juventude são campos de polêmica, inclusive no meio internacional, não havendo consenso sobre a propriedade da inserção no mercado de trabalho quando se trata de uma população que, em princípio deveria estar dedicada aos estudos.

Nesse sentido, todos os estudos sobre identidade juvenil, trabalho, educação sempre são relevantes e necessários para propor a minimização dos graves entraves e amplitude do debate entre trabalho e educação.

### **4.3 O perfil dos jovens pesquisados**

Responderam o questionário 45 alunos do Curso de Pedagogia do Ensino Superior da UNIVALI. A respeito da importância dada à idade neste período da vida (Gráfico 1), esses jovens universitários formandos representam um percentual de 31% (14 sujeitos) que possuem idades que variam entre 22 e 24 anos. Logo em seguida aparecem os jovens que estão na faixa etária entre 25 e 27 anos, ocupam o segundo lugar em termos de percentual com 29% (13) sujeitos. Os jovens com idades entre 19 a 21 anos representam o percentual de 22% (10 sujeitos) seguido dos que têm idades na faixa entre 28 e 29 anos com 11% (5 sujeitos) e os jovens que optaram em não responder com percentual de 7% (3 sujeitos).

Gráfico 1 - Idade dos Jovens Formandos



Fonte: tabela elaborada por estatístico

Observa-se que a maioria dos sujeitos pesquisados que frequentam o Curso de Pedagogia possuem idades entre 22 e 24 anos, seguido dos outros percentuais já descritos. Isso vem de encontro aos argumentos de Pochmann (2005) revelando a complexidade que existe na atual sociedade, pelo fato dessas idades, muitas vezes, não serem garantia de independência econômica, em função das exigências de maior tempo de formação e qualificação educacional e profissional. Isto de certa forma ocasiona uma dependência familiar por mais tempo, principalmente, em função da não garantia de trabalho valorizado e reconhecido pelo setor formal do mercado de trabalho, o que acaba por vezes posicionando os jovens em formação a ocupações que geram insatisfação em razão desses problemas. Mais do que nunca os jovens estão em busca de sua autonomia e reconhecimento, como poderá se observar mais adiante neste estudo através dos depoimentos escritos dos jovens. São algumas das turbulências enfrentadas pela vida juvenil. Para complementar essa reflexão, Sposito (2005) diz que “A juventude é a fase da vida em que se inicia pela busca da autonomia, marcada tanto pela construção de elementos da identidade pessoal e coletiva como por uma atitude de experimentação”.

Destes jovens, apenas um dos sujeitos que respondeu o questionário é um jovem homem, todos os demais são jovens mulheres, uma característica predominante e que marca o Curso de Pedagogia ao longo do tempo, em função de motivos construídos durante o transcorrer da história da sociedade, que sempre e até hoje, ainda vinculam o/a pedagogo (a) a uma profissão essencialmente feminina. São lugares, espaços distribuídos ao longo do tempo e mesmo que em meio à evolução contemporânea, às inovações, novas formas de pensar e de incluir, ainda são marcadas pelo preconceito e discriminação, principalmente com as

mulheres. Assim, não se pode ignorar a existência marcante de mecanismos de exclusão bem como de inclusão.

[...] a nivel social – colectivo a través de mecanismos de inclusión y exclusión se refuerzan los lugares asignados socialmente de acuerdo a la condición de cada persona: sugeneración, su nivel socioeconómico, su etnia, y desde luego, su sexo. De esta manera el ejercicio de la ciudadanía queda nuevamente diferenciado según se trate de un varón o una mujer, amparado por una legitimación social a veces explícita y a veces tácita”]. (PIRIZ; LÓPEZ;BRUM, 2006, p.2)

Mais significativo ainda foi constatar através dos dados que apresentam o estado civil dos jovens do Curso de Pedagogia. Para tanto, novamente pode-se inferir, a partir da tabela 1 abaixo, que mais de 60% dos jovens que possuem idades entre 19 a 27 anos são solteiros, isto significa que em quase três décadas de vida esses jovens ainda não contraíram compromisso matrimonial, confirmando mais uma vez a permanência dos jovens na casa dos pais, geralmente em função da dificuldade em alcançar vida própria.

Tabela 1 - Estado Civil das Jovens Formandas

<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Casada	8	18%
Solteira	28	62%
Separada	3	7%
União Estável	1	2%
Não respondeu	5	11%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: tabela elaborada por estatístico

Por outro viés, conforme a tabela 2, se se percebe que a família é o lugar onde o jovem se encontra e com quem convive diariamente e que, portanto, marca presença na vida dessas jovens. Para tanto, 64% das jovens moram com a família. Isto pode estar sugerindo o que Pais (2007) comenta sobre o estar no mundo, isto é, o existir mediante as expectativas do outro e corresponder a essas expectativas alheias. Portanto, por mais difícil que seja o “caminho” e a conquista pela autonomia juvenil, ainda é muito válido quando se observa que esses jovens estão amparados pela família, em busca de seus sonhos e ideais, mesmo que no enfrentamento de muitos obstáculos, na submissão que as relações entre jovens e família podem promover, e geralmente são geradas, ainda assim, parecem existir certas vantagens e favorecimentos.

Tabela 2 - Situação de Moradia das jovens universitárias

MORADIA	SUJEITOS	PORCENTAGEM
Mora com a família	29	64%
Mora com o cônjuge	9	20%
Mora com o cônjuge e com os pais ou sogros	3	7%
Mora sozinho	4	9%
Não respondeu	0	0%
<b>TOTAL DE SUJEITOS</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: tabela elaborada por estatístico

#### 4.4 Jovens, Educação e Trabalho

A tabela 3 identifica a posição dos jovens do Curso de Pedagogia no mercado de trabalho. Percebe-se através dos dados que 93% desses jovens possuem trabalho, sinalizando os avanços femininos no campo do trabalho e da educação, mesmo que muitas dessas não se encontram no mercado de trabalho formal, como se poderá observar nos comentários que virão a seguir sobre a situação de trabalho dessas jovens. Portanto, conforme os dados, apenas 4% desses jovens mulheres não estão trabalhando atualmente e 2% deles já trabalharam e no momento se encontram desempregados. Não resta dúvida, que apesar desses progressos de inserção da mulher no campo do trabalho, muitas desses ainda ocupam posições que trazem insatisfações e angústias, mas que não os impedem prosseguirem na luta, batalha do dia-a-dia, buscando e aproveitando as oportunidades de exercer um trabalho e de viver dignamente.

Tabela 3 – Trabalhando Atualmente

Atualmente você está trabalhando?	Sujeitos	Porcentagem
Já trabalhou e esta desempregada	1	2%
Não	2	4%
Sim	42	93%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: tabela elaborada por estatístico

Na tabela a seguir, observa-se a ocupação das jovens formandos universitários do Curso de Pedagogia no mercado de trabalho, a grande maioria, num total de 51% afirmam que apesar de se considerarem servidores públicos do município de Itajaí e 24% considerarem que exercem trabalho remunerado exercido legalmente, eles não se inserem no mercado de trabalho formal, isto é, não possuem suas carteiras de trabalho assinadas. Aqui se pode inferir que essas consideram como trabalho exercido regularmente o trabalho remunerado ou não e

até mesmo o trabalho considerado legal no sentido de trabalharem de maneira reconhecida pelos sujeitos que fazem parte do seu meio social, isto é, um trabalho digno, limpo (como os donos do seu próprio negócio, as donos de casa e os que trabalham no negócio familiar). Portanto, apenas 11% desses jovens afirmam que têm suas carteiras de trabalho assinadas, 2% trabalham no negócio familiar, 4% são donos do seu próprio negócio e 7% não estão trabalhando.

Tabela 4 - Situação de Trabalho dos jovens

<b>SITUAÇÃO DO TRABALHO</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Assalariado com carteira assinada	5	11%
Dono do próprio negócio	2	4%
Não esta trabalhando	3	7%
Negócio familiar	1	2%
Servidor Público	23	51%
Trabalho remunerado exercido regularmente	11	24%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: tabela elaborada por estatístico

No que se refere à ocupação que esses jovens exercem no mercado de trabalho, conforme tabela 5 abaixo, 33% dos jovens se posicionam como professores atuando nas escolas do município de Itajaí, 24% exercem outras ocupações que não são especificadas, mas que podem ser compreendidas através dos comentários realizados na tabela acima, 20% se consideram agentes de educação, 2% já são diretores de escolas, 11% são monitores e 2% afirmam que são auxiliares pedagógicos. Portanto, percebe-se que a grande maioria somando um total de 68% trabalha na área educacional conforme tabela 6 que vem logo em seguida. No entanto, somando os 7% das que afirmaram não estarem trabalhando aos 24% que dizem exercer outros trabalhos não identificados (por eles), somam um total de 31% desses jovens que não exercem nenhuma ocupação na área de formação. Isto se deve principalmente a não valorização da carreira do magistério. São sujeitos que encontraram melhores condições de vida exercendo outras ocupações em áreas diferentes da sua formação. Porém, também não se pode descartar a sugestão de alguns delas estarem esperando concluir o Curso de Pedagogia para tentar inserção e atuação na sua área de formação.

Também foi possível observar através desses dados da tabela 5, que muitos cargos disponíveis no sistema municipal e estadual de ensino no município não garantem a muitos dos sujeitos dessa pesquisa inserção profissional reconhecida pela legislação. Certamente que decorre da necessidade de qualificação, isto é, necessitam do diploma para poderem concorrer ao cargo de professores titulares e, muitas vezes, mesmo assim, concordam em exercer

posições bem abaixo de seu merecimento e qualificação, em virtude da atual situação crítica da política educacional do país, que não podemos negar acaba dando preferência aos sujeitos menos qualificados educacionalmente, impondo por vezes, responsabilidades além de suas capacidades de ação no trato científico. Tudo isso para economizar custos com a educação. Não se quer aqui desvalorizar nenhum sujeito e relacionar capacidade com formação, o que se pretende é dizer que há muitos sujeitos, principalmente professores com formação em nível superior que não recebem seu reconhecimento. Por certo também, acredita-se que é necessário ter competência científica para atuar como docentes. Isto denota que mesmo considerando o expressivo percentual apontado na tabela acima de jovens trabalhando, eles ocupam posições desqualificadas. É o que Pais (2005) comenta sobre a condição de trabalho na atual sociedade, essa que leva muitos sujeitos por vezes entrar em pânico, provoca uma sensação de suspense em função das frustrantes perspectivas que esses têm, não em relação às ocupações de trabalho, mas também, da garantia de manterem-se nestas.

Tabela 5 - Ocupação exercida no Mercado de Trabalho

<b>OCUPAÇÃO</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Agente de Educação	9	20%
Auxiliar pedagógica	1	2%
Diretora da escola	1	2%
Monitora	5	11%
Não esta trabalhando	3	7%
Professora	15	33%
Outros	11	24%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: tabela elaborada por estatístico

Tabela 6 – Está trabalhando na área?

<b>ESTA TRABALHANDO NA ÁREA?</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Não	10	22%
Sim	31	69%
Não esta trabalhando	3	7%
Não respondeu	1	2%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: tabela elaborada por estatístico

Quanto ao tempo de trabalho, percebe-se que 42%, isto é, a maioria dos jovens pesquisados exercem ocupações no mercado de trabalho por um período que varia entre 2 a 5 anos. A seguir, apresentam-se os que já estão trabalhando por um período que varia entre 6 a 10 anos, num total de 24%. Os jovens que estão trabalhando apenas 1 ano somam um total de

20% contra 7% que já trabalham a mais de 10 anos, outros 7% não estão trabalhando, conforme tabela 7. Desses dados emergem algumas considerações ao relacionar com os comentários de Villela e Silva (2007). O tempo de formação e aqui se tratando da formação universitária das jovens pesquisadas, consiste num aspecto muito relevante para proporcionar a construção dos saberes necessários vinculados à construção da identidade profissional, seja dos sujeitos que já estão exercendo função na sua área de formação, como dos que estão se preparando, se formando para exercer uma ocupação, realizar um trabalho.

É neste ponto que conforme Zabalza (2004), a **formação** adquire o sentido de crescimento no sentido de aprimoramento humano. Um tempo de formação e ou de trabalho que proporciona e possibilita ao sujeito fazer suas escolhas, se adaptar, verificar suas reais aptidões e potencialidades profissionais, primordial para o entendimento e adaptação social do sujeito. No mais, o trabalho, como discute Sacristan (2003) é o meio pelo qual os sujeitos se realizam pessoalmente e a formação educacional, principalmente a universitária, é o elo que proporciona essa realização. Portanto, trabalho e educação mais do que nunca, hoje mantém uma relação inseparável.

Tabela 7 – Tempo de Trabalho

<b>TEMPO DE TRABALHO</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Até 1 ano	9	20%
De 2 a 5 anos	19	42%
De 6 a 10 anos	11	24%
Mais de 10 anos	3	7%
Não esta trabalhando	3	7%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: tabela elaborada por estatístico

Na questão que se propôs investigar como os jovens pesquisados conseguiram o primeiro emprego (tabela 8), 29% dessas responderam que conseguiram através de seus próprios esforços, foram em busca sozinhos. No entanto, 37% conseguiram o primeiro emprego com o auxílio de outros sujeitos, sejam os pais, os amigos ou por indicação. O percentual de 18% das jovens conseguiu trabalho através de seleção para o trabalho, isto é, passaram por concursos ou outros testes que reconhecem as qualificações dos profissionais.

Tabela 8 – Conquista do Primeiro Emprego

<b>COMO CONSEGUIU O PRIMEIRO EMPREGO?</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Ajuda de amigos	6	13%
Ajuda dos pais	6	13%
Indicação	5	11%
Procurou sozinha	13	29%
Seleção	8	18%
Outros	6	13%
Não respondeu	1	2%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: tabela elaborada por estatístico

Os dados da pesquisa revelaram que 44% das jovens possuem renda mensal que variam se de um a dois salários mínimos mensais, enquanto que 24% recebem por mês em torno de dois a 3 salários e 13% ganham entre três e quatro salários e 4% recebem de quatro a cinco salários, 9% recebem menos de um salário mínimo por mês e outros 4% não possuem renda. Estes resultados comprovam que os jovens pesquisados precisam trabalhar. No entanto, pode-se dizer que a situação financeira desses jovens ainda é satisfatória se comparada aos dados de outras pesquisas já comentadas no corpo teórico desse estudo.

Nesta perspectiva que também se observa a importância que se deve ater as experiências de trabalho e educação na vida dos sujeitos, especialmente os jovens, como adverte em seu texto Sposito (2005, p 103) “Não é possível desconhecer que as desigualdades econômicas continuam a delimitar os horizontes possíveis de ação dos jovens nas suas relações com a escola e o mundo do trabalho”. Seguem abaixo as tabelas 9 e 10 que revelam a renda pessoal e a contribuição dessas jovens na renda familiar.

Tabela 9 – Renda Pessoal

<b>RENDA PESSOAL</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Menos de 1 SM	4	9%
De 1 a 2 SM	20	44%
De 2 a 3 SM	11	24%
De 3 a 4 SM	6	13%
De 4 a 5 SM	2	4%
Não tem renda	2	4%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

Tabela 10 – Contribuição na Renda Familiar

<b>AJUDA NAS DESPESAS DA CASA?</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Não	21	47%
Sim	24	53%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

É impressionante constatar que a maioria das jovens que recebem de um a dois salários mínimos e também outras que tem um rendimento um pouco superior afirmam que não dependem da família financeiramente para viver (tabela 11 abaixo), mas ajuda nas despesas da casa (tabela 12), isto é as independentes são as que mais contribuem com o orçamento familiar, mas 98% dessas não se consideram responsáveis pelo sustento da família. Entende-se que essas que afirmaram não ser dependentes da família são jovens que por mais que se considerem independentes, não podem construir vida própria porque não possuem renda para tal. Mais uma vez, comprovam-se através desses dados, as reais condições sócio-político-econômicas enfrentadas por esses jovens. Assim, pode-se inferir sobre a importante participação financeira do jovem na família, como complemento da renda familiar, uma vez que se posiciona como membro da família. A redução da renda familiar e o emprego precário colocam o jovem sob pressão, forçando-o a ingressar no mercado de trabalho, apesar de considerar que mesmo assim grande parte dos jovens não consegue trabalho. São os fardos juvenis, conforme diz Pais (2005). Essas situações implicam em esforços exagerados para poder percorrer os projetos de vida, causando um esgotamento de sentidos.

Tabela 11 – Dependência Econômica Familiar

<b>DEPENDE DA FAMÍLIA FINANCEIRAMENTE?</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Não	24	53%
Sim	21	47%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

Tabela 12 – Contribuição na Renda Familiar

<b>AJUDA NAS DESPESAS DA CASA?</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Não	21	47%
Sim	24	53%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

Muito há ainda há para se comentar sobre educação e trabalho e as teorias desenvolvidas nesse estudo. Para tanto, a seguir, de acordo com a tabela 13, apresenta-se os dados sobre as dificuldades dessas jovens para encontrar emprego. Instigantes se configuram os dados, pois, ao mesmo tempo, que 51% das jovens pesquisadas afirmam que encontraram dificuldades para encontrar um emprego, 24% dessas optaram em não responder, 24% afirmaram que não possuem dificuldades. Para tanto, o instigante provém da relação entre esses dados e os que resultam do questionamento sobre quais foram essas dificuldades. O excesso de profissionais na área foi apontado como dificuldade por 4% das jovens, 9% alertou que a falta de formação técnica é responsável pela dificuldade de encontrar emprego. Outros 4% se referem às questões políticas como geradoras da principal dificuldade para a conquista de emprego e 7% desses alegaram que são outras as dificuldades não relacionadas na questão. Dessa forma, entende-se que aparece uma contradição nas respostas, pois, ao mesmo tempo, que a maioria aponta encontrar dificuldades para encontrar emprego, esses mesmos afirmam posteriormente não sentir essa dificuldade. Isso leva a inferir que as jovens entendem e separam emprego de trabalho, isto é, trabalho não há dificuldades de encontrar, mas emprego reconhecido, valorizado, é um bem raro. Aqui se comunga com a idéia desenvolvida por Raitz (2003) que comenta que nem sempre é fácil compreender os significados produzidos pelos jovens em relação ao trabalho.

Portanto, nota-se a desvalorização do trabalho no mundo globalizado e observa-se claramente que isso acontece na relação entre trabalho e educação. Sabe-se e não é novidade para ninguém que o trabalho docente é um dos ofícios mais desvalorizados na sociedade e é atingido em todos os seus aspectos: reconhecimento, remuneração, precariedade de condições matérias, formação, etc. É na formação inicial que esse quadro pode se transformar, ainda que lentamente. Muitos cursos de nível superior e não somente o de Pedagogia, por vezes, deixa a desejar em alguns aspectos referentes ao ensino e a aprendizagem.

Durante este estudo foi possível compreender alguns desafios que são enfrentados para a institucionalização ou implementação de uma instituição de cursos superiores no país. Os esforços realizados pelos sujeitos que se propõem a enfrentar esses desafios, por vezes chegam a alarmar. O empenho dos sujeitos em benefício do alcance da sempre mais almejada qualidade de formação, também não deixa de causar admiração, merecimento e reconhecimento. Porém, mesmo com todas essas lutas empreendidas sabe-se que o empenho não é suficiente, num mundo se revela cada vez mais excludente, liderado por forças por vezes invisíveis aos olhos de muitos, mas que são poderosas pela sua capacidade de manipulação.

Como comenta Melucci (1997) resgatando os tempos interiores e exteriores, marcados pela descontinuidade e multiplicidade nas experiências produzidas pelos sujeitos conduz à construção de diversas histórias, ou nenhuma, porque não são marcadas por um tempo final. É aproveitar esses vínculos globais para construir novos vínculos sociais, possibilitar maior integração entre sujeitos e instituições e também maior autonomia aos docentes e discentes para que novas perspectivas se abram e todos possam lidar com as transformações na educação e no trabalho. É urgente e necessário afastar o espírito da individualidade que assombra os corredores das universidades e facilitar, o agir com mais humanidade, sensibilidade e competência diante dos problemas, isto é, chegar mais próximo do outro, ouvi-lo, dialogar, saber cuidar do outro para que o outro e o eu possam dar segmento à construção do processo de identização.

No entanto, no estágio atual, conforme comenta Bendassolli (2007), o trabalho se encontra por um lado debilitado porque não possui sentido e valor, por outro lado, ainda é concebido como necessário, especialmente, porque é através dele que os sujeitos conseguem sobreviver pela renda. Assim, de um lado o trabalho é visto como um meio para alcançar o objetivo profissional, para a aquisição de bens de consumo, para o direito ao lazer, à cultura. Por outro lado, é uma questão de sobrevivência, de necessidade. O não trabalho causa angústia e o sofrimento.

Tabela 13 – Dificuldades para Encontrar Emprego

<b>ENCONTROU DIFICULDADES PARA ENCONTRAR EMPREGO?</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Sim	23	51%
Não	11	24%
Não respondeu	11	24%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

Tabela 14 – Principais Dificuldades para Encontrar Emprego

<b>AS PRINCIPAIS DIFICULDADES</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Não tem dificuldades	23	51%
Excesso de profissionais na área	2	4%
Questões políticas	2	4%
Falta de formação técnica	4	9%
Não respondeu	11	24%
Outra	3	7%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

As principais dificuldades para inserção no mercado de trabalho constam nos dados da tabela 15 e observa-se que dentre todas as apontadas, o nível de escolaridade se constitui na principal dificuldade, abordado por 31% das jovens. Em segundo lugar 22% pontuam a concorrência e 20% dessas jovens apontam a falta de experiência profissional seguida das exigências de competências técnicas atuais. A Falta de oportunidade, a falta de formação técnica e excesso de burocracia aparecem em cada uma dessas no percentual 4%.

A educação é responsável atualmente para qualificar e oportunizar a entrada dos sujeitos no mercado de trabalho, para conseguirem um emprego e não somente trabalho, esse que se caracteriza como temporário e passageiro. Como menciona Oliveira (2004, p.19), “[...] a falta de qualificação profissional é elemento preponderante na apuração do desemprego, porque a inadequação em relação às exigências do mercado dificulta a inserção”. Acrescenta-se à idéia de Oliveira que a qualificação não somente é elemento que prepondera o desemprego, mas também o subemprego, o emprego informal, enfim, o trabalho informal. Ainda segundo Oliveira (2004), a escolaridade atua como pré-requisito para a inserção do jovem no mercado, demonstrando assim, a correlação existente entre a inserção no mercado de trabalho e a escolaridade. Já outros autores como Pais (2005) e Pochamm (2002) argumentam que esse fator é importante, entretanto os dados em várias pesquisas também mostram muitos jovens qualificados desempregados, configurando uma profecia equívoca relacionada à qualificação profissional. Entretanto, conforme Dubar (2005) a construção da identidade profissional se caracteriza como uma das mais importantes dimensões identitárias na vida dos atores sociais, na atualidade, tanto é, que este autor concebe o trabalho como questão central na vida dos sujeitos, pois este possibilita a construção das identidades profissionais.

Tabela 15 – Dificuldades para Ingressar no Mercado de Trabalho

<b>DIFICULDADES PARA INGRESSAR NO MERCADO DE TRABALHO</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Concorrência	10	22%
Excesso de burocracia	2	4%
Exigência de competências técnicas profissionais	6	13%
Falta de experiência profissional	9	20%
Falta de formação técnica	2	4%
Falta de oportunidade	2	4%
Nível de escolaridade	14	31%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

Os sonhos e projetos dedicados à vida profissional (tabela 16) variam entre receber uma formação profissional adequada para o desempenho docente por 36% das jovens contra 33% dessas que projetam e sonham em realizar-se profissionalmente. Interessante foi verificar que 20% das jovens não responderam essa questão. Pode-se inferir que em decorrência de todos os problemas enfrentados no mundo do trabalho e, principalmente na educação, muitos sujeitos não conseguem ainda atingir suas expectativas em relação aos sonhos e projetos de vida educacional e profissional. Questões deste tipo são inquietantes, provocam nos sujeitos reflexões que para alguns não são fáceis e nem agradáveis de responder e refletir, principalmente, quando as respostas não convergem com as que esses gostariam de dar.

No entanto, entende-se que a partir desta constatação que é possível acreditar e lutar por mudanças, mesmo nesse tempo de incertezas. E é acreditando nisso que se desenvolveu esse estudo, na intenção maior de contribuir com um diagnóstico que possa mostrar os graves problemas enfrentados por essas jovens e contribuir para traçar alternativas que facilitem esses caminhos um tanto falhos. O futuro só tem sentido como uma possibilidade de realização profissional, mas é um futuro imediato para esses jovens formandos, como pode-se notar na pesquisa.

O futuro distante não aparece. O futuro forma um paralelo com o presente, onde todas as possibilidades podem ser de alguma forma, visualizadas. O futuro traz mais incertezas que certezas. O sonho e os projetos também não são concebidos como algo em particular, atravessam sonhos a partir da convivência de um grupo que se reúne num determinado espaço e tempo. Neste sentido, resgata-se Dubar (2005) sobre a impossibilidade das identidades profissionais se construírem a um nível restrito de singularidades. Elas se constroem nas relações sociais mantidas com outros sujeitos pela subjetividade. As experiências que os sujeitos vivenciam proporcionadas pelas linguagens vão se formando, transformando, re(formando) por meio do convívio com seus grupos sociais e provocam essa reformulação constante, contínua e por isso deixam as marcas.

Tabela 16 - Projetos e Sonhos em relação à sua Vida Educacional e Profissional

<b>QUAIS SÃO SEUS PROJETOS E SONHOS EM RELAÇÃO À SUA VIDA EDUCACIONAL E PROFISSIONAL?</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Formação profissional	16	36%
Não respondeu	9	20%
Realização profissional	15	33%
Ter a própria escola	5	11%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

Em relação às perspectivas com o futuro nota-se na pesquisa mais otimismo e esperança por parte dos jovens formandos do curso de Pedagogia, 64% das jovens afirmaram que têm boas expectativas e vêem possibilidade de conquistar um futuro profissional. Do total de jovens pesquisadas apenas 16% preocupam-se apenas com as experiências do presente, porque as consideram mais importantes, descartando suas preocupações com o futuro, conforme tabela 17.

Tabela 17 – Perspectivas com o Futuro

<b>QUANDO VOCÊ PENSA NO FUTURO, VOCÊ:</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Não se preocupa com o futuro, mas com as experiências do presente, pois estas são mais importantes.	7	16%
Tem boas expectativas e vê possibilidades de conquistar seu espaço profissional.	29	64%
Tem dúvidas	6	13%
Outro	3	7%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

A questão que investigou se as jovens conheciam alguma política municipal destinada a contribuir com a inserção dos jovens no mercado de trabalho (tabela 18), apontou que 82% dessas afirmaram que desconhecem a existência de políticas públicas com esse fim. Nesse sentido, constata-se que apenas 18% afirmaram conhecimento sobre alguns programas que auxiliam os jovens nessa busca.

Neste sentido, a pesquisadora sugere que a Universidade do Vale do Itajaí, através do Centro de Ciências Humanas do Curso de Pedagogia, leve em consideração esses dados tão expressivos e possa através desses reformular, criar e incluir nos objetivos do Curso uma proposta mais concreta que venha atender os jovens formandos do curso de Pedagogia, no sentido de contribuir com a inserção desses no mercado de trabalho formal. Claro, sem desconsiderar que será através da melhoria da qualidade educacional que essa instituição poderá contribuir ainda mais com a minimização do desemprego e aumento da renda, não apenas de uma política que vise empregabilidade, na qual os sujeitos “[...] acabam sendo convencidos de que devem se reciclar para aumentar o seu preço no mercado. Salário baixo ou situação de desemprego passam a ser vistos como reflexo da capacidade individual” (POCHMANN<sup>61</sup>, p.118).

<sup>61</sup> O texto de Pochmann não possui data de elaboração e publicação, apenas número de páginas. Está disponível online no endereço: <http://www.ilo.org/public/spanish/region/ampro/cinterfor/publ/inclus/pdf/pochmann.pdf>

É preciso que a relação Universidade e trabalho se apresentem como sinônimos de transformação social, como meio para conquista de melhores condições de vida e não como marcas de exclusão social que estão submetidos muitos jovens, mesmo os universitários. O desemprego, o trabalho desvalorizado, desqualificado, desregulamentado, surgem como grandes vilões no cenário juvenil ocasionados pelo mundo globalizado, que não deixa de apresentar crises econômicas graves. Por isso, uma proposta que leve em conta as demandas das jovens, impondo mais desafios para a educação e para a construção de suas identidades profissionais, sejam fundamentadas em bases cidadãs para que estes jovens possam rumar em direção a construção de um mundo melhor, mais justo e solidário.

Tabela 18 – Política Municipal de Emprego

<b>CONHECE ALGUMA POLÍTICA MUNICIPAL DE EMPREGO? QUAL?</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Parque Dom Bosco	1	2%
Primeiro emprego	1	2%
Teconvi	2	4%
Outros	4	9%
Não conhece	37	82%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

Para as jovens pesquisadas, as contribuições do Curso de Pedagogia para sua qualificação profissional foi outra questão (tabela 19) que resultou nas seguintes respostas, 13% responderam que essas contribuições melhoram na aquisição de conhecimentos. A base teórica é preocupação e também apontada como uma contribuição do curso para 9% das jovens, para 2% este curso contribui para evitar o desemprego. Apenas 9% acham que o curso contribui para qualificação profissional e 7% pensam que favorece a troca de experiências. Ao observar o segundo motivo apontado na tabela 20, é possível perceber que este se repete, claro que com percentuais distintos, mas que não chegam a se distanciar tanto.

A educação é vista como meio o qual as jovens tentam conquistar suas metas, vêm possibilidades para a sua formação educacional e profissional sólida, para o seu desenvolvimento pessoal e profissional e, principalmente, buscam através dela a conquista profissional e sua inserção no mercado de trabalho. Daí a importância dada à educação. No entanto, nem sempre as expectativas são atendidas devido a uma série de problemas que existem no processo de ensino e aprendizagem. O que se sugere aqui é que a opção da grande maioria das jovens em não responder a questão referente às contribuições do Curso de Pedagogia para sua qualificação profissional, parece que não estão conseguindo atingir suas

expectativas para sua qualificação profissional como docentes e futuras docentes. E isso é um grave problema. Essas jovens ao não se reconhecerem, não conseguem se identificar com a proposta sugerida, ocasiona uma crise e essa nega o enfrentamento de desafios porque desilude, desespera, e condiciona. Nesse sentido, reforça-se aqui a necessidade de prestar mais atenção aos problemas existentes no Curso de Pedagogia para propor novas alternativas que possibilitem a identificação dos formandos com o Curso de Pedagogia.

Tabela 19 – Contribuição do Curso de Pedagogia para a Qualificação Profissional – 1º motivo

<b>O que melhora com o curso de Pedagogia? 1º Motivo</b>	<b>Sujeitos</b>	<b>Porcentagem</b>
Aquisição de conhecimentos	6	13%
Base teórica	4	9%
Emprego	1	2%
Não atua na área	2	4%
Não respondeu	25	56%
Qualificação profissional	4	9%
Troca de experiências	3	7%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

Tabela 20 – Contribuição do Curso de Pedagogia para a Qualificação Profissional – 2º motivo

<b>O QUE MELHORA COM O CURSO DE PEDAGOGIA? 2º MOTIVO</b>	<b>SUJEITOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Aquisição de conhecimentos	7	16%
Base teórica	1	2%
Desempregada	1	2%
Formação profissional	2	4%
Não atua na área	1	2%
Não respondeu	28	62%
Qualificação profissional	3	7%
Troca de experiências	2	4%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Fonte: Tabela elaborada por estatístico

#### 4.5 Resultados da pesquisa qualitativa

Não se teve como objetivo a avaliação institucional da Universidade e do curso de Pedagogia e sim as contribuições deste curso na construção da identidade profissional destes sujeitos, que por si só também estão relacionadas com a qualidade dos cursos universitários. Acredita-se que este fator implica na formação dos processos identitários profissionais, uma

vez que os vínculos existentes entre formação de qualidade e emprego podem estar diretamente associados à carreira profissional. Não se quer aqui apontar só os problemas que existem neste curso tão importante no meio universitário. Reconhece-se, como já se falou todos os esforços que foram e são empreendidos na tentativa de superar os problemas. O que se quer é contribuir no sentido de mostrar a realidade da educação e do trabalho vivenciados por esses jovens formandos do Curso de Pedagogia. No entanto, antes mesmo de dar seguimento a mais alguns resultados da pesquisa, gostaria de deixar registrada a importância da investigação sobre a construção social da identidade profissional, pois se considera que é decisivo para a inclusão dos futuros professores ou já professores atuantes em fase de formação na sociedade, caminho “[...] que pode, futuramente levar a uma interação mais estreita entre vida pessoal e profissional, visando uma melhoria na prática educacional e na própria construção de quem nós, professores, somos, para nós mesmos e para aqueles com quem trabalhamos e vivemos” (ROLLEMBERG, 2003, p. 250). Os posicionamentos dos jovens formandos de Pedagogia obtidos através dos depoimentos escritos com perguntas abertas podem ser revelados tal qual expõe Sposito, “[...] expressam-se mais uma vez os sentimentos de uma geração que se defronta com um mercado de trabalho e um território educacional restritivo e mutante” (SPOSITO, 2003, p.25) .

A pergunta que se refere se os conhecimentos recebidos pelos jovens formandos no Curso de Pedagogia estão sendo aplicados no trabalho e como incidem em sua identidade profissional, trouxe como resultado respostas marcadas por muita diversidade e unidade nas opiniões. O que se percebe através dessa questão é que essas jovens relacionam o conhecimento prático e teórico como fatores preponderantes para melhorar sua vida futura.

Uma questão que possibilita perceber como vai se processando a relação que estabelecem com a educação e o trabalho, se revela na prática dos estágios, que não deixam de mostrar as incertezas provenientes da caracterização da sociedade atual pontuada por Pais (2007) como dilemática, em decorrência de como os sujeitos se movem e são movidos. Conforme Dubar (2005), a incerteza é que gera a indecisão e a falta de reconhecimento, pelo fato das comunicações que os sujeitos estabelecem entre si trazem também essas marcas de incertezas presentes nas indecisões ou decisões. Neste sentido, abaixo seguem alguns depoimentos escritos obtidos por meio das questões abertas do questionário. Optou-se por identificar os depoimentos por numeração.

- 1) Alguns são aplicáveis, mas muitas coisas ficam apenas na teoria pois fogem da realidade da instituição escolar que eu trabalho
- 2) Alguns sim, mas a maioria não.
- 3) Com certeza todos os dias estamos aprendendo algo novo, e colocando em prática.
- 4) Como sou auxiliar meu conhecimento pedagógico fica limitado, aparecendo apenas quando a professora falta. Mas acredito que muito que sei do conhecimento tenha a partir do meu conhecimento entre prática e teoria.
- 5) Em partes, como sou auxiliar pedagógica, não participo do planejamento das aulas e minhas opiniões que levo para a sala, de acordo com a teoria vista na faculdade, na maioria (quase sempre), não são consideradas.
- 6) Sim, durante todos os anos cada disciplina, foi de alta importância para minha formação e auxiliou no desenvolvimento de nossas práticas pedagógicas.
- 7) Sim, mas poderíamos receber conhecimentos ainda maiores, no sentido de prioridade.
- 8) Sim, muitas das aprendizagens desenvolvidas aqui aparecem em forma de ações teóricas e práticas em meu trabalho.

Outra questão muito importante e que dá seqüência a anterior, capaz de retratar os motivos que geram satisfações-insatisfações com os conhecimentos recebidos no Curso de Pedagogia se refere à pergunta sobre se esses conhecimentos são suficientes para a atuação profissional. Da mesma forma, como se caracteriza os depoimentos acima, as respostas vêm diversificadas, heterogêneas, mas também apresentam semelhanças. Conforme Raitz (2003), as expressões juvenis se apresentam de forma heterogênea e homogênea, são características da cultura juvenil que possui suas próprias marcas, essas que se constituem pelas diferenciações e semelhanças de acordo com o contexto histórico e social em que esses sujeitos estão inseridos. Isso se justifica se for considerar que nesses tempos de incertezas, como afirma Melucci (1997, p 5): “pessoas jovens, [...], são atores-chave do ponto de vista da questão do tempo em sociedades complexas. A experiência é cada vez mais construída por meio de investimentos cognitivos, culturais e materiais”. Esse autor em outra passagem confirma que “A juventude se situa, biologicamente e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa ator crucial, interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um de seus dilemas conflituais básicos” (MELUCCI, 1997, p. 7). Isto significa mostrar a importância do tempo na experiência humana, este que se caracteriza em proporcionar essas

divergências, heterogeneidades e diversidades de posicionamentos que as jovens tomam em relação a educação, ao trabalho e a vida.

Os tempos que nós experimentamos são muito diferentes uns dos outros e às vezes parecem até opostos. Há tempos muito difíceis de medir – tempos diluídos e tempos extremamente concentrados. Além disso, um tempo diferenciado é cada vez mais um tempo sem uma história, ou melhor, um tempo de muitas histórias relativamente independentes. Então é também um tempo sem um final definitivo, o que faz do presente uma medida inestimável do significado da experiência de cada um de nós (MELUCCI, 1997, p. 7-8).

Dessa forma, através das considerações desse autor que se pondera, inclusive, sobre as diferenciações nos argumentos que emergiram das falas das jovens. As respostas que iniciaram com um “não” quanto a ser suficiente os conhecimentos recebidos, não se referem somente a negação desse conhecimento ou a desvalorização deste, mas principalmente à necessidade de aperfeiçoamento, de busca para além dos conhecimentos recebidos, mas no presente. Isso denota claramente o sentimento que a pouco se falou: necessidade pela falta e o desafio de ir além, mas a partir de identidades profissionais que se constroem e continuamente se re (constroem).

Portanto, as diferenciações são próprias da marca identitária que cada um carrega consigo, mas que se assemelham pelos atravessamentos dos outros, são pontos de vista, percepções encadeadas por fios que se conectam em redes e, por isso adquirem significados nos processos de construção da identidade e são possibilitados pelas relações sociais entre os atores sociais. Neste sentido, seguem os depoimentos escritos pelas jovens relacionados as satisfações e insatisfações referentes ao Curso:

- 1) *Acredito que o que nos torna qualificados é nossa força de vontade para o estudo e nossa experiência. A faculdade nos dá muito pouco.*
- 2) *Sim, com certeza aprendi muito depois que passei a freqüentar a universidade.*
- 3) *Os conhecimentos que temos na faculdade são parciais, temos que sempre ir à busca de mais, para assim melhorarmos cada vez mais.*
- 4) *Não, dá para contar no dedo os professores bons da UNIVALI*
- 5) *Não. Trabalhar com a educação é uma constante busca e o curso de Pedagogia em seus quatro anos não pode dar conta de todos esses conhecimentos. Vejo a graduação como uma base para que nos tornemos pesquisadores constantes.*
- 6) *Sim, com certeza aprendi muito depois que passei a freqüentar a universidade.*

- 7) *Não, porque todos os dias acontecem situações que te desafiam e aprender é uma constante, o conhecimento construído na graduação é o básico, precisa ir além.*
- 8) *Não, falta mais práticas em sala de aula.*
- 9) *Sim, procuro além desses conhecimentos recebidos na Universidade, agregar outros por outras fontes, como: revistas, livros... Nós, profissionais da educação temos sempre que nos reciclarmos.*
- 10) *Nem sempre. Alguns foram muito vagos, outros que eu realmente precisava desde o início da minha atuação e que é de suma importância, estou conhecendo só agora no final do curso.*

Assim, as identidades vão se delineando. Ao responderem a questão que investiga a satisfação quanto a atuação profissional logo abaixo, percebe-se pelos depoimentos que essas jovens revelam um sentimento de amor, de felicidade, mas que também aparecem como insatisfações e total sentimento de satisfação em relação a suas escolhas profissionais, ao mesmo tempo. No entanto, as insatisfações surgem pelo fato de algumas não ocuparem cargos ou atuarem em níveis de ensino desejados ou por não terem ainda conseguido atuar como docentes e até mesmo por decepções ocorridas no próprio ambiente de trabalho e formação e por vontade de ir “mais além” nos estudos. Esses dilemas são justificados por muitas delas ao argumentarem não possuir titulação suficiente para poderem tentar acessar ou trabalhar com séries, níveis de ensino desejados. Isso se percebe claramente. A identidade profissional escolhida como docente é marca evidente e aparece na maioria dos depoimentos como uma grande satisfação, vocação.

O trabalho recebe importância extrema e relaciona-se diretamente com essas insatisfações e satisfações. Segundo Dubar (2005), todas as esferas da identidade não podem ser pensadas sem base no contexto histórico e social, território de ação dos sujeitos atores sociais, o que implica pensar que todas as identidades são construções sociais. No entanto, ainda conforme esse autor, a identidade profissional se destaca das outras dimensões identitárias devido ao vínculo profundo existente entre a formação e o emprego, esses se constituem atualmente como um dos aspectos mais cruciais na vida dos sujeitos, pois [...] a privação de trabalho é um sofrimento íntimo, um golpe na auto-estima tanto quanto uma perda de relação com os outros: uma ferida identitária geradora de desorganização social (DUBAR, 2005, p. XXII). Assim, seguem abaixo alguns depoimentos escritos.

- 1) *Muito. Sinto muito feliz com o meu trabalho e acredito estar fazendo um bom trabalho.*

- 2) *Não. Gostaria de trabalhar na Educação Infantil.*
- 3) *Sim, amo o que faço. Apenas preciso me sentir mais importante diante do desenvolvimento das crianças que como auxiliar pouco tenho participação*
- 4) *Sim, embora pretenda trabalhar na área da educação assim que me formar*
- 5) *Sim, mas pretendo mudar de cargo, me tornar professora.*
- 6) *Sim, gosto demais do que faço.*
- 7) *Sim. Sinto prazer em atuar na área da educação, tento inovar sempre e manter o bom humor que é necessário para realizarmos um bom trabalho.*
- 8) *Satisfeito não, eu permaneço nele para pagar a faculdade*
- 9) *Sim, estou sempre pronta a aprender o que me ajuda a crescer profissionalmente.*

Para complementar a análise desenvolvida acima, se apresenta mais alguns depoimentos que justificam a satisfação com a escolha profissional. No entanto, observa-se que a escolha profissional está diretamente relacionada, na maioria das vezes, com o curso de Pedagogia que fazem e, principalmente com a formação que recebem e a valorização deste curso no mercado de trabalho. Entende-se que a escolha pela profissão e a atuação profissional causam mais satisfações do que a formação que essas jovens recebem durante o curso, mesmo que apareçam satisfações e realizações. É nesse aspecto referente à qualidade da formação dos sujeitos que Zabalza (2004) percorre comentando em sua obra. Segundo ele, a qualidade na educação passa por uma questão que precisa ser pensada, refletida, talvez da maneira exposta por Pais (2007) quando menciona sobre a reflexividade impositiva, pois se vive e convive numa sociedade dilemática, movida pela incerteza, mas mesmo assim, é necessário voltar e olhar para esses dilemas que são percebidos nas falas dessas jovens que acredita-se representam quase o sentimento da totalidade deles, salvo as exceções, é claro.

Assim, conforme Zabalza (2004), o tema universidade jamais poderá ser desrelacionado de qualidade e isso, como já se abordou na teoria, implica numa responsabilidade de todos, não somente do corpo que compõe a instituição, mas todos os que nela circulam, pois não se pode negar que a falta de qualidade deixa falhas na relação que se estabelece entre educação e trabalho e a construção das identidades profissionais. Veja-se a seguir os depoimentos.

- 1) *Em relação à faculdade, não está sendo o que esperava. Poderia ser melhor.*
- 2) *Fiquei em dúvida entre Pedagogia e Jornalismo, antes do processo seletivo. Entretanto, optei por Pedagogia, estou muito satisfeita com minha escolha. Amo o que faço.*
- 3) *Não, porque as pessoas dão mais valor no curso do Magistério do que quem possui um curso de Pedagogia. Tendo só o Magistério é mais fácil conseguir um emprego de professora do que um curso de graduação.*
- 4) *Não, se fosse no começo da faculdade escolheria outro curso. Estou cursando o 7º período.*
- 5) *Sim, apesar de ainda ser muito mal remunerada e pouco reconhecida.*
- 6) *Sim, embora há um tempo atrás, tenha ficado em dúvida, hoje tenho certeza que escolhi de maneira correta o que fazer profissionalmente.*
- 7) *Sim. Quero ser pedagoga, não pelo salário, mas porque amo a profissão.*

Muitas foram as insatisfações e poucas as satisfações relacionadas com a formação que essas jovens estão recebendo no curso de Pedagogia. Percebe-se que mesmo alguma das questões anteriores referentes à satisfação com a escolha profissional, as jovens relacionaram com a satisfação na formação, isto denota que as identidades profissionais são construídas principalmente, pela formação educacional que os sujeitos recebem, e mais uma vez se justifica a preocupação de Dubar (2005) comentada acima neste texto. Uma preocupação que é importante relacionar com a realidade dessas jovens sujeitos de pesquisa. Percebe-se que são sentidos que se encadeiam novamente, associados ora por estarem aguardando esse período de formação universitária se concluírem, ora pelas decepções com algumas disciplinas que fizeram, ora pela cobrança exagerada no conhecimento prático daquelas que nunca atuaram como docentes, ora pela admiração pelos professores que exigem e cobram as tarefas e o estudo, ora por não atingirem as expectativas referentes aos conhecimentos adquiridos no curso, ora pelo paradoxo existente entre o dizer e o fazer de alguns docentes universitários e os objetivos institucionais, ora pelo currículo do curso aparecer desvinculado e insuficiente para a área de atuação profissional, ora pela desvalorização e falta de reconhecimento do aluno pelo curso, ora pelas meias satisfações com o curso, ora pela falta de oportunidades práticas no desenvolver do curso.

- 1) *Mais ou menos. Triste com a instituição que tem o objetivo de "formar alunos críticos" e no momento eu questiono, dizem que, nada se pode fazer (não entendi o discurso????) O aluno não pode ter voz ativa.*

- 2) *Não. Acredito que poderia estar recebendo mais e ser cobrada mais. Qualquer coisa que façamos está bom. Tem pedagoga se formando que não sabe nem falar muito menos escrever.*
- 3) *Sim. Porque muitas coisas devem partir do acadêmico, da sua busca. O curso não faz milagres, mas dá um empurrãozinho.*
- 4) *No início, nos semestres iniciais, muitos conhecimentos repetiam-se, com os que havia recebido no magistério, mas aprendi muitas coisas novas, embora penso que poderia ser bem melhor, mais explorado.*
- 5) *Não. Tudo é vago e superficial. Temos apenas teoria. Prática que é bom nada, ou quase nada. Aprendemos que devemos fazer da aula algo diferente..., mas continuamos aprendendo no método "tradicional". Para fazer a diferença é preciso conhecê-lo.*
- 6) *Sim, mas ainda muita coisa tem para melhorar*
- 7) *Às vezes. Há muita cobrança, esquecendo que nem todos atuam na área. E se estamos na faculdade é para aprender.*
- 8) *Não, poderia ser melhor se o currículo do qual dispomos hoje fosse condizente com o meu trabalho = educação especial (há somente uma disciplina)*
- 9) *Sim, Penso que é uma formação muito boa, os professores são excelentes. A universidade forma várias possibilidades para o educador estar se aprimorando*
- 10) *Não, porque quando entramos numa universidade, imaginamos um futuro construído de experiências boas. Mas quando chegamos ao fim do curso, percebemos que não recebemos o valor que esperávamos, saímos da universidade muito cansadas, principalmente por causa dos estágios.*
- 11) *Em algumas coisas sim, outras não.*
- 12) *Sem comentários.*
- 13) *Este termo eu considero ser médio. Muitos conhecimentos importantes eu adquirir e eles me ajudaram muito na minha prática docente, mas em contrapartida, muitas coisas ficaram vagas e mal resolvidas.*

Outra questão que emerge dos depoimentos acima se refere que algumas dessas jovens relacionam a formação que o curso oferece com a atuação prática. Nesse sentido, há um des- (encaixe) entre as questões teóricas que aprendem e a aplicação dessas na prática. Percebe-se claramente isso quando reclamam dos estágios ou também de não ter possibilidades de aplicá-los na sua ação pedagógica do dia-a-dia. Isso causa um tipo de desencantamento, uma desilusão, que acaba por promover decepções marcando a identidade profissional que deduz-se ser causada pela falha nas comunicações, pela negação da escuta e do falar, retratado no

processo de construção de suas identidades. E tudo o que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido (ARENDDT, 2007, p. 12).

Percebe-se que os sentidos e a importância dada ao trabalho presentes nos depoimentos dessas jovens, adquirem sentidos variados como o de liberdade feminina e independência pessoal, sobrevivência financeira, aprendizado, realização pessoal, crescimento profissional, de existência, indefinível, pela prioridade que exerce na vida, dignidade, etc. O espaço que o trabalho ocupa na vida delas demonstra que possuem anseios que se equivalem tanto para sua existência no sentido de realizações e sobrevivência, como para a conquista de melhores oportunidades de garantia de emprego, reforçando com isso, a luta, o enfrentamento de desafios em busca de melhores posicionamentos no trabalho e condições de existência. Assim, entende-se que o trabalho para esses jovens pesquisados significa meio para a obtenção da cidadania, para a conquista de direitos, de autonomia e liberdade, portanto, o trabalho se posiciona como uma vantagem na vida dessas jovens.

A escolaridade atua como pré-requisito para a inserção possibilidades de crescimento dessas jovens no campo do trabalho, uma maneira de conquistarem suas escolhas profissionais, demonstrando assim, a correlação existente entre a inserção no mercado de trabalho e a escolaridade,, como diz Frigotto, “O trabalho [...] é um marco de referência para a construção de sua identidade pessoal e social, de seu status socioeconômico. Insere-o (a) na sua classe social, oferece-lhe possibilidade concreta de existência e desenvolvimento”. (FRIGOTTO, 2004, p.228). Abaixo, os depoimentos transcritos sobre os sentidos do trabalho.

- 1) *A concretização da liberdade feminina, dentro do mercado de trabalho*
- 2) *A importância do trabalho é que precisamos dele para viver...*
- 3) *Além da parte financeira (apesar de não ser adequado) é oportunidade de crescimento, troca de aprendizado, etc.*
- 4) *Além de manter minha família financeiramente, me realiza, me faz crescer, viver...*
- 5) *Como amo minha profissão, vejo como importância o prazer e a auto-realização.*
- 6) *É fundamental na existência do ser humano.*
- 7) *É importante para minha independência, pois embora more com meus pais, pago minha faculdade e minhas necessidades pessoais sozinha.*
- 8) *É tudo. Indefinível. Sem ele eu não estaria estudando.*

- 9) *Ele é importante principalmente para sobrevivência.*
- 10) *Essencial, o trabalho dignifica o homem.*
- 11) *Esta podendo contribuir para o desenvolvimento de outras pessoas.*
- 12) *Eu amo trabalhar.*
- 13) *Gostaria de não estar trabalhando, porém a realidade é outra, tenho que sustentar filho.*
- 14) *O trabalho é essencial para o ser humano, ele cresce, aprende, valoriza o dinheiro, enfim o trabalho dignifica o homem.*
- 15) *Para construir uma família.*
- 16) *Pelas seguintes razões: necessidade; independência e auto-realização.*
- 17) *Um desafio que eu gosto de superar a cada ano.*

O desemprego é motivo de preocupação e de angústia para todos os sujeitos pesquisados, transforma-se numa problemática que acompanha esses sujeitos no percurso de vida e os acompanha em forma de pesadelos, quando revelados como possibilidade de realização. Este fato não deveria ser somente uma preocupação desses sujeitos, deveria ser preocupante principalmente, para todos os que estão nas chefias dos órgãos governamentais e institucionais, sejam eles privados ou não. Como oferecer formação sem garantia de inserção no trabalho? Portanto, mais uma vez a emergente alternativa de uma proposta que poderia ser acatada pelo Curso de Pedagogia, para atender e contribuir um departamento ou mesmo uma “salinha” destinada a ajudar todos os sujeitos a afastarem e despovoarem das suas mentes a ameaça constante dos fantasmas do desemprego, através do estabelecimento de parcerias com instituições municipais, estaduais, sindicais. Certamente que a formação educacional, profissional também pede muita atenção.

O período de formação é um momento para se adquirir capacidades em todas as esferas da dimensão humana, principalmente a esfera profissional, nesse sentido, a educação é atualmente, considerada como a melhor alternativa para que o jovem tenha assegurado seu pleno desenvolvimento. Essas jovens são privilegiadas por terem acesso à Educação Superior, portanto deveriam poder ter assegurado todo o conjunto de saberes e capacidades renovados que acompanhem as transformações desse conhecimento, tanto os teóricos como os da ação pedagógica, bem como sobre todos os processos pedagógicos, de modo que possam através das dúvidas, do diálogo, encontrar meios para a transformação da sua práxis num constante renovar, reformular, construir e re(significar) a identidade.

Assim é que o processo de identificação profissional dos pedagogos vai-se construindo, por intermédio da articulação entre os saberes científicos comuns renovando o conhecimento e promovendo um novo saber. Pensa-se nesta possibilidade no sentido de diminuir a desvalorização da carreira docente e de seu reconhecimento, diminuir os índices altos de desemprego e aumentar a renda, aspectos que contribuirão com desenvolvimento e a qualidade da educação em todos os níveis. Conforme Dubar (2005), as crises de identidades decorrem sempre da difícil possibilidade que o jovem tem para inserir-se profissionalmente e em função da elevação das exclusões sociais porque causam “desconforto diante das transformações, confusão das categorias que servem para se definir e definir os outros [...]” (DUBAR, 2005, p. XXV). Os depoimentos que aparecem abaixo se referem a seguinte questão aberta do questionário: Se você já vivenciou ou vivencia a experiência com o desemprego, comente sobre o que sentiu ou sente em relação a esta experiência e diga há quanto tempo você está desempregado.

- 1) *É angustiante.*
- 2) *É horrível, pois as pessoas têm um olhar preconceituoso para quem não está no mercado de trabalho.*
- 3) *Estou desempregada a 4 meses, mas por opção (problemas familiares), e o que mais incomoda é voltar a depender de alguém.*
- 4) *Estou desempregada há 3 meses e é ruim, mas logo em seguida descobri que estou grávida.*
- 5) *Impotente.*
- 6) *Já foi vivenciado, me senti muito mal, uma pessoa inútil.*
- 7) *Já senti. É muito terrível, a gente se sente um nada, sem emprego não sobrevivemos.*
- 8) *Já vivenciei a situação de desemprego, foi angustiante porque estava estudando, depois do concurso tudo mudou.*
- 9) *Já vivenciei esse ano. Fiquei apenas 1 mês desempregada e fiquei super preocupada, pois tinha que pagar a Universidade.*
- 10) *Trabalho desde os 14 anos, nunca estive desempregada.*
- 11) *Vivencio todo final de ano, pois sou funcionária contratada, é uma situação horrível, mas fico apenas um mês parada.*

O trabalho e todas as questões que dele emergem são motivos de preocupações para esses jovens, formandos do Curso de Pedagogia. Diante destas questões os formandos se

deparam com uma grande preocupação que influencia de maneira negativa estes em aspectos sociais e psicológicos. Desta maneira, ocorre um comprometimento nos processos constitutivos identitários. Portanto os resultados parciais do presente estudo sinalizam a necessidade da criação de programas que sejam inseridos nas políticas públicas municipais e institucionais para que potencializem as ações juvenis na esfera da educação e do trabalho.

A percepção obtida ao longo do processo constitutivo do estudo, até o presente momento, mobiliza um sentimento de impotência em relação às ações governamentais e privadas desenvolvidas em relação à questão do desemprego. Logo o estudo possibilita uma leitura da constituição desses sujeitos que vai além das questões perceptíveis. Portanto, esta discussão realizada nesta primeira parte deste item se deve a introdução aos resultados da segunda etapa da pesquisa que tentará trazer um panorama relativo aos jovens que estão inseridos em ações coletivas. Pensa-se que os conceitos e visões sobre juventude e seus ideais, são extremamente relevantes para a compreensão das ações coletivas juvenis, envolvidas nessa condição histórica, social e cultural para a compreensão dos processos de construções identitárias.

Nesse sentido, a discussão sobre esses aspectos e outros desenvolvidos pelos autores aparecerão no decorrer da análise dos dados obtidos através das entrevistas realizadas com jovens estudantes e trabalhadores do curso de Pedagogia. Portanto, se faz necessário salientar que, para ter uma percepção sobre a participação coletiva dos jovens pesquisados em grupos, realizou-se uma segunda parte da pesquisa, voltando se a fazer uma enquête junto aos sujeitos que fizeram parte da primeira etapa, para saber os que estavam envolvidos em ações coletivas e gostariam de fazer parte da pesquisa. Constatou-se que, os jovens envolvidos em experiências coletivas na comunidade são apenas nove (9) sujeitos, esses se apresentaram como integrantes de grupos, envolvidos com trabalhos comunitários. Desses, apenas oito (8) aceitaram por livre e espontânea vontade participar das entrevistas. Para tanto, traça-se um perfil dos jovens entrevistados para caracterizar a amostra.

Para tanto, preservou-se o critério delimitação da idade adotado na primeira parte da pesquisa, sujeitos jovens com idades entre 19 a 29, critério esse justificado nesse trabalho<sup>62</sup>. No entanto, como já se alertou nesse estudo, delimitou-se essa faixa etária em virtude de organização, estruturação e delimitação da quantidade da amostra, por isso, enfatiza-se aqui que esse critério não decorre de uma posição simplista, inflexível que pauta-se na consideração de juventude baseada puramente em enfoques biopsicológicos, pois concebe-se

---

<sup>62</sup> Este estudo conta com um comentário sobre perspectivas atuais que delimitam a situação etária juvenil na contemporaneidade. Ver comentários no item “Sujeitos participantes da pesquisa”.

essa como uma condição social e histórica, com traços homogêneos e heterogêneos, uma complexidade diversificada, produtora do inédito, do original através das relações que estabelece com as pessoas e o meio em que são atuantes e atuados.

[...] tal concepção revelaria tanto uma concepção etapista do ciclo de vida como um comportamento desviante do sujeito jovem na evolução da sociedade. O critério etário torna simplificado demais a identificação da condição juvenil, pois essa fase transitória está identificada por uma determinação cultural no interior da sociedade para além dos limites fisiológicos (POCHMANN, 2004, p. 220).

Outro critério adotado para essa etapa da pesquisa pautou-se em investigar jovens estudantes universitários que participam em ações coletivas em grupos comunitários e as relações que esses estabelecem com o trabalho, educação, família, ações coletivas. Portanto, esses envolvimento e ações juvenis serão apresentados a partir do item que segue, após discussão sobre ideais juvenis.

## CAPÍTULO V – PESQUISA QUALITATIVA: ENTREVISTAS COM JOVENS

### 5.1 Processos Identitários dos Jovens em Ações Coletivas

*O sentido que o tempo traz é que cada um é o artífice de si mesmo e de seu mundo, ou seja, daquilo que é capaz de produzir e de dividir-com-os-outros (MELUCCI, 2004, p. 68).*

Esta parte do estudo empenha-se em retomar reflexões feitas sobre identidades juvenis na dimensão educacional e profissional aliada às práticas coletivas que alguns jovens sujeitos da pesquisa realizam nos seus processos de socialização, em suas múltiplas construções identitárias, um processo que Melucci (2004) conceitua como *identização*. Para tal, buscar-se-á orientar-se e estabelecer links entre teoria e os resultados da pesquisa, isto é, tratar-se-á de formar teias conectivas entre teoria e os depoimentos obtidos através das entrevistas individuais com os jovens sujeitos de pesquisa, procurando sempre aliar as percepções e insights para tentar dar significado às mensagens recebidas.

No entanto, antes de expor o perfil e os depoimentos verbais dos jovens entrevistados, trazer-se-á alguns conceitos importantes desenvolvidos por pesquisadores que investigam sobre as juventudes e as concepções que abordam, no que se refere às relações que os jovens estabelecem com a sociedade, os diversos segmentos sociais no qual se inserem e simultaneamente são inseridos.

Portanto, segundo Paul Singer (2005), no século passado e até o começo deste novo século, as trajetórias juvenis se constituem numa diversidade de ideais que as caracterizam e canalizam como histórica, cultural e social. É nesse sentido que se entende juventudes, uma condição juvenil porque implica em uma condição repleta de significações e diferenciações. Conforme Abramo (2005), essa noção de condição juvenil como tentativa de conceituar juventudes, nos posiciona a assimilar a uma etapa, ciclo de vida,

[...] de ligação [...] entre a infância [ ...] tempo de desenvolvimento corporal... primeira socialização... dependência e necessidade de proteção... para a idade adulta, em tese a do ápice do desenvolvimento e de plena cidadania, que diz respeito, principalmente, a se tornar capaz de exercer as dimensões... de produção... reprodução... e participação. É forçoso, embora repetitivo, lembrar que os conteúdos, a duração e a significação social desses atributos das fases da vida são culturais e históricos, e que a juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada (ABRAMO, 2005, p. 40-41).

Desse modo, a juventude aparece como destaque ou é percebida, como uma condição que se diferencia das demais etapas de vida, somente na sociedade moderna ocidental e ganha mais notoriedade no século XX, “[...] como um tempo de preparação... para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe” (ABRAMO, 2005, p. 41). Essa preparação, ainda segundo Abramo, se refere a visão de juventude como imprópria para atuação produtiva. Desse modo, a escola seria o lócus ideal de preparo, portanto, sem responsabilidade para realizar trabalho, mas com capacidade total para dedicação aos estudos, um tempo dedicado a formação para, posteriormente exercer direitos de cidadãos.

Essa visão social representa um desencaixe existente entre as possibilidades referentes aos aspectos físicos, emocionais e afetivos (ABRAMO, 2005, p 41), um “[...] deslocamento entre as capacidades físicas de produção e reprodução e a maturidade emocional e social para sua realização: por isso a noção moderna de juventude acabou aparecendo como um período de interregno, de transição, de ambigüidade, de tensão potencial”. Seu significado social como se refere a autora é de uma ‘moratória’. Essa representação da juventude explica a noção de condição juvenil, pois como a mesma autora comenta, a juventude ainda é vista por muitos segmentos da sociedade como uma fase que desperta sentimentos de transgressão e rebeldia, entre outros sentimentos que de certo modo desqualificam o termo juventude (ABRAMO, 1997, APUD RAITZ, 2002).

Neste sentido, entende-se então juventude como uma situação social, pois se os jovens são sujeitos que possuem capacidades de criar, produzir e reproduzir, dotados de inédita maturação emocional e social, são sujeitos que se posicionam perante e com o mundo, como demonstram os resultados de pesquisas, não são passivos, rebelam-se através de seus estilos contra toda e qualquer afirmação que negue essas capacidades e possibilidades. Este poderia ser mais um item considerado: juventudes, uma situação social e histórica dotada de capacidades, possibilidades e habilidades físicas e emocionais para posicionamentos diante das sociedades em que se produzem e são produzidas as relações humanas. Sugere-se que os argumentos de Melucci (2001) abaixo possam dar sustentação a essa colocação,

De onde vem o interesse para estudar os jovens? A resposta em termos de sociologia do conhecimento é relativamente simples: porque os jovens são atores de conflitos. Esta é a razão principal porque nos interrogamos sobre a condição juvenil. Os jovens podem, portanto, tornarem-se atores de conflitos porque falam a língua do possível, fundam-se na incompletude que lhes define para chamar a atenção da sociedade inteira para produzir sua própria existência ao invés de submetê-la; fazem exigência de decidir por eles próprios, mas com isto mesmo reivindicam para todos este direito (MELUCCI, 2001, p. 100-102).

Conforme Abramo (2005) existe uma diferença em se falar em condição juvenil e situações juvenis, pois se no passado recente comentava-se através dos escritos de Bordieu que juventude (no singular) poderia remeter a uma noção de classe. Já na contemporaneidade é necessário se utilizar o termo juventudes (no plural), para que isso denote e alerte a impossibilidade de se pensar essa condição sem observar os atravessamentos que a perpassam, as diferenças e as desigualdades, [...] a *juventude*<sup>63</sup>, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, faz sentido para todos os grupos sociais, embora, apoiada sobre situações e significações diferentes. Agora a pergunta é “ [...] mais sobre os modos como tal condição é ou pode ser vivida” (ABRAMO, 2005, p.44).

É nesse ponto que segundo a autora, o debate sobre desigualdade e injustiça não perde a centralidade nos dias de hoje, em função das diferenças existentes na condição juvenil, isto porque os jovens agora têm mais campo para poder falar sobre suas ações, sobre suas necessidades, suas expectativas referentes aos seus gostos de viver suas juventudes, com dignidade (ABRAMO, 2005). Este é um ponto positivo que auxilia o processo de construção de suas identidades. Assim também, compreende-se melhor o que Melucci vem abordando ao longo de seus escritos sobre identidade e juventude, uma construção identitária possível pela renovação de experiências, uma identização que se revela nesse processo de relações humanas e sociais, no sentido do jovem responder a si próprio, reconhecer-se, tanto como parte de outro como também, como integrante ativo do meio social, numa relação de pertencimento e de diferença.

Assim, este texto, vai se tecendo a perspectiva em se falar das das ações juvenis, através de um movimento de construção que, como alerta Melucci (2004, p.69), “Para manter a própria unidade, a única saída é aprender a *abrir e fechar*<sup>64</sup>, a participar e a subtrair-se do fluxo de mensagens, à chamada dos possíveis e às exigências dos afetos”.

De acordo com Singer (2005), no século passado, mais exatamente em meados daquele até o início do século vigente, os jovens idealizavam ser revolucionários, isto é, explica o autor: “[...] desejosos de construir um outro mundo”. (SINGER, 2005, p. 30). Essa ânsia por revolução levou-os a inserirem-se em movimentos de contestação, revoluções, as quais ocorreram em muitos continentes. Os jovens sempre exercendo papel de protagonistas, sempre atuantes e destacados, principalmente na Revolução Cubana e em Cravos (Portugal). Seus sentimentos eram voltados para o ideal de eliminação de sociedades desiguais, injustas, manipuladoras, dominantes.

---

<sup>63</sup> Grifo da autora.

<sup>64</sup> Grifos do autor.

Lutavam para construção do socialismo e comunismo e pensavam que através dessas lutas nas quais utilizavam suas forças, seu vigor, sua busca pela justiça, obteriam o poder e dessa maneira, seriam possibilitados a efetuar as transformações que desejavam. Mas, ao longo desse processo de lutas e resistências, esses ideais se desmoronaram, pois mesmo com o poder em mãos, os jovens das décadas de 70 e 80, principalmente, ao constatarem que os problemas sentidos não foram e muito menos seriam passíveis de serem solucionados, as mudanças não mais significaram seus ideais, apesar de contribuírem para significativas mudanças no cenário econômico e social (SINGER, 2005). Nesse sentido, observa-se abaixo o começo da desilusão juvenil após suas lutas e conquistas:

Isso começou a mudar quando a coorte dos pais dos jovens de hoje eram jovens [...] Primavera de Praga desmascarou o comunismo soviético e levou muitos partidos comunistas na Europa romper com ele [...] sucessivos levantes operários na Polônia contra o regime 'comunista' tiveram os mesmos efeitos sobre a juventude com aspirações revolucionárias, inclusive no Brasil (SINGER, 2005, p. 31).

Desse modo, as juventudes atuais são frutos das gerações desiludidas e talvez nem percebam ou saibam sobre essa desilusão sentida pelos seus primeiros antecedentes: “Os jovens de hoje são os filhos da coorte de jovens que passou pelo trauma da desilusão com a via política para a revolução, nos anos 1970 e 1980” (SINGER, 2005, p. 32). Hoje, os ideais juvenis são outros. Conforme Singer (2005), seus ideais podem ser observados claramente através da pesquisa realizada pelo Projeto Juventude, essa que abarca a maior pesquisa qualitativa em âmbito nacional e retrata as múltiplas dimensões nas esferas sociais, culturais e históricas que envolvem os jovens brasileiros. Aqui, se reitera que há muitas outras pesquisas desenvolvidas que diagnosticam as atuais ideologias juvenis, bem como seus modos de estar no e com o mundo, ou melhor, seus modos sentirem-se no mundo.

Para tanto, ainda conforme Singer (2005), a questão que investiga os ideais juvenis na atualidade, no que se refere a sociedade ideal para os jovens da contemporaneidade, seria embasada em valores de solidariedade, respeito às diferenças, igualdade de oportunidades, temor a Deus e justiça social. São valores expressados pelas atuais juventudes, não só do Brasil, mas mundialmente. Como bem coloca Singer (2005, p. 33), “Estas respostas mostram que os jovens brasileiros estão em sintonia com os valores dos jovens progressistas em todos os países”.

No entanto, ainda como mostram dados dessa pesquisa, esses anseios juvenis demonstram mais uma ação teórica e menos prática, isto é, embora desejem e pensem que podem mudar as situações sociais que apontam para os quadros críticos da sociedade,

problemas de natureza social, cultural, política e econômica, como miséria, fome, desemprego, injustiça, já não são mais os mesmos ideais revolucionários de contestação como os jovens das gerações de 70 e 80.

As juventudes atuais na sua maioria demonstram raramente intenção de engajarem-se em ações que potencializem ou amenizem essas mudanças desejadas, de forma que poucos são os envolvidos em ações coletivas na comunidade. O autor novamente esclarece o porquê quando afirma: “Por mais que os jovens nessa situação<sup>65</sup> acreditem que a juventude pode mudar as coisas, eles sabem que têm que cuidar antes da própria sobrevivência, evitando serem tragados pela violência criminosa ou mergulhando nela, como alternativa menos pior” (SINGER, 2005, p. 35).

Nesse sentido, comenta Melucci (2001) sobre o tempo presente relacionado às juventudes. Os jovens intimam a sociedade o direito de viverem nesse tempo que significa simultaneamente um tempo de mudanças, e que por esse motivo, os jovens as querem no imediato, na possibilidade do provisório (negação aos projetos), das opções de escolhas, da diversidade de construções das faces identitárias, das buscas por orientações grupais, vivências individuais e coletivas, características pertinentes e próprias da condição juvenil. Esses aspectos juvenis se chocam diante de tanta previsibilidade, certeza e padrões impostos nas sociedades,

Abertura e fechamento, integração e separação se revelam, assim, através do espelho da experiência juvenil, necessidades profundas da experiência individual e coletiva nas sociedades complexas e contemporaneamente potenciais terrenos de conflito (MELUCCI, 2001, p. 104).

No entanto, apesar dos resultados que trazem análises e opiniões sobre os raros jovens que se dispõem a se envolver diretamente com ações coletivas em benefício do bem comum na contemporaneidade, ainda há, mesmo que poucos, os que demonstram e vivem experiências coletivas nas comunidades onde atuam. São experiências opostas à maioria que não vivencia essas ações, porque se focam, especialmente, em conquistar meios para sua subsistência, como os resultados apontados por Singer (2005), sobre o desencontro entre ações teóricas juvenis e suas ações práticas.

Muitos falam que nos dias atuais uma das características das juventudes é a passividade, a perda da coragem para enfrentar com luta situações sociais de injustiça, de desigualdade social revelando uma condição juvenil conformista perante a sociedade vigente.

---

<sup>65</sup> Singer (2005) comenta que os jovens em sua grande maioria são pobres e um grande percentual desses se encontra desempregado ou exerce trabalho na informalidade.

Sobre esta questão que vem interrogando muitos curiosos, Melucci esclarece que,

Falou-se, pois, de um conformismo dos jovens, de indiferença pelo poder. Essa orientação pode parecer estranha, mas ela esconde uma mudança radical nas atitudes frente ao poder e à natureza dos conflitos. O poder como assimetria que caracteriza, sob algum aspecto, qualquer relação social não é mais negado, mas reconhecido. A ele se contrapõe a responsabilidade, como capacidade autônoma de resposta de um sujeito de ação (MELUCCI, 2001, p. 103).

Nesse sentido, entende-se que se as reações e atitudes juvenis mudaram, mas não em consequência do conformismo aparente juvenil, e sim em resposta ao reconhecimento de suas responsabilidades diante das situações sociais que se apresentam, uma forma de agir que posiciona os atores jovens em um discurso silencioso, mas que por meio desse, articula alternativas de se tornar explícito na medida que produz uma ação sobre o poder dominante. E Melucci (2001, p. 102) salienta que nos discursos juvenis, estes que evadidos de palavras “Há a afirmação de uma palavra que não aceita ser mais separada das emoções, há um dizer que quer centrar-se no ser mais do que no fazer e volta por isso à pobreza essencial, às rupturas e aos vazios da experiência profunda de cada um”. Ainda segundo esse autor, nessa palavra juvenil que não é palavra, em função da expressão partida e do discurso incompleto, há uma grande fragilidade que se faz presente no entendimento do discurso juvenil, porque uma outra palavra se coloca “[...] formalizada dos sistemas governados pela racionalidade instrumental, sistemas de rígida separação entre a ordem do discurso e a ordem do prazer. A racionalidade dos aparatos não dá espaço para as emoções [...]” (MELUCCI, 2004, p. 103). É esse o silêncio que indica uma mudança de posicionamento, das juventudes perante as sociedades de hoje.

### **5.1 Juventudes, Trabalho e Educação e ações coletivas**

As análises deste estudo basearam-se nos depoimentos obtidos através das entrevistas individuais com oito (8) jovens universitários trabalhadores. Procurou-se delimitar esse campo de investigação através dos critérios já mencionados, também na participação dos jovens estudantes trabalhadores envolvidos em ações coletivas.

A ação coletiva de um movimento empírico é o resultado de propostas, recursos e limites. Coloca-se de forma diferente, é uma orientação objetiva construída nas relações sociais dentro de uma área de oportunidades e limitações, pressões. [...]. Indivíduos ou grupos agem coletivamente, constroem suas ações através de

significados de investimentos organizados: em outras palavras, eles definem em termos cognitivos e em termos afetivos a área de possibilidades e limites os quais percebem e simultaneamente ativam suas relações para dar significado ao comportamento comum (integrado com outros membros)<sup>66</sup>, assim para dar sentido ao “estar junto” deles e para os objetivos que eles perseguem (MELUCCI, 1996, p. 39. Tradução livre).

Essa afirmação de Melucci leva a entender que a experiência empírica vivida pelos atores e seus grupos são processos onde as relações sociais se efetivam e as identidades coletivas são possibilitadas nas suas infinitas construções. Porém, entende-se também, que essas ações coletivas se dão de modo “organizado”, porque os sujeitos se inserem nessas ações e relações com objetivos estratégicos perseguidos unem-se aos outros membros que também definem seus objetivos, revelando com isso, o objetivo comum entre os atores envolvidos, cientes de suas “possibilidades” e limitações, mas empenhados em dar sentido à ação coletiva do grupo ao qual pertencem. Esse aspecto comunga com as lógicas apontadas por Dubet (1994) e comentadas no início deste capítulo.

Segue abaixo o quadro que identifica o perfil dos jovens sujeitos de pesquisa que realizam trabalhos na comunidade onde vivem. Para contextualizar suas ações, realizou-se as análises das entrevistas individuais contextualizando as experiências desses jovens com a educação, o trabalho formal e as ações coletivas, esforço esse de aprofundamento na apresentação das relações que esses jovens estudantes universitários e trabalhadores têm com os segmentos sociais em que atuam. Eles demonstram além de suas experiências e ações, as suas demandas nesse processo de construção identitária individual, profissional e coletiva, do “eu” e do “nós”, que aponta o reconhecimento de si, através de suas experiências, essas construtoras de suas múltiplas identidades. Portanto, acredita-se que as experiências de educação e trabalho desses jovens revelam de modo especial, o sentido para a análise de suas ações coletivas. Optou-se nomear os jovens com “nicknames<sup>67</sup>”, identificando-os de acordo com as funções que desenvolvem nos grupos que pertencem. Todavia, salienta-se que esses “nicknames” foram autorizados por eles, nas autorizações expressas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo).

---

<sup>66</sup> Grifos meus.

<sup>67</sup> Nicknames é um termo da língua Inglesa e significa apelidos.

## 5.2 Perfil dos Jovens Entrevistados

Quadro 1 - Perfil dos oito jovens estudantes universitários

Nicknames	Idade	Estado Civil	Situação atual de Trabalho	Associação
1- Bombeira	23 anos	Solteira	Desempregada	Trabalho Voluntário no Corpo de Bombeiros
2-Secretária Evangélica	21 anos	Casada	Auxiliar Administrativa	Voluntária no grupo de jovens da Igreja Evangélica Jesus Cristo para o Mundo
3 - Cantora religiosa e auxiliar da escola aberta	19 anos	Solteira	Professora atendente na creche	Voluntária na Escola Aberta e participante de um grupo de música de uma Igreja católica.
4- Guarda-vidas	20 anos	Solteiro	Ajudante de professores no parque Dom Bosco (bolsa da Universidade), Professor substituto, e professor particular	Trabalho Voluntário como salva-vidas nas praias da região.
5- Cantora carismática	19 anos	Solteira	Vendedora em uma loja de materiais elétricos e hidráulicos	Trabalho Voluntário no ministério da música da renovação carismática católica
6-Difusora comunitária	23 anos	Solteira	Educadora no Parque Dom Bosco	Participante da Associação de mulheres do Bairro Rio Bonito em Itajaí
7- Educadora de Escoteiros e dançarina religiosa	22 anos	Solteira	Educadora Pedagógica do GEI (grupo de Escoteiros) uma ONG em Imaruá - Itajaí	Participante do grupo de dança Impacto Dance da Igreja Evangélica Quadrangular
8- Catequista	20 anos	Solteira	Agente de educação em uma creche e auxiliar pedagógica em um colégio particular	Ministra de catequese em uma Igreja católica em Itajaí e ex- integrante de um grupo de canto de jovens

De acordo com as respostas obtidas no tema “Identificação”, inserido no roteiro de perguntas pré-elaboradas, com exceção de um jovem, todos os demais pesquisados são migrantes vindos de outras cidades e estados do país. A grande maioria justifica suas migrações em função de melhores oportunidades de estudo, trabalho e segurança familiar. “Ser jovem é mergulhar, de cabeça, nesse posso fundo de desejos: boas notas escolares, [...] , o bom emprego, a casa [...]” (PAIS, 2005. p 63). No entanto, constata-se que nenhum desses jovens mora sozinho, dois (2 ) desses afirmaram que moram com os pais e dois (2) com apenas com um deles, os outros convivem com familiares próximos como com irmãos, tios e esposo. Isto comprova que a migração tem implicações nas trajetórias juvenis, de forma que muitos jovens deslocam-se se sua terra natal, deixam suas casas e famílias para buscarem melhores condições de vida por meio da educação e do trabalho.

Pais (2005, p. 61) alerta que “Há umas décadas atrás, a forma dominante que

correspondia ao abandono da família de origem tinha por finalidade o casamento. Contudo, hoje em dia, o celibato parece configurar outra possibilidade de abandono da família de origem”. Os Jovens e suas famílias buscam também segurança para suas vidas e acreditam que o Sul do Brasil é uma das melhores alternativas para viverem suas experiências da vida. Como adverte Pais “De facto, vivemos numa época marcada por ‘dilemas de insegurança’ onde os esforços bem intencionados para alcançar a segurança se traduzem, muitas vezes, num reforço da insegurança” (PAIS, 2005, p.54). Isto se justifica nos depoimentos deles, ao serem questionados sobre as razões que levaram a migrar para a cidade de Itajaí:

*Sou de Lages. Moro Aqui desde 2000 por muitas razões, entre tantas a financeira. Financeiras, oportunidades de trabalho, pessoais e principalmente afetivas. Assim... (Jovem difusora)*

*Na verdade mais dificuldade, pelo fato de que SP começa a violência e tal, então minha mãe pediu pra gente se retirar e vir pra cá, e como a gente pagava aluguel também era complicado, daí a gente veio morar pra cá (Jovem cantora religiosa e auxiliar da escola aberta).*

*Eu vim de São Paulo, nasci em Guarulhos e fui criada na Moca, em São Paulo. Moro hoje em Itajaí por questão de trabalho e estudo, porque, como eu tanto trabalho como estudo em Itajaí, pra eu poder me locomover de Barra Velha, cuja cidade onde mora a minha família, pra cá, fica um pouco complicado, então eu optei por morar aqui por razões de trabalho e estudo. Qualidade de vida, minha família veio por qualidade de vida. Em todos os sentidos, segurança, trabalho [...] São Paulo tem as mesmas oportunidades de trabalho, a diferença é que é um ramo mais competitivo, são muitas pessoas, é um lugar que é uma metrópole, então se centralizam todas as pessoas ali, e infelizmente hoje é um local dominado por violência, então até pela questão da segurança própria da família optamos pela qualidade de vida do Sul (Jovem educadora de escoteiros e dançarina religiosa).*

Essas trajetórias juvenis que ora começam a ser tecidas, mostram “pistas”, indicam performances que constituem seus trajetos de mobilidade, em que assinalam uma insatisfação diante das experiências de vida num contexto anterior, que impossibilita a conquista de seus desejos “das ilusões que repousam nos desejos que as originam” (PAIS, 2005, p.63). É possível relacionar com os contextos de experiências dos sujeitos da pesquisa com os argumentos de Melucci: “Quando nos colocamos diante da possibilidade de mudança, é porque alguma coisa do presente não basta, não nos satisfaz, limita-nos a busca de novos rumos” (MELUCCI, 2004, p. 63).

Dessa forma, os jovens sujeitos de pesquisa demonstram que movem-se e buscam rumos novos através das escolhas que fazem, no sentido de significar suas identidades, revelando que são autores de suas histórias na sociedade atual, fator que marca

profundamente as trajetórias juvenis. Nesse aspecto, é interessante observar o que Pais comenta sobre os modos de transições juvenis, comparando-os nas décadas pós-guerra com as últimas décadas. O autor utiliza uma metáfora para explicar:

Nas décadas imediatas ao pós-guerra as transições dos jovens assemelhavam-se a viagens de comboio nas quais os jovens, dependendo da sua classe social, gênero e qualificações acadêmicas, embarcavam em diferentes comboios com destinos pré-determinados. As oportunidades para mudar de destino ou de trajecto eram limitadas. [...] nas duas últimas décadas as transições dos jovens poderiam ser melhor comparadas com viagens de automóvel. O condutor de automóvel encontra-se em condições de seleccionar o seu itinerário de viagem de entre um vasto número de alternativas. A experiência do condutor, ao contrário do que acontece com os passageiros de transportes públicos, é determinante para a escolha do caminho a seguir (PAIS, 2005, p.13).

Essas afirmações de Pais levam a refletir sobre a condição social contemporânea juvenil, marcada pela incerteza e imprevisibilidade das escolhas, mas simultaneamente pela obrigatoriedade que se tem de escolher, como bem coloca Melucci, “Escolher parece ser hoje o nosso destino, aquilo que não podemos mais evitar [...] cada vez que mudamos de contexto ou de sistema de relações, percebemos a impossibilidade de transportar as aquisições feitas em uma área diferente da experiência” (MELUCCI, 2004, p. 62).

Dos oito (8) jovens entrevistados, apenas uma jovem é casada, como se apresenta no quadro 1, apenas uma menciona que tem namorado, outro comenta que sonha em encontrar um amor, mas percebe-se a reserva que demonstram em falar de seus relacionamentos morosos, salvo três que fizeram breve comentário sobre a convivência com o namorado, esposo e a vontade de encontrar uma companheira. Isso indica que relacionamentos proporcionam e significam acima de tudo, uma realização, satisfação, felicidade ou um sonho:

*Como eu comecei a namorar, eu e meu namorado quase não gostamos de sair, aí nós alugamos um filme, ou de vez em quando saímos pra dançar ou pra jantar, comer alguma coisa... (Jovem Catequista).*

*Olha, o que mais eu tem me realizado na vida é meu casamento, porque hoje graças a Deus eu sou muito feliz. (Jovem secretária evangélica).*

*Ah, eu tenho o sonho de ter uma mulher companheira. (Jovem Guarda-vidas).*

Abaixo os depoimentos, aparecem como conectados com a sociabilidade e procura-se-á fazer links entre os eixos, pois os discursos juvenis desses sujeitos de pesquisa propõem significados que se entrecruzam com temas propostos. Na verdade é um “ir” e um “vir” inesgotável e impossível de singularizações, fragmentações que servem para a distinção entre

os modos de trabalho e as ações coletivas, pois “Os jovens tendem a tudo relativizar [...]” (PAIS, 2005, p.59). É nos atravessamentos e travessias discursivas que as ligações resultam no entendimento das relações desses jovens com seus namorados ou namoradas, mas também com os amigos, com as “baladas”, com o lazer. Essas questões aparecem intimamente atravessadas pela experiência e valor dado a educação, trabalho, esportes, “papos” com amigos, com a família e felicidade e com os grupos em que estão inseridos:

*Me divirto muito. Eu me divirto com meus amigos, praticando esporte, com o meu trabalho, com a minha faculdade, eu me divirto muito. Eu não vou muito a baladas não, mas eu gosto de sair com os amigos, bater papo, praticar esporte com eles. É o meu bem estar, eu me sentir bem comigo mesmo, a minha felicidade. O mais importante é a minha família, depois a minha felicidade (Jovem guarda-vidas)..*

*Algumas vezes tenho tempo para sair. Geralmente é com os meus amigos do grupo de oração mesmo, a gente sempre sai, ou se reúne e faz um churrasco na casa de alguém, a gente sempre dá um jeito. Mas a minha atividade predileta é cantar na Igreja católica, eu canto no ministério da música (jovem cantora carismática).*

Desse modo, vai-se percebendo que as falas desses jovens são interdependentes, isto é, não são discursos solitários, puramente individuais, mas são processos de intercâmbio entre o “eu” e “nós” formando os “eus”, esses que se fundem para a revelação de si e do outro, como forma de pertencimento nos grupos, compartilhando experiências, trocas, dando sentido às suas ações. Não é possível falar do eu sem se remeter, pertencer e se assemelhar ao outro, assim, resultar num discurso ativo, vivo. Para resultar num “eu” inédito, num “eu” diferente, como salienta Elias (1994, p. 57), “cada pessoa só é capaz de dizer ‘eu’ se e porque pode, ao mesmo tempo, dizer ‘nós’. Até mesmo a idéia ‘eu sou’, e mais ainda a idéia ‘eu penso’, pressupõe a existência de outras pessoas e um convívio com elas – em suma, um grupo, uma sociedade”. Desta forma, a convivência grupal possibilita o reconhecimento da existência do outro como importante processo na construção da identidade.

### 5.3 Juventude, Família, Trabalho e Educação: Múltiplos relatos<sup>68</sup> nos espaços sociais

Muitos teóricos comentam que nas últimas décadas, os modelos tradicionais de família vêm sofrendo profundas transformações, devido às novas formas de organização social, política, cultural e econômica das sociedades ocidentais. Assim, muitos grupos familiares vêm sendo constituídos por novos e diferentes arranjos, em consequência dessas transformações vigentes nas sociedades contemporâneas. O aumento crescente da taxa que corresponde a da inserção de mulheres no mercado de trabalho sinaliza melhores possibilidades para a conquista da autonomia, independência e se constituem em razões que justificam a diversidade e diferenciação nos agrupamentos familiares na contemporaneidade, acentuando debates sobre a igualdade nas relações de gênero. Como afirmam Araújo & Scalón (2005, p.17):

As famílias estão ficando menores. Essa redução, drástica na maior parte do mundo, ocorreu sobretudo a partir da década de 1970, levando simultaneamente, a alterações nos tipos de arranjos familiares e nos padrões de conjugalidade. [...] aumentaram as famílias compostas por apenas um indivíduo, as famílias monoparentais, as compostas de casais do mesmo sexo e de casais sem filhos... [...] diminuíram as famílias extensas e mesmo as nucleares [...]. Vem aumentando também a idade média em que as pessoas se casam, principalmente as mulheres, [...] indicador profissional [...]. [...] elas já podem criar filhos sozinhas ou optar por não ter filhos, sem que isso seja visto como negação de seu papel social.

A pesquisa aponta resultados que convergem com a discussão realizada acima pela autora, pois esses novos modos de constituição familiar fazem parte da vida desses sujeitos jovens de pesquisa, na medida em que alguns desses convivem em seu cotidiano com pais que vivem em regime de casamento tradicional ou em regime de separação conjugal, mas principalmente, convivem com outros membros da família, o que configura uma nova situação familiar, como se apresenta abaixo:

*Eu moro com a minha mãe e com os meus avós. Meus pais, eles são separados ( Jovem Guarda-Vidas ).*

*Eu moro com a minha irmã numa casa, e meu pai com a minha mãe noutra casa (Jovem Bombeira)*

---

<sup>68</sup> Para Pais, “Relatos que são actos de vida que a recontam, actos (percursos) elucidados por outros actos (discursivos) que de uns a outros se descontinuum, numa descontinuidade que se abre a uma verdade que não se dá por suposta, porque, como atrás se dizia, o que se supõe é deduzido do que se pretende supor” (PAIS, 2005, p. 15).

*Eu moro aqui com um casal de tios (Jovem Educadora de Escoteiros e dançarina religiosa).*

Os resultados referentes ao grau de escolarização dos pais desses jovens entrevistados demonstram uma grande oscilação, varia a formação desses que são apontados como seus pais biológicos ou de criação. Essa oscilação também se contempla, principalmente, nas diferenças existentes entre os níveis de formação de pai e de mãe. De maneira que se verifica que a formação educacional formal do pai prevalece sobre o da mãe, de acordo com a maioria dos sujeitos de pesquisa. Portanto, há pais sem nenhuma formação educacional formal, até pais com nível de formação em mestrado. Constatou-se também que dois desses jovens não sabem pontuar exatamente sobre o nível de formação educacional de seus pais:

*Meu pai é analfabeto, ele não estudou nada, e minha mãe até a quarta série (Jovem Bombeira).*

*Meu pai está fazendo faculdade agora de administração, e minha mãe tem só o 4º ano primário, no caso, né! (jovem cantora religiosa e auxiliar da escola aberta).*

*O meu pai tem mestrado nos Estados Unidos e a minha mãe tem faculdade de jornalismo (jovem Guarda-vidas ).*

*Meu pai fez até o terceiro, se eu não me engano. Porque há 2 anos atrás eu fui pro Rio e ele estava fazendo faculdade, mas eu sei direito o que é, porque pra se tornar sargento coronel ele precisava ter faculdade né, porque quando ele entrou na policia ele só tinha até o terceiro. Como ele já é sargento coronel, já deve ter acabado. A minha mãe voltou a estudar, está fazendo a 8 série (Jovem Catequista).*

*Meu pai se eu não me engano tem até a quarta série (jovem cantora carismática).*

Nos comentários anteriores se falou sobre as melhores oportunidades que as mulheres vivenciam na contemporaneidade no que se refere ao ingresso no mercado de trabalho e também na maior possibilidade de elevação do nível de educação formal, por razões que explicam uma aclamação feita pelo poder público (municipal, estadual e federal), através de políticas públicas educacionais para elevar o índice educacional em função da qualificação profissional dos cidadãos brasileiros. E aqui não se nega a boa intenção desses setores públicos. No entanto, como afirma Pais (2005, p. 40) “[...] a escola como parque de potenciais desempregados [...] aumenta-se o nível de qualificação ou de certificação de desempregados, em vez de se reduzir o número de desemprego”.

Mas, se há um incremento de melhores possibilidades, essas acabam privilegiando os

segmentos mais jovens da sociedade de classes economicamente mais favoráveis, além de que há que se considerar que o trabalho domiciliar ainda está muito relacionado à trajetória da mulher: “[...] o acesso das mulheres ao trabalho pago permanece condicionado pela domesticidade de suas relações [...] uma dimensão exterior às suas vidas”.

Já o acesso dos “homens continua naturalizado dentro do mundo do trabalho” conforme aponta Araújo & Scalon (2005, p. 19). Esse problema é também comentado por Pais (2005) quando diz que, apesar de considerar que houve uma elevação na participação das jovens mulheres no trato da formação profissional, é preciso saber que as que conseguem essa qualificação, estão inseridas em “setores tradicionalmente ‘feminizados’, além de que muitas outras deixaram para trás o curso universitário em prol dessa qualificação profissional, realizada através de projetos profissionalizantes” (PAIS, 2005).

Nas conexões entre a escolaridade e os modos de trabalho realizados pelos pais dos jovens pesquisados, percebe-se o vínculo profundo existente na relação educação e trabalho: quanto menos escolaridade, conseqüentemente menor chances de alcançar melhores postos de trabalho, como demonstram os resultados dessa pesquisa. No entanto, não parece ser destino desses jovens, tal qual seus pais, todos freqüentam o curso universitário revelando que se movimentam e desejam melhores condições de vida e posições na sociedade. É possível dizer que suas ações se direcionam na busca sentido para a possibilidade de transformação, escolhas que fazem das necessidades que sentem, envolvendo-se com responsabilidade nas atividades em que estão envolvidos. Experiências essas que possibilitam a construção de suas trajetórias identitárias, implicando num comprometimento, numa responsabilidade do ator “da qual não podemos fugir: responder conscientemente à falta que nos constitui, ou seja, decidir quem somos” conforme diz Melucci (2004, p. 43) para o alcance de seus objetivos. Ainda para o autor (2004, p. 44), “a experiência da falta leva-nos, portanto, inevitavelmente a questionamentos sobre nós mesmos”. Deste modo, a maioria desses jovens não deseja para si as mesmas experiências de trabalho que vivenciaram os seus pais, apenas um deles revela o desejo de continuidade na profissão de seus pais que são professores universitários. Nos depoimentos a seguir, pode-se observar as situações atuais de trabalho vivenciadas pelos pais dos jovens:

*Minha mãe é do lar e meu pai é pedreiro (Jovem Bombeira).*

*A minha mãe é do lar, mas o meu pai trabalha. Eles se separam desde que eu nasci. Ele é empresário, tem uma empresa de metal (Jovem Evangélica).*

*Sim, meu pai trabalha aqui na prefeitura e minha mãe não, ela é doméstica mesmo (Jovem cantora religiosa e auxiliar da escola aberta).*

*São aposentados. Minha mãe era servente merendeira numa escola, e o meu pai chegou a trabalhar num supermercado, mas ele tem epilepsia e se aposentou por invalidez. (jovem cantora carismática)*

*Meus pais são professores, e é a coisa mais importante da vida deles e eu to seguindo, eles são docentes e eu também. Tenho um pai que eu considero de criação que é meu padrinho (jovem Guarda-vidas).*

A valorização atribuída à formação educacional dos jovens pelos pais, conforme a fala dos próprios jovens, aparece nas entrevistas como um aspecto muito importante para análise. Constatou-se que os jovens tendem a depositar todas as suas esperanças na educação, mas nem todos os pais conforme eles. Nesse sentido, a educação é vista como a principal estratégia para obterem reconhecimento e crescimento pessoal e profissional atribuída pelos jovens. Este é um aspecto destacado em suas falas, bem como ficou visível o que seus pais e familiares pensam sobre os valores dos processos formativos e de trabalho de seus filhos. Percebe-se que ora os pais ou familiares atribuem valor positivo no sentido de incentivar os filhos para prosseguirem no curso que freqüentam, isto é, sobre a formação e trabalho de seus filhos. Esses valores são depositados de forma negativa, como uma desesperança à formação de professores, um (des) crédito relativo, principalmente, as concepções de trabalho que permeiam seus imaginários, como a baixa remuneração, salários incompatíveis com esforços empreendidos nos estudos e na ação prática de trabalho docente.

*Eles falam que é bom trabalhar né! Na escolaridade, minha mãe não é muito de estudo, então se eu tivesse fazendo faculdade ou não pra ela tanto importava, mas o meu pai, meu pai diz assim: faz uma faculdade, você vai ter um diploma, vai te formar, vai ter um futuro pela frente, é isso que ele pensa, por mais que ele é analfabeto e não sabe nada. Minha mãe já é o contrário dele daí. Eu tô devendo uma porcentagem pra trás já, né, porque eu tô parada, então peguei aquele negócio do banco, que paga no final da faculdade... Então, nesse caso eu não me preocupo tanto em pagar agora, me formando eu pago (Jovem Bombeira).*

*Enquanto escolaridade, enquanto opção de curso, eles acham, entendem que é um curso que não tem tantos fins lucrativos pra nós, que somos jovens. Porque investimos muito, e a nossa educação ela não prima por educação de qualidade, mas sim pelo QI, as pessoas que indicam, e as pessoas que são qualificadas não têm oportunidade. Então eu entendo a colocação deles, que nós jovens escolhemos hoje algumas profissões e qualificações de trabalho que nos satisfazem, mas que por outros caminhos, outras partes, não nos favorecem financeiramente, pessoalmente, até mesmo porque nós professores envelhecemos um pouco mais, nos estressamos um pouco mais, porque temos uma carga horária muito grande, e somos muito mal remunerados. Minha família tem essa visão, de*

*que eu estou na função errada. Eu não concordo. Tanto que estou lutando até agora, estou no sétimo período, pra chegar até aqui não foi fácil, e agora está sendo muito mais difícil ainda, todos os meses a gente sente mais dificuldade em estar arcando com as responsabilidades da universidade, porque sabemos que não é somente a universidade em si, o trabalho lá dentro, mas mais outras coisas que precisamos, porque sempre temos algum trabalho pra impressão, sempre temos livros, sempre temos material pedagógico para estar usando, então pessoas com uma renda baixa não atingem o objetivo de terminar a universidade, seu sonho de vida, sua qualificação profissional (Difusora Voluntária).*

Segundo Pais (2005) é comum nas sociedades pós-industriais, as famílias sentirem insegurança nos investimentos feitos na educação de seus filhos, em função da incerteza quanto a inserção no mercado de trabalho. Da mesma forma, constata-se em alguns depoimentos dos jovens a carreira do magistério aparece relacionada diretamente à vocação, também apontam uma insatisfação relativa ao estudo sacrificado, no empenho de esforços intelectuais e, principalmente, os esforços financeiros para custearem o curso universitário. A tentativa de inserção no mercado de trabalho e a experiência com o desemprego é outra insatisfação que rodeia os sonhos dos jovens. Portanto, quando questionados sobre a visão que seus pais têm em relação a sua escolaridade, formação e trabalho, eles responderam:

*Meu pai sempre teve o objetivo da filha dele estudar né, jamais colocou qualquer objetividade numa profissão: eu quero que a minha filha seja isso ou aquilo, mas ele sempre enfatizou pra mim que ele queria que eu me formasse, e hoje inclusive é ele quem ajuda a pagar o meu curso. O meu pai ele gostaria, assim como a minha mãe, que eu estivesse trabalhando na educação, inclusive eu to procurando na área da educação, pra ter experiência na área, e também porque as vezes eu não demonstro muita satisfação, então eles conseqüentemente também ficam um pouco tristes com o meu trabalho atual, mas como eu preciso, enquanto eu não encontro outra coisa eu vou levando (Jovem secretária evangélica).*

*No começo a minha mãe não queria muito que eu fizesse pedagogia, mas eles me apoiaram e dão hoje a maior força e dizem que se é pra eu continuar, que eu vou em frente... No começo, porque assim, a idade que eu trabalho é dois anos, então é tudo trocar fralda, apanhar de criança, então ela tinha essa visão de que eu ia apanhar do filho dos outros, e coisa que eu nunca levei, nunca apanhei, então ela disse: Ah (...), não queria que tu entrasses por causa disso. Isso, isso que acontece né. Então a visão dela era essa, mas depois com o tempo eu fui explicando a minha vocação e fui dizendo pra ela como eu estava gostando disso, então ela foi entendendo e foi aceitando. Eu acho que não, nunca me... Até porque minha mãe não voltou a estudar, mas meu pai nunca quis que eu fizesse administração, e nem ele está fazendo porque ele gosta, é uma questão de... Como ele trabalha na prefeitura ele precisa ter uma faculdade de administração, de ter essa faculdade pra continuar trabalhando na verdade. Mas com certeza vai ajudar ele também a aprender muitas coisas... (Ministra cantora religiosa e auxiliar da escola aberta).*

A partir desses depoimentos acima, pode-se observar que sinalizam que há um descompasso existente entre os vínculos educação-trabalho, poderia-se dizer que é uma relação tensa, que por vezes, provoca profundas insatisfações nos jovens. Isso pode ser explicado pela atuação no mercado de trabalho em campos diferentes das suas formações educacionais (em processo), dificuldades de inserção nos campos de formação, remuneração insuficiente para cobrir as mensalidades do curso de pedagogia, pré-conceitos por parte da família e sociedade, em consequência da baixa remuneração que aparece como um (des) prestígio, luta na conquista de inserção na área do magistério, no sentido de satisfazer sua aptidão vocacional. O sentimento de desvalorização com o diploma de pedagogia, pois muitas vezes, o mercado de trabalho dá preferência para docentes com menor titularidade (em função do salário) como o curso de magistério em nível de Ensino Médio, etc.

Mesmo assim, constata-se que se empenham muito para realizar seus objetivos educacionais, formar-se professor, mas simultaneamente esses objetivos gradativamente se perdem a consistência anterior, a partir da conscientização sobre o não reconhecimento profissional do Pedagogo, de seu status profissional. Segundo Sposito (2005), as vivências juvenis na contemporaneidade são caracterizadas por sofrerem alterações em função do nível de formação já não mais se constituem como garantia de inserção profissional no mercado de trabalho. São alterações que trazem incertezas, falta de garantias e deixam os jovens sem muitas perspectivas futuras, mas que nem por isso indicam desistência, porque acima de tudo nota-se um desejo intrínseco, um objetivo enraizado que gera satisfação no desejo de “ser professor”. Esse sugere ser o caminho conflituoso, contraditório e sinuoso que lhes faz frente. São identidades profissionais que estão sendo construídas inseridas em uma multiplicidade e complexidade de sentidos.

No que se refere à afetividade no interior das famílias, sejam elas compostas pelos mais variados arranjos ou não, verificou-se ainda que é ponto de referência para os jovens. Nesse sentido, mesmo que as escolhas de formação familiar se ampliem e se definam numa diversidade de possibilidades, a família ainda ocupa posição de maior destaque na vida dos jovens pesquisados. E como afirma Raitz,

As razões para a família ocupar lugar central na vida da maioria dos jovens não deixam de retratar motivações de trocas afetivas, arranjos domiciliares, ambiente protetor e de sociabilidade, mas não sem conflitos [...]. Talvez uma justificativa mais concreta esteja pautada também no caráter ameaçador do mundo externo (RAITZ, 2003, p. 165).

Dessa forma, a afetividade apresenta-se como um campo privilegiado na composição dos relacionamentos juvenis, ainda que, como afirmou Raitz, sejam atravessados por conflitos que se diversificam em suas maneiras de expressão. Os depoimentos a seguir demonstram bem essa composição:

*Com a minha mãe é muito bom, nós somos amigas, ajudamos uma a outra. Com o meu pai eu já não falo muito com ele, quando eu falo é por telefone, quando ele morava com a minha mãe o relacionamento era muito forte, depois que eles se separaram, eu vim morar pra cá tudo e ficou mais afastado (Jovem catequista)*

*Estamos meio em crise como se diz. É, em crise. As idéias não batem, digamos assim (Jovem Bombeira)*

*Bem, estável, até porque nós somos de um ambiente cristão, então a gente busca sempre superar nossas dificuldades, nossas desavenças, se tem algum problema todos nós sabemos nos calar no momento certo, a gente busca muito essa tranqüilidade e essa paz dentro de casa (Jovem Educadora de Escoteiros e dançarina religiosa).*

*Com a minha mãe é bom, sempre foi bom né, e com o meu pai, depois que ele se separou do segundo casamento, porque inicialmente quando ele era casado a esposa dele acabava afastando ele de mim né, então de uns tempos pra cá, ele se divorciou fazem uns 3 anos mais ou menos, voltou a melhorar a nossa relação, principalmente agora que eu tive uma irmãzinha, ela está com 2 meses né,, então isso aproximou bastante a gente assim (Jovem secretária evangélica).*

*Com a minha mãe e com meu pai, são ótimos, meu pai biológico eu não converso muito, mas tenho um relacionamento sem brigas. Sim. Um pai que eu considero de criação que é meu padrinho (Jovem Guarda-Vidas ).*

Crises e conflitos, como se pôde verificar são inerentes nos relacionamentos entre jovens e seus pais. Conflitos, que na maioria das vezes são causados pelo rompimento dos casamentos e pela composição de novos relacionamentos. Segundo Giddens (2002) as crises existentes nos relacionamentos pessoais não são problemas específicos dos tempos atuais, porque sempre existiram e se assemelham em tempos e contextos. No entanto, comenta este autor, “Os filhos de pais divorciados [...] sofrem profundamente com a dissolução do lar [...] ‘enfrentam uma tarefa mais difícil que as crianças cujos pais morreram. A morte não pode ser desfeita, mas o divórcio acontece entre pessoas vivas que podem mudar de idéia” (GIDDENS, 2002, p. 18).

Percebe-se a importância das discussões sobre juventude relacionadas às múltiplas dimensões que envolvem as trajetórias juvenis no tempo presente. Não há como abordar juventudes de modo isolado, sem conexões com as esferas da família, educação, trabalho,

lazer, ações coletivas. “No Brasil diante da falta de amplos levantamentos sobre a diversidade juvenil, o exame de dados originados de uma ampla sondagem de opinião sempre suscita reflexões, indagações e problemáticas, oferecendo perspectivas importantes” (SPOSITO, 2005, p. 88). Portanto, neste estudo a heterogeneidade e homogeneidade, nas relações de trabalho, desses oito jovens sujeitos de pesquisa, se faz presente. Certamente que a categoria trabalho não se desintegra das demais, com já foi explicitado no corpo desse texto, principalmente porque se considera os argumentos de Dubar (2005), de que existe um vínculo entre emprego e formação, esferas que mediam a construção das identidades profissionais. Portanto, ainda segundo este autor, o trabalho ocupa posição central na vida dos sujeitos e marca lugar especial como constituinte das identificações pessoais, principalmente num contexto marcado por conflitos e crises (DUBAR, 2005).

Desta maneira, passa-se a analisar as percepções dos jovens sobre os modos de trabalho ou de não trabalho que contribuem para a significação e (re) significação de suas construções identitárias, em suas vidas. Dos oito (8) jovens pesquisados um está desempregado, outro não revelou sua situação de trabalho atual, dois (2) se consideram trabalhadores estagiários e exercem funções na informalidade, e 4 (quatro) afirmaram que são trabalhadores com carteira de trabalho assinada. Trabalham em média 10 (dez) horas por dia, além de fazerem horas extras quando solicitados ou necessitados, com exceção de um jovem que trabalha 20 horas/semana.

Essa identificação de hora-trabalhador está claramente exposto em suas falas, mas não como uma insatisfação ou algo que cause dores, sofrimentos, mas sim como uma necessidade, realização, de vontade de ajudar as pessoas. Todavia, se apresenta também como frustração pelo modo do desemprego, como uma negação ou incapacidade de atuação, em síntese uma busca incessante,

*Vendedora. Sim, tenho carteira assinada, sou registrada tudo certinho. Deixa eu ver, eu sei que são mais ou menos 9 horas por dia, eu trabalho de segunda à sábado na realidade, tirando as horas extras que muitas vezes eu fico, como você vê, as vezes chega cliente ali e não tem como fechar a porta né. As vezes sim, as vezes não sou remunerada pelas horas extras. Depende muito da situação financeira da loja. No verão eu faço o horário das 7:30 h. da manhã até 10:30 da noite. Eu ganho \$500,00 reais. É muito baixo. Olha, esse verão eu fiquei meio indignada, porque as horas extras são 100% né, e eu recebi menos do que uma hora normal, eu recebi só 100 reais a mais, então eu ganhei 600 reais. É o meu primeiro emprego com carteira assinada, mas já trabalhei muito desde criança, sem carteira assinada, com parentes né, meu tio tinha restaurante, sempre trabalhei, até na praia eu já trabalhei. Sim, depois eu tomei algumas das funções de garçone, limpeza, já fiz a parte administrativa também já ajudei bastante, enfim, lá em Nova Trento eu trabalhei em várias coisas, depois eu vim pra*

*cá, nunca morei lá, mas eu trabalhava os finais de semana pra não interromper os estudos, e aqui na temporada eu trabalhava bastante, mas era na praia, vendedora de alimentos e tal. A insatisfação seria na minha não realização e muitas vezes no salário também, que é muito baixo assim pra uma estudante universitária, até porque o meu irmão, também está fazendo faculdade, mesmo desempregado, eu e os meus pais a gente sempre ajuda ele porque a gente acredita que é uma forma, um currículo, não só pelo diploma, mas uma realização pessoal dele também, ele faz educação física. (Jovem cantora carismática).*

*Eu não estou trabalhando. Se for olhar no lado profissional é mais fácil a pessoa mais velha arranjar, porque tem mais experiência, e a gente se forma sem experiência na área que ta se formando. Já tentei buscar trabalho várias vezes e não consegui. Eu assim, estou indo em escolas, empresas, todo o tipo de serviços, restaurante, lanchonete... É que assim, eu estou procurando muito na cidade onde moro, e lá não tem muita assim, seria como é?... Expansão de trabalho... A pessoa se forma e não acha emprego na área dela. Mas tem muitas coisas aqui na educação, principalmente em Itajaí, que eu “desconcordo”, é que nem no caso do magistério, tem gente que ta no magistério e pega serviço e você que está no 8º período não pega serviço. Aí o pessoal até estava discutindo numa prática ontem, “uma guria do magistério de 2 anos foi lá e conseguiu emprego”, e eu penso que naquele tempo tinha magistério e esse tempo agora não, já tem faculdade, então por que que o governo fez assim: faz magistério, não faz nenhuma faculdade, nem pedagogia, não faz nenhuma e se a pessoa fez o magistério de 2 anos faz uma especialização em cima do magistério, aí sim. (Jovem Bombeira).*

*Eu trabalho no Parque Dom Bosco, com esse trabalho de bolsa né, bolsa universidade. E como professor substituto, mas aí são informais. Professor substituto e aula particular. Conseguir trabalho em relação as pessoas mais idosas é um meio termo né, pessoas muito idosas não são valorizadas no Brasil, porém dificilmente eu consigo arranjar um emprego, to aí tentando como professor, e dificilmente você é aceito pela falta de experiência. Pra conseguir emprego a formação é o mais importante, a experiência em segundo, em termos de prioridade. Porque eu estou gostando do que eu estou fazendo, os professores que trabalham comigo, supervisionando, são professores bons em termos de conhecimento e em termos de pessoas mesmo, eu considero que pelo o que eu trabalho, eu estou ganhando bem, um bolsa boa, e é isso. Gasto meu salário na faculdade, como é a bolsa né, ela vai toda para a faculdade e eu ainda tenho de pagar um pouco né, porque ela não pega toda a mensalidade, só uma parte. Eu sou totalmente dependente da minha família (Jovem Guarda-Vidas).*

*Atualmente eu estou trabalhando como educadora, trabalho com alfabetização com crianças de primeira e segunda série, no período matutino eu trabalho com crianças mistas, 5, 6 e 7 anos, e no período da tarde eu tenho só crianças na primeira série. Então a gente trabalha de forma diversificada, como não trabalhamos como professores, nós trabalhamos com oficinas, dando uma complementação e fazendo um trabalho não tão contextualizado como na escola. Não tão formal como na escola, mas primando principalmente os valores familiares, os valores cristãos com essas crianças, porque trabalhamos com crianças que estão numa situação de risco, vulnerabilidade social muito grande, onde atende*

*assim crianças que vem de varias populações bem carentes. Então a ocupação deles no parque, na instituição, seria de estar trabalhando a cidadania e o trabalho deles fora da instituição. Não tão formal como na escola, mas primando principalmente os valores familiares, os valores cristãos com essas crianças, porque trabalhamos com crianças que estão numa situação de risco, vulnerabilidade social muito grande, onde atende assim crianças que vem de varias populações bem carentes. Então a ocupação deles no parque, na instituição, seria de estar trabalhando a cidadania e o trabalho deles fora da instituição. Toda a nossa instituição trabalha com jovens em situação de risco, crianças, adolescentes... (Jovem difusora comunitária).*

Sposito (2005, p. 89) diz que, “A juventude é a fase da vida em que se inicia a busca dessa autonomia, marcada tanto pela construção de elementos da identidade pessoal e coletiva como por uma atitude de experimentação”. Entende-se com essa afirmação da autora que os passos juvenis que se encaminham para a idade adulta, são marcados por trajetórias nem sempre lineares, mas por um conjunto de fatores que desafiam os sujeitos nas mais variadas formas de suas vidas. Esses desafios os colocam em provas de resistência para suas sobrevivências, para suas realizações. O trabalho aparece de forma nítida e transparente como elemento central na vida desses jovens estudantes e trabalhadores ou não. Significa antes de tudo, meio para sua sobrevivência, necessidade, cidadania, reconhecimento, compaixão humana, dignidade, expansão, crescimento e existência. Segue os sentidos sobre o trabalho na percepção dos jovens.

*Para mim, trabalho hoje significa necessidade. Quando eu conseguir atuar na educação ele vai ser por necessidade e por felicidade, porque vai ser algo que vai estar me completando. Eu gosto muito, meu Deus, eu sou apaixonada pela área da educação, vai significar muito mais do que necessidade a partir do momento que eu tiver fazendo algo que eu realmente desejo (Jovem secretária evangélica).*

*Trabalho é Nobreza, vida em si mesmo, porque é toda uma vida que a gente passa, nós convivemos mais no local de trabalho do que com a nossa família em casa, trabalhamos o mês todo e temos vamos dizer, 4 finais de semana pra convivermos em casa, então seria toda uma vida, toda uma vivencia, toda uma... Eu tenho o sonho de trabalhar como pedagoga empresarial, estar mostrando que não somos só meras professoras, que podemos exercer outras profissões além da sala de aula (Jovem difusora<sup>69</sup>)*

*O trabalho tem sentido de estabilidade, de felicidade, segurança, é isso. É aquele emprego que você se sente satisfeito em estar lá, e aceita as dificuldades, pois se sente feliz em estar trabalhando. O trabalho dos meus sonhos é ser professor. Primeiro me formar, ter uma formação continuada e no final da vida estar dando aula na faculdade (Jovem Guarda-Vidas).*

---

<sup>69</sup> A Jovem Difusora Voluntária recebe o salário mensal na quantia de R\$ 500,00 com uma carga horária a cumprir de 10 (dez) horas /dia.

*Significa auto-realização (Jovem Educadora de Escoteiros e dançarina religiosa).*

*O trabalho pra mim é tudo na verdade, que eu acho assim, por mais, as vezes a pessoa está cansada, está doente, mas se não tiver trabalho falta alguma coisa sabe, ele já faz parte da minha vida, pra mim é como se fosse um significado assim: algo importante, eu não consigo estar explicando, talvez é porque eu faço algo que eu gosto assim, me satisfaz, é prazeroso pra mim trabalhar. Primeiro Deus, segundo a minha família (minha mãe), e em terceiro o trabalho, porque acho que sem a família, se não tiver uma família boa, se não estiver de bem com a vida, com Deus, não tem como o trabalho andar bem, eu acho que tudo é uma ligação, um depende do outro (Jovem Catequista).*

No Brasil, as pesquisas têm revelado que os jovens atribuem diversos sentidos ao trabalho, mas o sentido de necessidade, sentido esse instrumental, vem aparecendo como o principal, como se nota nos depoimentos dos jovens. Esse sentido antes de tudo, se refere à necessidade de trabalho para sobrevivência, seja essa uma sobrevivência individual ou da família, como contribuição no orçamento familiar.

A pesquisa que Raitz (2003) desenvolveu com jovens egressos dos cursos profissionalizantes na ilha de Santa Catarina, vem ao encontro dessa discussão sobre os sentidos do trabalho para os jovens, proporcionando encontros encadeados, atravessados de sentidos, isto é, os sentidos atribuídos pelos jovens ao trabalho apresentam-se diversificados, são sentidos que se posicionam em ordens variadas, mas sempre em redes que se conectam numa total interdependência: observa-se que não há um único e principal significado, mesmo que alguns se posicionem na dianteira. Há, sim, vários significados e esses criam significações relevantes para o entendimento dos sentidos, pois porque variados são os contextos, tempos e espaços.

Pais (2005) é outro autor que contribui sobre o assunto, no contexto de sua pesquisa com jovens portugueses, o sentido do trabalho aparece, também como realização pessoal, juntamente com os desfrutes que o trabalho proporciona. Já, Raitz (2003), em sua pesquisa com jovens na Ilha de Santa Catarina, observa que o trabalho, antes de qualquer coisa, significa meio para a sobrevivência, mas está relacionado a outros sentidos como os prazeres que a vida pode oferecer, numa fruição que se utiliza da música, dos afetos, sensibilidades, do aprendizado, etc, inclusive o trabalho dos jovens nos grupos voluntários, que são sem remuneração. São sentidos que se encadeiam e se diversificam como afirma essa autora:

*Os significados produzidos pelos jovens em relação ao trabalho e seus projetos nem sempre se situaram em limites de fácil compreensão [...]. Considerar o modo como os jovens dão significado ao que dizem e ao que fazem cruza-se aos contextos de produção dessas intenções e de seus comportamentos (RAITZ, 2003, p. 224).*

Da mesma forma, foi constatado por Sposito (2005), em sua análise sobre as relações que a juventude mantém com a escola no Brasil, esta pesquisa também considera e constata os argumentos dessa autora quando se refere ao expressivo interesse que os jovens demonstram em discutir educação e trabalho pelo fato dessas categorias sociais serem elementos constitutivos de seus objetivos de vida futura, ocupando lugar de extrema relevância no contexto atual juvenil. Percebe-se que esta questão se expressa de forma muito enfática nos depoimentos orais registrados até então. Eles falam de educação e trabalho como se não desejassem ser interrompidos, desejo de continuidade, assim se revelam em longos depoimentos.

A falta de trabalho se constitui numa das piores experiências vividas e sentidas pelos jovens sujeitos dessa pesquisa ao afirmarem já passar por situações dessa ordem ou como se sentiriam caso viessem a se confrontar com esse problema. O desemprego se situa num nível tão alto de exclusão que é considerado mais maléfico que o emprego desvalorizado e o subemprego. Libânio vem ao encontro dessa afirmação quando coloca que “Infelizmente, muitos outros jovens experimentam a modernidade na sua dura face da exclusão. O mundo moderno neoliberal caracteriza-se por crescente segregação. As maiores vítimas são os jovens. Sentem na carne que a modernidade os repele” (LIBÂNIO, 2004, p. 49). Segundo esse autor, a exclusão de jovens se dá, principalmente, pela via do mercado de trabalho e também pelas entidades formais de educação, estas que são responsáveis diretamente pelo mercado excluir, porque além da má qualidade de ensino atuar como um local de enclausuramento juvenil. Portanto, os jovens enclausurados não conseguem trabalhar e “sem dinheiro, sem estímulo, caem no círculo infernal da decadência pessoal. Passam facilmente da marginalização social para a marginalidade criminosa. São presas fáceis [...]” (LIBÂNIO, 2005, p. 50).

Este fato revela-se um ponto de extrema relevância para análise, porque as amarras que tal situação provoca nos jovens, contribuem para que vivam sentimentos de frustração que podem os levar a total destruição. Acredita-se que alguns sujeitos desta pesquisa vivenciem situações desgastantes emocionalmente, todavia não de destruição e nem de total frustração, até porque quase todos eles realizam algum tipo de trabalho. Alguns são estagiários, outros já convivem com o desemprego, mas são sujeitos envolvidos em ações coletivas em suas respectivas comunidades, munidos de sentimentos de compaixão, de coragem, força, de amor ao próximo, de solidariedade.

A preocupação destes jovens é com o desemprego futuro, na medida em que lhes venha faltar trabalho. É um fato que pode ocasionar estes sentimentos frustrantes. A seguir

estas experiências com desemprego e os sentimentos registrados nos depoimentos dos jovens caso viessem a enfrentar esse problema:

*Eu me sinto assim: pô, tu estuda tanto, pra chegar na hora que tu precisa de um trabalho tu não consegue. Ou seja, gasta tanto dinheiro para nada, as vezes da pra desistir, mas pô, tu ta pagando tanto numa faculdade, chega no tempo e não consegue emprego, o pessoal desiste por isso, no meu caso não, porque eu começo um coisa e termino. Então por mais que eu esteja desempregada eu vou correr atrás e terminar. Sim, eu tenho uma prima minha, na mesma idade minha, que também ta naquele velho esquema procurando serviço, também ta apavorada, faz faculdade, estuda também, se forma em dezembro em pedagogia, e tem mais um pessoal de jornalismo também que está na mesma área, pagando faculdade, não tão nem empregados, não acharam nem estágio fora. Sem trabalho você não pode ir pra frente né, ou seja, se não tem emprego não tem dinheiro, se não tem dinheiro não pode fazer nada (Jovem Bombeira)*

*Inativa, eu não me imagino fora de um trabalho, as minhas atividades são preenchidas de segunda a domingo, eu sempre ocupo meu tempo com alguma coisa, então ficar 1 mês e meio em casa foi bem complicado, bem difícil, porque tem toda aquela preocupação não só de contas, mas a tua auto-realização enquanto profissional, enquanto pessoa, a tua auto estima fica muito baixa, você se sente fora desse contexto de sociedade (Jovem Educadora de Escoteiros e dançarina religiosa).*

*Já, eu já fiquei desempregada uns 2 a 3 anos. É uma situação assim, de se sentir inferior a qualquer ser humano, eu acredito que o trabalho enobrece o ser humano, seja ele remunerado, não seja remunerado, eu me sentia vulnerável a tudo, inferior a qualquer pessoa, eu me sentia incapaz de exercer outras funções, se procurar outro meio de trabalho. Eu acredito que sem trabalho seria estar sem um rumo pra vida, porque o trabalho ele te abre portas, te abre visões, te abre caminhos, te abre amizades, tudo. Então o trabalho é a nobreza que enobrece todo o ser humano (Jovem Difusora).*

*Já, já fiquei desempregada. Foi estranho, porque eu estava acostumada a sempre manter as minhas despesas, tanto que desde pequena eu sempre quis eu mesma ir na lojinha e comprar meu material, sabe, eu ter as minhas coisas, e daí esses 3 meses eu tive uma certa dependência dos meus pais, precisei deles, então foi estranho, eu me senti mal, porque eu pensava assim: que como meus pais ( eles se aposentaram por invalidez) tinham que aplicar o dinheiro deles no conforto deles, na saúde deles...(Cantora carismática).*

Percebe-se que esses sentimentos frustrantes de medo, de inatividade sobre o “fantasma” do desemprego perseguem as subjetividades desses sujeitos de pesquisa passam a ser uma condição sentida, vivida ou com possibilidades de acontecer, pois este tempo de incertezas, provoca fragmentações nos processos de constituição das identidades sociais e profissionais, atingem os jovens em todas as dimensões da vida, interferindo de modo destrutível em suas capacidades de ação, seus modos de vida. Conforme Dubar (2005), a

identidade profissional é considerada uma das mais importantes construções identitárias subjetivas, porque se situa no processo de socialização dos atores, cerne das relações sociais. Nesse sentido, as crises juvenis, como o autor comenta, são situações provocadas, em sua maioria, pelos descompassos existentes entre as relações que os jovens mantêm diante das exclusões que vivenciam e a dificuldade que encontram de reconhecimento ou ingresso profissional no mercado de trabalho. Também quando se vêem diante das injustiças provocadas pelas rápidas mudanças que pulverizam e ocorrem na sociedade, fazendo com que se sintam confusos para reconhecerem-se e, simultaneamente, reconhecerem-se no outro.

Cabe destacar, que essa crise gerada em função do medo, da incerteza é uma situação que se faz presente na vida de todos os atores e não só jovens, é própria do tempo presente caracterizado pela “complexidade<sup>70</sup>”, mas afetam diretamente os modos de vida juvenil. Conforme Melucci (2004, p 62-63) “Vivemos uma quantidade crescente de incertezas, as quais, às vezes, nos sufocam [...] Para agir, somos obrigados a fazer escolhas, com frequência cada vez maior e repetidamente [...]”. Neste aspecto, afeta a identidade que segundo este autor, pode ser definida como um incessante processo de negociação, de continuidade, portanto, é inerente a ela uma vez que o “eu” se constitui a partir dessa negociação em função das diferentes e diversas partes que se distribuem e relacionam em tempos variados, contextos heterogêneos que são marcados pela contrariedade e abundância de situações. Dessa maneira,

Enquanto estou agindo, o meu ser nunca coincide totalmente com aquilo que eu faço. Escolho e descarto, privilegio partes de mim, sou em parte inconsciente. Minha identidade é feita pela capacidade de manter agregado tudo isso e será tanto mais consciente quanto mais puder negociar entre essas partes, fazendo-as existir (MELUCCI, 2004, p. 67).

São essas negociações caracterizadas por um conjunto de “agregações” apontadas por Melucci, se que se apresentam nas falas desses sujeitos de pesquisa, quando apontam os dilemas que enfrentam no jogo do presente repleto de conflitos e de desafios, de ânsias e de negações e realizações. Portanto, os argumentos desses sujeitos jovens de pesquisa convergem com aspectos que podem ajudar no entendimento sobre seus processos de construção identitária, porque nesse “ir” e “vir” falam espontaneamente e com muita disposição sobre suas experiências construídas em suas trajetórias de vida. E, como todo processo não finda, continua-se a significar seus sentidos que se encadeiam. O bom emprego ou trabalho assim se apresenta como:

---

<sup>70</sup> Melucci explica que “Complexidade significa diferenciação, velocidade e frequência das variações, ampliação das possibilidades de ação” (MELUCCI, 2004, p. 62).

*Um emprego que você possa se estabilizar né, ter um salário bom que você: “ah não, fiz um monte de dívidas e não consegui pagar”, o salário não deu pra ti pagar aquilo ali, então o bom é você fazer dívidas, pagar e restar um dinheiro pra gastar com lazer, alguma coisa (Jovem Bombeira).*

*Um bom emprego é aquele que você é valorizado pelo o que você faz, que tem hierarquia profissional, cada um sabe respeitar o patamar e a posição do outro, aquele que você se realiza profissionalmente, e que te proporcione condições de vida, o emprego que te dá condições, você está ali e tem uma boa qualidade de vida. Remuneração. Não adianta você ser 100% satisfeita no seu trabalho, e quando você sai dali você vê que dentro da sua casa está faltando as coisas, você não está conseguindo construir, almejar ou adquirir bens materiais, acho que isso até teria uma desavença (Jovem Educadora de Escoteiros e dançarina religiosa).*

*Um bom emprego é o que te deixa feliz, eu acho que é aquele que tu acorda de manhã com ânimo pra ti ir trabalhar, que não abusa de ti, mas que tu pode mostrar o teu melhor, e que também dê espaço pra ti estar crescendo, que tu não fique limitado simplesmente aquilo que te foi dado como função desde o início (Jovem secretária evangélica).*

Pode-se inferir sobre os sentidos que o bom emprego tem para esses atores sociais. De suas percepções emergem as seguintes constatações: é pelo bom emprego que eles podem ganhar estabilidade financeira, desde que sejam suficientemente remunerados para poderem usufruir do dinheiro, aplicando-o em suas necessidades materiais, seja no trato de bens para sobrevivência, como para o consumo de objetos desejados, para sanar as preocupações com despesas efetuadas. Os recursos financeiros provenientes do bom emprego também promovem aos jovens investimentos no lazer, este que aparece relacionado diretamente ao consumo de um bem a ser comprado. Como argumenta Bauman,

*A sociedade de consumo é a sociedade do mercado. Todos estamos dentro e no mercado, ao mesmo tempo clientes e mercadorias. Não admira que o uso/consumo das relações humanas, e assim, por procuração, também de nossas identidades [...] se emparelhe, e rapidamente, com o padrão de uso/consumo [...], imitando o ciclo que se inicia na aquisição e termina no depósito de supérfluos (BAUMAN, 2005, p.98).*

No entanto, ainda como resultado da pesquisa, a boa remuneração também é motivo para que o jovem se sinta valorizado, reconhecido e feliz porque instiga o ânimo para realizar as tarefas, sem que seja explorado e sim respeitado no seu espaço de atuação, e com possibilidades de crescimento profissional.

Segundo Dubar (2005), essa confrontação do ator jovem com o trabalho, implica na identificação mais importante da configuração identitária porque proporcionará que ele seja reconhecido pelas suas competências, suas habilidades, demonstrando com isso seu

engajamento e aptidão profissional, de modo a revelar seus anseios, projetos mesmo diante de situações atuais marcadas pelas indecisões e divididas entre os “tempos monocromáticos e policromáticos”<sup>71</sup> (PAIS, 2005 p.. 59). São relações inerentes as construções identitárias que necessitam de reconhecimento de si e do outro e desse outro para si “A identidade para si é correlata ao Outro e a seu reconhecimento”. (DUBAR, 2005, p. 135). Esse processo identitário gera, muitas vezes, o confronto de reconhecimento que implica em possibilidade de rejeição ou não. “Portanto, não é só difícil identificar-nos no tempo e dizer se ainda somos o que éramos, mas também, e talvez mais, decidir qual o eu, entre tantos, que podemos ser agora” (MELUCCI, 2004, p. 64).

Ao dar continuidade nas apresentações das vozes juvenis dos universitários trabalhadores ou não que freqüentam o Curso de Pedagogia, faz-se uma observação de que esses argumentos teóricos se fundem em todos os depoimentos de forma que se considera teias de emaranhados que se ligam por elos impossíveis de rompimentos. Assim, para se ter uma noção sobre os aspectos que proporcionam satisfação pessoal no trabalho, esses jovens entrevistados apontam que se sentem satisfeitos ou não pelos seguintes motivos: desvalorização e não reconhecimento profissional docente, que implica na visão do trabalho exercido sem qualificação e por isso é mal remunerado, satisfação em função do crescimento no emprego, conquista de emprego por meio da própria busca, pela atenção, carinho e sentimento recebido no ambiente de trabalho. Como se observa, as partes do “eu” se diferenciam e se assemelham, aceitam e negam-se ao mesmo tempo,

*Não, por completo não. Porque a gente sempre vê que necessita de mudanças, todo o trabalho necessita de alguma mudança, toda instituição, o local que tu trabalha necessita de coisas pra caminharem melhor, e eu acredito que por essa desvalorização pessoal do educador, do professor enquanto funcionário, enquanto pessoa, enquanto ser humano, desqualifica sim o nosso trabalho, o professor eu digo por mim, atualmente estou trabalhando como educadora, mas também sou professora, eu considero porque trabalhei muito tempo, nós nos colocamos nessa faixa, que tu não se sente valorizada, não se sente encontrada no seu trabalho, porque você não tem essa valorização, tanto pessoal quanto financeira (Jovem Difusora Comunitária).*

*Estou. Eu acho primeiro que é uma realização que eu estou conseguindo crescer assim, porque por mais que no outro eu comecei como atendente e depois como professora, era diferente e tudo. E esse já foi mais com os meus passos, eu já fui mais atrás, consegui. E outra coisa, de ver as crianças, porque esses dias eu quase tive que sair do particular por falta de tempo e as crianças choraram e tudo, ver o carinho do pessoal comigo, os outros funcionários, minhas amigas também de manhã, eu me sinto valorizada e*

---

<sup>71</sup> Discussão sobre tempos monocromáticos e policromáticos ver no item 1.2.1 deste trabalho.

*realizada. O problema que tinha e agora não tem mais era mais do meu horário assim, porque não dava tempo de eu estar chegando, mas aí foi conversado de manhã e de tarde e foi dado um jeitinho, as vezes eu chego 5 minutos mais tarde e elas dão tolerância porque sabem que eu trabalho (Jovem Catequista).*

Os requisitos considerados básicos para encontrar um bom emprego nas opiniões dos jovens pesquisados pautam-se no nível e grau de escolaridade, experiência profissional, habilidades de expressão e comunicação e demonstração de vontade, mas principalmente a aparência estética.

*Quando eu fui fazer a entrevista, a primeira coisa que ela perguntou é se eu fazia faculdade, então a primeira coisa que eles perguntam é se tu tens escolaridade, se está estudando segundo grau, se está trabalhando, se estava trabalhando, qual o grau, como é o currículo antes na verdade, se tu já trabalhou com criança, eles sempre buscam “ah, ta fazendo magistério, ta fazendo pedagogia”, dão mais oportunidade para as pessoas que estão estudando...(Ministra Voluntária).*

*Uma boa aparência, um bom currículo, saber se comunicar, dialogar bem, se expressar bem, força de vontade né (Jovem Guarda-Vidas Voluntário).*

*Entre tantas a boa aparência, uma aparência estética é o que influencia muito, a gente querendo ou não, eu como militante negra costumo dizer que as pessoas falam que a cor de pele não influencia, mas influencia sim, tanto que se formos colocar uma pessoa de pele clara, e uma negra, mesmo tendo qualificação o que observamos é que a pessoa de pele branca é que atinge o objetivo de trabalho. Que preenche esse pré-requisito. É mais a estética mesmo, não a qualificação profissional (Jovem Difusora Comunitária).*

Essas opiniões podem remeter às questões identitárias que se fazem presente durante o processo de negociação que envolve escolhas e opções que os atores defrontam-se no seu cotidiano. Isto representa que nesse processo de negociação comentado por Melucci (2004) e de reconhecimento, de semelhanças e diferenças, elementos inerentes dos processos identitários, ocorre a busca do ator pela identidade, abordado também por Pais (2005). O reconhecimento sugerido por Pais (2007) exposto e explicado através do “Dilema da Gravata<sup>72</sup>”, concebe que o “eu” reflexivo se constitui não só apenas pela escolha, mas também e principalmente pela obrigatoriedade de fazer opções o que demanda do “eu” que escolhe e opta entrar em consenso com o “outro” que determina por vezes, uma dada situação, num

---

<sup>72</sup> O “Dilema da Gravata” abordado por Pais (2007) refere-se a uma situação vivenciada por esse autor, mas que em metáfora explica a relação existente entre o reconhecimento enquanto elemento central porque envolve as escolhas e as opções que os atores assumem durante o processo de construção da identidade. Mais comentários e explicação sobre o “Dilema da Gravata” constam no item 1.1 “Movimentos Identitários em tempos de Incertezas”.

processo interdependente e de fluxo contínuo entre as partes do “eu” e do “outro”. No entanto, quando não há reconhecimento, “Quando não possuímos a capacidade de identificação e nos definimos apenas por nossa diversidade, construímos uma identidade *desviante*<sup>73</sup> (MELUCCI, 2004, p. 52). Esse desvio identitário ocorre pela,

[...] adesão completa às normas e aos modelos de comportamento que vêm dos outros. A impossibilidade de praticá-los impele-nos, porém, a refutá-los pela exasperação da nossa diversidade. Somos, na realidade, aquilo que os outros nos dizem para ser; aliás, o modelo que eles representam é nossa única identificação (MELUCCI, 2004, p. idem).

Entende-se que quando o sujeito percebe-se nesse processo de submissão e coação, ele rompe e se desvincula desse processo identitário “desviante”, porque este produz uma diferença, mas não a partilhada na semelhança, mas em nível de individualização, desprovida de total possibilidade de negociação. Muitos jovens no tempo presente deparam-se, ora com a negação de seu reconhecimento pelo “outro”, ora o não reconhecimento do outro em função de não ser reconhecido. Desta forma, encontrar um bom emprego para conquistar realizações, tanto no campo pessoal como profissional que os jovens contemporâneos acreditam que devem se empenhar nos estudos, dar continuidade a sua formação educacional, com pós-graduação, etc, perspectiva de alcançarem melhores postos de trabalho e, conseqüentemente, aumentar a renda pessoal, conquistar a independência e autonomia financeira. Portanto, a educação assume um papel de elevada importância para conquistar o sucesso profissional almejado. Assim se destacam algumas falas juvenis:

*O meu objetivo é continuar estudando, pretendo no começo do ano que vem iniciar minha pós em educação profissional, eu tenho dois setores que eu quero investir, a área social que é uma área que eu gosto muito, eis então o motivo de eu estar optando em trabalhar em pesquisas, eu gosto muito da área social, e a área profissional, e educação profissional é uma área assim que me interessa muito. Eu tenho um colega na universidade que ele é coordenador desse programa, ele é o atual presidente da Frater, que é a fraternidade, uma organização aqui de Itajaí, e essa organização é que mantém financeiramente o grupo de escoteiros que é o GEI, então ele me falou que a Petrobrás queria montar esse projeto e ele precisava de uma educadora, alguém que realmente tivesse um comprometimento social com o programa, e na época eu dava aula em Barra Velha e optei... Hoje o meu salário mensal está (limpo), em torno de \$790,00 - 800,00 reais. Eu pago a universidade, eu pago a Topic a qual eu utilizo, eu devolvo o meu dízimo na igreja, eu ajudo os meus tios... eu dou um valor mensal pra eles de R\$ 100,00, e eles administram conforme a vontade deles. Graças a Deus sempre procuro administrar bem, até porque quando eu tinha 17, 18 anos eu tive muita dificuldade em administrar, então eu precisei me atolar em*

---

<sup>73</sup> Grifo do autor.

*dívidas pra aprender a administrar hoje. Não dependo da família financeiramente e o desejo de entrar no ramo de trabalho, foi pela independência de você poder ter o que é teu, e poder conquistar aquilo que é teu mesmo (Jovem Educadora de Escoteiros e dançarina religiosa).*

*Eu quero crescer né, e como eu estou acabando a faculdade, eu acabo em junho do ano que vem. Esse ano eu vou continuar o ano todo como atendente, e quando tiver o concurso eu já vou fazer pra professora, mas enquanto não tem o concurso eu vou fazer ACT. Eu ouvi dizer que no final de ano teria um concurso, e quando tiver eu vou fazer (Jovem Catequista).*

Os Jovens querem crescer profissionalmente e para isso se lançam no universo de suas vozes, que se traduzem além do que poderia se chamar de sonho, mas de um objetivo concreto, se engajam numa caminhada de futuras realizações. Por vezes, parecem estar tão convictos, que esse crescimento pode ganhar sentido de objetividade porque quando falam “O ano que vem” que se configura o futuro, tem-se a noção que é o futuro imediato, parecendo que é hoje, “[...] o valor do presente como a única condição de mudança [...]”. Inferências que se devem pelas sensações e emoções provenientes de seus discursos no momento das entrevistas. Tal como argumenta Melucci “[...] falam a língua do possível, fundam-se na incompletude que lhes define para chamar a atenção da sociedade inteira para produzir sua própria existência ao invés de submetê-la; fazem exigência de decidir por eles próprios, mas com isto mesmo reivindicam para todos este direito” (MELUCCI, 2001, p.102).

Portanto, o objetivo se instaura no futuro, mas o tempo que se configura é o presente. Futuro e presente se misturam porque significam transformação ancorada numa instabilidade de afirmações, na “[...] falta de projeto, a provisoriedade dos interesses, das agregações, das escolhas” (MELUCCI, 2001, p. 104), que caracterizam a condição juvenil, segundo esse autor. Todavia, esses objetivos juvenis idealizados podem ocasionar um vazio no presente. Segundo Pais (2005),

*Projectos em descoincidência com trajectos de vida. [...] O sucesso em ponto-cruz com o fracasso. [...] Tramando o destino antes que este os trame. As urdiduras da vida vão-se reconfigurando, ganhando novas malhas, novos enlacs, novas texturas. Por vezes bastam pequenos acontecimentos para que novos rumos sejam dados à vida. A obtenção de um bom trabalho pode significar uma mudança de vida (PAIS, 2005, p. 12-13).*

Embora, os jovens pesquisados acreditem que a educação é a estratégia mais eficaz para conseguirem um bom trabalho, valorizado, reconhecido, bem remunerado, e que seja fonte de suas mais íntimas realizações pessoais e profissionais, nem sempre a formação educacional que recebem contribui para sua ação profissional. Mas, sugere-se que isso ocorre porque alguns desses jovens estudantes trabalhadores não atuam na mesma área de sua

formação específica: a docência. Algumas das razões dessa relação educação-trabalho estar caracterizada pela fragmentação entre formação-atuação foram comentadas anteriormente na análise: dificuldades de inserção na docência, desvalorização do status profissional docente, baixa remuneração financeira para o trabalho do professor, muito bem explicitadas por Pais,

A massificação do ensino e a generalização dos estudos universitários têm criado entre os jovens elevadas expectativas de mobilidade social, mas muitos deles não podem desfrutar de status sócio-laborais correspondentes aos títulos acadêmicos que obtêm. Daí a conseqüente frustração que atinge tantos jovens (PAIS, 2005, p. 44).

Mesmo assim, acredita-se que ainda que atuem como docentes em instituições de ensino formal, muitos desses jovens não conseguem empregar de modo prático e com coerência os ensinamentos que recebem no curso de Pedagogia nas suas ações docentes (distância entre teoria e prática), salvo através de algumas disciplinas. E essas, quando aparecem em suas falas, retratam-se como desintegradas das outras, como se fossem únicas. Apenas um jovem afirmou com precisão que consegue relacionar educação e trabalho, já outros com imprecisão e indiferença. Isso denota um relacionamento insatisfatório caracterizado por uma falha no processo de ensino e aprendizagem, provocando um abscesso, uma ferida no centro do processo educativo, mais exatamente na dificuldade de por em prática os conteúdos teóricos, o que implica diretamente na concepção de ensino instrumental e aprendizagem desajustada como pode se perceber:

*Não consigo relacionar em nada. Não, nenhuma. São áreas totalmente diferentes. Nem as teorias. Pode ter sido um pouco de falta de observação minha, mas eu não observo nada que tenha relação pra mim. O que eu gosto mais daqui é construir conhecimento e também ter contato com as pessoas que eu gosto e que eu já criei vínculo. O que menos eu gosto é prova objetiva, eu odeio porque eu acho que eu não consigo demonstrar o que eu realmente sei (Jovem secretária evangélica).*

*Sim, em todos os aspectos, a prática pedagógica, a teoria o conhecimento, tudo o que eu desenvolvo hoje em sala de aula tem fundamento no que eu estudei (Jovem Educadora de Escoteiros e dançarina religiosa)*

*Não consigo relacionar. De repente a comunicação, porque na educação tem que saber se comunicar, tem que saber que palavras usar e que argumentos usar pra convencer os alunos e na hora da venda ali também, não deixa né, alguma coisa sempre se aproveita. Mas... De modo geral não (jovem cantora carismática).*

*Uma coisa que até agora eu vi foi a prática docente, que é onde a gente pode observar a escola, agora a gente está na educação de jovens e adultos, mas a gente já teve em creche, educação infantil, séries iniciais, eu acho que é essa relação que a gente tem da prática docente com o dia-a-dia*

*meu na verdade, em relação de estar em sala, dando aula... A matéria eu digo. A disciplina de prática docente. As outras não... Eu acho que não, que eu possa ver não (Jovem cantora religiosa e auxiliar da escola aberta).*

*Sim, toda a relação (Jovem Guarda-Vidas).*

*Ultimamente sim, porque nos primeiros períodos não era tão forte isso, mas hoje em dia já dá pra relacionar alguma coisa, eu estava até conversando hoje com a professora que trabalha de tarde, que muitas vezes assim: os professores dizem que a gente tem que inovar, que não sei o que, e a gente diz que é fácil falar, mas é difícil fazer, só que eu vejo que se a gente quiser, se tiver um pouquinho de vontade faz, porque de tarde eu estou aprendendo muito, e a professora que eu trabalho, por mais que seja uma escola particular, ela não usa tudo tecnologia, ela usa muitas coisas do dia a dia pra estar ensinando as crianças, igual os professores falam: que com a nossa vivência do dia a dia, o nosso jeitinho, dá pra estar ensinando muito mais a criança do que com o computador talvez ou com algo assim. E eu estou conseguindo relacionar, acho que agora está ficando ampla assim, está conectando agora (Jovem Catequista).*

*Não, porque eu particularmente e outras colegas comentando assim, a gente observa que o curso não nos dá suporte na prática, temos muita teoria, mas a prática em si nós não temos, nós não vivenciamos em sala de aula, nós presenciamos isso na aula de prática, agora de projetos do sétimo e oitavo, eu particularmente comentando com outras colegas de trabalho, a gente vê que tem pessoas que estão agora no campo de estágio que não necessitariam, já trabalham 20, 30 anos no campo de trabalho. Eu acredito que deveria ser feito mais pesquisas, e perguntar, ver mais o opinião do aluno pra saber o que a gente realmente tem de deficiência, o que a gente vê que realmente a gente presencia na sala de aula, porque o que a gente vê é que os trabalhos pedagógicos na sala de aula, na universidade, são referências americanas, a gente não tem referências brasileiras, a mesma coisa a gente trabalhar o sertão do Brasil e não trabalhar o nosso Brasil que é totalmente tropical, as estações do ano, e não explicitar para os nossos alunos que temos o Brasil todo tropical, com pessoas diferentes, com frutas diferentes, culturas diferentes, então as coisas totalmente distanciadas (Jovem Difusora Comunitária).*

Para Pais (2005) a educação deveria ser entendida como um meio pelo qual os sujeitos pudessem aprimorar-se e dignificar-se. Na perspectiva deste autor, Zabalza comenta sobre a formação no Ensino Universitário como uma possibilidade de “crescimento e aperfeiçoamento das pessoas” no sentido “global”, isto é, que o objetivo da formação seja voltado para “crescer como pessoas” (ZABALZA, 2004, p. 39). Segundo este autor o objetivo principal ao entendimento de que esse processo implica em proporcionar que às pessoas a construção. Zabalza ainda faz uma distinção entre os conceitos de formação e educação, que muitas vezes são entendidas equivocadamente. Baseando-se nas concepções de Buckley e Caple (1991) apontam as diferenciações entre formação e educação, desconsiderando a separação de ambas no processo educativo. Formação seria então, segundo esses autores, uma

forma de relação entre as experiências e aprendizagens com objetivos traçados previamente, isto é, planejados, direcionando-os para serem aplicados na esfera em que os sujeitos atuam em ações profissionais, dotada de um sentido mais mecânico.

Já, educação concentra-se no processo de “desenvolvimento dos conhecimentos e assimilação”, através de “técnicas” e “valores”, esses que proporcionariam capacitar os sujeitos de modo mais geral (BUCKLEY E CAPLE 1991, APUD ZABALZA, 2004, p.39). Para complementar essa reflexão, Zabalza enfatiza: “Como pedagogo, essa tentativa de separar educação e formação causa em mim um grande desalento, já que há o risco de mecanizar a formação, reduzindo-a a um processo puramente instrumental e adaptativo” (ZABALZA, 2004, p. 40). É desta maneira, através dos conceitos elaborados por Buckley e Caple (1991) sobre o sentido de formação, que decorre a insatisfação de Zabalza, pois esse equívoco, segundo esse autor, instiga os sujeitos a interpretarem o termo formar com significado de modelar, de conformar. Porém, formação não se insere nesses conceitos de forma e de modelo, mas como uma possibilidade para qualificação, crescimento dos sujeitos inserindo-a em um campo mais abrangente, que resultaria em uma “formação formativa”, implicando na concepção de desenvolvimento das pessoas, no crescimento, tanto em nível pessoal, quanto em seus campos profissionais para terem suas capacidades aprimoradas (ZABALZA, 2004).

Sugere-se que é nesse sentido de “formação formativa” atribuída por Zabalza que os jovens da pesquisa alertam sobre suas demandas. Estudar aparece como uma meta a seguir por toda vida, antes de tudo, significa “ampliar a visão de vida, de mundo”, aprender através da compreensão e interpretação para significar os acontecimentos históricos ao longo do processo da civilização. Neste ponto, enxergar além do estabelecido, estudar também significa a capacidade de se tornar um ator crítico diante dos fatos e acontecimentos sociais, orientar-se e capacitar-se em relação do saber fazer e realizar ações de maneira coerente e capaz, estudar significa também um processo infundável, inesgotável para aquisição de saberes,

*Estudar pra mim seria ler muito e aprender o que você vai ler, ou seja: interpretar o que você tá lendo. Tem que estudar pra cada vez estar mais atualizado, com as notícias tanto do mundo quanto... seria a literatura, essas coisas que são mais antigas né, décadas e tal, estudar tem que “mete-lhe a cara” e ler muito, estudar seria ler (Jovem Bombeira ).*

*Olha, eu acho que mesmo que eu me forme um dia doutora ou pós doutora eu acho que eu nunca vou querer parar de estudar porque parece que, é como se assim, quando a gente está sem estudar parece que, eu vejo pelas pessoas ao meu redor, parece que fica uma venda nos olhos, as pessoas só enxergam reto, não tem uma visão ampla, deixam de ser críticas assim, o*

*estudo me faz sentir de certa forma mais capacitada para as coisas (Jovem Evangélica).*

*Estudar eu acho que pra mim é tudo, antes (eu sou bem sincera) na oitava série, primeiro grau eu não dava tanta importância, mas hoje eu vejo ( e não é nem por questão de estar pagando) que é uma coisa gratificante, de ver, ler, e olha que é texto, mas eu nunca fui de pegar um texto e ler e pra mim agora tá sendo. E eu não quero parar de estudar mesmo (Jovem cantora religiosa e auxiliar da escola aberta).*

*Estudar eu acho que é a possibilidade de você adquirir conhecimentos, de você crescer psicologicamente, o seu cognitivo, você ver aquilo que você já tem, a gente já tem esse poder de conhecimento, de aprendizagem, e eu acho que a universidade ela só abre. Ela nos dá a oportunidade de perceber o quanto a gente tem capacidade de aprender (Jovem Educadora de Escoteiros e dançarina religiosa).*

Outra questão proposta para entrevista procurou investigar o que os jovens sujeitos desta pesquisa mais gostam de fazer na universidade e o que menos gostam quando passam a participar neste espaço. Foram diversas as respostas sempre relacionadas às satisfações ou insatisfações associadas ao curso de Pedagogia. Gostam de alguns professores, dos amigos, da turma, de novas amizades, dos elos que favorecem apegos, da vivência em sala de aula em função das trocas de experiências com colegas e professores, de pesquisar e apresentar trabalhos, de algumas disciplinas e explicações, etc.

Os pontos negativos apontados pelos jovens no estar e fazer na universidade, foram: carência do curso em não habilitar o pedagogo para atuar no ensino médio, uma vez que a esta modalidade de ensino apresenta problemas, portanto, poderia contar com ações desses profissionais. Outra questão que gera insatisfação nesses jovens é o instrumento de avaliação a que são submetidos pela aplicação de provas operatórias, essas causam desconforto e se contrapõem aos ensinamentos curriculares das disciplinas de avaliação que os jovens aprendem no curso. As disciplinas consideradas “chatas” provocam sono, a sobrecarga de tarefas de casa distribuídas simultaneamente por professores de diferentes disciplinas solicitadas para entrega numa mesma data, etc., como se pode observar através das falas abaixo:

*O que eu menos gosto de fazer... Não tem nada, eu gosto da faculdade, gosto de vir pra aula, assistir a aula, gosto dos professores, da minha turma. A única coisa que eu mudaria se eu pudesse, mas eu entendo que não pode é o horário, que eu não gosto de estudar a noite, mas o restante é muito bom. Tem uma coisa que eu não gosto do curso de pedagogia que eu acho que é uma carência que há no curso de pedagogia é não dar a atenção necessária para o ensino médio, eu vejo que os pedagogos estão acomodados nessa situação em que eles dão aula pra crianças e ensino*

*fundamental, ou educação do EJA ta, só que eu acho que a carência está no ensino médio, o ensino médio tem muito problema que o pedagogo pode solucionar, e aqui na faculdade nós não estamos vendo, até agora no 3º período nenhuma menção ao ensino médio(Jovem Guarda-Vidas).*

*Além de ter esse contato direto com alguns professores (nem todos), porque alguns professores nos alertam, nos abrem a mente, nos fazem realmente refletir, além disso, seria mais as amizades, as vivências que tu tem em sala de aula, que tu aprende, as trocas de experiência realmente com os outros acadêmicos. E o que eu menos gosto... Eu acredito que seria somente as provas operatórias, que tanto nós batemos em sala de aula sobre a avaliação curricular e que na universidade presenciamos tanto: “ Está aqui a prova, respondam só o que vocês entenderam e deu”, só o que eu passei e deu, e a gente observa que não é assim, a gente tem que avaliar por um todo. Porque assim, nós vivenciamos muito de: é explicitado, é colocado em sala de aula, estudem e tal dia está no cronograma teremos prova, a prova está ali respondeu e pode ir embora, eu acredito que não é só isso, temos muito mais, os trabalhos em grupo, as dinâmicas, as conversas informais que tem em sala de aula, isso tudo é uma forma de avaliar, porque tem alunos, a gente presencia na nossa sala de aula, que não freqüentam a sala, mas que vão lá pegam a prova ou então o que vai ser colocado na prova, decoram, lêem e fazem mais ou menos o que precisa responder e não é só isso, e a nossa internalização do nosso trabalho, de tudo aquilo? Até mesmo os profissionais que já estão acima da gente com pós, mestrados, doutorado, também necessitam disso, de uma escuta, de saber qual o processo que ele ta vivenciando (Jovem Difusora Comunitária).*

*Eu gosto de pesquisar, eu gosto de apresentar trabalhos, gosto de desenvolver pesquisas, é o que eu mais gosto. E o que menos gosto é de fazer resumo, eu não vejo lógica em você ter que resumir algo que não é de autoria tua, eu não gosto de fazer nada que não tenha uma construção minha, simplesmente esmiuçar aquilo que já era de alguém eu não gosto (jovem Educadora de Escoteiros e dançarina religiosa).*

*O negócio é que muitas aulas que eu venho pra cá, eu gosto porque é aula, o professor é legal, passa a matéria bem, explica, digamos assim, como que é... Você se cativa com o professor, ou com a professora, é claro né: tem teus colegas da sala, tens os colegas fora da pedagogia, tem outros cursos e tal, mas assim, se não fosse umas matérias boas que tem no curso, bem dizer, não daria vontade de vir pra cá, tem algumas que são bem chatas mesmo, toda vez tu ta dormindo na carteira. Aqui assim o que eu menos gosto também é pagar a faculdade (risos), é que é muito dinheiro gasto aqui, nossa... (Jovem Bombeira).*

*Eu gosto de vir pra cá porque nós já temos aquele “elo”. Nós até já comentamos que quando acabar a pedagogia, “há, não pode”, porque tem a amizade e tem pra estudar também né. Porque as vezes é assim: nós trabalhamos muito, e tem professores que as vezes não entendem. Lógico que as vezes tem gente que não gosta de entregar trabalho, nunca entrega o trabalho no dia, mas as vezes tem professor que passa num dia quatro trabalhos: “ah porque tem feriado”, mas nós temos outras matérias também, e passa num dia quatro trabalhos pra entregar na outra semana e aí fica meio difícil, e essas coisas assim eu já não gosto muito, porque numa matéria passa quatro e na outra passa um, e na outra passa dois, aí*

*fica difícil. Aí tem que dar um jeito daqui, um jeito dali, acaba que não fica bem feito e eu já não gosto, porque se eu não entendo eu já não gosto (Jovem Catequista).*

Percebe-se através dos depoimentos dos jovens pesquisados que, apesar das insatisfações mencionadas por esses sujeitos de pesquisa, o curso de Pedagogia da Univali busca continuamente aperfeiçoar sua função pedagógica, caminha ao encontro de sua missão filosófica marcada por dinamismo, como um processo que se transforma ao ir-se construindo e reconstruindo. Essas características marcam a identidade desse curso em constante processo de transformação, em direção ao cumprimento de seus objetivos de formação profissional e na ação pedagógica pautada na competência científica para favorecer:

[...] formação de sujeitos reflexivos, apropriados de conhecimento técnico-científico e filosófico que favoreça uma prática pedagógica transformadora, numa dimensão humana, incorporada a saberes e valores éticos, sociais e culturais, historicamente produzidos que sejam capazes de provocar mudanças no ensino e na sociedade (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003, p. 2).

No entanto, observa-se também que ao traçar um paralelo entre os relatos dos jovens e os objetivos que norteiam a ação pedagógica de todos os engajados no curso de Pedagogia, há muito que fazer para dar conta de responder por essas metas traçadas, principalmente no terreno do currículo do curso, o qual se constitui como um desafio presente, um território de luta para que os campos teórico e prático se tornem interdependentes. Dessa forma, o aprender e o ensinar se colocam como referência para o exercício da ação e formação profissional: “O desafio está posto na capacidade que temos de mobilizar esforços para identificar esses espaços e processos e neles atuar com competência técnica, com inventividade, com ética decidindo principalmente, a favor de quem este desafio está sendo lançado” (UM OLHAR SOBRE A UNIVALI, 2003, p. 5).

Segundo Libanio (2004), a escola interfere de modo radical na vida dos jovens, o que por vezes impede-lhes de satisfazer seus anseios e objetivos, porque desconhece que os jovens são capazes de assumirem responsabilidades e não necessariamente devem ser guiados por outros,

O autoritarismo da escola tem efeitos maléficos sobre a coesão do grupo. Gera hostilidade entre os alunos, dificulta a criação de um espírito de solidariedade e cooperação entre eles. Frequentemente os professores se alienam dos valores e comportamentos dos jovens, interpretando-os erradamente (LIBANIO, 2004, p. 178).

Ainda conforme Libanio (2004) é preciso que a escola ofereça igualdade de oportunidades a todos para que possam atingir seus objetivos com sucesso e dessa forma possam desenvolver-se em todas as dimensões, tanto física, intelectual, emocional, moral social, estética. A escola que pode propiciar oportunidades para esse desenvolvimento intelectual através da cultura, ciência, tecnologia e “elos de transmissão”, promovendo a conquista da autonomia, num constante processo de emancipação. Para que esse processo seja um contínuo em busca do desenvolvimento humano é preciso que os jovens tenham um bom relacionamento, apoio dos professores e convivência com seus pares, colegas, o que estabelece uma compreensão entre todos os envolvidos no processo pedagógico, fazendo cumprir a “função de humanização”.

Os estudos suscitam nos jovens as perguntas fundamentais da existência, quando ultrapassam a mera comunicação de conhecimentos. Assim os alunos se interrogam: qual o sentido da vida? Quem somos? De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos? I. Kant formulou-as de outro modo: que posso conhecer? Como devo agir? Que me é permitido esperar? Quem é o ser humano? Leibniz, Heidegger se perguntavam: por que existe as coisas e não o nada? E há outras tantas perguntas que despertam na mente do jovem e de que a escola se faz a terra natal (LIBANIO, 2004, p. 179).

Portanto, é preciso ultrapassar a mera transmissão e reprodução de conhecimentos e avançar para campos até então desconhecidos, compreender, conhecer mais o jovem através de suas experiências, suas demandas e seus ideais. É instigando esse a pensar sobre questões de natureza filosófica humana que o avanço pode ocorrer, ser responsável para responder aquilo que somos, como insiste Melucci (2004) “Quanto mais um jovem assume tais posturas e põe as questões básicas, mais ele amadurece e mergulha em si mesmo, na realidade que o cerca” (LIBANIO, 2004, p. 179).

Nesse sentido, essa pesquisa diagnosticou o desconhecimento da escola com relação à algumas experiências importantes na vida dos jovens. Há jovens, mas poucos que freqüentam o curso de Pedagogia, envolvidos em ações coletivas nas comunidades onde residem. Essa é uma lacuna existente entre universidade e jovem. Prefaciando o capítulo intitulado “AÇÃO” no livro “A Condição Humana”, Arendt (2007), se utiliza da definição de Dante para explicar que,

[...] em toda ação a intenção principal do agente, quer ele aja por necessidade natural ou vontade própria, é revelar sua própria imagem. Assim é que todo agente, na medida em que age, sente prazer em agir; como tudo que existe deseja sua própria existência, e como, na ação, a existência do agente é, de certo modo, intensificada, resulta necessariamente o prazer.” [...] Assim, ninguém age sem que (agindo) manifeste o seu latente (DANTE, APUD ARENDT, 2007, p. 188).

A vontade de revelar sua ação e o prazer em agir são as principais características que se pode obter através das entrevistas individuais com os jovens pesquisados na realização de suas ações em espaços coletivos. No entanto, essa revelação ainda não é percebida pela comunidade escolar que esses jovens freqüentam. Para tanto, esta pesquisa também tem intenção de tornar este fato visível para que esses e outros jovens que freqüentam essa instituição de Ensino superior possam ser mais conhecidos e reconhecidos. Também como sujeitos responsáveis por suas próprias ações, sujeitos que lutam e atuam, fazem história que marca de modo significativo o processo de construção das múltiplas identidades. Melucci (1997, p. 6) argumenta que as ações coletivas protagonizadas por jovens, antes de tudo, é uma forma de chamar a atenção da sociedade, na medida que essas ações se referem a significados, não seria oportuno classificá-las como “movimentos”, mas concebe-las como “redes conflituosas de produção cultural”. Nesse sentido, entende-se que o envolvimento dos oito sujeitos jovens de pesquisa em ações coletivas, podem ser analisado a partir da perspectiva de Melucci (1997). Para tanto, apresenta-se a seguir esses atores jovens, suas ações e o significado dessas experiências em suas vidas.

#### **5.4 Bombeira Voluntária e Guarda-Vidas Voluntário: Ações que Demonstram o Cuidado com a Vida**

*A busca de compreensão das experiências dos jovens de hoje desafia velhas classificações (NOVAES, 2005, p. 264).*

Observa-se que na literatura nacional exposta recentemente, autores que estudam os processos de construção das identidades juvenis, como Sposito, Dayrell, Carrano, Raitz, entre outros, fundamenta-se suas pesquisas em Melucci e Dubet, mesmo considerando as divergências de pontos de vista. Este estudo, também, orientar-se-á nestes autores, pois considera-se contribuições fundamentais para este objeto de estudo. Ainda, irá se apropriar de outros para que as “pontes” possam servir como facilitadoras no trânsito da teoria e prática. Neste sentido, resgata-se o conceito de Melucci de identidade coletiva:

Eu chamo de identidade coletiva o processo de construção de um sistema de ação. [...] é uma definição interativa e partilhada, produzida por um número de indivíduos ou grupos em um nível mais complexo que definem o significado de suas ações e a área de oportunidades e limitações para esta

ação. [...] Envolve definições cognitivas sobre os fins, os significados e a área de ação. [...] definidos por uma linguagem partilhada pela sociedade. [...] um processo que também se refere a uma rede de relações ativas entre os atores, os quais interagem, comunicam, influenciam uns aos outros, negociam<sup>74</sup> e tomam decisões. [...] um certo grau de investimento emocional é também necessário ou exigido na definição de identidade coletiva, o qual possibilita os indivíduos sentirem-se parte de uma unidade comum. (Melucci, 1996, p. 70. Tradução livre).

Nesta pesquisa com jovens observaram-se claramente esses aspectos comentados por Melucci, especialmente os referentes aos significados que esses jovens sujeitos de pesquisa atribuem às suas ações partilhadas nos grupos em que se inserem, revelam suas emoções e limitações das ações coletivas que desenvolvem com seus pares.

Salvar vidas se constitui na missão desses dois jovens entrevistados, que antes de tudo dedicam seu tempo presente para contribuir com a prevenção e minimização do sofrimento alheio. Quando entrevistados sobre o tipo de trabalho que exercem sem remuneração, observa-se que este se traduz num ideal realizável, uma forma de doação que adquire sentido prazeroso, se sentem úteis à sociedade em que vivem, despertando um sentimento de heroísmo. Portanto, não houve esforços para interrogações, as mensagens provenientes dos jovens foram espontâneas, de modo que em seus olhos apareceu um brilho diferente. Ao serem questionados sobre o significado de suas participações nas ações que realizam no grupo, um dos jovens pesquisado respondeu:

*Nossa, é o melhor trabalho! Salvar vidas é o melhor trabalho. Quando você salva uma pessoa, é como se por um segundo você conseguisse ser aquele super-herói que você sempre sonhou ser quando era criança, sabe? Ah! Eu já salvei mais de 100 pessoas (Jovem Guarda-vidas Voluntário).*

Quando o ator se envolve em um trabalho que proporciona dar sentido ao que faz, essa ação se torna espontânea e por si, dá prazer porque se revela num fazer com força de vontade, numa combinação que resulta nessa ação significativa. De acordo com Boff (1999), o ser humano no desafio de sua existência, busca combinar trabalho com cuidado. Esses se complementam, limitam-se e promovem, resultando numa integração da ação humana. Ação essa que se torna partilhada, porque integra e dá sentido a auto-identificação do sujeito, pois pode se revelar através de sua imagem. Uma partilha entre o “eu” e o “outro” mediada pela linguagem. É nesse aspecto que Melucci comenta sobre o inesgotável e infindável processo

<sup>74</sup> Melucci (1996) neste mesmo texto esclarece que “A identidade coletiva não é inteiramente negociada porque a participação na ação coletiva é dotada com significado que não se reduz a um cálculo de custo-benefício, bem como é sempre mobilizada por emoções”. (Tradução livre)

identitário de aprendizagem que o sujeito partilha ao viver consigo e com os outros, o sujeito social e histórico constrói e (re) constrói suas identidades que são oportunizadas pelas “[...] experiências das passagens, das muitas passagens diárias da vida, exigem olhares distintos sobre nós, os quais não são apenas aqueles da racionalidade ocidental” (MELUCCI, 2004, p. 71).

Esses dois jovens ao serem questionados sobre suas participações em grupos nas suas comunidades e como se envolveram nesses, responderam que desenvolvem trabalho voluntário a partir das orientações e treinamentos que receberam no Corpo de Bombeiros de suas respectivas cidades. Envolveram-se nessa ação coletiva, principalmente através da curiosidade que essas ações lhes despertavam, informações obtidas por conhecidos para, a partir daí engajarem-se em cursos que se renovam todos os anos, treinamentos, capacitações e reciclagens de ações. São obrigatórios para tornarem-se aptos para exercerem a função que lhes desperta tanto interesse.

*Eu sou bombeira da Associação Corpo de Bombeiros de Barra Velha. Eu sempre estou lá no quartel porque gosto muito de estar nesse espaço. Envolvei-me através de curiosidade mesmo, entendeu? Eu fui lá e gostei, comecei a fazer o curso e eu to até hoje, vai fazer seis anos e meio que estou lá. Claro, fiz curso para atuar, mas esses cursos feitos de ano em ano pra ver se o bombeiro está apto para fazer aquele serviço, então todo o ano é feito uma reciclagem pra poder ficar lá dentro, se tu não passar tu não é tirado, mas tu não pode sair em ocorrência (Jovem Bombeira ).*

Ainda, conforme os depoimentos desses jovens, esta é uma forma de verificar se a pessoa está apta a atuar nas emergências de sua função específica e em caso de não confirmação da aptidão para realização das funções, os atores não são excluídos do grupo, mas ficam impedidos de realizar o trabalho por um tempo determinado ou até o próximo curso. Entre guardar-vidas e socorrer vidas, esses dois jovens comungam boa parte de seu tempo.

A jovem bombeira da cidade de Barra Velha e o jovem guarda-vidas da cidade de Itajaí afirmaram que consideram essa ação como um trabalho que realizam com muito gosto, prazer. Salvar vidas lhe confere um sentimento de orgulho pessoal, no sentido de um “sentir-se bem”, de missão cumprida. Concebem o quartel do corpo de bombeiros como sua segunda casa. Afirmam que esse trabalho que realizam é totalmente voluntário, portanto, não recebem qualquer espécie de remuneração, salvo alimentação que recebem no quartel e alguma ajuda de custo que o jovem guarda-vidas recebe para o transporte de sua residência até o local de

trabalho.

Giddens (2002, p. 28) comenta que “A linguagem e a memória estão intrinsecamente ligadas, tanto ao nível da lembrança individual quanto ao da institucionalização da experiência coletiva”. É nesse sentido que este autor fala sobre a mediação da experiência através dos atos de linguagem possibilitados no tempo e no espaço, o que proporciona que o ser humano seja diferenciado e elevado perante os outros animais. Da mesma forma, Bendassoli (2007) comenta sobre a importância das narrativas, pois elas proporcionam a percepção e descrição do sujeito em referência a si mesmo como pertencente a um todo, ao seu grupo, comunidade, uma ação que gera um sentimento de partilha, solidariedade, meio pelo qual o sujeito se posiciona como construtor de sua identidade.

*Eu me sinto realizada porque é uma coisa que eu gosto de fazer e ajuda a salvar vidas. Então para mim uma pessoa que salva sente um orgulho pro resto da vida. Graças ao bom Deus eu já consegui salvar muita gente. O quartel é a minha segunda casa (Jovem Bombeira ).*

E, toda ação, diz Dubet (1994, p. 110) é “definida por relações sociais”, a identidade social significa não um “ser”, mas um “trabalho” porque a ação é construída através das vivências, das experiências sociais<sup>75</sup>, das “orientações” práticas dos sujeitos elaboradas durante as suas trajetórias tanto a nível individual como coletivo (DUBET, 1994, p.16).

Esses dois jovens vêem a participação de seus amigos no grupo como algo de extrema importância para a realização e sucesso de suas ações coletivas. Dessa forma, afirmam que partilham com seus pares os mesmos ideais de ação em benefício da realização de objetivos, considerando uma ação profissional que se realiza com extrema responsabilidade, uma vez que se trata de salvar e guardar vidas. Uma ação desprovida de qualquer interesse em retribuição econômica. Ressalta-se que o jovem guarda-vidas alertou que apesar desses ideais serem partilhados com o grupo, alguns colegas às vezes não correspondem com a responsabilidade que lhes confere a função, isto é, há os que nem sempre cumprem o horário estipulado e também os que chegam no trabalho sobre efeito de drogas. Quanto ao relacionamento entre colegas no grupo, segue depoimento da jovem bombeira:

<sup>75</sup> Conforme Dubet (1994), experiência é um estado emocional no qual o ator permite-se ser invadida sentindo-o de maneira própria e comprometida “[...] estética, amorosa, religiosa, [...] social dos atores significa o trabalho desses, “[...] a imagem de uma identidade social dissociada no seu cerne e construída como um trabalho, uma relação de princípios heterogêneos: como uma actividade” (DUBET, 1994, p. 183).

*Temos boa amizade. É como se fôssemos uma família ali, se um está mal o outro vai lá dar um apoio. Quando há muitos chamados de ocorrências e alguém está machucado, vamos lá e ajudamos o nosso parceiro, é uma relação muito boa mesmo, é como se fosse assim uma família, irmão, irmã, muito legal (Jovem Bombeira).*

No entanto, percebe-se através dos depoimentos orais desses jovens que, apesar de não relacionarem interesse econômico com essa ação coletiva que realizam, outros interesses aparecem subentendidos através de suas mensagens. Infere-se que esses interesses se destinam a buscar a formalização de suas atuações nesses grupos, ou seja, trabalhar nesses grupos para serem reconhecidos por esse trabalho. Essa inferência não se destina a pensar que esses jovens querem deixar de realizar essas ações, muito pelo contrário, querem unir essas ações a uma atividade profissional voluntária remunerada dentro do grupo, pois é um espaço que proporciona a realização de suas demandas e anseios pessoais. Esse desejo está diretamente relacionado à educação, como uma ponte para a atuação profissional reconhecida e formal.

É nesse ponto que pode-se observar que a diferença e a semelhança transitam no campo das construções identitárias durante as experiências de vida desses jovens sujeitos de pesquisa, de maneira que semelhança e diferença se relacionam por total interdependência e continuidade, da forma como Melucci (2004) e Silva (2000) vem abordando nos seus escritos. Desse modo, a diferença certamente causa o diferir-se do outro e encontrar-se com o seu eu, se compondo num “eu múltiplo”, porque partilha suas experiência com o “outro”, mesmo que possua traços, marcas, semelhanças e representações do outro no “eu”. Esse “eu” resulta num particular, se difere, afirma sua individualidade porque não é o outro, mas se assemelha ao outro pelo fato deste último fazer parte de seu processo de construção identitária. E como afirma Pais (2007, p. 29), “sempre continuamos a ser semelhantes no modo como nos pretendemos distinguir”.

*Eu estou fazendo faculdade agora, então eu estou fazendo o projeto do bombeiro mirim, e então como o comandante viu que eu to fazendo pedagogia e para assinar os documentos tem que ser formada, ele achou ótimo. Eu posso ser uma instrutora do bombeiro mirim. Então nós vamos começar dia 17, entregar o projeto para começar nossa caminhada. Ano que vem eu to formada e posso assinar todos os projetos, porque serei pedagoga (Jovem Bombeira).*

Dubet (1994) aborda conceitos sobre a experiência social dos atores e, segundo ele, estes atores integrantes da sociedade, do sistema social, estabelecem relações entre seu agir,

suas ações com seus grupos, mas não no sentido de um agir independente, desconectado, mas de um agir embasado nas perspectivas da sociedade, embebidos de interesses individuais e coletivos.

Portanto, realizar essas ações coletivas em grupos é uma forma de se protegerem dos males que a sociedade contemporânea acomete na vida dos sujeitos. Isto dito por eles próprios, pois consideram que atuar em segmentos como esses, inserir-se e participar de grupos comunitários, se constituem como um meio de defesa, em que os jovens poderiam atuar para não se exporem aos riscos de serem atraídos pelo consumo de drogas e formas de prostituição. Formas essas que são muito visíveis. De certo modo, vêm como ofertadas pela atual sociedade contemporânea, que como afirmam é uma sociedade agressiva e violenta. Segundo Melucci (2001, p.31), diversificadas são as formas de ações coletivas e nas sociedades contemporâneas caracterizadas pela imprevisibilidade, ameaças e riscos, sendo a socialização é resultado “de ações, de escolhas, de decisões”. Estas escolhas ficam explicadas em seus depoimentos:

*Tem de ter vontade. Precisa de uma vontade inicial pra entrar, depois vai sentir prazer em fazer o trabalho voluntário. Não participam por falta de educação, no sentido de falta de instrução. O trabalho voluntário é algo necessário no nosso tempo, falta essa mensagem dos pais, da escola, da sociedade em geral. Então eu acho que eles se sentem acomodados, não saem um pouco do seu mundo e descobrem que é muito bom fazer um trabalho voluntário, é muito bom ajudar alguém (Jovem Guarda-Vidas).*

*Se todos os jovens realizassem algum tipo de trabalho voluntário, não ficariam tão expostos à sociedade. Tem tanta coisa ruim na sociedade, drogas e bebida e coisa de fumo e até mesmo prostituição de meninas e meninos. Se estivessem participando em um grupo, com certeza a sociedade não estaria como está hoje: uma sociedade agressiva, violenta (Jovem Bombeira).*

Desse modo, conforme os depoimentos dos jovens, eles pensam que o principal motivo que conduz os jovens à participação e inserção ou não em grupos, é uma questão de vontade própria, mas também um compromisso que a sociedade poderia assumir na motivação dos jovens, no sentido de engajarem-se nos diversos segmentos sociais, grupos e associações civis.

Segundo relato da jovem bombeira voluntária, sua participação no grupo é semanal e compreende todos os finais de semana (sexta-feira e sábado e domingo) durante 24 horas interruptas. Afirmou que quando ela e seus companheiros não estão atendendo uma ocorrência, reúnem-se no quartel de bombeiros voluntários, um local específico que conta

com um espaço físico dividido em ambientes que visam suprir suas necessidades: cozinha, sala de operações, central, corredor, sala de reuniões, dormitório e garagem para os caminhões e viaturas. A alimentação que recebem bem como, outros suprimentos, é doado por segmentos comunitários, como esclarece:

*O preparo do alimento é feito lá no quartel mesmo, ganhamos doações do pessoal da cidade, até mesmo o nosso fardamento. É uma contribuição da comunidade pela arrecadação de luz, então todo o mês é tirado uma cota da Celesc pra levar pro quartel (Jovem Bombeira).*

Conforme Dubet (1994), nesse processo de redescrição da ação prática, percebe-se um distanciamento entre sujeito e a ação em função de sua vivência plural.

Essa atitude de reserva procede da heterogeneidade das lógicas de acção<sup>76</sup> que se cruzam hoje na experiência social, e é então vivida como um problema porque ela torna cada um em autor da própria experiência [...] gera um distanciamento e um desprendimento [...] efeito das culturas individualistas [...] de maneira clara entre os actores dominados, e por vezes excluídos [...] (DUBET, 1994, p. 17).

Como autores de suas próprias experiências desenvolvem várias atividades no grupo e às que esses dois jovens realizam, observa-se que nos grupos civis de Corpo de Bombeiros em que operam no salvamento de vidas há atualmente um enfoque dado à prevenção de acidentes. Torna-se claro em suas falas o modo como tratam de primeiramente prevenir e socorrer, prestar socorros bem como, salvar é claro. Seguem os depoimentos dos jovens:

*Eu sou socorrista, resgatista, combatente e atendimento da central, comunicação de rádio. (Jovem Bombeira).*

*Eu trabalho na praia. Nosso objetivo primeiro não é salvar vidas, tanto é que a gente não é mais salva-vidas, não existe mais salva-vidas no Brasil. Existe Guarda-Vidas, nosso objetivo não é deixar uma vida entrar em perigo pra salvá-la, nosso objetivo é guardar a vida, então o que a gente faz: nosso trabalho principal é chegar à praia, observar o mar, sinalizar as correntes de retorno, e os perigos que podem vir daquele mar, sinalizar com as bandeiras vermelhas e a bandeira no posto, e ficar sempre 1 ou 2 de nós na praia fazendo a ronda, enquanto os outros no posto ficam com o*

<sup>76</sup> Segundo Dubet (1994), a integração, a estratégia e a subjetivação constituem-se como as três as lógicas de ação do ator e resultam da experiência social, isto é, no trabalho deste ator individual e coletivo por seu interesse, para relacionar-se com os outros atores sociais. A lógica da integração possibilita ao ator se reconhecer pelo seu pertencimento na sociedade, como membro atuante que se posiciona e está inserido. A lógica da estratégia permite o ator atuar na sociedade de acordo com seus objetivos, direcionando-os a eles “numa sociedade concebida então como um mercado” (DUBET, 1994, p. 113), e a lógica da subjetividade possibilita que o ator apresente-se como “crítico” perante uma organização social que produz e domina. Essas lógicas de ação, as quais são inerentes aos atores sociais, são permeadas de tensões entre si, ora se relacionam de forma combinada, ora são divergentes simultaneamente, resultando o “trabalho”, a experiência social, “Assim, cada um de nós pode facilmente pôr em cena a sua identidade ao definir sucessivamente suas pertenças, os seus recursos, os seus empenhamentos” (DUBET, 1994, p. 189).

*rádio, que está ligado com o bombeiro, pra caso precise de um helicóptero ou jet Sky pra socorrer o trabalho funcione rápido. É um trabalho preventivo, e de informação também, porque turistas chegam, pessoas que nunca viram a praia e nós ajudamos elas a entenderem a praia, os perigos da praia e ensinamos elas a transmitir esse conhecimento pra outras pessoas (jovem Guarda-Vidas).*

No entanto, para este último jovem, salvar vidas é uma ação permanente em seu cotidiano e não apenas no local e tempo em que está no grupo, realizando suas funções específicas. Salvar vidas indica um compromisso muito sério que demanda uma grande responsabilidade, uma ação que se desenvolve em todos os momentos e lugares onde esses sujeitos se encontram. Segundo Almeida (2007), a experiência coletiva não se pauta apenas pelo contato físico com o material, pois transpassa esse contato em função do sentimento de participação e cooperação que integra esses sujeitos envolvidos num grupo, “[...] é algo que transcende a natureza meramente física [...]. Em uma palavra, o coletivo é peça-chave indispensável e facilitadora da interação entre substâncias e bem-estar [...]”. Essas colocações se relacionam com os depoimentos orais desse jovem, como se pode observar:

*Mas, salvar vidas é melhor. Desse trabalho eu trago muita coisa, primeiro porque a noção de corpo físico em geral que a gente tem é muito grande, de primeiros socorros. Em todos os aspectos a gente é treinado e por lei se ocorrer um acidente na minha frente e eu não aplicar os primeiros socorros eu posso ser preso, porque a partir do momento em que eu ganhei o diploma dos bombeiros, eu sou guarda-vidas em qualquer lugar, dentro e fora da praia, e isso é uma coisa que eu vou levar pra vida inteira, fazer RCP que é ressuscitação, e sem contar a parte da praia mesmo, o conhecimento que a gente tem da praia, observação de corrente, funcionamento das ondas, características da praia, do relevo da praia, é uma coisa que hoje eu chego em qualquer praia e não consigo ver uma pessoa entrando numa corrente sem ir lá e informar ela do perigo que ela possa estar correndo (jovem Guarda-Vidas).*

Todavia, como em todos os trabalhos e ações, não são se vislumbram somente realizações, prazeres e alegrias. Também existem os momentos de decepção, frustração e sofrimento. Para esses jovens sujeitos de pesquisa, esses são considerados os piores momentos, porque não proporcionam o êxito na ação. São momentos que deixam marcas registradas e significam mais, duram mais do que as que trazem boas realizações. Decepções por não conseguirem salvar uma vida, seja por motivo de tempo ou como eles mesmos atribuem “se eu tivesse tentado mais um pouco”, isso leva esses jovens à sentimentos de frustrações, impotência, limites de atuação. São fardos e memórias que carregam consigo para

o resto de suas vidas. Melucci (2001) comenta sobre a existência de um desajuste entre as expectativas dos atores envolvidos em ações coletivas e as decepções que dessas podem ocorrer. As expectativas quando deixam de ser alcançadas, geram decepções que podem levar às agressões. No caso dos sentidos expostos por esses jovens, acredita-se que essas expectativas falhas se transformam sim em agressões, mas se voltam contra o próprio sujeito da ação, de modo a provocar nos sujeitos o que Melucci (2001) chama de “elaboração depressiva”. Este fator se constitui no fechamento do sujeito em si mesmo, “subtraindo-se ao relacionamento com seus parceiros sociais, de forma a levar o sujeito a renunciar a prática dessas ações, o que leva a anulação da “[...] possibilidade de ação conflitual e dirige para o grupo as energias coletivas, paralisando nele a capacidade da ação, ou pior, ativando processos destrutivos”. Esses aspectos podem ser observados nas vozes dos dois jovens que julgam a si próprios como únicos responsáveis pelo fracasso de não conseguirem salvar uma vida, revelam uma tristeza sem fim:

*Esse ano uma pessoa faleceu comigo na praia, na praia da Ceval. Eu fiz o RCP dela. Naquele dia trabalhei pela manhã e a tarde voltei à praia porque a onda tava boa e eu fui surfar pra pegar jacaré, e nós vimos o acidente, nós vimos o afogamento. Eu fui o primeiro a pegar a vítima e fazer o RCP. Fiz a respiração boca-a-boca, e o meu amigo que estava comigo fez a massagem cardíaca, e o jovem veio a falecer. Tinha a minha idade, 20 anos e era do interior do Paraná. E foi uma decepção porque se eu tivesse treinado mais um pouco, se eu tivesse me preparado mais eu teria nadado mais rápido pra pegar ele, e talvez um milésimo de segundo o cérebro dele não pararia (Jovem Guarda-Vidas Voluntário).*

*Quando tu não consegues salvar uma pessoa fica um trauma em ti pro resto da vida, tu vai lembrar aquela situação pro resto da vida. Não, por mais que a gente faça tudo, chegue ao hospital, se a pessoa morrer na tua mão tu vai ficar com aquele trauma pro resto da vida. Já aconteceu isso duas vezes nesses seis anos e meio, foram dois que morreram na minha mão. Já salvei muitas, muitas vidas, mas o pior é que a lembrança ruim fica mais do que a boa. Às vezes eu lembro da situação. Se eu pudesse voltar e agir novamente, eu faria melhor para poder salvar aquela pessoa (jovem Bombeira Voluntária).*

Portanto, concebe-se que essas experiências auto-destrutivas são assim consideradas porque provocam sentimentos de impotência gerados pelas decepções possíveis e sujeitas de realização durante as ações coletivas desses atores envolvidos em grupos. Torna-se problemático o sentido de destruição, pensar ou refletir que esses não vêm nenhuma possibilidade para recuperação ou tratamento dos traumas que foram incorporados, levando-os consigo como memória instituinte e relembrando-os sempre que novas tentativas de ação

fracassam ou não correspondem às suas expectativas de ação com êxito.

Essas experiências geram manifestações de culpa. Para Giddens (2002, p. 65), “A culpa experimentada como traço geral do inconsciente pode afetar mais aspectos da auto-identidade do que a vergonha, [...] tende a afetar elementos discretos do comportamento e os modos de retribuição que eles sugerem ou implicam”. Como bem comenta Polak (1992), a memória faz parte do processo de construção identitária. É desta maneira que se percebem as rupturas e falhas existentes nos processos de construções identitárias desses jovens. Segundo alerta Melucci (2004), acontecem através das escolhas que o sujeito faz. São nelas que residem a possibilidade de êxito ou fracasso das ações e opções feitas, entre perdas e ganhos. Um jogo arriscado, mas que se torna imprescindível no processo de construção das identidades, que se reconstrói em cada nova experiência, em vivência, através da busca, da negociação, do enfrentamento e por isso designa a formação de um “eu múltiplo”, em vários espaços que o sujeito se coloca. Assim, formado através das experiências coletivas e partilhado com o “outro”, constituindo um “nós” que resulta num “eu” diferente, mas que se assemelha na medida em que elabora e vivencia novas experiências possibilitadas pelas relações sociais.

### **5.5 Ações Coletivas: Jovens em Grupos Religiosos, Comunitários e em Escola Aberta**

Inicia-se neste espaço a discussão sobre identidades e ações coletivas que sete jovens estudantes trabalhadoras do curso de pedagogia da Universidade do vale do Itajaí vivenciam nos diversos espaços sociais como grupos religiosos, grupos comunitários e escola aberta pertencentes às Igrejas em que atuam, Escola e Associação de Bairro. São jovens que dedicam boa parcela de seu tempo a realizarem ações desprovidas de qualquer remuneração em grupos juvenis.

Percebe-se que da mesma forma anterior aos jovens que guardam e salvam vidas, esses também significam suas ações como uma forma de se sentirem úteis à sociedade. De uma forma geral, apesar de exercerem ações diferentes entre si, têm o objetivo de contribuir com a melhoria de vida das pessoas e de si próprios, como também com a expansão desses espaços sociais, porque acreditam que podem contribuir para amenizar a vida dos mais necessitados. Percebe-se que é a solidariedade e a compaixão que os move para atuarem nesses espaços religiosos como voluntários, um modo que encontraram para agir em benefício

do próximo, em benefício de si mesmos, mas sobretudo, em benefício das leis de Deus. E, como afirma Novaes (2005, p. 263) “[...] a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira”.

*É, sentimos Deus através da música. É ótimo! Porque isso prova que a realização nem sempre está no dinheiro. Eu me realizo assim, é como se todo o sábado fosse único para eu estar lá. Além de ministrar canto, eu também participo do grupo de oração e através desse as pessoas fazem laços de amizade muito grandes ali. A gente acaba se encontrando direto durante a semana, durante os finais de semana principalmente, se reunindo, envolvendo projetos, por exemplo, a gente vai criar agora o grupo de dança sacra, que são batidas remixadas, mas são músicas com base católica. Nós também nos envolvemos com o projeto “Pró Vida” que trabalha com pessoas que bebem, que usaram drogas, pessoas dependentes mesmo, e a gente trabalha direto indo lá na casa deles, fazemos paradas as vezes nas sinaleiras pra ajudar eles, a gente se envolve mesmo (Jovem cantora carismática).*

Segundo Dubet (1994), os valores que são construídos e por si se integram, definem a cultura, isto é, a cultura de uma sociedade é representada pelos valores que são construídos no interior dessa sociedade. Esses valores são expressos na fala da jovem que acredita que a doação é o bem que se pratica em favor dos outros e esse volta em forma de recompensa própria, isto é, o bem que se faz aos outros que necessitam através de doação, é um bem feito para si mesmo:

*Pra mim ser catequista é uma benção de Deus, porque não são todos (como diz o padre), que tem o dom de querer dar de si para os outros, muitos acham que como é voluntário, e não vai ganhar dinheiro, por que fazer? Eu acho que é muito bom dar catequese, pois no final de ano encerrou uma turma e muitas crianças da minha sala não queriam mais fazer a crisma porque não era eu que ia ministrar pra eles. É bom ver que as crianças sentem isso. Eu acho que fazer o bem importa para a pessoa mesmo. Porque eu acho que se deve fazer o bem sem olhar a quem e não importa o que o fulano está fazendo lá fora, importa que você esta fazendo pra você, porque eu acho que quando você faz, você está se ajudando, e não adianta você reclamar que fulano é assim lá fora se você não tenta ajudar a pessoa (Jovem Catequista).*

Desse modo, o conjunto de valores que se compõe em torno de uma religião representa esta como parte integrante da sociedade. Os sujeitos que ao aderirem aos conjuntos de valores dentro da sociedade passam também a se auto-definirem como membros pertencentes a esses através das relações sociais. É nesse sentido que Dubet baseando-se em Durkheim esclarece que:

A religião, por exemplo, pode ser encarada como um conjunto de valores instituídos, [...] como uma representação sagrada da sociedade, como uma definição ética do sujeito, ou como um recurso ideológico que dissimula a realidade da actividade e das relações sociais (DUBET, 1994, p. 118).

É dentro desta perspectiva que os depoimentos das jovens participantes de grupos religiosos se posicionam como atores pertencentes e aderentes à valores instituídos pela suas comunidades religiosas. Dessa forma, essas identidades religiosas juvenis em processo de construção, são definidas, principalmente, com base nesses valores sociais inscritos, os quais servem de direção para orientação de suas ações nos mais diversos segmentos e espaços em que atuam. Esses espaços possibilitam melhores condições para seu agir e desempenho de sua autonomia e também amparo para superação das tensões enfrentadas nos outros segmentos que frequentam, para “aliviar as dores”, conforme depoimentos de jovens a seguir, que estão relacionados às ações, motivos e objetivos que os levaram a se inserirem nesses grupos:

*Eu canto e participo, ministro a música renovação carismática católica, eu dou tipo uma introdução pra música, eu faço animação também, a gente tem músicas de animação para os jovens, e sou eu que fico lá “ vamos lá pessoal”. Desde pequena eu cantava salmo. Depois montaram uma banda e me chamaram pra cantar, e o interessante é que todas as pessoas que participavam dessa banda de jovens saíram, e eu fiquei e fui encaixando outras pessoas, eu e Deus lógico, e hoje tem o ministério formado. O ministério é totalmente jovem. As pessoas da banda são totalmente jovens. Cada um antes de chegar ali tem uma experiência diferente, e todos vão ali pra sentir uma só experiência, que é sentir Deus, então eu me sinto assim como se eu tivesse o dever, de que todo mundo que está ali sinta pelo menos um pouquinho da presença de Deus naquele momento. É como se eu não pudesse me conformar enquanto eu não sentisse que aquelas pessoas estavam bem ali (Jovem cantora carismática).*

*Participo do Ministério Impacto Dance da Igreja Quadrangular Evangélica. Eu fui convidada quando eu entrei na igreja e desde então eu permaneci nele. Nós trabalhamos com coreografia, temos as músicas específicas, desenvolvemos coreografias a partir das músicas, e todo o domingo a noite a gente faz a apresentação, ou durante o louvor ou uma apresentação especial, composta por um grupo de seis jovens. Reunimos-nos todos os sábados e em média de 2 a 3 horas por dia, para desenvolver essas atividades técnicas de dança. O ministério atua na própria comunidade, tanto na igreja quanto em relação a eventos que tem na cidade, se há um evento, a prefeitura nos convida pra fazer uma apresentação na comunidade. Não há remuneração nunca. Saímos do nosso município, vamos para outras cidades, já participamos em vários eventos fora do município de apresentação, mas isso é totalmente voluntário. Toda vez que a gente dança um louvor, muda todo o sentido do culto e as pessoas se sentem melhor (Jovem educadora de escoteiros e dançarina religiosa).*

Assim, é possível perceber que esses sentidos atribuídos pelos jovens ao seu agir partilhado, coletivo, cooperam com suas formações identitárias religiosas, o que significa dizer que constroem através dessas suas referências de ação no mundo. “É como se os jovens se sentissem mais aptos ou com mais condições para atuar nesse campo, estando dentro das suas possibilidades reais de participação, reunindo as condições ou requisitos que eles reconhecem ter” (JUVENTUDE BRASILEIRA E DEMOCRACIA, 2005, P. 53). Aqui se acrescentaria, que além de se sentirem mais aptos, sentem-se mais valorizados e motivados, de forma que essas ações promovem satisfação intrínseca, percebida nos seus modos de fala e gestos:

*Todo mundo participa ativamente, com bastante ânimo. Assim a gente vê, bastante força de vontade... É totalmente sem remuneração. A gente faz esse trabalho também pra se sentir bem, preenche parece fazendo isso, é boa essa sensação que se tem de ajudar o próximo (Jovem cantora carismática).*

Conforme Novaes (2005), as décadas dos pós: pós revolução industrial, pós guerra fria, são caracterizadas por mudanças e os jovens dessas décadas pra cá já são filhos de um outro mundo, um mundo modificado, vivenciam situações tensas e incertezas no emprego, enfrentam a insegurança contida na violência, nas transformações tecnológicas. Portanto, “para os jovens de hoje, multiplicam-se igrejas e grupos de várias tradições religiosas [...] surgem novas possibilidades sincréticas que, ao mesmo tempo, (re) produzem identidades institucionais e até novos fundamentalismos” (NOVAES, 2005, p. 264-265).

Outras questões que foram abordadas em relação a participação coletiva desses jovens em grupos foram sobre o que pensam a respeito da participação juvenil em grupos comunitários. Para tanto, percebe-se que a participação social para esses jovens significa mudança de atitudes e posicionamentos diante da vida, e principalmente, motivação para saber conduzir os dilemas da vida, conforme os depoimentos dessas duas jovens:

*Eu penso que a participação muda toda a linha de pensamento do jovem, pois quando um jovem participa de um grupo social ele lida com a realidade, lida com os problemas, mas lida muito com recursos, as formas de resolver esses problemas. O jovem que participa de uma ação social ele tem um pensamento a respeito da vida, um outro pensamento, ele não fica focado naquilo, só no hoje dele, só no viver o momento, ele pensa mais na cidadania, ele pensa mais nas pessoas, na cooperação em todos os sentidos (Jovem educadora de escoteiros e dançarina religiosa).*

Novaes (2005) propõe um desafio ao instigar reflexões sobre compreender o quanto, quando e como a pertença dos jovens, suas crenças e identidades religiosas interferem nas suas posturas, opiniões e experiências sociais nos dias atuais. Nesse desafio, ousa-se sugerir que todas essas experiências vivenciadas por esses jovens no território religioso, nas diversas e distintas formas de religião influenciam de maneira significativa nos modos de vida e nas formações identitárias juvenis. Portanto, suas opiniões, práticas, percepções se “nutrem do alimento religioso”, do temor a Deus para fazerem frente aos desafios que lhes são propostos na cotidianidade de suas vidas, bem como em suas atuações como atores que necessitam sobreviver num mundo que se apresenta como incerto e inseguro diante desses olhares desafiados, como declara a fala dessa jovem:

*Aquele que está por cima cuidado para não cair! Hoje graças a Deus nós podemos ajudar aos outros, mas quem (Deus que nos livre, é claro), quem garante que um dia nós não precisaremos ser ajudados? E como seria bom se alguém nos ajudasse se um dia a gente precisar. Assim como a gente precisa dos outros em diversas situações do dia para arranjar um emprego, ajudar a comprar tal coisa, ou da forma como o meu pai está me ajudando a pagar a faculdade, por exemplo, a gente não sabe o dia de amanhã, então o que a gente puder fazer pelo próximo tem que ser feito (Jovem secretária evangélica).*

Conforme Guiddens (2002), a reflexão sobre a ação proporciona razões para essa ação. Portanto, a razão interfere diretamente sobre a ação, processo inerente a todos os seres humanos. Já, a motivação é um “estado de sentimentos’ subjacentes do indivíduo, envolvendo formas inconscientes de afeto bem como angústias e estímulos mais conscientes” (GIDDENS, 2002, p. 64). As sob diversas formas embasam as ações coletivas juvenis percebidas nesta pesquisa. Portanto, são claramente percebidas nas falas desses sujeitos que empenham-se em contribuir com significativas participações em busca de um mundo mais justo, harmonioso e humano. Isso se reflete na fala da jovem que participa com suas ações voluntárias numa associação de mulheres do bairro onde reside:

*Eu atualmente trabalho como difusora com os jovens, difusora comunitária. Fomos em busca de parcerias como a prefeitura, como Fundação Cultural que ofertou violões, para montarmos as oficinas de música. Pensamos até em criar um coral de violões, várias outras oficinas assim, projetos desenvolvidos pelas próprias mulheres assim, e pessoas qualificadas também. No momento, temos um jornal, um jornalzinho popular com os jovens, onde eles pesquisam coisas do bairro, atualidades do bairro, necessidades do bairro, quantidades de escolas, as necessidades das escolas, dos pais, colocamos até pensamentos de cidadania deles, eles fazem um cursinho básico de desenho gráfico, eles mesmos criam*

*animação. A cada dia da semana nós nos reunimos e em grupos saímos pelo bairro, muitas vezes de bicicleta para pesquisar, muitas vezes também na escola, se eles sabiam de algum problema, se a escola foi arrombada, se levaram os computadores (como já aconteceu). (jovem difusora comunitária).*

Assim, são movidos e também demonstram seus “laços” de comprometimento com as experiências que desenvolvem, tanto numa dimensão subjetiva de representação emocional, como numa dimensão racional, esta que proporciona a objetividade das ações que os atores colocam em prática, por isso as tornam reais. Outra demonstração de ação comprometida com o grupo é apresentada na fala de uma jovem que exerce trabalho parcialmente voluntário, porque é recompensada com uma bolsa escolar universitária que cobre parcialmente sua mensalidade escolar. Realiza essa ação inserida em um grupo de voluntários numa escola aberta do município em que reside. No entanto, percebe que o tempo em que presta esse serviço remunerado, não é suficiente para suprir as necessidades humanas que demanda esta escola, e assim, doa parte de seu tempo para colaborar com os outros integrantes do grupo, na concretização e realização de ações. Estas ações de certa forma beneficiam os sujeitos que chegam neste espaço para aprender e dispor dos vários cursos, modalidades e atividades ofertadas. A seguir, apresenta-se o depoimento dessa jovem que espontaneamente fala sobre o trabalho que realiza:

*Trabalho nesta escola aberta aos sábados, e o objetivo dela é fazer com que as crianças e jovens não fiquem na rua, mas sim dentro da escola e possam brincar, possam se divertir e aprender. Tem aula de jazz, as mães podem fazer crochê, pintura, tem corte de cabelo que é gratuito, tem futebol, tênis de mesa, tem vôlei. É uma escola aberta a toda comunidade. Esses serviços são ofertados pela associação de moradores, uma ONG. A minha função é o pátio. E eu fico olhando e cuidando do tênis de mesa, marcando presença na lista de chamada, fico anotando o nome a idade, e depois no final do mês eles fazem um cronograma pra ver quantas crianças e jovens foram, marco a presença do tênis de mesa, vôlei, futebol, xadrez, futebol de botão, fico nessa parte esportiva (Jovem cantora religiosa e auxiliar da escola aberta).*

Dessa experiência de apresentação emocional emerge outra significação de experiência como “[...] uma atividade cognitiva, é uma maneira de construir o real e, sobretudo, de o ‘verificar’, de *experimentar* [...] constrói os fenômenos a partir [...] do entendimento e da razão” (DUBET, 1994, p. 95). As ações dos grupos juvenis no contexto desta pesquisa se constituem numa forma de mobilização gerada em espaços sociais, proporcionando aos sujeitos certas condições favoráveis para significar suas experiências

coletivas, indispensáveis na conquista da autonomia, na tomada de iniciativa diante do enfrentamento dos desafios que se colocam cotidianamente e na compreensão crítica da realidade, principalmente, pela contribuição em benefício da sociedade. Entre todas as possíveis formas de caracterizar as experiências desses jovens, o termo que se infere ser mais apropriado para conceituar essas experiências, entre tantos outros, seria então “responsabilidade”, partilhada com o outro, dando sentido e simultaneamente orientando às suas construções identitárias.

A noção corrente de experiência é ambígua e vaga, sobretudo porque evoca dois fenômenos contraditórios que, no entanto, importa ligar. [...] A experiência é uma maneira de sentir, de ser invadido por um estado emocional suficientemente forte para que o ator deixe de ser livre, descobrindo ao mesmo tempo uma subjetividade pessoal. [...] por um lado, aparece como individual, inefável em caso extremo, ‘misteriosa’ e irracional, manifestação romântica do ser único e da sua história. Por outro lado, a experiência pode ser concebida como a recobertura da consciência individual pela sociedade [...] no qual o indivíduo esquece o seu Ego para se fundir numa emoção comum, a do ‘grande ser’ que é então apenas a sociedade sentida como uma emoção, ou a do amor gerado pela emoção carismática... Mas esta representação do ‘vivido’ é, ela própria, ambivalente (DUBET, 1994, p. 94-95).

Acrescentar-se-ia que mesmo em meio a turbulências, enfrentam nessa trajetória individual e coletiva, seja de natureza religiosa ou em outros segmentos comunitários, a participação de jovens em grupos se constitui como território em potencial para a construção das identidades individuais e coletivas. São campos onde as relações sociais se configuram como os elos, um tempo de aprendizagem que gera fonte de experimentação, descoberta de habilidades e potencialidades. É nesse mesmo sentido de ações e experiências como campos férteis no processo de **identização**, que Melucci (2004) fala que é através dos engajamentos em atividades e ações, das relações com seus pares, que os jovens vão construindo suas identidades, significando suas existências, sua identidade social. Sugere-se que essa construção vai se processando num curso indeterminado, o qual vai adicionando uma “bagagem”, pouco a pouco, seja por meio de experiências positivas ou negativas, mas que na sua totalidade produz significados. Da mesma forma, observa-se que esse processo de construção identitária nas relações de lazer, transitam pelos sonhos e projetos futuros, como se comentará no item a seguir.

## 5.6 Sociabilidade, Sonhos e Projetos dos jovens

Ao questionar os jovens sobre o que fazem em seu tempo de lazer, com quem costumam passar esse tempo, qual sua atividade preferida e o que é mais importante em suas vidas, observou-se um vínculo profundo existente entre atividades consideradas de lazer. Isto é, concebidas com menos intensidade, no que se refere ao encontro com amigos (as) e namorados (as) e mais um tempo considerado agradável. Para alguns, ainda, como um tempo de encontrar Deus, fonte de realizar desejos.

Se há o encontro com amigos, estes são os que partilham experiências nos grupos coletivos. Portanto, grande parte dos jovens da pesquisa relaciona diretamente seu tempo de lazer com as ações que partilham em grupo, até mesmo porque é nesse tempo que alguns deles se inserem nesses espaços coletivos que pertencem. Muitas vezes, se observa o termo “diversão” ganhar sentido de compromisso e responsabilidade. A escassez de tempo é responsável por não realizarem outras atividades de lazer. Esta questão é um aspecto muito importante a ser considerado nesta investigação, emerge como uma variável relevante para análise, como se observa a seguir através dos depoimentos:

*Divirto-me pouco por causa do tempo. Na verdade a gente fica a semana toda trabalhando, e nas horas de lazer eu vou mais à igreja, e saio com meu namorado, mas não é aquela coisa assim, já fui mais quando estava no terceirão. Nós saíamos bastante, mas agora com faculdade é meio complicado. A minha vida é essa, sempre, deste de pequena eu fui criada na igreja, então eu sempre estou lá, quando posso a minha atividade é essa (Jovem cantora religiosa e auxiliar da escola aberta).*

*Sim, algumas vezes eu me divirto. Geralmente é com os meus amigos do grupo de oração mesmo. A gente sempre sai ou se reúne e faz um churrasco na casa de alguém, a gente sempre dá um jeito. A minha atividade predileta é cantar na igreja católica. Eu canto no ministério de música católica e o restante do tempo é todo para os grupos de orações, retiros que a gente costuma fazer para tocar fora da cidade ou até mesmo aqui. Na minha vida o mais importante é Deus porque ele é como se fosse uma raiz que me segura em pé, que me deixa fazer o que eu preciso fazer (jovem cantora carismática).*

*Me divirto assim, faço trabalho voluntário todo o final de semana, mas como eu estou com a pós e as vezes no sábado cai, então eu fico a manhã na pós, a tarde eu vou pro quartel, e fico o final de semana até domingo no quartel, mas só que assim, eu estando no quartel eu to fazendo trabalho da faculdade, entendeu? Então eu faço tanto o trabalho deles lá quanto daqui. No caso de um chamado de ocorrência, eu saio, deixo o material lá na mesa na central e volto depois pra continuar o trabalho, aí não vou dormir*

*se for o caso até meia noite, uma hora eu fico estudando ali, depois se estiver pronto durmo, se não eu fico a manhã toda, a madrugada toda acordada por causa da ocorrência (Jovem bombeira).*

Como se constatou através dos depoimentos, a diversão para estes jovens significa ação partilhada em grupos no tempo presente, segundo eles se torna escasso em virtude da jornada que enfrentam com a educação e o trabalho. Conforme Melucci (1997) vivemos um tempo de uma sociedade complexa, constituída pelos sistemas de informação em redes de alta densidade, que contempla, por um lado a autonomia da ação dos sujeitos, por outro, controla e regula sistemicamente a produção dos significados de sua ação, ou seja, ao mesmo tempo em que é exigido do sujeito mais autonomia de ação e criação, conquistada através da aprendizagem na resolução de problemas, a produção dos sentidos e significados dessa ação é auto-regulada e controlada. O autor entende que esse tempo é o das experiências vividas, de socialização, mas que se configura num processo árduo porque requer do sujeito uma atualização e capacitação constantes, tanto em recursos cognitivos, quanto em cultura e bens materiais. Novaes é outra autora que chama a atenção ao questionar modelos pré-construídos e paradigmas naturalizados quando se resgata temas da juventude,

Toda experiência geracional é inédita. Aprender sua singularidade demanda a explicitação dos termos de comparação: conservadora ou progressista, individualista ou solidária, alienada ou crítica em relação a que ou a quem? A rigor, o tema 'juventude' é fértil para questionar modelos pré-construídos e paradigmas naturalizados (NOVAES, 2005, p. 264).

Estes resultados vêm contribuir para a desmistificação de pré-conceitos elaborados sobre juventude, condição social, muitas vezes, reconhecida negativamente, ao mesmo tempo em que são resgatadas as singularidades das experiências juvenis como necessárias, (NOVAES, 2005) no sentido de (des) construir visões que projetam à juventude imagens sob a marca do preconceito e da discriminação, estereotipadas no senso comum e no poder público. Estas imagens acabam por dificultar a construção da identidade juvenil, desestimulam a multiplicidade de expressões juvenis, depositam ansiedades, esperanças e expectativas fora de um contexto atual e, por conseguinte, afetam diretamente o processo de construção de suas identidades. Nesta perspectiva esta investigação vem contribuir para desmistificar algumas abordagens teóricas que cristalizam as experiências juvenis, apresentando categorias que explicam os sentidos das vivências destes jovens no que se refere aos projetos futuros e o modo como projetam suas expressões diante da vida, isto é, eles diferentemente dos jovens pesquisados por Melucci (1997) que vivem o presente e o futuro de

maneira imediata, o aqui e agora, porque futuro é hoje, e não há mais tempo a perder, apostam através de seus projetos num futuro mais esperançoso, depositando significados produzidos pela ação coletiva e as relações que estabelecem com a educação e o trabalho.

Como alerta Marlatt (2005. p.324), “Muitas vezes os pesquisadores e as lideranças investem na juventude expectativas de mudanças extraídas de outros contextos, que não condizem com a trajetória histórico-cultural do país, nem com os incentivos e condições abertas à sua participação”. Abramo (1997) é outra autora que comenta sobre esse dilema social. Segundo ela, a juventude geralmente aparece como um problema social, uma fase difícil, perturbadora e turbulenta da vida, em função dos sentimentos que desencadeia: transgressão e rebeldia.

O depoimento de um jovem demonstra sua visão em relação à existência de pontos negativos da condição juvenil atual, certa forma demonstra a existência dessa visão estereotipada de juventude, a qual é caracterizada por uma “falsa felicidade”, baseada no consumo, na imagem estética do ser humano e pelo uso de drogas. Por outro lado, sua própria percepção de vida, de valores, de felicidade, vai ao encontro da crítica formulada pelos autores mencionados acima, que tratam de reconhecer os jovens como agentes também de transformação social, que intervêm na realidade através de suas ações, como sugere o depoimento do jovem:

*Meus amigos são jovens e vejo que o pessoal não se importa mais com o próximo, não se importa mais com a vida, até com a própria vida, eles tem uma falsa felicidade. As pessoas não sabem qual é a felicidade verdadeira. Eu vejo que muito poucos pensam iguais a mim, acham que a felicidade é o carro do ano, é uma mulher bonita, é superficial, isso é uma falsa visão da felicidade. Felicidade mesmo é você ter quem amar, que muitas pessoas não têm quem amar e acabam se odiando. Eu acho que devemos fazer o bem, tentar sempre evitar brigas, tentar sempre aproveitar a vida, pra que se preocupar tanto? A vida é tão curta! É preciso aceitar a sua situação, sempre tentando melhorar, mas aceitando a sua situação. Eles não pensam no futuro e ao mesmo tempo pensam muito no presente. Deveriam pensar um pouquinho mais no futuro e aproveitar melhor o presente. Uma pessoa que sai na balada e usa droga, fuma maconha, não é uma pessoa que está se divertindo. É uma pessoa que está com uma falsa felicidade, está querendo se esconder atrás disso, porque é vazia, não consegue conversar, então eu acho que o problema da juventude é essa falta de conhecimento sobre a verdadeira felicidade.(Jovem Guarda-vidas).*

*Eu acho que o mundo precisa de mais amor, mais paciência, mais fraternidade, as pessoas deveriam se amar mais, se respeitar mais (Educatória de escoteiros e dançarina religiosa).*

Dayrel e Gomes abordam em seu texto “A juventude no Brasil”<sup>77</sup>, que aqui neste país, o jovem nunca é levado a sério, encarado, muitas vezes, como um sujeito que passa por uma fase de transitoriedade, que se manifesta por uma negatividade. Scheinvar e Carrano (2005) dizem que são concepções instaladas dentro de modelos institucionalizados e universais que não abrem espaços para novas práticas, para oportunidades e possibilidades. É nesse sentido que este trabalho caminha dar visibilidade às trajetórias juvenis, contribuir para seu reconhecimento e, ao mesmo tempo, revelar seus sonhos e projetos. Assim, se observa semelhantemente com o lazer e suas ações coletivas em grupos, que os projetos e sonhos de todos se relacionam diretamente com a educação e trabalho, construir uma família e viajar:

*Meu pai costuma dizer que a gente tem sempre de mirar no sol porque caso você erre, vai estar entre as estrelas. Meu objetivo primeiro é profissional, claro. Terminar a graduação, fazer o mestrado, especialização em matemática, depois continuar um doutorado, enquanto isso construir uma família, casar, ter filhos só depois, perto de me aposentar, porque eu quero criar meus filhos (jovem bombeira).*

*Eu quero terminar a faculdade, ver se eu consigo trabalhar como professora, e também ano que vem eu e meu namorado estamos pensando em adquirir aqueles consórcios da Caixa. Nós queremos um investimento, queremos nos casar, ficar noivos, mas não adianta morar de aluguel, porque o preço que se paga no aluguel dá para comprar uma casa. Agora eu vou fazer minha carteira para parar com o sofrimento de ter que ficar pegando ônibus e futuramente estar com a minha moto. Estou usando emprestada a do meu namorado (Jovem catequista).*

*Eu tenho meus projetos profissionais e pessoais. Tenho o sonho de ser mãe e também o objetivo de conhecer muitos lugares do Brasil. Eu sou apaixonada por Fernando de Noronha, por Fortaleza. O Brasil tem muitas riquezas e eu adoraria, é um dos meus projetos de vida ter a oportunidade de conhecer muitos lugares do Brasil. Casar é um projeto que já está encaminhado (Educadora de escoteiros e dançarina religiosa).*

Nesse sentido, cabe aqui enfatizar que os estudos sobre juventude que contemplam a singularidade dos vários segmentos juvenis, nos diversos espaços em atuação, se tornam cada vez mais importantes, pois contribuem, principalmente, para o reconhecimento das ações sociais que estão sendo desenvolvidas pelos jovens, ações por melhores condições de vida, de solidariedade, sentimentos fraternos, etc. Ao mesmo tempo, conquista por mais autonomia, reconhecimento de si mesmo nos contextos sociais coletivos que estão relacionados às suas

---

<sup>77</sup> Este texto está publicado na home page da Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Educação, núcleo Observatório da Juventude. O texto de autoria de Dayrel e Gomes não traz referência quanto ao ano de publicação e não contém números de páginas.

demandas pessoais, educacionais, profissionais. A busca também se configura no sentido de ganhar mais visibilidade no seu agir coletivo, estabelecer interação entre educação, trabalho e ações coletivas. Desta forma, buscar alternativas para solucionar ou minimizar as dificuldades encontradas e dar sentido às múltiplas construções identitárias nos tipos e estilos de vida, nos seus modos de ser e de se fazer dentro de uma diversidade, marca da principal característica da juventude. Não deixando de apontar que nesta diversidade há muitos conflitos e contradições, que ora os jovens contribuem para manter a ordem vigente, ora são agentes de transformação da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações que aqui serão registradas não constituem efeitos conclusivos, mas algumas inferências realizadas a partir do material levantado ao longo deste estudo. Em primeiro lugar, é necessário falar que em função das mudanças que ocorrem nos territórios sociais, culturais, econômicos, políticos e informacionais, no mundo dito globalizado, se caracterizam pela imprevisibilidade, provisoriedade, impermanência, fluxo contínuo de informações que se transformam e se reformulam em velocidade incalculável. Estas transformações são responsáveis pelo surgimento de novos modos de viver, novos costumes e motivos que nos levam a discutir o assunto identidade, hoje.

Conforme o jovem, inserido nesse contexto, apresenta-se como um sujeito com características identitárias fluídas, cambiantes. No que se considerou importante para discutir o processo de construção das identidades, percebe-se a relevância na categoria tempo, quando trata do assunto juventude, principalmente porque permite compreender como esse está organizado em nossa cultura. Neste sentido, passa a se constituir um aspecto favorável para o desenvolvimento das investigações, um campo relevante e contraditório da identidade desses sujeitos. Assim, essa dimensão assumiu caráter importante para discutir a construção das identidades juvenis, pois os significados produzidos pelas experiências dos jovens sujeitos desta pesquisa mostraram-se invadidas pelas transformações sociais e repletas de conflitos, contradições. Conforme Melucci (1997, p.7) “A juventude que se situa, biológica e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa um ator crucial, interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um de seus dilemas conflituais básicos”.

Tempo que manifesta nesta sociedade complexa e, portanto, constituída pelos sistemas de informação em redes de alta densidade, contempla por um lado a autonomia da ação dos sujeitos, mas por outro, controla e regula sistemicamente a produção dos significados da sua ação. Ao mesmo tempo em que é exigido do sujeito mais autonomia de ação e criação que pode ser conquistada através da aprendizagem para saber resolver problemas, a produção dos sentidos e significados dessa ação é auto-regulada e controlada (MELUCCI, 1997). O autor entende que esse tempo é o tempo das experiências vividas, um tempo de socialização, mas que se configura num processo árduo porque requer do sujeito uma atualização e capacitação constantes, tanto em recursos cognitivos, quanto em cultura e bens materiais. Portanto, essas colocações de Melucci se diferem dos resultados apresentados neste estudo, uma vez que, os

processos identitários, que experimentam esses jovens que participaram desta investigação, colocam em jogo essas relações do presente, que se relaciona com um futuro imediato porque o futuro é hoje e hoje já não há mais tempo a perder. Estes resultados vêm contribuir para a desmistificação de pré-conceitos elaborados sobre juventude, condição social, muitas vezes, reconhecida negativamente, ao mesmo tempo em que são resgatadas as singularidades das experiências juvenis como necessárias no sentido de (des) construir visões que projetam à juventude imagens sob a marca do preconceito e da discriminação, estereotipadas no senso comum e no poder público. Estas imagens acabam por dificultar a construção da identidade juvenil, desestimulam a multiplicidade de expressões juvenis, depositam ansiedades, esperanças e expectativas fora de um contexto atual e, por conseguinte, afetam diretamente o processo de construção de suas identidades. Nesta perspectiva reafirma-se que a investigação ora realizada vem contribuir para desmistificar algumas abordagens teóricas que cristalizam as experiências juvenis, apresentando categorias que explicam os sentidos das vivências destes jovens no que se refere aos projetos futuros e o modo como projetam suas expressões diante da vida, isto é, eles diferentemente dos jovens pesquisados por Melucci (1997) que vivem o presente e o futuro de maneira imediata, o aqui e agora, apostam através de seus projetos num futuro mais esperançoso, depositando significados produzidos pela ação coletiva e as relações que estabelecem com a educação e o trabalho.

Constatou-se, ainda, que esse processo vivido pelos jovens se desencadeia num tempo preenchido não sem grandes ansiedades, expectativas, angústias e alegrias, em busca de realizações de seus projetos de vida. Portanto, esses sujeitos inserem-se num movimento que é contínuo, ininterrupto e inconcluso, existente na construção em busca do seu “eu” da identidade, num tempo que se dilui. Nesse sentido, entende-se a importância dos atos de fala na construção da identidade do sujeito, pois é por meio desses que ele pode compreender a vida através de conexões que estabelece com outros sujeitos, numa rede que se relaciona e que possibilita a construção e reconstrução identitária relacionada com os acontecimentos e fatos ao longo de sua história, da história da cultura, do tempo e do espaço.

Este movimento o leva a empenhar-se criticamente num campo de batalha porque desafios e conflitos se situam neste tempo, um tempo presente que contempla desafios como nunca vistos antes, o que por vezes provoca rompimentos na construção identitária. No entanto, como constatou esta pesquisa, em muitas ocasiões, as expectativas depositadas pelos jovens em relação às suas conquistas educacionais e profissionais nem sempre se realizam com sucesso e acabam por frustrá-los, seja em relação às decepções com os ensinamentos escolares que não atingem essas expectativas, em relação à posição que pretendem exercer em

função da formação universitária, à (des) conexão presente entre ensinamentos e a ação prática desses nos espaços de trabalho formal, à falta de reconhecimento por parte da instituição educacional em referência às suas experiências de trabalho e em grupos.

Nas conexões entre a escolaridade e os modos de trabalho realizados pelos pais dos jovens pesquisados, percebe-se o vínculo profundo existente na relação educação e trabalho: quanto menos escolaridade, conseqüentemente menor chances de alcançar melhores postos de trabalho, como demonstram os resultados dessa pesquisa. No entanto, não parece ser destino desses jovens, como seus pais, todos freqüentam o curso universitário revelando que se movimentam e desejam melhores condições de vida e posições na sociedade. É possível dizer que suas ações se direcionam na busca sentido para a possibilidade de transformação, escolhas que fazem das necessidades que sentem, envolvendo-se com responsabilidade nas atividades em que estão envolvidos.

Assim, muitos desses jovens acabam atuando profissionalmente em áreas que diferem de suas formações educacionais, bem como apresentam um desencanto em relação à formação de pedagogo em função desses problemas. Também pela falta de valorização que a sociedade atribui ao ofício de ser professor. Pais (2005), autor que marcou presença constante neste estudo sobre juventude, trabalho e educação, aos jovens é dada a premissa de que a educação é sinônimo para conquista de melhores oportunidades de vida, levando ao sucesso profissional, mas os resultados nem sempre atingem essas expectativas em função dos diversificados e divergentes capitais culturais herdados pelos jovens. Dessa forma, pode-se afirmar que para esses jovens participantes da pesquisa, o trabalho, a educação e a participação em ações coletivas são condições inerentes à vida deles. Em seus depoimentos, eles relacionam de modo direto a formação universitária com os trabalhos, tanto no setor formal quanto no seu agir em grupos coletivos, todavia essa relação apresenta-se na maioria das vezes como um campo tenso, minado de obstáculos, que por vezes parecem intransponíveis, principalmente, porque não são atendidos em suas demandas.

Suas expectativas, sonhos e projetos são nitidamente associados à educação e ao trabalho, e o lazer é preenchido especialmente nas horas que se dedicam às ações em grupos, as quais significam de modo especial suas identidades coletivas e por que não dizer sua existência. Esse foi um aspecto que se considera positivo no processo de construção das identidades coletivas desses jovens. Dessa forma, o modo como o jovem vai atribuindo significado ao mundo através das relações que constrói com seus pares, vai construindo suas identidades, vai significando sua existência, sua identidade social. Sugere-se que essa construção vai se processando num curso indeterminado, o qual vai adicionando uma

“bagagem”, pouco a pouco, seja por meio de experiências positivas ou negativas, mas que na sua totalidade, isto é, na junção delas, origina uma teia que produz significados. Conforme Melucci (2004) esse processo, que implica sempre em uma continuidade, poderia ser concebido como *identização*.

Portanto, eles depositam suas esperanças na educação para realizarem seus desejos mais profundos. Eles atribuem ao trabalho sentido de necessidade para sobrevivência, mas também de conquista de cidadania, dignidade, auto-realização, reconhecimento, compaixão humana, expansão e de existência. A falta de trabalho se constitui numas das piores experiências vividas e sentidas pelos jovens sujeitos dessa pesquisa ao afirmarem já passar por situações dessa ordem ou como se sentiriam caso viessem a se confrontar com esse problema. O desemprego se situa num nível tão alto de exclusão que é considerado mais maléfico que o emprego desvalorizado e o subemprego.

No entanto, constatou-se que a situação se agrava quando se constata os dados sobre situações de desemprego, de empregos não formais situados na esfera da informalidade, das jornadas exaustivas que demandam esforços gigantescos, para além da sobrevivência, no sentido de necessidade, para pagarem seus estudos universitários. São trajetórias que colocam em jogo muitos desafios afetando diretamente o processo de construção de suas identidades, ao se depararem com a afirmação/negação de suas buscas e expectativas na construção de suas identidades.

Nesta expectativa, esses jovens buscam o reconhecimento, a identificação de si, a diferença, a singularidade do seu “eu”, não condicionado ao outro, mas diferente a partir do outro, um jovem inédito, com capacidade de auto-criação e recriação. Por isso, os jovens insistem e persistem em serem aceitos, porém, muitas vezes, acabam por não serem reconhecidos por muitos segmentos sociais de idades mais avançadas. Esses jovens demonstram que são atingidos nas suas construções identitárias, influenciados pela demanda capitalista emergente caracterizada pela sociedade de consumo. Portanto, grande parte dos jovens da pesquisa relaciona diretamente seu tempo de lazer com as ações que partilham em grupo, até mesmo porque é nesse tempo que alguns deles se inserem nesses espaços coletivos que pertencem. Muitas vezes, se observa o termo “diversão” ganhar sentido de compromisso e responsabilidade. A escassez de tempo é responsável por não realizarem outras atividades de lazer.

Nesse sentido, a vontade de ter tudo o que tem sido e será produzido no mundo globalizado, passa pela necessidade, mas também por fanatismos que movem, deslocam muito desses sujeitos em busca de supérfluos, na verdade, preenchem um vazio, uma lacuna

existente, ao mesmo tempo causa confusão, que não deixa se ser provocada pela crise de identidade que se revela nas indecisões constantes e se apresenta nos olhares desafiantes, desafiados. Na realidade, é uma forma de pressão pela sociedade que exerce-se no silêncio, compreendida como um anúncio da falta de melhores perspectivas, de oportunidades. Esses desafios provêm e relacionam-se, principalmente, com a escolha e formação da identidade profissional, uma construção identitária muito importante que se define no campo educacional e profissional. Esse argumento percebe-se através dos resultados dessa pesquisa.

Mesmo assim, acredita-se que ainda que atuem como docentes em instituições de ensino formal, muitos desses jovens não conseguem empregar de modo prático e com coerência os ensinamentos que recebem no curso de Pedagogia nas suas ações docentes (distância entre teoria e prática), salvo através de algumas disciplinas. E essas, quando aparecem em suas falas, retratam-se como desintegradas das outras, como se fossem únicas. Apenas um jovem afirmou com precisão que consegue relacionar educação e trabalho, já outros com imprecisão e indiferença. Isso denota um relacionamento insatisfatório caracterizado por uma falha no processo de ensino e aprendizagem, provocando um abscesso, uma ferida no centro do processo educativo, mais exatamente na dificuldade de por em prática os conteúdos teóricos, o que implica diretamente na concepção de ensino instrumental e aprendizagem desajustada como pode se perceber:

Nota-se também que esse conflito identitário provoca problemas nas relações sociais entre o mundo jovem e o mundo adulto, ocasionando aquilo que se poderia chamar de solapamento de relações sociais, que distancia esses mundos entre si. As crises de identidades sempre são referidas aos jovens, mas na verdade, são assim atribuídas pelas incompreensões diante da realidade juvenil, quando se expressam são ocasionadas geralmente em função da falta de oportunidades e dificuldades de inserção no campo profissional, desigualdade de oportunidades e conflitos gerados pela falta de reconhecimento de si pelos outros.

Não se têm dúvidas, os resultados apontados nesta investigação mostram a influência do trabalho e da educação como condicionantes na construção das identidades sociais juvenis, os territórios escolares e profissionais, o trabalho, o emprego e a formação e o pertencimento à grupos são esferas consideradas legítimas e pertinentes para a construção de categorias sociais, porque são responsáveis pelo modo como os atores se identificam e são identificados socialmente. No entanto, a juventude é uma das únicas culturas que se expressa pela resistência aos enfrentamentos em situações conflituosas. Assim, estes jovens vão em busca de seus objetivos e constroem suas identidades pessoais, profissionais e coletivas no enfrentamento, na luta que se trava no cotidiano de cada um, de cada eu múltiplo.

Assim, são movidos e também demonstram seus “laços” de comprometimento com as experiências que desenvolvem, tanto numa dimensão subjetiva de representação emocional, como numa dimensão racional, esta que proporciona a objetividade das ações que os atores colocam em prática, por isso as tornam reais. Outra demonstração de ação comprometida com o grupo é apresentada na fala de uma jovem que exerce trabalho parcialmente voluntário, porque é recompensada com uma bolsa escolar universitária que cobre parcialmente sua mensalidade escolar. Realiza essa ação inserida em um grupo de voluntários numa escola aberta do município em que reside. No entanto, percebe que o tempo em que presta esse serviço remunerado, não é suficiente para suprir as necessidades humanas que demanda esta escola, e assim, doa parte de seu tempo para colaborar com os outros integrantes do grupo, na concretização e realização de ações. Estas ações de certa forma beneficiam os sujeitos que chegam neste espaço para aprender e dispor dos vários cursos, modalidades e atividades ofertadas.

Concluindo, poder-se-ia dizer que os jovens mais velhos (as), estudantes formandos e trabalhadores ou não, participantes dessa investigação do curso de pedagogia, que fizeram parte da primeira etapa do estudo, apresentam uma postura caracterizada, como condição juvenil contemporânea, que reflete mais uma ação adaptativa em sua maioria, poderia se dizer um estado de conformação perante as questões sociais, com rasgos e fragmentos de incompletude. Essa não referente ao processo de construção identitária, pois essa não se esgota, é contínuo, mas referente às críticas que elaboram sobre as expectativas falhas que os acometem na relação entre as experiências de educação e trabalho que aparecem desconectadas da realidade social, implicando uma formação educacional e formação profissional desprovida de uma visão relacional de sociedade, sem deixar de considerar que são sujeitos construtores de suas identidades através das experiências proporcionadas pelas relações sociais.

Já os jovens que participaram da segunda etapa da pesquisa com idades entre 19 a 23 anos que participam de grupos coletivos, apresentam-se mais abertos e reflexivos em relação aos processos sociais. Em seus depoimentos, suas experiências demonstram que possuem uma visão mais integrada e abrangente a respeito da realidade social, da vida, significando de modo especial suas experiências que demonstram acima de tudo que possuem capacidade para se auto-definirem, não apenas por si próprios, mas também pelos outros, seus pares. Portanto, são sujeitos que percebem a si, possuem entendimento sobre suas vidas, suas vivências e por isso são capazes de expressarem-se através de seus modos de estar no mundo, de suas atitudes de ação, interesses e valores. É através dessas expressões e formas de agir que

eles vão construindo suas identidades individuais, profissionais e coletivas, pelas escolhas que fazem. Isso dá sentido ao ser, ao agir, ao ir-se construindo nesse processo infindável que é a vida.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena (org.). BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

\_\_\_\_\_. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena (org.); BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

\_\_\_\_\_, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED. Número Especial, n. 5 e 6, 1997.

ALBORNOS, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ALMEIDA, Maria Izabel Mendes. Afetos, Corpos e Olhares: Dois Exercícios em Torno de Novas Dinâmicas Subjetivas nas Culturas Jovens Contemporâneas. In: **Cadernos Adenauer VIII (2007)**, nº2. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, agosto 2007.

ARAÚJO & SCALON. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO & SCALON (Orgs.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, Vozes, 2000, 2002.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. **Tempo Social**, Nov.2007, vol.17, no.2, p.11-33. ISSN 0103-2070.

BAUMAN. Zygmunt. **IDENTIDADE**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Trabalho e Identidade em tempos Sobrios: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORBA, FERRI, HOSTINS. Formação Continuada de Professores Universitários: alguns enfrentamentos necessários. In: **Contrapontos**. Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, vol. 4, n.2, pp. 249-258, maio/ago. Itajaí: UNIVALI Ed, maio/ago. 2004.

BRANCO, Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena (org.); BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação/Inep. O desafio do Ensino Médio. In: **Qualidade da Educação: Uma Nova Leitura do Desempenho dos Estudantes da 3ª Série do Ensino Médio**. Brasília, janeiro/ 2004.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Estudantes Universitários. In: SPOSITO, Marília P.(coord). **Juventude: Estado do Conhecimento**. São Paulo, 2000. Texto disponível hemepage [HTTP//WWW.acaoeducativa.org](http://www.acaoeducativa.org).

\_\_\_\_\_. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASTRO, Mary et alii. **Cultivando vida, desarmando violências: experiências em lazer, cultura, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza**. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellog, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

CHAVES, Junior. Educação, formação e empregabilidade: algumas questões e opções para combater o desemprego juvenil. In: **Desemprego Juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais**. Organização Internacional do Trabalho. 2.ed. Brasília: OIT, 2001.

CLAVERO, José O. Enriquez. **Educacion superior: tendências y desafios**. Educacion Médica, 2005; 8 (4): 6-10.

CORROCHANO, Maria Carla & NAKANO, Marilena. **Jovens, Mundo do Trabalho e Escola**. In: SPOSITO, Marília P. (coord). **Juventude: Estado do Conhecimento**. São Paulo, 2000. Texto disponível hemepage [HTTP//WWW.acaoeducativa.org](http://www.acaoeducativa.org).

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. GOMES, Nilma. **A Juventude no Brasil. Belo Horizonte**. Disponível em <[HTTP://www.fae.ufmg.br/objjuventude](http://www.fae.ufmg.br/objjuventude). Acessado em: 11/03/2005.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo, Cortez, 2000.

DIEESE. **Anuário dos Trabalhadores: 2006**. 7ª. ed. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. São Paulo, 2005.

DOMINGUES, Maria Isabel. **Los movimientos sociales y lá acción juvenil: apuntes para un debate**. Soc. estado., jan./apr. 2006, vol. 21, n. 1, p.67-83. ISSN 0102-6992

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Organizado por Michael Schröter; tradução, Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAZENDA, I (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 2.ed. aum. São Paulo: Cortez, 1991.

FLORES, Cláudia Regina. Abordagem histórico na educação. In: **Contrapontos**. Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí, ano 2. n.6, set/dez. 2001.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília, 2ª Ed: Liber Livro, 2005.

FREITAS, Perci de. **O Processo de Ensino- Aprendizagem nos Cursos de Direito: A prática sistêmica**. Florianópolis, 2006. (Tese Dr. Eng.) Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pos-Graduação em Engenharia da Produção.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Regina Novaes e Paulo Vannuchi (orgs.). São Paulo: Editora: Fundação Perseu Abramo, 2004.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Souza. Comportamento dos professores da educação básica na busca da informação para formação continuada. **Ci. Inf.**, Brasília, v.32, n.3, 2003. Disponível em [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652003000300007&lng=&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000300007&lng=&nrm=iso). Acesso em: 07 2006. doi: 10.1590/S0100-19652003000300007.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002.

GIL, Carmem Zeli Vargas. VIEIRA, Nara. STECANELA, Nilda. FISCHER, Nilton Bueno. SALVA, Sueli. **Por uma política de direitos na educação. Democracia Viva**, n.30 jan/mar, 2006. Disponível em < [http://www.ibase.br/pubibase/media/ibasetnet\\_dv30\\_artigo2.pdf](http://www.ibase.br/pubibase/media/ibasetnet_dv30_artigo2.pdf). Acesso em 20/10/07.

GIMENEZ, Susana Vasconcelos. Trabalho e a Educação do Trabalhador: Desafios Atuais. In: **Trabalho, Educação e Formação Humana**. MAGALHÃES, Belmira & BERTOLDO, Edna (Orgs.). Maceió: Edufal/ppge/cedu, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena (org.); BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

JUVENTUDE BRASILEIRA E DEMOCRACIA – Participação, Esferas e Políticas Públicas – Relatório Final – novembro, 2005. Disponível em: <<[http://www.polis.org.br/obras/arquivo\\_238.pdf](http://www.polis.org.br/obras/arquivo_238.pdf)>> Acesso em 20 de julho 2007.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da Ciência e Prática da Pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LA MENDOLA, Salvatore. **O sentido do risco**. Tempo Soc., Nov, 2005, vol.17, no.2, p.59-91. ISSN 0103-2070

LARA, Xico. **Trabalho, Educação, Cidadania: reflexões a partir de educação entre trabalhadores**. Rio de Janeiro: CAPINA/CERIS/MAUAD, 2003.

LAVILLE, C. & DIONNE, J. A pesquisa em ciências humanas. In.: \_\_\_\_\_. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEITÃO, Cleide Figueiredo. BUSCANDO CAMINHOS NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO/AUTOFORMAÇÃO. **Revista Brasileira de Educação**, set-out-nov-dez, número 27, pp. 25-39. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, 2004.

LEITE, Elenice. Educação, Trabalho e Desenvolvimento: o resgate da qualificação. **Em Aberto**, Brasília, ano 15, n.65, jan./mar. 2000.

LIBANIO, J. B. **Jovens em Tempo de Pós-Modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Socioconstrucionismo: Discurso e Identidade Social. IN: **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Luiz Paulo da Moita Lopes, (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

MARLAT, Beatriz Carlinni. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: ABRAMO, Helena (org.); BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

MELUCCI, Alberto. **O Jogo do Eu. A mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

\_\_\_\_\_. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: **Revista Brasileira de Educação**- ANPED – Juventude e Contemporaneidade. n. 5 e 6 , 1997, pp. 5-14.

\_\_\_\_\_. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2001

\_\_\_\_\_. **Challenging Codes: collective action in the information age**. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1996.

NICOLESCU, Basarab. A prática da transdisciplinaridade. In: **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: Unesco, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Construir**. Disponível em <[http://www.pensador.info/frase/NTA1NzU/ninguem\\_pode\\_construir\\_perguntas\\_segue-o/aceso](http://www.pensador.info/frase/NTA1NzU/ninguem_pode_construir_perguntas_segue-o/aceso)> em 20/10/07.

NISKIER, Arnaldo. **Educação, estágio & Trabalho**. São Paulo: Integrare, 2006.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, Helena (org.); BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

OLIVEIRA, Oris de. **Trabalho e Profissionalização do Jovem**. São Paulo, LTR, 2004.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). **A OIT e o Emprego de Jovens**. Disponível em [http://www.iotbrasil.org.br/prgativ/prg\\_esp/emp\\_form\\_jov.php](http://www.iotbrasil.org.br/prgativ/prg_esp/emp_form_jov.php) >>acesso em 20/10/06.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico-prático**. 6 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

PAIS, José Machado. **Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Ambar, 2005.

\_\_\_\_\_. Cotidiano e Reflexividade. **Educ. Soc.**, Jan./ Apr. 2007, vol. 28, nº 98, p.23-46. ISSN 0101 – 7330.

PETTERS, Luciane Carmem Figueredo. **Juventude, Trabalho e Educação: Um estudo com jovens do Ensino Médio Noturno no Município de Penha/SC**. Universidade do Vale do Itajaí – Programa Integrado de Pós-Graduação e graduação da Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

PIMENTA, Melissa Matos. **Rester enfant, devenir adult: la cohabitation des étudiants chez leurs parents**. Tempo Soc., nov.2007, vol.17, no.2,p.400-404. ISSN 01032070.

PIRIZ, Patrícia; LOPEZ, Pablo; BRUM, Valéria Ramos. Género y juventudes: construyendo ciudadanía. Espacio Salud (organización no gubernamental), Uruguay. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**. ST1 Gênero e Juventude. Disponível em: [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Brum-Lopez-Piriz\\_01.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Brum-Lopez-Piriz_01.pdf) >>acesso em 01/03/07.

POCHMANN, Márcio. Emprego e Desemprego Juvenil no Brasil: As transformações nos anos 90. In: **Desemprego Juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais**. Organização Internacional do Trabalho. 2.ed. Brasília: OIT, 2001.

\_\_\_\_\_. Educação, Trabalho e Juventude: o dilema brasileiro e a experiência da prefeitura de São Paulo. In: Abdala E.; Jacinto C.; Solla, A. (org.) **La Inclusión Laboral de los Jóvenes: entre la desesperanza y la contrucción coletiva**. Montevideo: CINTERFOR/OIT.

2005.Disponível em <http://www.cinterfor.org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/publ/inclus/pdf/pochmann.pdf>>. Acesso em mar. 2006.

\_\_\_\_\_. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Regina Novaes e Paulo Vannuchi (orgs.). São Paulo: Editora: Fundação Perseu Abramo, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, CPDOC, 1992, pp.200-212.

PROJETO JUVENTUDE. **Instituto Cidadania**.– Documento de Conclusão – Versão Final. São Paulo, dezembro de 2004.

RAITZ, Tânia Regina. **Jovens, trabalho e educação: redes de significados dos processos identitários na ilha de Santa Catarina**. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003. (Tese de Doutorado).

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de Pesquisa**. Rio do Sul – SC: Nova Era, 2006.

ROLLEMBERG, Ana Tereza Vieira Machado. História de vida de duas professoras: narrativas como instrumento de construção da identidade profissional. IN: **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Luiz Paulo da Moita Lopes, (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

SACRISTÁN. José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: ARTMED S. A. 2003.

SCHEINVAR, Estela y CARRANO, Pualo César. Aproximaciones a los jóvenes en Brasil: Una mirada panorámica. **Revista de Estudios sobre Juventud**. Edición: año 9, núm. 22 . México, DF, enero-junio 2005, pp. 6-9.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Hall, Stuart; Woodward, Kathryn. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SINGER, Paul. A Juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena (org.); BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena (org.); BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

UNESCO: Documento de política para el cambio y el desarrollo en la educación superior. Resumen ejecutivo. En: **La educación superior como responsabilidad de todos**. Ed. Jose Wainer. CRESALC/ UNESCO. 1996.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. **Um Olhar sobre a UNIVALI**. Centro de Educação de Ciências Humanas e da Comunicação. Curso de Pedagogia. Itajaí/SC, 2003/II.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. **DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS UNIVALI**. Curso de Pedagogia . Itajaí, 2004.

VILLELA, Elisabeth Caldeira. SILVA, Sônia Smaniotto Gambeta. Marcos da. Dimensões temporais: incidência na saúde e no trabalho dos profissionais. In: **Educação e Trabalho: itinerários de pesquisa**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WIKIPÉDIA. **Enciclopédia Livre**. Disponível em <<  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal). Acesso em 22/03/07.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1 - AUTORIZAÇÃO

A Coordenação do Programa de Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade do Vale do Itajaí – Univali –Campus Itajaí - autoriza a realização da pesquisa com o título: **JUVENTUDE E IDENTIDADES PROFISSIONAIS EM TEMPOS DE INCERTEZAS:** Um estudo sobre a construção de identidades e as percepções dos jovens universitários (as) do curso de Pedagogia sobre educação e trabalho, a ser realizado pela mestranda LUCIANE CARMEM FIGUEREDO PETTERS, sob orientação da Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> TÂNIA REGINA RAITZ. Durante o desenvolvimento da pesquisa, a acadêmica e sua orientadora estão autorizadas a freqüentar a instituição para a realização da coleta de dados. Os horários e organização da coleta serão negociados previamente com a coordenação e os professores responsáveis pelos jovens estudantes universitários (as) do curso de Pedagogia. Todos os dados coletados e o nome da instituição serão mantidos em sigilo e utilizados somente para os objetivos desta pesquisa. A acadêmica e a sua orientadora estarão disponíveis para esclarecimentos de dúvidas a respeito da pesquisa, sempre que for necessário.

**Mestranda: Luciane Carmem Figueredo Petters** (47) 99839111 / (47) 33450436

**Orientadora Prof. <sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Raitz** (48) 84085043/ (47) 33417516 sub ramal 8010

**Local de pesquisa:** Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI

**Validade desta autorização:** Setembro de 2007 a Março de 2008.

Itajaí, 16 de agosto de 2007

---

Responsável pela instituição

## ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_,  
 idade: \_\_\_\_\_ anos, sexo: \_\_\_\_\_, endereço: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_, fui esclarecido sobre o trabalho intitulado:

“JUVENTUDE E IDENTIDADES PROFISSIONAIS EM TEMPOS DE INCERTEZAS: Um estudo sobre a construção de identidades e as percepções dos jovens universitários (as) do curso de Pedagogia sobre educação e trabalho”, a ser desenvolvido pela mestranda do curso de Mestrado Acadêmico em Educação, LUCIANE CARMEM FIGUEREDO PETTERS, sob orientação da Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> TÂNIA REGINA RAITZ.. Estou ciente que, ao consentir em participar deste estudo, terei de responder a questionários e entrevistas sobre as minhas percepções e experiências em relação às contribuições da Educação Superior para a minha inserção profissional e permanência no mercado de trabalho de modo especificar os sentidos que atribuo ao trabalho e educação, as experiências que vivencio e vivenciei na relação trabalho-educação, as influências do casamento na minha educação e no meu trabalho, as minhas responsabilidades familiares frente a minha vida, como percebo as relações de gênero, as atitudes dos empregadores em me contratar para atuação no mercado de trabalho e como os programas existentes na instituição UNIVALI incentivam e oportunizam minha inserção ocupacional no mercado de trabalho. Por se constituir num estudo de caráter puramente científico, meus dados pessoais serão mantidos em anonimato e os dados das entrevistas e questionários só serão utilizados para os propósitos deste estudo. Se, em qualquer momento, me sentir desconfortável com as questões poderei retirar este consentimento. Fui esclarecido (a) também que no momento em que eu precisar de maiores informações sobre esta pesquisa, mesmo após sua publicação, poderei obtê-las entrando em contato com a pesquisadora ou sua orientadora. Sendo minha participação totalmente voluntária, estou ciente de que não terei direito à remuneração.

Itajaí, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007.

Assinatura (de acordo): \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador: \_\_\_\_\_ Programa de Mestrado em  
Educação

UNIVALI – 3341-7516

Pesquisadora: Luciane Carmem Figueredo Petters

Travessa: Lauro Pinto Ferreira, nº. 12 AP. 11 – Centro – Balneário Piçarras/SC.

Cep: 88380 000

Telefones: (47) 33450436 ou (47) 99839111

Orientadora da Pesquisa: Prof<sup>a</sup>.Dra. Tânia Regina Raitz

Rua: Uruguai, nº. 458 – Bloco 29 - Mestrado em Educação

Centro – Itajaí/SC – Telefone: (47) 3341 7516

**ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO**

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**PESQUISADORA: LUCIANE CARMEM FIGUEREDO PETTERS**

ORIENTADORA: Dra. TÂNIA REGINA RAITZ

**QUESTIONÁRIO A SER REALIZADO COM JOVENS UNIVERSITÁRIAS (OS)  
DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVALI**

1. Data de aplicação do questionário: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

2. Local da entrevista (residência, trabalho ou outro local): \_\_\_\_\_

3. Nome do entrevistado:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Local de residência:

Estado civil:

Sexo: feminino ( ) masculino ( )

Situação atual de moradia : ( ) mora sozinho ( ) mora com a família

( ) mora com o cônjuge ( ) mora com o cônjuge e com os pais ou sogros

4. Qual sua escolaridade? (*registrar sua última situação*)

5. Atualmente você está trabalhando?

( ) Sim ( ) Não ( ) nunca trabalhou

( ) nunca procurou trabalho ( ) já trabalhou e está desempregado

6. Se está trabalhando, qual sua situação de trabalho?

- ( ) por conta própria temporário
- ( ) por conta própria regular
- ( ) trabalho remunerado exercido regularmente
- ( ) trabalho remunerado informal , não procurando trabalho diferente do atual
- ( ) negócio familiar
- ( ) servidor público
- ( ) dono do próprio negócio
- ( ) membro de associação . Qual? \_\_\_\_\_
- ( ) assalariado com carteira assinada
- ( ) assalariado sem carteira assinada
- ( ) faz bicos, trabalhador eventual
- ( ) empregado doméstico
- ( ) auxiliar de família sem remuneração fixa
- ( ) trabalho voluntário? Qual? \_\_\_\_\_
- ( ) faz parte de cooperativa. Qual? \_\_\_\_\_
- ( ) outra situação. Qual? \_\_\_\_\_

7. Qual ocupação você exerce no trabalho? \_\_\_\_\_

8. Há quanto tempo você trabalha? \_\_\_\_\_

9. Está trabalhando na área \_\_\_\_\_

10. Local de Trabalho \_\_\_\_\_

11. Os conhecimentos de sua aprendizagem no curso de Pedagogia estão sendo aplicados em seu trabalho?

---

---

---

---

---

---

---





18. Qual sua renda?

- menos de um salário mínimo
- de 1 a 2 salários mínimos
- de 2 a 3 salários mínimos
- de 3 a 4 salários mínimos
- de 4 a 5 salários mínimos
- 5 ou mais

19. Se mora com a família, quanto é a renda total que possuem?

- menos de um salário mínimo
- de 1 a 2 salários mínimos
- de 2 a 3 salários mínimos
- de 3 a 4 salários mínimos
- de 4 a 5 salários mínimos
- 5 ou mais

20. Contando com você, quantas pessoas moram neste domicílio?

- uma pessoa
- duas pessoas
- três pessoas
- quatro pessoas
- cinco pessoas
- seis pessoas
- mais de seis pessoas

21. Você ajuda nas despesas da casa?

- Sim  Não

22. Depende da família financeiramente?

- Sim  Não

23. Você é o responsável financeiramente pelo sustento da família?

- Sim  Não

24. Se não está trabalhando, qual sua situação de trabalho?

- já trabalhou, mas no momento está desempregado
- desempregado cadastrado no SINE com-seguro desemprego
- desempregado cadastrado no SINE sem seguro desemprego
- cadastrado em outra agência de emprego privada
- está procurando trabalho nos últimos 30 dias mas não exerceu nenhum trabalho nos últimos sete dias (desemprego aberto)
- procurou trabalho efetivamente nos últimos 30 dias ou nos últimos 12 meses e se encontra nas seguintes situações: trabalho irregular, remunerado, trabalho não remunerado de ajuda em negócios de parentes, trabalho recebendo exclusivamente em espécie ou benefício ( desemprego oculto pelo trabalho precário).
- sem trabalho e não procurou trabalho nos últimos 30 dias por desestímulo do mercado de trabalho ou por outras circunstâncias, mas procurou de forma efetiva trabalho nos últimos 12 meses.
- desistiu de procurar emprego por desânimo
- não está procurando emprego porque está estudando
- desempregado procurando emprego
- desempregado e com dificuldade para conseguir emprego
- está fazendo serviço militar
- desempregado e não tem dinheiro para procurar emprego ou montar negócio próprio
- Outra situação. Qual? \_\_\_\_\_

25. Se nunca trabalhou, marque por quê?

- Está em busca de seu primeiro emprego
- Está difícil conseguir o primeiro emprego
- Está fazendo o serviço militar
- Está só estudando e não consegue conciliar estudo e trabalho
- Não sabe como procurar emprego
- Outra situação. Qual ? \_\_\_\_\_

26. Tem encontrado dificuldades para conseguir uma ocupação na sua área?

- Sim  Não

27. Quais são as dificuldades? Escreva a principal dificuldade, a segunda maior dificuldade e uma terceira que lhe impedem de conseguir uma ocupação.

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

28. Falando agora da situação dos jovens da sua comunidade, na sua opinião quais são as principais dificuldades para ingressar no mercado de trabalho?

( ) Nível de escolaridade

( ) Concorrência

( ) exigência de competências técnicas profissionais

( ) Excesso de burocracia

( ) falta de experiência profissional

( ) falta de oportunidade

( ) outras \_\_\_\_\_

29. Para você, qual o sentido do trabalho? O trabalho tem sentido de:

( ) necessidade

( ) precariedade

( ) independência

( ) crescimento

( ) auto-realização

( ) exploração

( ) outro (favor especificar) \_\_\_\_\_

30. Qual a importância do trabalho na sua vida?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

31. Se você já vivenciou ou vivencia a experiência com o desemprego, comente sobre o que sentiu ou sente em relação a esta experiência e diga há quanto tempo você está desempregado

---

---

---

32. Você sabe ou já ouviu comentar se no seu município existe alguma política pública que auxilie o jovem na conquista de trabalho?

Sim  Não

33. Se sim, qual? \_\_\_\_\_

34. Quais são seus projetos e sonhos em relação à sua vida educacional e profissional?

---

---

35. Quando você pensa no futuro, você:

tem dúvidas?

vê mais riscos que possibilidades?

não se preocupa com o futuro, mas sim com as experiências do presente, pois estas são mais importantes

não faz projetos porque o futuro é mais sorte do que esforço

tem boas expectativas e vê possibilidades de conquistar seu espaço profissional

36. Quanto as suas preocupações e angústias, elas se destinam à (o):

desemprego

violência

política do país

drogas

questões sociais

crise financeira

educação

saúde

outras. Quais? \_\_\_\_\_

37. Quais os meios de informação e locais que utiliza para buscar trabalho?

- folhetos
- cartazes
- anúncios de rádio
- anúncios de televisão
- anúncios de jornais
- sindicato
- balcão do SINE
- agências de emprego privadas
- indicação de amigos
- executora do curso
- Outros meios. Qual ? \_\_\_\_\_

38. Quanto ao curso (Pedagogia que frequêntas) tem ajudado a melhorar sua qualificação? (descreva três principais motivos por ordem de preferência)

- 1) \_\_\_\_\_
- 2) \_\_\_\_\_
- 3) \_\_\_\_\_

39. Achas que os ensinamentos ou conhecimentos( curso de Pedagogia) são aplicáveis no mercado de trabalho

- Sim  Não

40. Se sim aponte como isso ocorre? (descreva três principais motivos por ordem de preferência)

- 1) \_\_\_\_\_
- 2) \_\_\_\_\_
- 3.) \_\_\_\_\_

41. Se não, explique os motivos por ordem de preferência

1) \_\_\_\_\_

2) \_\_\_\_\_

3) \_\_\_\_\_

42. O que você mais gosta no curso que frequenta Escreva três principais motivos por ordem de preferência.

1) \_\_\_\_\_

2) \_\_\_\_\_

3) \_\_\_\_\_

43. Se você pudesse mudar algum aspecto no curso, o que mudaria? Escreva três destes aspectos por ordem de preferência.

1) \_\_\_\_\_

2) \_\_\_\_\_

3) \_\_\_\_\_

44. Quais outros assuntos que você gostaria que este curso tratasse e estivessem relacionados com seu momento de ser jovem? Descreva até três assuntos por ordem de preferência.

1) \_\_\_\_\_

2) \_\_\_\_\_

3) \_\_\_\_\_

45. Quais das alternativas abaixo relacionadas demonstram que o que você vive (u) ou aprende (u) na Universidade contribui (u) para sua vida? Numere na ordem crescente, de acordo com a importância.

- ( ) futuro profissional
- ( ) compreensão da realidade
- ( ) para coisas que faz no dia-a-dia
- ( ) para conseguir trabalho hoje
- ( ) para fazer amigos

46. Na sua opinião, a Universidade entende os jovens? ( ) Sim ( ) Não

47. A Universidade se interessa pelos problemas dos jovens? ( ) ( ) Não

48. Você participa de alguma forma associativa na sua comunidade ou no município?

- ( ) Time de futebol
- ( ) Grupo funk
- ( ) Grupo de pagode
- ( ) Grupo de rapp
- ( ) Grupo de hip hop
- ( ) Associação de moradores
- ( ) Grupo de mulheres
- ( ) Movimento ecológico
- ( ) Pastoral da juventude
- ( ) Grêmio estudantil
- ( ) Grupo de surfe

Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Justifique sua resposta

---

---

---

---

49. Quando você não está trabalhando, nem estudando, o que costuma fazer?

Escreva três opções por ordem de preferência.

1) \_\_\_\_\_

2) \_\_\_\_\_

3) \_\_\_\_\_

50. Quais são, na sua opinião, os melhores meios para aprendizagem? Escolha as três principais alternativas:

- Família
- Trabalho
- Curso de qualificação profissional
- Escola
- Igreja
- Grupo funk
- Participando de cooperativas
- Movimento ecológico
- Grêmio estudantil
- Rádio
- Associação de moradores
- Livros
- Revistas
- internet
- Conversando com amigos
- Trabalho voluntário
- Grupp de rapp
- Grupo de surfe
- Grupo de mulheres
- Televisão
- Jornais

**Sua contribuição é extremamente importante no que se refere à sua situação de trabalho e outras questões abordadas neste questionário, da Universidade, da participação em formas associativas, etc. Sua participação é essencial para que se possa pensar em políticas públicas sobre juventude nos municípios que moram os jovens universitários. Peço por gentileza que deixe registrado seu endereço e telefone para que possa encontrá-lo.**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone para contatos/recados: \_\_\_\_\_

Muito Obrigada!

## **ANEXO 4 – ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL**

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM OS NOVE JOVENS DO CURSO DE PEDAGOGIA QUE ESTAVAM INTERAGINDO EM GRUPOS DE MÚSICA RELIGIOSA E AÇÕES VOLUNTÁRIAS.**

Entrevista realizada: (local).....Dia:

Questões norteadoras para a entrevista.

#### **TEMA 1: IDENTIFICAÇÃO ( 9 QUESTÕES)**

1. Nome:
2. Idade:
3. Data de nascimento:
4. Local de nascimento:
5. De onde veio? Desde quando mora aqui? Quais as razões por que veio morar em Itajaí ou Balneário Camboriú ou outro lugar?
5. Sexo:
6. Profissão ou situação de trabalho:
7. Situação familiar: (solteiro; casado; filhos)
8. Mora com quem?
9. Possui alguma religião? Pratica?

#### **TEMA 2: FAMÍLIA ( 15 QUESTÕES)**

1. Local de nascimento do pai:
2. Local de nascimento da mãe:
3. De qual lugar vieram?
4. Seu pai e sua mãe trabalham?
5. Qual a situação de trabalho ou ocupação deles?

6. Mora sozinho ou com a família?
7. Qual a escolaridade de seu pai?
8. Qual a escolaridade de sua mãe?
9. Tens irmãos? Quantos?
10. Quantas pessoas trabalham em casa? Quem são elas?
12. Qual a renda total da família?
13. Qual a visão que teus pais têm em relação ao seu trabalho e escolaridade?
14. Seus pais gostariam que você seguisse a mesma profissão deles?
15. Como é o relacionamento com seu pai e sua mãe?

### TEMA 3. TRABALHO ( 26 QUESTÕES)

1. Qual sua situação de trabalho hoje? Qual tua ocupação?
2. Trabalhas quantas horas por dia/semana em média?
3. Que idade tinhas quando começou a trabalhar?
4. Estava estudando quando começou a trabalhar?
5. Este é seu primeiro emprego ou já trabalhou anteriormente?
6. O que você pensa da experiência de conseguir trabalho em relação às pessoas mais velhas?
7. Qual a atividade que desempenhavas no teu primeiro emprego?
8. Você já ficou desempregado? Por quanto tempo?
9. Comente sobre a experiência do desemprego para você?
10. O que consideras mais importante no teu emprego?
11. Está satisfeito com seu emprego atual? Comente sobre os aspectos dessa satisfação.
12. Quais os problemas vivenciados neste teu emprego?
13. O que pretendes fazer para conseguir um emprego ou outro emprego caso não esteja satisfeito com o atual? Até quando pretendes continuar neste emprego e por quê?
14. Como você conseguiu seu atual emprego?
15. Qual seu salário mensal em média? Responda se quiser.
16. Como você costuma gastar ou consumir seu salário?
17. Quais foram as reais necessidades que te levaram a trabalhar?
18. Você tem amigos de sua idade ou próxima que estão desempregados? Quais as

razões na tua opinião?

19. O que consideras um bom emprego?
20. Quais os pré-requisitos que consideras para encontrar um bom emprego?
21. Na tua opinião, quais os pré-requisitos que as empresas consideram fundamentais para conseguir um bom emprego?
22. Qual é o trabalho de seus sonhos? Caso pudesse escolher, qual seria este trabalho?
23. De maneira geral, qual é o sentido ou significado de trabalho para você?
24. Em relação ao trabalho, você pensa diferente dos seus pais?
25. O que significa trabalhar para seus pais?
26. Quais tuas expectativas futuras em relação ao trabalho?

#### TEMA 4. ESCOLA ( 13 QUESTÕES)

1. Existe alguma relação de seu estudo ou do que você estudou com seu emprego atual?
2. O que mais gosta de fazer na escola? E o que menos gosta?
3. Você já reprovou alguma vez?
4. Você já ficou um tempo sem estudar? Por quanto tempo?
5. Em relação à escola e ao trabalho?, Como você lida com estes dois tempos? Um ajuda o outro ou atrapalha?
6. O que significa estudar para você?
7. Em relação à escola, você acha que pensa diferente de seus pais?
8. O que você acha que significa estudar para seus pais?
9. Até quando pretendes estudar?

#### TEMA 6. SOCIABILIDADE ( 6 QUESTÕES)

1. Você costuma se divertir? Com quem?
2. Em relação ao lazer, qual sua atividade predileta?
3. O que é mais importante na sua vida?
4. O trabalho é o mais importante na sua vida ou não? Por que?
5. Em tua opinião, o que pensam os outros jovens sobre o trabalho?

6.. Quais os espaços que você mais se sente realizado?

#### TEMA 7. AÇÃO COLETIVA (15 QUESTÕES)

- 1.Você participa de algum grupo, movimento social ou outro segmento em sua comunidade? Qual? Como?
2. O que significa para você participar desse grupo?
3. E como você vê a participação dos outros no grupo?
4. O que você pensa da participação dos jovens em grupos ou movimentos sociais?
5. Por que você acha que participam e por que não participam?
6. Qual a relação que você mantém com seu grupo?
7. Quantas vezes vocês se reúnem por semana, mês?
8. É uma atividade constante, permanente ou provisória, transitória?
09. Quanto tempo participa desse grupo (dias,meses,anos)?
10. Onde vocês se reúnem? Quais as atividades principais do grupo?
11. O que você mais gosta desta participação?
12. Quais os aprendizados que você traz para teu cotidiano?
13. Existe relação entre o trabalho remunerado que você exerce e sua participação no grupo?

#### TEMA 8. SONHOS e PROJETOS ( 7 QUESTÕES)

- 1.Qual o significado da vida para você?
2. Quais seus projetos atuais e futuros?
2. O que você gostaria de mudar em sua vida hoje?
3. Qual o significado de mundo para você?
5. O que você acha que tem que mudar no mundo hoje?
6. Você tem sonhos? Quais são eles?
7. Você acha possível realizá-los?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)